UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E LITERATURA ALEMÃ
SUBÁREA DE TRADUÇÃO

RENATO ZWICK

Tradução parcial comentada da sátira polêmica
Dritte Walpurgisnacht, de Karl Kraus

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo
2015

RENATO ZWICK

Tradução parcial comentada da sátira polêmica
Dritte Walpurgisnacht, de Karl Kraus

VERSÃO CORRIGIDA

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras: Língua e Literatura Alemã.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Tinka Reichmann

São Paulo
2015

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Z98t Zwick, Renato
Tradução parcial comentada da sátira polêmica
Dritte Walpurgisnacht, de Karl Kraus / Renato Zwick
; orientadora Tinka Reichmann. - São Paulo, 2015.
214 f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de
concentração: Língua e Literatura Alemã.

1. Tradução. 2. Nazismo. 3. Sátira e Humor
(Literatura). I. Reichmann, Tinka, orient. II. Título.

ZWICK, Renato. **Tradução parcial comentada da sátira polêmica *Dritte Walpurgisnacht*, de Karl Kraus.** Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras: Língua e Literatura Alemã.

Aprovado em: 19/12/2014

Banca examinadora:

Prof. Dr. Berthold Zilly

Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. George Sperber

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Profª. Drª. Tinka Reichmann

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Para Mila

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação contou com o apoio de várias pessoas e instituições.

Em primeiro lugar, a Universidade de São Paulo, que, nas pessoas dos professores Tinka Reichmann e Tercio Loureiro Redondo, avaliou e aprovou meu anteprojeto de pesquisa na fase de seleção.

À orientação da professora Tinka, que leu atentamente a tradução deste texto tão difícil de Karl Kraus, devo muitas sugestões importantes ao longo de todo o desenvolvimento da pesquisa.

Não menos importante foi o apoio financeiro de meus pais, Arno e Nelda Zwick, especialmente no decorrer de 2012, meu primeiro ano em São Paulo, essa cidade tão dispendiosa (para não dizer extorsiva).

A bolsa concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior a partir de maio de 2013 foi igualmente fundamental para um andamento relativamente tranquilo dos trabalhos.

Os comentários e sugestões dos professores Tercio Loureiro Redondo e George Sperber por ocasião do exame de qualificação foram relevantes para a correção de vários problemas e também para reforçar minha convicção de que apliquei bem o meu tempo e a minha energia ao escolher como objeto de estudo uma obra tão singular quanto *Dritte Walpurgisnacht*.

Não poderia deixar de mencionar o professor Claudio Boeira Garcia e os colegas Diogo Fernando Massmann e Maurício Beck, que, ainda durante a graduação, e muito antes que meu anteprojeto estivesse apresentável, já me incentivavam a prosseguir minha formação acadêmica.

Agradeço por fim à minha mulher, Ludmila, pelo seu apoio irrestrito, sua leitura deste texto e sua companhia lúcida e jovial.

*Denn während es gegenüber dem Phänomen der Gewalt keine Polemik geben kann
und vor dem des Irrsinns keine Satire, bleiben ihm die Frechheit und
namentlich die Dummheit (die weit stärker als Hunger und
Liebe die Welt betreibt) als Objekte erhalten.*

Pois enquanto não pode haver polêmica alguma frente ao fenômeno da violência e nem sátira alguma
diante do da loucura, permanecem-lhe conservados [isto é, conservados para o polemista]
como objetos o descaramento e particularmente a estupidez (que move o mundo
com muito mais energia do que a fome e o amor).

Karl Kraus, *Die Fackel* 890-905, julho de 1934, p. 167

RESUMO

ZWICK, Renato. **Tradução parcial comentada da sátira polêmica *Dritte Walpurgisnacht*, de Karl Kraus**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. 214 f.

Esta dissertação apresenta a tradução parcial, comentada, da sátira antinazista *Dritte Walpurgisnacht*, redigida pelo escritor austríaco Karl Kraus (1875-1936) em 1933 e publicada postumamente em 1952. Trata-se de um texto ainda inédito em português que analisa o fenômeno nacional-socialista em suas manifestações linguísticas no jornalismo e na vida pública alemã em geral. Os alvos do satirista são os enunciados que jornalistas, políticos, escritores e filósofos usaram para dar expressão a suas adesões a um regime político baseado no empobrecimento da linguagem e na violência sem limites. Na medida em que essas figuras públicas são chamadas pelos seus nomes e atacadas diretamente, essa sátira pode ser mais bem definida como uma “sátira polêmica”. Esta tradução parcial é precedida por um capítulo que contextualiza sucintamente essas questões; um segundo capítulo inicial trata, depois de um breve preâmbulo histórico, de duas abordagens diferentes na teoria da tradução, tentando estabelecer algumas relações entre o texto ora traduzido e essas teorias.

PALAVRAS-CHAVE: nazismo; política; jornalismo; sátira; tradução; Karl Kraus.

ABSTRACT

ZWICK, Renato. **Tradução parcial comentada da sátira polêmica *Dritte Walpurgisnacht*, de Karl Kraus**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. 214 f.

This work presents the partial, commented translation of the anti-Nazi satire *Dritte Walpurgisnacht* written in 1933 by the Austrian author Karl Kraus (1875-1936) and published posthumously in 1952. It is a text not yet translated into Portuguese that analyses the National Socialist phenomenon in its linguistic expressions in journalism and in the German public life in general. The targets of the satirist are the statements made by journalists, politicians, writers and philosophers to express their support to a political regime based on poverty of language and unlimited violence. As far as these public figures are called by name and attacked in an open manner, this satire would be better defined as a “polemical satire”. This partial translation is preceded by a chapter that briefly contextualizes these questions; after a short historical introduction, a second initial chapter deals with two different approaches in translation theory, trying to make some connections between the now translated text and these theories.

KEYWORDS: Nazism; politics; journalism; satire; translation; Karl Kraus.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A <i>TERCEIRA NOITE</i> E O TERCEIRO REICH: KARL KRAUS E O NAZISMO	13
2.1 Karl Kraus: apresentação biobibliográfica.....	13
2.2 O gênero satírico: definição e limites	15
2.3 Nas trevas da <i>Terceira noite de Valpúrgis</i>	19
2.3.1 A <i>Terceira noite de Valpúrgis</i> e seu lugar na obra krausiana.....	19
2.3.2 O princípio da sobrecarga da palavra com pensamentos	25
2.3.3 As partes e suas relações	26
3 TEORIA E ANTITEORIA	34
3.1 Entre o preconceito e o exagero	35
3.2 Entre a tradução livre e a tradução literal	37
3.3 A abordagem linguística de Werner Koller	41
3.3.1 Duplo vínculo.....	41
3.3.2 Equivalência.....	42
3.4 A abordagem hermenêutica de George Steiner.....	50
3.5 Diretrizes básicas desta tradução de <i>Dritte Walpurgisnacht</i>	55
3.5.1 Da estratégia tradutória	55
3.5.2 Das edições utilizadas	56
3.5.3 Da apresentação do texto	57
4 <i>DRITTE WALPURGISNACHT</i> / <i>TERCEIRA NOITE DE VALPÚRGIS</i>	59
4.1 SEÇÃO 1: Epígrafe	60
4.2 SEÇÃO 2: A perplexidade do satirista.....	63
4.3 SEÇÃO 3: O dilema do satirista	86
4.4 SEÇÃO 4: Bernhard Diebold.....	93
4.5 SEÇÃO 5: Joseph Goebbels.....	104
4.6 SEÇÃO 6: A arte e os artistas sob o Terceiro Reich.....	114
4.7 SEÇÃO 7: A filosofia e os filósofos sob o Terceiro Reich.....	118

4.8 SEÇÃO 8: Gottfried Benn.....	129
4.9 SEÇÃO 9: Contradições do discurso nazista: pacifismo <i>versus</i> militarismo.....	142
4.10 SEÇÃO 10: Os judeus adesistas.....	148
4.11 SEÇÃO 11: O adesismo dos jornais austríacos	153
4.12 SEÇÃO 12: Propaganda dos horrores	158
4.13 SEÇÃO 13: A indiferença dos “homens de cultura”	162
4.14 SEÇÃO 14: Inovações linguísticas	173
4.15 SEÇÃO 15: As razões de Benn <i>versus</i> a realidade cotidiana	183
4.16 SEÇÃO 16: O fim das metáforas	188
4.17 SEÇÃO 17: Poetas alemães contra a tirania	194
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	205
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	207

1 INTRODUÇÃO

Ao me deparar pela primeira vez com o singular livro *Dritte Walpurgisnacht* (=DW), de Karl Kraus – levado a este autor por meio de Elias Canetti, que, no segundo volume de sua autobiografia, *Die Fackel im Ohr*, manifesta grande admiração por ele, e levado a Canetti, por sua vez, pelo seu brilhante ensaio sobre Kafka, *Der andere Prozeß*, e levado a Kafka, por sua vez, já não recordo mais por que autor –, lembro que meu primeiro pensamento, após concluir arduamente a leitura da primeira página, foi mais ou menos o seguinte: “Mas este não é um livro que se possa simplesmente *ler*; é preciso *decifrá-lo* frase por frase”.

Isso foi por volta de 2005; na época, após um estudo autodidata iniciado em 1998, eu já havia lido (e, em fragmentos de variada extensão, traduzido) pelo menos algumas das obras dos autores pelos quais havia me empenhado no projeto de aprender outro idioma, aparentemente tão diferente e tão distante (ou nem tanto, considerando-se que o alemão falado por meus pais e avós, estes filhos de imigrantes, ainda ressoava vagamente na memória): *Der Prozeß* e *Das Schloß*, de Kafka; *Der Antichrist* e *Götzendämmerung*, de Nietzsche; *Das Unbehagen in der Kultur* e *Die Zukunft einer Illusion*, de Freud; *Holzfällen*, *Der Untergeher* e *Alte Meister*, de Thomas Bernhard, entre outros. Thomas Mann ou Robert Musil já representavam dificuldade um pouco maior, devido a seus vocabulários consideravelmente mais amplos que o de Kafka, por exemplo; ainda assim, eram “legíveis”.

Kraus, porém, parecia ser um caso à parte. Por que era (ou, pelo menos, parecia ser) tão difícil? O próprio Canetti (1995, p. 335), aliás, reconhece que Kraus se expressa numa *gepanzerte Sprache*, uma “linguagem encouraçada/blindada”. Porém, se Canetti conseguia escrever num alemão tão transparente e, não obstante, também entendia Kraus, talvez este não seja assim tão obscuro quanto parece – pensava eu na época daquele primeiro encontro.

Resta o fato, contudo, de que o estilo de Kraus é verdadeiramente peculiar – “oblíquo”, por assim dizer. Em vez de apelar à linguagem jornalística corrente em sua época, com todos os seus chavões e maneirismos, linguagem que tenta simular uma proximidade e uma intimidade com seus temas com o duplo propósito de parecer “entendida” e de produzir empatia com o leitor, que fala e escreve na mesma linguagem descuidada e estereotipada, a linguagem de Kraus, ao contrário, para quem “a fonte primária da mistificação era o jornal diário” (TIMMS, 1986, p. 30),¹ se afasta ao máximo desses trilhos e cria sua própria rota. Daí o

¹ Salvo indicação em contrário (vide referências bibliográficas), todas as traduções de fontes em outros idiomas são de minha autoria.

estilo oblíquo, indireto, alusivo, hermético; daí o texto que precisa ser lido e relido e relido mais uma vez para fazer pleno sentido.

É verdade que uma parte desse hermetismo se deve à estreita ligação do texto com os fatos de seu tempo. O que podia ser uma obviedade para os leitores alemães e austríacos que liam os mesmos jornais lidos por Kraus durante o primeiro ano do regime nazista, e que, portanto, raras vezes carecia de maior contextualização, adquire décadas depois um ar de coisa enigmática, indecifrável, inacessível. Nomes de figuras históricas, de instituições, acontecimentos e falas, tudo foi sendo gradativamente apagado pelo tempo; trata-se, pois, de um hermetismo adicional acrescentado pela passagem dos anos. Outra parte da obscuridade do texto de Kraus, no entanto, deve-se à profusão de referências intertextuais, nem sempre identificáveis num primeiro momento. O intertexto mais importante é de longe o *Fausto* de Goethe, o que já se evidencia pelo título, uma alusão a duas cenas dessa peça: “Noite de Valpúrgis” e “Noite de Valpúrgis clássica”. Na tentativa de elaborar de alguma maneira a realidade de pesadelo representada pelo nazismo, o satirista recorreu amplamente a essa obra. Não só equipara o Terceiro Reich a um festim de bruxas e demônios, mas julga que Goethe o antecipou profeticamente: “O mais alemão dos acontecimentos”, que é como Kraus chama a ascensão do nazismo, “– ao qual convém o superlativo – está pré-formado de maneira surpreendente, ponto por ponto, no mais alemão dos poemas” (KRAUS, 1993, p. 272).

O minucioso trabalho de Jochen Stremmel (1982), do qual esta dissertação muito se beneficiou, não só indicou essas referências onipresentes ao *Fausto*, mas também esclareceu as várias outras relações intertextuais de *Dritte Walpurgisnacht*, incluindo autores como Shakespeare, Heine, Platen e outros menos conhecidos. Além dessas referências literárias, a sátira krausiana também incorpora grande número de citações de jornal, slogans nazistas, trechos de discursos e comunicados oficiais, fragmentos de hinos nacionalistas, todo gênero de chavões, frases feitas e ditos consagrados etc., configurando-se numa verdadeira “cacofonia de vozes” (TIMMS, 2005, p. 495).

Entender um pouco essa balbúrdia foi o propósito desta tradução. Isso implicou não apenas “decifrar” o texto krausiano em si, mas também tentar a elucidação de pelo menos uma parte da rede de referências que forma seu substrato. O deciframento corresponde à tradução; a elucidação, ao comentário. Ambos os procedimentos são no fundo complementares, pois sem o esclarecimento do pano de fundo histórico-literário muitas coisas no texto deixariam de fazer sentido. O preconceito popular de que a nota de rodapé é a confissão de fracasso do tradutor revela-se aí em toda a sua platitude.

A parte central desta dissertação, constituída pela tradução (parcial) e pelo comentário de *Dritte Walpurgisnacht*, é precedida por um capítulo de contextualização da obra e por outro que discute questões de teoria da tradução com foco no método. Este não é tratado como um ponto de partida fixo, determinado com segurança de antemão, mas está ele próprio em discussão. Considerando que as diferentes abordagens da teoria da tradução, mesmo quando recusam a qualificação de “teoria”, autodefinem-se como meras descrições da prática e das produções dos tradutores, recorrer a uma teoria específica com a pretensão de fundamentar a prática tradutória não seria muito diferente da famosa façanha do barão de Münchhausen, que alegava ter saído de um pântano puxando-se pelos próprios cabelos. Assim, longe de pretender *fundamentar* a prática tradutória em alguma teoria que descreva essa mesma prática, o capítulo teórico desta dissertação se limitará a tomar as teorias pelo que elas afirmam ser, ou seja, construções discursivas que procuram *descrever* os fenômenos.

Era minha intenção inicial não só apresentar a primeira tradução numa língua neolatina de *DW*, como também fazê-lo na íntegra. Conforme Wagenknecht (1989, p. 373), a única tradução integral feita até a data era a japonesa, elaborada por S. Takeda, Y. Sato e H. Takazi e publicada por Hosei University Press em 1976. Apenas em 2009, dois anos depois que comecei a cogitar seriamente traduzir Kraus, é que descobri a versão francesa de P. Deshusses (*Troisième nuit de Walpurgis*, Agone, 2005), e só em 2012, em pleno andamento dos trabalhos, tomei conhecimento da existência de *duas* traduções espanholas: a de P. Madrigal (*La tercera noche de Walpurgis*, Icaria, 1977) e a de F. R. M. de Armas (Hiru, 2010). Meu anteprojeto apresentado à Universidade de São Paulo em 2011 ainda incluía entre seus objetivos específicos o de registrar no comentário, para fins de comparação, as soluções do tradutor francês no caso de termos ou passagens problemáticos. A extensão desse trabalho e a inesperada descoberta das traduções espanholas acabou tornando isso impraticável.

Quanto à ideia de apresentar a tradução integral, fui sendo gradativamente dissuadido dela não só pelas exigências colaterais da vida acadêmica, que tanto tempo consomem, mas pela própria enormidade da tarefa. Em circunstâncias ditas normais, eu não teria mais de *nove meses* para traduzir um livro de 300 páginas caso quisesse continuar me mantendo à tona; assim, o fato de não conseguir fazê-lo em *três anos* não deixa de ser alarmante.

Apesar desses imprevistos – ou antes inevitabilidades no desenvolvimento de qualquer atividade –, resta o fato básico de que esta tradução é essencialmente um elo numa cadeia de leituras. E quando abre um livro, o leitor nunca sabe de antemão se conseguirá achar a saída do labirinto como e quando espera – supondo que tal saída realmente exista.

2 A TERCEIRA NOITE E O TERCEIRO REICH: KARL KRAUS E O NAZISMO

2.1 Karl Kraus: apresentação biobibliográfica

Kraus nasceu em 1874 na cidade de Jičín, na Boêmia (atual República Tcheca), numa família judia cujo pai era um próspero fabricante de papel. Quando tinha três anos de idade a família se mudou para Viena, cidade em que o autor passaria toda a sua vida e à qual a sua imensa produção está estreitamente ligada. Em 1896 publicou seu primeiro texto importante, *Die demolierte Literatur* (*A literatura demolida*), em que, por ocasião da demolição do Café Griensteidl, ponto de encontro de literatos e jornalistas, ridicularizou os maneirismos dos escritores do movimento Jovem Viena. O panfleto teve imenso sucesso, alcançando várias edições e rendendo a seu autor inclusive agressões físicas. Dois anos depois Kraus publicou *Eine Krone für Zion* (*Uma coroa para Sião*), em que zombou do movimento sionista. Partidário da assimilação, ele achou suspeito que a meta do sionismo – o retorno dos judeus à Palestina – pudesse coincidir tão bem com a dos agitadores antissemitas.

Tendo assim feito seus primeiros inimigos, em 1899 Kraus fundou seu próprio jornal, *Die Fackel* (*A tocha* ou *O archote*; doravante, “*F*”), contando para tanto com um empréstimo de seu pai. O sucesso foi tamanho que logo o jornal tinha autonomia financeira, fator importante para assegurar a independência moral de um empreendimento cujo programa político, nas palavras do autor no primeiro número, era fazer uma drenagem do vasto pântano das frases feitas (*F* 1, abril de 1899, p. 2). De acordo com esse propósito, ainda nas palavras de Kraus, o lema de *Die Fackel* não é um sonoro “*was wir bringen*” (“o que trazemos/oferecemos/apresentamos”), mas um honesto “*was wir umbringen*”, (“o que matamos”) (*ibid.*, p. 1). Depois de assim definir sua tarefa crítica, ele conclui com uma invocação que assume tons bíblicos: “E que a tocha ilumine uma terra em que – diferentemente daquele reino de Carlos V – o sol nunca nasce” (*ibid.*, p. 3). À parte a ironia, é verdade que tal contraposição de luz e trevas evoca o ideário iluminista, com os seus propósitos de expulsar as trevas da superstição mediante a luz da razão, mas tampouco se pode ignorar que Kraus adota com isso certos ares de profeta. Como várias outras, essa foi uma das ambiguidades que muito contribuíram para enriquecer sua obra.

No mesmo ano em que fundou seu jornal, Kraus abandonou o judaísmo, permanecendo sem religião até 1911, quando, sem nenhum alarde público, tornou-se católico, confissão que no entanto abandonaria em 1923. Mesmo durante esse período, porém, não

deixou de criticar a moral cristã, como já fazia em *Die Fackel* e nos livros que passou a publicar a partir de 1908, como *Sittlichkeit und Kriminalität (Moralidade e criminalidade)*, em que denunciava os abusos cometidos pelo Estado e pela imprensa nos processos referentes aos chamados crimes sexuais, e *Sprüche und Widersprüche (Ditos e contraditos)*, de 1909, a primeira das três coletâneas de aforismos que publicou.

No ano seguinte, a empresa satírica de Kraus passou a contar com uma terceira frente: além de publicar livros e um jornal, ele também passou a fazer leituras públicas de textos seus e de autores que admirava. Em 1911, com o afastamento gradual de seus colaboradores, passou a redigir sozinho seu jornal, atividade que, com algumas interrupções, prosseguiria até poucos meses antes de sua morte, em 1936. A primeira dessas interrupções foi causada pela eclosão da Primeira Guerra Mundial. Embora num texto chamado “*Apokalypse*” (F 261-262, outubro de 1908, p. 1) já tivesse afirmado que o começo da aviação também significava o início do fim do mundo, as primeiras notícias sobre a efetiva irrupção da guerra, em agosto de 1914, o surpreenderam e deixaram sem fala; somente três meses depois ele quebrou o silêncio com um discurso intitulado “*In dieser grossen Zeit*” (“Nesta grande época”) (F 404, novembro de 1914, p. 1-19), título que ironizava a ideia, quase unânime naquele momento, de que a guerra estava inaugurando uma época de grandeza heroica. Enquanto a elite intelectual alemã se espojava no belicismo – basta pensar em nomes como Gerhard Hauptmann, Thomas Mann e Rilke –, *Die Fackel* foi o único jornal de língua alemã a tomar uma posição de crítica já em 1914. O questionamento da suposta grandeza heroica do conflito prosseguiria guerra adentro; em 1918, por exemplo, Kraus publicou um texto chamado “*Das technoromantische Abenteuer*” (“A aventura tecnorromântica”) (F 474-483, maio de 1918, p. 41-45), em que continuou a crítica iniciada quatro anos antes ao insistir na incongruência entre o discurso belicista que defendia valores cavalheirescos (heroísmo, honra, valentia) e o avanço tecnológico que tornava esses valores inúteis.

Mas a sua mais veemente condenação da guerra foi certamente a peça *Die letzten Tage der Menschheit (Os últimos dias da humanidade)*, publicada em 1922 e considerada sua obra mais importante. Ao longo de mais de duzentas cenas, Kraus expressa sua indignação furiosa com todos aqueles – militares, fornecedores do exército, jornalistas, leitores de jornal etc. – que tornaram semelhante conflito possível. A guerra é pintada pelo autor nas cores mais grotescas, como uma comédia sangrenta que ultrapassa todas as possibilidades de apreensão racional. Três anos depois, em 1926, Kraus foi indicado ao prêmio Nobel de literatura; essa indicação foi renovada em 1928 e novamente em 1930, mas o autor não seria premiado.

O apocalipse da Primeira Guerra, porém, não seria o último. Com a chegada dos nazistas ao poder, um novo grau de absurdo fez a sua entrada na história. Mais uma vez, a reação do satirista foi se recolher ao silêncio e tentar elaborar de alguma forma o choque. O resultado foi o caudaloso texto *Terceira noite de Valpúrgis*, em que apelou sobretudo ao *Fausto* de Goethe para de alguma forma analisar os acontecimentos. Apenas extratos revisados do texto foram publicados em *Die Fackel* (F 890-905, julho de 1934, p. 1-169), que ainda circularia até fevereiro de 1936, quando Kraus morreria em Viena.

2.2 O gênero satírico: definição e limites

Em seu *Sachwörterbuch der Literatur*, Gero von Wilpert define o termo “sátira” da seguinte maneira:

Zombaria literária de males, maus costumes, opiniões, acontecimentos, pessoas, obras literárias etc. conforme as circunstâncias da época; em geral, apresentação reprovadora e desmascaramento do que há de mesquinho, ruim e doentio na vida humana e sua exposição ao desprezo, à indignação e ao ridículo, em todos os gêneros literários, da poesia, epigrama (poéticas antigas consideravam a sátira um “epigrama longo”), sentença, diálogo, carta, fábula, farsa, comédia, farsa carnavalesca, drama, epopeia e conto até o romance satírico, na maioria das vezes com elementos didáticos, e em todos os graus de severidade e tonalidades, segundo a postura do autor: mordaz, colérica, séria, patética, irônica, cômica, jovial, amável. Pela denúncia dos vícios, a sátira constantemente convoca os leitores para o papel de juízes, mede a atividade humana segundo um critério consciente e espera, mediante a revelação dos danos, produzir uma melhora. Schiller, que, em seu ensaio *Sobre a poesia ingênua e sentimental*, contrapõe a sátira à elegia, deriva-a da experiência da discrepância entre essência e aparência, ideal e realidade (WILPERT, 1969, p. 671).

Os pontos essenciais dessa definição se aplicam integralmente a *DW*: ela é uma zombaria literária dos males (políticos) de uma época; expõe esses males ao ridículo, à indignação e ao desprezo; convoca os leitores para o papel de juízes;² aplica critérios éticos (mas também estéticos) determinados à atividade humana e, a julgar (por exemplo) pela citação goethiana que encerra a obra,³ também almeja uma melhora. Na medida em que a zombaria não se dirige apenas a uma situação política geral, mas tem objetos específicos –

² O aspecto jurídico da sátira krausiana foi observado com precisão por Benjamin (1999, p. 624): “Nada se compreende desse homem enquanto não se reconhece que tudo, necessária e absolutamente tudo, a língua e as coisas, se passa para ele na esfera do direito”.

³ “*Sei das Gespenst, das gegen uns erstanden, / Sich Kaiser nennt und Herr von unsern Landen, / Des Heeres Herzog, Lehnsherr unsrer Großen, / Mit eigner Faust ins Totenreich gestoßen!*” (“Que o espectro que contra nós se ergueu, / Imperador e senhor de nosso país se denomina, / Duque do exército e suserano de nossos grandes, / Seja pelo próprio punho ao reino dos mortos arrojado!”) (Goethe, *Fausto II*, ato IV, “Nos contrafortes”, v. 10469-10472, fala do imperador.)

figuras públicas facilmente identificáveis –, ela também apresenta uma meta polêmica, de claro ataque a esses objetos, de maneira que ela pode portanto ser mais bem definida como “sátira polêmica”. A denominação inversa – “polêmica satírica” – seria de certa maneira justificada; o próprio autor define *DW* (F 890-905, julho de 1934, p. 77) como “obra de arte polêmica” e chama a si mesmo de *Zeitpolemiker* em *DW* (KRAUS, 1989, p. 12). Mais frequentemente, contudo, refere-se a si mesmo como *Satiriker* (*ibid.*, p. 38, 40, 42 e 44) e emprega várias vezes a designação “sátira polêmica” (F 890-905, julho de 1934, p. 76, 112 e 118, conforme indicado por Stremmel, 1982, p. 10).

A definição “sátira polêmica” parece-me, portanto, a mais adequada para definir *DW*; “ensaio satírico” ou “colagem satírica”, no entanto, também seriam designações possíveis. Esta última expressão, contudo, é mais adequada para definir a técnica da sátira krausiana, visto que na composição de *DW* entraram cerca de 1300 citações (*ibid.*, p. 115), cuja heterogeneidade é amalgamada pelo comentário mordaz, irônico e/ou colérico do autor. Já “ensaio satírico”, mesmo levando em conta a flexibilidade do gênero – os ensaios de Montaigne, o criador dessa forma, têm de duas a duzentas páginas e são recortados por citações –, é uma designação que atenua por demais a corrosividade e a combatividade subentendidas em “sátira polêmica”.

Caberia perguntar, no entanto, se o gênero satírico é mesmo apropriado para dar conta em alguma medida de um fenômeno político extremo como o nacional-socialismo. Theodor Adorno, por exemplo, acredita que não. Ainda que a crítica efetuada no aforismo “O erro de Juvenal” (ADORNO, 2003, p. 239-241) tenha como alvo a história do gênero satírico como um todo, o autor dedica algumas linhas ao caso específico de Kraus e de sua situação frente ao nazismo. O foco da crítica de Adorno é a impossibilidade contemporânea da ironia, um dos principais recursos da sátira:

Difícil é escrever uma sátira. Não apenas porque o estado que dela mais necessitaria do que qualquer outro jamais necessitou zomba de toda zombaria. O próprio meio da ironia entrou em contradição com a verdade. A ironia inculpa o objeto ao apresentá-lo como aquilo pelo que ele se faz passar, e, sem fazer juízos, como que poupando o sujeito que observa, mede-o pelo seu ser em si. Ela atinge o negativo ao confrontar o positivo com sua própria pretensão à positividade. Ela se suprime tão logo acrescenta palavras de interpretação. Nisso ela pressupõe a ideia do óbvio; originalmente, da ressonância social. A reflexão subjetiva, a consumação do ato conceitual, é supérflua somente quando se aceita um consenso forçoso dos sujeitos (*ibid.*, p. 239).

Esse consenso, sustenta o autor, ainda existia na época de Kraus: “não surgia nenhuma dúvida quanto à evidência imediato-objetiva; nenhuma piada de Karl Kraus hesita na decisão

sobre quem é decente e quem é um patife, sobre o que é espírito e o que é estupidez, o que é linguagem e o que é jornal” (ADORNO, 2003, p. 240). No entanto, prossegue o autor, “toda sátira é cega frente às forças liberadas na decadência. Por isso, a decadência consumada das forças atraiu a sátira para si. A zombaria das lideranças do Terceiro Reich sobre os emigrantes e os estadistas liberais, cuja força ainda é unicamente a força física, foi a última” (*ibid.*, p. 241). Nessa variante decaída da sátira, o que antes era ironia se transformaria agora em afirmação do existente; declarar que “as coisas são assim mesmo” não implicaria mais numa denúncia da realidade, mas na concordância com ela.

Seria possível fazer pelo menos uma objeção importante à argumentação de Adorno. Usando termos machadianos (mesmo com certo risco de incorrer num anacronismo), pode-se dizer que o pensador frankfurtiano comete o grave erro de não distinguir devidamente entre ironia e chalaça. A ironia, “esse movimento ao canto da boca, cheio de mistérios, inventado por algum grego da decadência, contraído por Luciano, transmitido a Swift e Voltaire, feição própria dos céticos e desabusados” (MACHADO DE ASSIS, 2007, p. 89) nada tem em comum com a chalaça, “a nossa boa chalaça amiga, gorducha, redonda, franca, sem biocos, nem véus, que se mete pela cara dos outros, estala como uma palmada, faz pular o sangue nas veias, e arrebeitar de riso os suspensórios” (*ibid.*, p. 90). A sátira, uma elaborada zombaria literária, nada tem em comum com a mencionada zombaria dos nazistas a respeito de emigrantes e estadistas liberais; forma e função de uma e outra são completamente diferentes. Cabe considerar, além disso, que o senso de ironia não é um dom natural, mas adquirido e desenvolvido mediante alguma forma de educação; a sátira e a ironia de Kraus não eram universalmente compreendidas em Viena, mas este autor precisou “educar” seu público pouco a pouco na compreensão de suas obras. O mesmo é necessário em qualquer época, de modo que não caberia falar num “fim da ironia” ou “fim da sátira”, como quer Adorno; caberia falar, isso sim, de períodos e lugares com maior ou menor sensibilidade para essa forma artística – e também, de períodos e lugares com maior ou menor liberdade para praticá-la.

Uma resposta mais matizada para a questão da possibilidade da sátira é oferecida por Jacques Bouveresse a partir da obra do próprio Kraus. No último capítulo de *Schmock ou le triomphe du journalisme*, intitulado precisamente “*La satire est-elle encore possible?*”, o autor afirma que Kraus parece considerar que houve três estágios de possibilidade para a sátira (BOUVERESSE, 2001, p. 182). No primeiro deles – antes e durante a Primeira Guerra Mundial –, ainda era possível escrever sátiras, por mais que a arte satírica se reduzisse à arte da citação, o que, no entanto, não implicava de forma alguma qualquer prejuízo à criatividade, pois mesmo no ato de transcrever ou copiar a realidade exigia-se invenção poética: “Assim

me tornei o criador da citação; no essencial, não mais do que isso, embora eu não gostasse de ver reduzida a parcela de configuração da linguagem mesmo quando se transcreve a época” (F 800-805, fevereiro de 1929, p. 2). Da mesma forma, no prefácio da peça *Os últimos dias da humanidade*, Kraus afirma que “os mais improváveis diálogos aqui travados foram pronunciados literalmente; as invenções mais gritantes são citações” (KRAUS, 1986b, p. 9).

No entanto, já durante a guerra sucedeu uma mudança que tornaria impossível essa maneira de escrever sátiras, pois este era um conflito com características diferentes de todas as guerras anteriores; pela primeira vez, usavam-se aviões e gases tóxicos; de uma maneira ainda não vista, associavam-se as frases feitas do passado e a mais alta tecnologia do presente: foi uma guerra “em que se puxou da espada para brigar de foice usando gás” (KRAUS, 1989, p. 141). Isso levou o satirista a afirmar o seguinte:

A época em que não se necessitava mais da sátira, pois a realidade “falava por si mesma” – embora jamais para o ouvido de seus atores –, essa época tinha passado. Mesmo fazer sua transcrição satírica tinha se tornado impossível, e nada restou senão a expressão artística dessa impossibilidade, que, moldada de maneira sempre nova a partir da palavra, sempre indicava apenas a falta de saída (F 800-805, fevereiro de 1929, p. 4).

O terceiro estágio da sátira quanto à sua possibilidade foi enfim atingido, segundo o autor francês, quando Hitler chegou ao poder. Nesse estágio, mesmo a expressão artística da impossibilidade parece ter se tornado impossível (BOUVERESSE, 2001, p. 183). Daí o silêncio de Kraus, a suspensão da publicação normal de *Die Fackel* após a ascensão do nazismo; daí Kraus afirmar, em resposta à pergunta sobre o que se poderia fazer contra o domínio nacional-socialista: “Nada que seja falado; nada que provenha de uma fraseologia do humanitarismo quando o assassinato se tornou ao mesmo tempo religião e *Realpolitik*” (F 890-905, julho de 1934, p. 115); além disso: “violência não é objeto para a polêmica, loucura não é assunto para a sátira” (*ibid.*, p. 26). No entanto, Kraus reconhece que, apesar disso, o polemista/satirista não fica inteiramente destituído de alvos para sua atividade: “[...] permanecem-lhe conservados como objetos o descaramento e particularmente a estupidez (que move o mundo com muito mais energia do que a fome e o amor⁴)” [...] (*ibid.*, p. 167).

Assim, se por um lado a sátira é efetivamente impossível (como também a não publicação de *DW* durante a vida de Kraus deixa claro) e mesmo ineficaz (pois não se pode

⁴ A fome e o amor são as duas potências que, segundo os zombeteiros versos finais de um poema de Schiller, “Die Weltweisen” (“Os filósofos”), movem o mundo: “*Einstweilen, bis den Bau der Welt / Philosophie zusammenhält, / Erhält sie das Getriebe / Durch Hunger und durch Liebe*” (“Por ora, até que a filosofia / A construção do mundo amalgame, / Ele aciona sua maquinaria / Por meio do amor e da fome”).

esperar que ela mude um regime político), por outro lado não se pode deixar de fazê-la – tanto que Kraus não se entregou simplesmente à apatia, mas analisou tudo o que a imprensa publicou nos primeiros meses do governo nazista e elaborou todo esse material sob a forma de uma obra de arte satírico-polêmica que desnuda a natureza desse movimento político com uma precisão que seria inteiramente confirmada pelos fatos posteriores.

Essa dualidade da sátira, esse aspecto de simultânea impossibilidade e possibilidade, é estendido por Bouveresse à crítica satírica dos meios de comunicação contemporâneos, o que de forma alguma é um exagero ou uma extrapolação indevida se considerarmos que o alvo primordial de Kraus foi desde sempre a imprensa (para ele, a criadora do nazismo, como ainda se verá adiante com mais detalhes): “É aproximadamente tão impossível hoje fazer uma sátira quanto não fazê-la” (BOUVERESSE, 2001, p. 183).

2.3 Nas trevas da *Terceira noite de Valpúrgis*

2.3.1 A *Terceira noite de Valpúrgis* e seu lugar na obra krausiana

Em meio às numerosas publicações que floresciam na Viena do final do século XIX e inícios do século XX, *Die Fackel* ocupou desde o princípio uma posição singular. Enquanto cada uma dessas publicações estava invariavelmente associada a algum grupo, partido político ou empreendimento comercial, o jornal fundado por Kraus declarava expressamente em seu primeiro número que seu autor não era “partidariamente castrado”, mas alguém que “em seu posto de observação não se deixou seduzir por nenhuma das opiniões defendidas no parlamento” (*F* 1, abril de 1899, p. 2). Em concordância com isso, Kraus reconhece que o programa político de seu jornal é escasso, não consistindo em outra coisa senão numa drenagem do vasto pântano das frases feitas (*ibid.*).

Esse combate à linguagem estagnada e seus usos políticos foi o pressuposto de seus repetidos ataques a literatos e sionistas (no início de sua carreira, nas obras *Die demolierte Literatur* e *Eine Krone für Zion*, respectivamente), à imprensa (a partir da fundação de *Die Fackel*) e ao discurso belicista e nacionalista (com a irrupção da Primeira Guerra Mundial). O fato de assumir essa posição que poderia ser definida como apolítica não significa contudo que Kraus tenha se apartado sem maiores considerações da vida pública; pelo contrário, a tarefa de drenagem a que o satirista se propôs implicava conhecer a fundo o terreno. Essa tarefa tampouco excluía manifestações de simpatia por uma ou outra parte quando lhe

parecessem justas, fato que levou seu posicionamento político a experimentar várias oscilações ao longo dos anos.

Albert Fuchs (citado por Jens Malte FISCHER, 1974, p. 67) descreve essas oscilações dizendo que no início Kraus era liberal, mais tarde conservador extremo, durante a guerra pacifista, depois da guerra se aproximou dos socialdemocratas, simpatizou momentaneamente com os comunistas e no fim da vida se tornou partidário dos austrofascistas (porém antinazistas) Dollfuß e Starhemberg (respectivamente chanceler e vice-chanceler austríacos de 1932 a 1934). Segundo Fischer, por trás dessas oscilações seria possível reconhecer duas constantes na postura de Kraus: o conservadorismo e o apolitismo. O conservadorismo teria se manifestado já na virada do século, sobretudo por meio da crítica à técnica e do gradativo desenvolvimento de ideias apocalípticas, o que também implicava um afastamento estrito da política. A Primeira Guerra Mundial teria reforçado a aversão de Kraus à técnica, mas também lhe mostrado os limites do conservadorismo, profundamente emaranhado com a catástrofe. Isso o levou a se aproximar da socialdemocracia e a emitir opiniões que revelavam simpatia por ideias marxistas, porém isso tinha caráter mais humanitário-moral do que político-programático, visto que na metade da década de 20 Kraus já tinha se afastado novamente da socialdemocracia. Por fim, a simpatia de seus últimos anos pelo austrofascista Dollfuß (que Kraus chamava de “mal menor”) se deveria ao reconhecimento de que ele era o único político europeu a se opor resolutamente a Hitler e a seus planos anexionistas.

Tal apolitismo também é destacado por Erik Buitinga e Ernst Fischer. Para Buitinga (1994), a posição ideológica do jornal *Die Fackel* pode ser definida como *engajamento apolítico*, já que a base de todo engajamento é uma forma social ou política de resistência, de maneira que não se poderia deixar de reconhecer que essa publicação, ao defender o indivíduo contra as coerções sociais de instituições como o Estado e a imprensa, também representaria uma forma de resistência, ainda que esta não tenha sido (ou justamente por não ter sido) vinculada a uma ideologia partidária.

Já para Ernst Fischer, Kraus é um “rebelde romântico” (1991, p. 227) que, ao adotar uma posição de esteta que menospreza a política e suas frases feitas, apenas fareja a decomposição sem saber de onde ela vem. Sua origem seria o apodrecimento do sistema capitalista, algo de que o romantismo pequeno-burguês apenas suspeitaria, mas cujo reconhecimento apenas o marxismo teria sido capaz de fazer. Essa “revolta romântica”, segundo Fischer, não poderia contudo ser desdenhada; o próprio Marx teria reconhecido seu papel ao lado da luta de classes no processo de desenvolvimento social. A luta de Kraus contra a fachada das frases feitas seria como a luta contra os sintomas de uma doença, mas

não menos importante que o ataque às suas causas. Os aspectos aparentemente formais não poderiam ser desconsiderados, pois tendem a se mesclar com os aspectos conteudísticos. Assim como o fim não justifica os meios, mas é antes determinado por eles, da mesma maneira o conteúdo não poderia se esquivar às formas em que se apresenta. Por isso, conclui Fischer (1991, p. 229), os marxistas também teriam a aprender com Kraus e com todos os que travam o combate com a frase feita e a mentira, por mais que o façam por conta própria, como individualistas, e não como membros de algum partido ou grupo organizado.

Em 1906, por ocasião da luta dos operários austríacos pelo sufrágio universal, um colaborador de *Die Fackel*, o socialista Robert Scheu, escreveu a Kraus dizendo-lhe que este só tinha a escolha entre a afirmação do estabelecido e a adesão às novas forças impulsoras. Kraus respondeu: “Para que escolha? Para que adesão? Se entre dois males devo escolher o menor, não escolho nenhum. [...] O amigável autor absolutamente não suspeita do quanto a vida é bela sem ideais organizados” (FISCHER, 1991, p. 227). Essa atitude de individualismo radical, como reconhece o mesmo Fischer, no entanto não impediu Kraus de defender a causa da humanidade mais dignamente do que o presidente do partido socialdemocrata austríaco por ocasião do começo da Primeira Guerra Mundial. Apesar de seu apolitismo, apartidarismo, conservadorismo e individualismo, poucas foram as coisas que produziram em Kraus maior perplexidade e indignação do que esse conflito – provavelmente, apenas Hitler.

Embora Kraus viesse prestando atenção aos nazistas há algum tempo – em 1922 já os chama de *Hakenkreuzottern*, palavra em que se sobrepõem duas outras, *Hakenkreuz*, “suástica”, e *Kreuzottern*, “víboras” (F 601-607, novembro de 1922, p. 41) –, sua chegada ao poder o deixou completamente atônito. A primeira frase de *Terceira noite de Valpúrgis* – “Nada me ocorre sobre Hitler” – dá uma boa ideia de seu atordoamento. Por muito tempo citada com predileção por aqueles que quiseram acentuar que o fenômeno Hitler foi tão avassalador a ponto de deixar sem fala mesmo um satirista espirituoso como Kraus, essa frase de abertura é na verdade uma hipérbole que dá início a um acerto de contas com um movimento que desde o princípio foi pura violência fazendo uso dos únicos recursos disponíveis a um escritor: a palavra, enquanto esta ainda podia ser utilizada, ou o silêncio, tão logo ela não mais pudesse ser livremente proferida e fosse sufocada pela barbárie – precisamente a situação que por fim levou o autor a prescindir da publicação de *DW*, que, redigida em 1933, só seria publicada postumamente, em 1952 (Kraus faleceu em 1936). Ao longo das mais de trezentas páginas dessa sátira polêmica, o autor se empenha repetidamente, a partir de ângulos sempre novos e fazendo justiça à abundância do material, a pegar o nacional-socialismo pela palavra. Pois embora a violência estivesse em primeiro plano no

processo que culminou na ascensão do nacional-socialismo, tornando-se ainda mais evidente e constante à medida que o regime se estabelecia, ela vinha revestida por um envoltório de palavras cujas contradições, mendacidade e mau gosto não podiam senão irritar e perturbar profundamente um autor para quem a palavra tinha um peso quase sagrado.

Essa tentativa quase comovente e desesperada de dar conta da barbárie com meios civilizados já se mostra na escolha do título: o chamado “Terceiro Reich”⁵ nazista é rebatizado como “Terceira noite de Valpúrgis”, numa alusão a duas cenas do *Fausto* de Goethe (“Noite de Valpúrgis” e “Noite de Valpúrgis clássica”), obra que é o intertexto mais importante da filípica krausiana. O abismo dificilmente poderia ser maior: de um lado, uma das maiores criações poéticas da humanidade; do outro, um dos regimes políticos mais aberrantes da história. A justificativa para contrapor esse dois fenômenos incongruentes sob todos os aspectos é dada por Kraus num texto de 1934: “o mais alemão dos acontecimentos”, como denomina a ascensão de Hitler, “– ao qual convém o superlativo – está pré-formado de maneira surpreendente, ponto por ponto, no mais alemão dos poemas” (*F* 890-905, p. 81; KRAUS, 1993, p. 272).

Não é demais acentuar, porém, o quanto de ironia há nessa afirmação. Por mais que seja verdadeiro que Kraus considerasse o *Fausto* como o maior poema alemão, é irônica a denominação de “*mais alemão dos poemas*”, assim como há um grande exagero em dizer que a tomada do poder por Hitler está pré-formada *ponto por ponto* na obra goethiana. Essa designação irônica para o *Fausto* tinha o propósito de rechaçar uma recepção que pretendia ver no personagem-título uma representação do caráter nacional alemão (STREMMEL, 1982, p. 140); para Kraus, era impensável colocar o *Fausto* e o nacional-socialismo no mesmo nível. Na medida em que ao longo de *DW* ocorrem associações entre o poema e o movimento político, estas apenas ressaltam por contraste a mesquinharia e a hediondez do nacional-socialismo. Por outro lado, é uma hipérbole evidente afirmar que o poema de Goethe “anteviu” o nazismo; Kraus estilhaça o *Fausto* em milhares de partes e emprega sob a forma

⁵ A denominação “Terceiro Reich” não surgiu com o nazismo, mas provém do pensamento escatológico de Gioacchino da Fiore e outros teólogos medievais, em que designava o reino que sucederia o “Reino do Pai” e o “Reino do Filho”, sendo por isso também chamado de “Reino do Espírito Santo”. Modernamente, o termo foi empregado por alguns românticos e diversos representantes da chamada Revolução Conservadora, entre os quais o escritor Arthur Moeller van den Bruck (1876-1925), que em 1923 publicou um livro intitulado *O Terceiro Reich*, em que defendia a criação de um novo Estado que substituisse a democracia de Weimar e retomasse as tradições do Sacro Império Romano da Nação Alemã (962-1806) e do Império Alemão (1871-1918). Membros de diversos grupos antidemocráticos e direitistas apropriaram-se do conceito; os nacional-socialistas por fim também anunciaram o propósito de fundar um Terceiro Reich, algo que Hitler não chegou a mencionar em *Minha luta*. O próprio Hitler, no entanto, declarou oficialmente em 01/09/1933 que o Estado por ele governado era um Terceiro Reich que duraria mil anos. Em 10/07/1939, Joseph Goebbels, ministro da propaganda, recomendou que a imprensa evitasse a denominação “Terceiro Reich” e passasse a utilizar a expressão “Großdeutsches Reich” (“Império Grão-Alemão”) (BENZ *et al.*, 1999, p. 435).

de citações aqueles fragmentos que podem ser relacionados de alguma forma ao nazismo. Não existe efetivamente essa relação ponto por ponto, mas ela ocorre apenas no âmbito de fragmentos muito oportunamente selecionados; a afirmação krausiana se refere “apenas a ‘pontos’ isolados, não a todo o ‘poema’” (*ibid.*).

Esse recurso ostensivo a uma obra de arte de grande envergadura, intercalando citações dela com citações de textos jornalísticos (o *Fausto* e a imprensa contemporânea de Kraus são as duas maiores fontes de citações de *DW*), também pode ser visto como uma maneira de deixar claro, por contraste, o valor que o satirista atribuía a cada uma dessas formas de uso da palavra. Ainda que Kraus cite grande número de publicações que denunciavam as atrocidades nazistas, ele acredita que no fundo o nazismo foi uma criação da imprensa (KRAUS, 1989, p. 307), imprensa que “provocou e promoveu a Guerra Mundial, saiu dela como a única vencedora e, com o crescimento incessante de sua força intelectual, conseguiu levar à realização do nacional-socialismo” (*ibid.*, p. 316). O que à primeira vista pode parecer um exagero, é na verdade uma descrição bastante objetiva dos fatos se levarmos em conta o desenvolvimento histórico da imprensa na Europa, que, segundo Stremmel, pode ser dividido resumidamente em três fases, que têm como pressuposto a mudança estrutural da esfera pública (Habermas) ocorrida no século XIX, quando um público para o qual a cultura era uma ocasião de exercício da razão (*kulturräsonnierendes Publikum*) passou a ser um público meramente consumidor de cultura (*kulturkonsumierendes Publikum*) (STREMMEL, 1982, p. 22). Na primeira fase do desenvolvimento histórico da imprensa, vendiam-se notícias; na segunda, opiniões, e na terceira, leitores. Ou seja, o verdadeiro produto de um jornal passou a ser o seu público leitor, que é vendido para os anunciantes; o tamanho e a composição desse público determinam o preço dos anúncios, que supera de tal forma os custos de produção do jornal que o preço de venda de uma edição pode ser fixado num patamar muito inferior aos custos totais de produção da parte redacional (*ibid.*, p. 26). No entanto, o leitor paga um preço adicional e não declarado por isso: visto que o jornal passa a ser sobretudo um negócio, o dono do jornal tomará medidas para que seus redatores não intimidem os anunciantes com notícias comercialmente inconvenientes nem afugentem os potenciais clientes desses anunciantes. A consequência disso é a restrição da crítica e a progressiva redução das possibilidades de emancipação desse leitor (*ibid.*, p. 27).

Assim, na medida em que os jornais deixaram de ser um espaço para o debate de ideias e se transformaram em empreendimentos comerciais, eles criaram, mediante a redução da capacidade crítica dos leitores, as condições para a proliferação da frase feita, um componente essencial de qualquer doutrinação ideológica. Além disso, produziram uma

progressiva atrofia da imaginação; é à falta de imaginação que Kraus atribui o entusiasmo belicista da Primeira Guerra e a incredulidade quanto às atrocidades nazistas noticiadas em 1933 e mesmo antes.

No entanto, a imprensa acrítica e comercialmente orientada, criadora e propagadora por excelência da frase feita, foi apenas um dos fatores envolvidos na causação da Guerra Mundial e na possibilitação do nacional-socialismo: “O problema, reconhecido na Guerra Mundial, é a simultaneidade da frase feita e da arma, simultaneidade que, indo além de todo agrupamento de homens de Estado, produz a tríplice aliança entre tinta de impressão, técnica e morte [*Tinte, Technik und Tod*]” (F 890-905, julho de 1934, p. 142, citado por Stremmel, 1982, p. 61). A noção de simultaneidade também é apresentada por Kraus – com maiores detalhes – em dois outros textos: *Necrológio (Nachruf)*, de 1919, e na própria *DW* (STREMMEL, 1982, p. 60-61):

A causa da Guerra Mundial tem tantas facetas quantas eram as suas frentes: mas, quer partamos do poder da casa austríaca ou do *made in Germany*, deste ou daquele ludíbrio, do prestígio ou da exportação, dos porcos sérvios ou dos altos Hohenzollern, das altas taxas alfandegárias ou das espadas em punho, dos Habsburgos ou da mercadoria pronta, da rua de merda ou do lugar ao sol – infalivelmente chegaremos ao ponto em que estavam em verdade armazenadas as forças que tinham de provocar a explosão, e precisamente aquilo com que nos enganaram por quatro anos de mentiras e nos transformaram em ponto de encontro da avidez russa por conquistas, do gosto francês por vingança e da inveja britânica, revela-se como uma mistura muito mais profunda, como aquela tragédia que desperta medo e compaixão, tragédia em que um espírito orientado pela Idade Média e um sentimento orientado pelos gêneros alimentícios se manifestaram a propósito da obra de arte total de uma forma de vida centro-europeia: tão atraente nas figuras desses arquiduques convictos da vitória guerreira quanto na visão daquele Kaiser brandindo sua espada e que aprende como entrar em guerra na Ópera Real, inaugura uma sala azulejada no estabelecimento de Kempinski, sonha com cervejarias segundo o gosto do Walhalla, imagina Odin e Siegfried jantando no restaurante Ouro do Reno e um belo dia tem a ideia de enviar seus homens para abrir caminho no mundo a seus caixeiros viajantes. A guerra surgiu do caos da simultaneidade, do anacronismo de um negociismo envolto por uma armadura reluzente, que então, por sua vez, emana gases tóxicos para limpar semelhante barafunda (F 501-507, janeiro de 1919, p. 8-9).

Em torno, nada senão estupor, fascínio pelo encanto enfeitiçante da ideia de não ter ideia alguma. Pela força impulsora que tomou o caminho reto que vai de parte alguma a lugar nenhum. Pela inspiração de um plano quadrimilenar segundo o qual o paraíso humano começa logo atrás do inferno do próximo e todo sofrimento de ordem obscura, com conceitos como transferência e redesconto, tem seu fim num caos iluminado; no sonho quiliástico de milenaristas enfurecidos: simultaneidade de eletrotécnica e mito, desintegração atômica e fogueira, de tudo o que já existe e não existe mais! (KRAUS, 1989, p. 33-34.)

Essa simultaneidade do velho e do novo é portanto o conceito-chave, segundo Kraus, para explicar a eclosão da Primeira Guerra e a posterior ascensão nazista. Porém, mais do que

iluminar um momento histórico aberrante, tal conceito também lança uma luz esclarecedora sobre a história do século XX como um todo e mesmo sobre o presente, pois tal simultaneidade continua existindo, de uma maneira inclusive mais acentuada e inquietante do que há cem anos. Por um lado, não cessou o uso unilateral da razão para criar tecnologias de destruição cada vez mais avançadas; por outro, tampouco se pode afirmar que a esfera pública tenha voltado a ser um espaço de discussão de ideias e de exercício da razão num sentido mais amplo, além dos fins imediatos de comércio e de disputa bélica.

2.3.2 O princípio da sobrecarga da palavra com pensamentos

Num espaço público dominado por interesses comerciais, a palavra perde seu peso e, leve e leviana, passa a prestar-se sobretudo ao uso e abuso sob a forma de frases feitas, que tendem a anular a reflexão e atrofiar a capacidade imaginativa. Assim, ao texto jornalístico típico, Kraus contrapõe um estilo de escrita que dificulta a compreensão superficial e faz grandes exigências ao leitor em termos de atenção e conhecimentos prévios. *Dritte Walpurgisnacht* representa um ponto extremo dessa oposição ao empobrecimento da linguagem; não só é o texto mais longo de Kraus (excetuando-se a peça *Os últimos dias da humanidade*, que no entanto é dividida em prelúdio, cinco atos e epílogo, subdivididos, por sua vez, em 219 cenas), mas também é um dos mais cifrados, pois sua sintaxe e suas alusões pressupõem o conhecimento conteudístico e formal das três décadas anteriores de *Die Fackel*, o que contribui para levar sua linguagem às raias da incompreensibilidade (STREMMEL, 1982, p. 1). Kraus chega a afirmar, exagerada mas ao mesmo tempo seriamente, que esses números precedentes de *Die Fackel* são um “prólogo” para *DW* (F 890-905, julho de 1934, p. 35; STREMMEL, 1982, p. 65).

Essa dificuldade da escrita é portanto intencional; já na década de 20, Kraus afirmava com relação a seus textos “que a maior dificuldade para o leitor repousa na sobrecarga da palavra com pensamentos (*gedankliche Überlastung des Wortes*) e na impossibilidade deste levar consigo, na velocidade com que o folhetim o acostumou, sequer o sentido superficial” (F 572-576, junho de 1921, p. 75; STREMMEL, 1982, p. 63). Essa sobrecarga tem três facetas, que criam dificuldades não só para o leitor em geral, mas também para este outro tipo de leitor que é o tradutor:

[...] uma obra de arte polêmica, em sua riqueza de *entrelaçamento frasal*, de *referências* e *pressupostos*, à altura dos quais, no entanto, encontra-se apenas o leitor treinado, oporia tal resistência a uma compreensão superficial como a que poderia ser transmitida pela tradução que nada restaria senão enfado. Se já nas citações que a abrem e a atravessam de ponta a ponta – vamos chamá-la de *Terceira noite de Valpúrgis* – ela oferecesse o prospecto inteiro da paisagem do espírito que forma o cenário de sua ação, como aquela poderia ser transplantada? (*F* 890-905, julho de 1934, p. 77, grifos meus.)

Para evitar leituras superficiais (ou que nem mesmo chegariam a ser superficiais), caberia portanto satisfazer três condições: ser capaz de desenredar o entrelaçamento frasal (*Satzumschlingung*), entender as referências (*Bezüge*) e dispor de certos pressupostos (*Voraussetzungen*). Noutras palavras, a leitura de *DW* exige atenção 1) ao uso de figuras de linguagem como a zeugma e a anáfora, 2) e a alusões e citações, que, por sua vez, têm como condição 3) o conhecimento a) dos números anteriores de *Die Fackel*, em especial daqueles publicados durante a Primeira Guerra Mundial, assim como da ciclópica peça teatral que tematiza esse conflito, *Os últimos dias da humanidade*; b) da literatura reconhecida como bem cultural burguês e c) da literatura que Kraus buscava divulgar em suas leituras públicas e que tinha pouco em comum com a anterior (STREMMEL, 1982, p. 101).

Tais exigências poderão parecer excessivas em se tratando do texto de um satirista, ou seja, de alguém que almeja produzir determinados efeitos sobre seus leitores e que deveria estar preocupado em atingir esses leitores da maneira mais rápida e direta possível. Cabe considerar, no entanto, que a sátira krausiana é sobretudo uma sátira da imprensa e da linguagem dessa imprensa. Nada mais eficaz, portanto, do que criticá-la fazendo uso de uma linguagem que oponha a maior resistência possível à compreensão superficial fomentada dia após dia por essa instituição.

2.3.3 As partes e suas relações

Não são apenas as frases de *DW* que se enredam por meio de “entrelaçamentos frasais”; seus distintos blocos temáticos também se encaixam de maneira estreita e intrincada, como pode ser visto por esta descrição sumária do conteúdo de cada uma das “seções” da obra. Cabe destacar o aspecto meramente conteudístico dessa descrição, que de forma alguma tem a pretensão de analisar a sátira de Kraus em toda a sua complexidade literária, devendo ser lida apenas como uma espécie de sinopse. As indicações de página obedecem à edição de Christian Wagenknecht (Suhrkamp, 1989).

SEÇÃO 1. Epígrafe (da página 9, linha 9, à página 12, linha 6): o caráter inusual de DW já se apresenta na longa epígrafe, formada por nada menos de 27 fragmentos do *Fausto* de Goethe. Esses fragmentos foram selecionados por Kraus em vista de sua aplicabilidade à situação política alemã após a ascensão nazista.

SEÇÃO 2. A perplexidade do satirista (da página 12, linha 9, à página 34, linha 16): a famosa frase de abertura (“Nada me ocorre sobre Hitler”) foi por longo tempo citada como prova da capitulação do satirista frente ao nazismo. Um grande número de resenhistas e intelectuais incorreu nessa leitura demasiado literal e superficial, incapaz de perceber ironias e hipérboles; Stremmel (1982, p. 220-223) cita vinte exemplos, que abrangem quase três décadas (de 1954 a 1981), desse tipo de equívoco.

Mais do que registrar seu espanto frente à tomada do poder pelos nazistas, Kraus interroga-se sobre o que um artista poderia fazer diante de tal situação: “O que aconteceu aqui ao intelecto ainda é assunto do intelecto?”. Para Kraus, um absurdo político como esse não é uma simples questão de tomada de posição, como muitos de seus leitores exigiam; essa tomada de posição seria no fundo inócua, dada a violência desse movimento; mais de uma vez, o autor ressalta a ideia de que o mais desejável seria manter distância, tanto mais que a realidade supera em muito o que a sátira seria capaz de criar. O satirista é reduzido ao silêncio e, dada a força dos fatos, chega a desejar esse silêncio (“Durante o fim do mundo, quero me recolher à minha vida privada”, p. 34). Por outro lado, tampouco consegue deixar de escrever a respeito, de tentar se “aproximar da esfera” (p. 22). E um dos pontos de partida para tanto é apoiar-se nos fatos da Primeira Guerra Mundial, que oferecem muitos paralelos com os fatos de 1933: “o *déjà-vu* daquela inocência perseguidora, a unidade de culpa e mentira, em que o crime se transforma em álibi e o horror em glória” (p. 28-29). Ou seja, se por um lado se trata de uma realidade completamente nova, por outro lado essa novidade é também uma exacerbação, uma continuação, de um modelo pré-existente.

SEÇÃO 3. O dilema do satirista (da página 35, linha 1, à página 42, linha 35): não bastasse o abalo da reviravolta política, Kraus ainda foi colocado na situação de ver os efeitos de sua atividade satírica serem comparados aos efeitos destrutivos do nazismo sobre a cultura. A responsabilidade da comparação coube ao jornal austríaco *Neue Freie Presse*, um dos principais alvos de Kraus ao longo de sua vida. Segundo esse jornal, Hitler teria realizado os sonhos de Kraus e eliminado a jornalha (*Journaille*, neologismo afim a *Canaille*) alemã. Kraus objeta que esse parecer “subestima o grande dilema em que o satirista constantemente se encontra” (p. 38), pois este, ao mesmo tempo em que deseja a eliminação dos males que condena, também precisa deles como objetos para sua arte; suprimir esses objetos significa ao

mesmo tempo silenciar o satirista. Dessa forma, o nazismo teria atingido um objetivo que muitos contemporâneos de Kraus nunca alcançaram.

SEÇÃO 4. Bernhard Diebold (da página 42, linha 36, à página 53, linha 30): um desses contemporâneos é Bernhard Diebold (1886-1945), escritor e dramaturgo suíço, crítico do jornal *Frankfurter Zeitung*. Esse autor publicou um artigo em que ataca Kraus direta e indiretamente: de maneira indireta ao atacar o compositor de operetas teuto-francês Jacques Offenbach (1819-1880), imensamente admirado por Kraus, e inclusive com o efeito de conseguir a proibição da execução de suas obras no rádio alemão; de maneira direta ao afirmar que individualistas como Kraus estariam prejudicando a coletividade. O que Kraus denuncia no ataque de Diebold não é apenas a sua motivação rancorosa, mas também a tentativa subjacente de conquistar os favores do movimento nazista, ou, mais exatamente, do ministro da propaganda, Joseph Goebbels (1897-1945).

SEÇÃO 5. Joseph Goebbels (da página 53, linha 31, à página 63, linha 35): dono de múltiplos talentos e habilidades, Goebbels foi uma escolha certa para o cargo de ministro da propaganda, ironiza Kraus. Nesse cargo, ele pode não só estimular o turismo, mas também a construção intelectual. Como parte desta, Goebbels combate o *kitsch* na arte, algo que no entanto contraria a sensibilidade popular alemã e o própria essência do movimento nazista, que “não é composta de outra coisa senão *kitsch* e sangue” (p. 56). Como exemplos da “arte” que passou a florescer sob o nazismo, Kraus analisa satiricamente dois poemas de ocasião que se contradizem mutuamente, “Fuga de capitais judaicos para o exterior” e “Fora, judeus!”.

SEÇÃO 6. A arte e os artistas sob o Terceiro Reich (da página 63, linha 36, à página 67, linha 36): numa continuação da seção anterior, nesta Kraus ironiza a pretensão dos nazistas de conciliar a “luta política” e o “cultivo da arte alemã”. A primeira não é mais do que a perseguição dos oponentes do regime, sobretudo membros do partido comunista, torturados nas chamadas Casas Marrons ou detidos em “prisão preventiva” em campos de concentração. Já o referido cultivo da arte alemã vai pouco além das reiteraões (feitas, por exemplo, pelo líder da juventude nazista Baldur von Schirach) de que Hitler é um homem dotado de senso artístico. Seguem-se a menção a alguns artistas “sincronizados” com o regime, uma citação de jornal em que Hitler e Goethe são colocados no mesmo patamar, e extratos de algumas canções populares, bem como prognósticos do autor quanto ao expurgo dos artistas judeus.

SEÇÃO 7. A filosofia e os filósofos sob o Terceiro Reich (da página 67, linha 37, à página 78, linha 15): citando Goethe, Wagner e sobretudo Nietzsche – autores reivindicados pelos nazistas –, Kraus demonstra de maneira cabal a incompatibilidade entre violência e

pensamento. Tal incompatibilidade no entanto não impediu pensadores contemporâneos de se colocarem a serviço da ideologia nacional-socialista, caso de Heidegger e Spengler.

SEÇÃO 8. Gottfried Benn (da página 78, linha 16, à página 91, linha 5): o autor comenta detalhada e acidamente a adesão entusiástica de Benn ao nazismo a partir de um texto jornalístico, inicialmente divulgado sob a forma de discurso radiofônico. Esse texto se intitula *Resposta aos emigrantes literários* (*Antwort an die literarischen Emigranten*) e foi posteriormente incluído na edição das obras completas do autor. Benn mudaria de opinião em 1941, fato ilustrado no comentário com uma citação benniana desse período extraída do texto *A arte e o Terceiro Reich* (*Kunst und Drittes Reich*).

SEÇÃO 9. Contradições do discurso nazista: pacifismo *versus* militarismo (da página 91, linha 6, à página 97, linha 33): o discurso político em geral e o totalitário em particular são por natureza contraditórios. Premidos pelas necessidades do momento a defender ora uma opinião, ora outra, os chamados homens públicos fornecem em suas falas um material privilegiado para a sátira. Neste caso específico, Kraus contrapõe declarações de políticos nazistas (incluindo o próprio chanceler do Reich) que ora advogam a necessidade da paz, ora defendem a guerra de maneira enfática, coisas incongruentes que só poderiam se combinar se fosse invertido aquele antigo dito que recomenda preparar a guerra caso se queira a paz: “Se queres a guerra, prepara a paz” (p. 94).

SEÇÃO 10. Os judeus adesistas (da página 97, linha 34, à página 102, linha 35): por mais que o governo nazista tenha se destacado desde o princípio pelo seu antissemitismo, isso não impediu setores da comunidade judaica de apoiarem o nacionalismo alemão, fato sobre o qual o autor se manifesta com extrema indignação.

SEÇÃO 11. O adesismo dos jornais austríacos (da página 102, linha 36, à página 107, linha 23): não foram apenas setores da comunidade judaica que apoiaram o nacionalismo alemão; uma variante do mesmo fenômeno foi o alinhamento da imprensa austríaca com o nazismo, mais especificamente do jornal *Neue Freie Presse*, editado por Ernst Benedikt, historiador e jornalista judeu. Kraus explica essa tendência pelo oportunismo do órgão em questão, que não quer ser apanhado de surpresa como alguns colegas berlinenses e por isso trata de se submeter ainda antes da concretização da Grande Alemanha, a fusão entre a Alemanha e Áustria almejada pelos nazistas.

Nessa ânsia por se submeter, o *Neue Freie Presse* comete todo tipo de distorção e falsificação de notícias; o espectro das práticas jornalísticas denunciadas por Kraus vai da atenuação de fatos à mentira descarada. Sempre citando exemplos, o satirista demonstra como esse jornal contorna os atos de violência do boicote contra os judeus, ocorrido em 01/04/1933,

simplesmente publicando documentos (cartas de leitores, por exemplo) do dia anterior; como esse jornal supostamente reproduz um jornal inglês, o *Times*, mas distorce gravemente o texto original; como mutila, encobre e dissimula toda uma série de fatos perturbadores na esperança (ilusória e covarde para Kraus) de poder cuidar de seus negócios sem ser perturbado.

SEÇÃO 12. Propaganda dos horrores (da página 107, linha 24, à página 111, linha 11): para Kraus, o jornal *Neue Freie Presse* não seria determinado apenas pelo desejo de prosseguir com os seus negócios em paz, mas também por não querer saber nada dos horrores do regime alemão. Essa disposição consciente de ignorar a realidade encontra sua contraparte no conceito nazista de *Greulpropaganda* (“propaganda dos horrores”), termo usado para desqualificar as notícias divulgadas na Alemanha e sobretudo no exterior acerca dos abusos e violências cometidos pelo regime (esse conceito já havia surgido na seção 5, “Joseph Goebbels”). Para Kraus, quando os “sistemistas da mentira” (p. 108) falam em mentira, pode-se saber que a verdade é muito pior; como exemplo, o autor cita duas notícias extraídas de jornais não identificados: o caso de um operário de alto-forno levado para um interrogatório e cuja família é brutalmente agredida ao tentar impedir a detenção, e o caso de um judeu pobre que é roubado e jogado – imobilizado – num porão depois de ser obrigado por homens da SA a tomar óleo de rícino (p. 109). Que muitos estrangeiros não vejam essas coisas ao visitar a Alemanha não significa que não ocorram; o próprio regime documenta e desmente simultaneamente os horrores que comete. Além disso, a maneira habitual como os jornais noticiam atrocidades contribui para diminuir e até anular qualquer efeito que pudessem ter sobre os leitores, já que tais jornais mesclam essas notícias graves com notícias irrelevantes e assim dispersam a atenção. Para que os leitores levassem o horror a sério, só mesmo sendo vítimas dele, acredita Kraus (“Para que acreditem na violência, pancadas em caso de dúvida!”, p. 111).

SEÇÃO 13. A indiferença dos “homens de cultura” (da página 111, linha 12, à página 122, linha 8): a indiferença do público leitor em geral e sua tendência a não acreditar na gravidade dos fatos noticiados também se reflete nos membros (ou “fatores culturais”) das camadas mais instruídas e supostamente esclarecidas. É verdade que Kraus inicia esta seção enumerando uma série de nomes que se levantaram corajosamente “contra a fúria que reclama a universidade para o papel de campo de treinamento de tiro e antisseminário”, citando também o nome de artistas que se recusaram “a dar uma orientação heroica às musas” (p. 111). Esses e outros protestos análogos, porém, estão fora de foco, por assim dizer: “Não contra aquilo que acontece ao homem que escreve, e sim contra aquilo que acontece ao homem é que caberia escrever ou agir”, afirma Kraus (p. 112).

Ainda mais grave é o caso daqueles nomes que estariam em condições mais efetivas de protestar (e agir) mas que preferiram se omitir ou se concentrar em coisas secundárias. Nomes de peso, como o maestro Wilhelm Furtwängler e o Nobel de literatura de 1912, Gerhart Hauptmann, preferiram se alinhar ao regime e silenciar, respectivamente. Nomes como Felix Salten, por sua vez, preferiram fazer um papel ainda mais duvidoso: depois de promover “uma rifa seguida de reunião dançante em prol da liberdade de espírito alemã” (p. 116), Salten, autor versátil capaz de criar histórias de animais como *Bambi*, escrever um romance pornográfico como *O diário de Josephine Mutzenbacher* e produzir poemas para um catálogo de tapetes, declara num congresso do Pen-Club que “Sou judeu e jamais se importaram com isso na Alemanha!” (p. 117), declaração que se torna ainda mais incômoda quando se leva em conta que o Pen-Club foi fundado com o propósito expresso de combater o ódio racial e a repressão da liberdade de opinião.

Nessa mesma linha de crítica aos intelectuais que se omitiram ou se alinharam ao regime, Kraus volta a falar de Gottfried Benn, a quem já dedicara toda uma seção (a oitava). Retomando o texto em que Benn condena os emigrantes alemães que procuraram refúgio em outros países, Kraus aponta as incoerências de sua maneira de argumentar, bem como a covardia de dar conselhos comodamente no porto seguro em que alguém se encontra e desaconselhá-lo a outrem (p. 120-121), para terminar apontando a impossibilidade de esclarecer a essência da reviravolta alemã (nome dado por Kraus à tomada do poder pelos nazistas) por meio de “tagarelices geognósticas e geomísticas” e de dar conta de coisas extremamente físicas de maneira metafísica (p. 122).

SEÇÃO 14. Inovações linguísticas (da página 122, linha 9, à página 131, linha 18): do lastimável papel dos intelectuais em geral e dos literatos em particular no incipiente Terceiro Reich, Kraus passa a um âmbito que também diz respeito a estes últimos, a saber, o das inovações que o nazismo introduziu na língua alemã.

A primeira dessas inovações pode ser constatada na supressão das vírgulas em exigências como “*Deutschland erwache!*” (“Desperta Alemanha!”) e “*Juda verrecke!*” (“Morra Judá!”). A ausência da vírgula, segundo Kraus, descaracteriza tais expressões como imperativos; na citação, contudo, “é preciso reproduzir o erro, que não está mal na medida em que exigências tão enérgicas seriam enfraquecidas por meio do cuidado da expressão” (p. 125-126). A observação desse detalhe aparentemente insignificante mostra o quanto escrever bem era importante para o autor; “uma vírgula faltante pode inverter o sentido da criação” (*F* 474-483, maio de 1918, p. 4), observa ele não sem exagero satírico.

A segunda inovação se mostra tanto na criação de sentidos novos para palavras antigas quanto na criação de novas palavras, de “neologismos próprios da raça” (p. 127). Os nazistas falam, por exemplo, em “inspecionar” uma casa quando na verdade a invadem, em “desarticular” um grupo indesejado quando o que se pode supor é coisa bem pior. Além disso, enriquecem o vocabulário alemão com inúmeros substantivos compostos: “*Fachschaft*”, “*Reichsfachschaftsleiter*”, “*Reichskulturkammer*”, “*Gaukulturwart*” e “*Werberat*”. Já uma terceira frente de inovação vai na direção oposta, a do “enriquecimento por abreviação” representado pela introdução de “miúdos linguísticos” como as seguintes siglas: Osaf, Gausaf, Gestapo, Ushla, NSBO, DHV etc.

Como quarto e último tipo de inovação, Kraus cita a substituição de expressões consagradas como “minhas senhoras e meus senhores” (calcada no francês “*mesdames et messieurs*”) por “meus homens e mulheres”, algo ocorrido pela primeira vez numa sessão do parlamento alemão. Para o satirista, as inovações nazistas representam a conquista de novas terras linguísticas, quer tal conquista seja chamada de ímpeto de expansão, quer seja chamada de violência (p. 131).

SEÇÃO 15. As razões de Benn *versus* a realidade cotidiana (da página 132, linha 1, à página 137, linha 26): nesta seção, Kraus volta mais uma vez a Gottfried Benn, mostrando a desconexão de seu discurso com a realidade cotidiana vivida por milhares de alemães. Benn acredita, por exemplo, que a Alemanha não quer outra coisa, politicamente, senão garantir seu futuro. Kraus mostra como essa ideia sempre acompanhou esse país referindo-se à Exposição Colonial Berlinense, cujos organizadores defendem que cabe educar os jovens no pensamento colonial (p. 133). Voltando ao presente, Benn repete o discurso oficial do governo ao dizer que “as coisas vão melhores que antes para o trabalhador alemão” (p. 134), quando, segundo Kraus, basta virar a página do jornal que reproduz seu texto para ser informado do aumento do preço das gorduras, da prisão de comerciantes (seguida de traslado para o campo de concentração de Dachau) sob acusação de praticar preços extorsivos e do problema do desemprego. Os princípios de Benn, comenta Kraus, são “mais de natureza filosófica e geológica” (p. 137), e sua exposição não dá conta de explicar uma vivência que abrange uma variada abundância de formas e fuças (“*die wechselvolle Fülle von Formen und Fratzen*”) (*idem*).

SEÇÃO 16. O fim das metáforas (da página 137, linha 27, à página 143, linha 5): se a exposição de Benn não permite fazer o delineamento da “variada abundância de formas e fuças” oferecidas pela “vivência” nacional-socialista, talvez seja possível obtê-lo do “soçobro da língua como o do verdadeiro ser” (p. 137). Um dos aspectos desse soçobro é o retorno das

metáforas à sua origem física, violenta, sangrenta. Expressões cotidianas que há muito tempo eram usadas em sentido figurado, regrediram sob o nazismo ao sentido literal que tiveram um dia, num passado menos civilizado. Quando os políticos falam em “mostrar o punho ao inimigo”, “colocar a faca na sua garganta” ou “abater com toda a brutalidade qualquer oposição”, isso não é mera força de expressão, mas algo que realmente praticam; numa prisão nazista, a expressão “deitar sal em feridas abertas” se transforma na mais cruel realidade quando os carcereiros obrigam um prisioneiro a colocar a mão cortada num saco de sal. O que era frase feita, floreio, metáfora, ganha vida e por isso morre. A realidade sangrenta retoma um terreno que já havia sido conquistado pela linguagem.

SEÇÃO 17. Poetas alemães contra a tirania (da página 143, linha 6, à página 153, linha 39): numa época em que as metáforas morrem e a linguagem se empobrece, a literatura e a poesia necessariamente também se atrofiam. Esse fenômeno tem dois aspectos, que embora não sejam isentos de ambiguidades, mostram-se interligados com clareza no Terceiro Reich: a perseguição dos escritores criativos (por meio da “lista negra” e da queima de livros) e a concomitante proliferação dos autores alinhados.

A ambiguidade do primeiro aspecto está no fato de a lista negra, na verdade, não representar necessariamente exclusão e esquecimento; pelo contrário, o fato de um autor se encontrar nela pode servir de estímulo à sua carreira, na medida em que os leitores buscarão seus livros (sobretudo no exterior) pelo simples fato de serem proibidos. Para Kraus, os autores que entraram no índice nazista podem se considerar felizardos: a aura de perseguidos lhes traz publicidade e fama.

Não menos ambígua pode ser a situação de autores que sacrificaram sua independência e colocaram seu talento a serviço do governo. Um exemplo é Hanns Heinz Ewers (1871-1943), que teve uma de suas obras relegadas à lista negra, mas que nem por isso deixou de apoiar o regime e promovê-lo. E isso apesar de ser (ou ter sido) um grande admirador de Heine, poeta judeu malquisto pelo regime. Essa referência a Heine dá a Kraus a oportunidade de citar fartamente um contemporâneo e adversário seu, August von Platen (1769-1835): são mais de vinte fragmentos de canções e sonetos. Menos citado, mas não menos impactante, é Friedrich Hölderlin. Para Kraus, Platen e Hölderlin seriam exemplos (mais do que Heine) de autores que conservaram a independência de suas vozes, não fazendo quaisquer concessões a tiranos, governos ou nacionalismos. Muito diferente é o caso de Ewers: já durante a Primeira Guerra, ele publicou poemas nacionalistas e, a exemplo do já citado Felix Salten, também colocou seu talento a serviço de fins comerciais, redigindo um poemeto sobre um produto capilar.

3 TEORIA E ANTITEORIA

Feita esta breve contextualização de *Dritte Walpurgisnacht*, tratarei agora de alguns tópicos de teoria e metodologia da tradução, usualmente incluídos nesse vastíssimo campo de pesquisas que se convencionou chamar de “estudos da tradução”. O superlativo se justifica pelo fato de o número de publicações e abordagens acerca da tradução já ter ultrapassado há muito o limite do humanamente abarcável; o que segue, portanto, tem um pouco o aspecto de um mosaico formado por fragmentos de leituras ditadas mais pelo acaso do que por algum propósito de fazer um estudo sistemático e que esgotasse o assunto. Em meu favor, só posso afirmar que tentarei montar esse mosaico da melhor forma possível.

A experiência, conforme afirma Henri Meschonnic (2010, p. 85), precede a reflexão. Isso pode soar paradoxal, mas parece perfeitamente justificável. Se considerarmos a palavra “teoria” do ponto de vista etimológico – do grego *theoría*, “ação de contemplar, examinar” –, então o tradutor que começar pela chamada prática desenvolverá inevitavelmente no decorrer dela uma certa teoria, pois, até concluir sua primeira tradução mais ou menos bem-sucedida, ele já terá feito milhares de pequenas observações envolvendo o seu par de idiomas e suas possibilidades ou impossibilidades tradutórias. Essa teoria incipiente, subentendida na prática e mesclada com ela, é chamada por Werner Koller de *teoria implícita*, por oposição à *teoria explícita* apresentada em prefácios, posfácios, comentários e notas ou ainda em ensaios e artigos (KOLLER, 2004, p. 34-35).

Não creio já estar em condições de elaborar uma teoria explícita própria e exaustiva, mas penso que posso chegar a algumas conclusões teóricas próprias cruzando minhas observações cotidianas com teorias mais elaboradas. Sendo assim, antes de me concentrar um pouco mais detidamente em duas abordagens específicas, bem distintas e até antagônicas (a abordagem linguística de Koller, que se reconhece abertamente como “teórica”, e a abordagem hermenêutica de Steiner, que se pretende “antiteórica”), tentando ver o que pode resultar de aproveitável do confronto entre ambas, tratarei brevemente das concepções do senso comum acerca da tradução e dos tradutores, passando depois por algumas ideias recorrentes e fundamentais na longa história da tradução. Por fim, em boa medida como síntese e resultado de todos esses passos, apresentarei as diretrizes básicas que nortearam a presente tradução: a estratégia tradutória que por fim me pareceu a mais adequada, as edições do texto de partida empregadas e a apresentação formal do texto.

3.1 Entre o preconceito e o exagero

Num breve ensaio de Gadamer (1993, p. 279-285), o leitor é confrontado logo na frase de abertura com o célebre dito trocadilhesco italiano que qualifica o tradutor como traidor. Gadamer o atribui a Benedetto Croce, mas pode-se imaginar que seja bem mais antigo. A discussão subsequente é sem dúvida mais matizada e mais rica do que a frase inicial faria supor, destacando-se em especial a relação que o autor estabelece entre os atos de ler e traduzir, que considera similares, julgando o primeiro como uma variação do segundo (“todo leitor é como um meio tradutor”, *ibid.*, p. 284). Apesar dessas matizações, chama a atenção que o preconceito expresso pelo referido trocadilho retorne sob a forma de frases categóricas, desiludidas e cansadas como a da página 281: “Ler textos traduzidos geralmente é decepcionante”. Penso que o dito em questão seja a sedimentação ultraconcisa de milênios de desconfianças, temores e xenofobias; não chega a espantar tanto assim, portanto, que seja difícil erradicá-lo mesmo de mentes mais abertas, mais ponderadas, mais filosóficas. No fundo, o conteúdo desse achincalhe, como bem observaram Delisle e Woodsworth (2003, p. 10), não é o mero desdém pelo tradutor propriamente dito, mas o temor dos valores novos, diferentes e às vezes estranhos que ele leva à sua cultura; o novo e o diferente são perturbadores por constituírem um desafio aos valores da cultura receptora. Com maior frequência, no entanto, o tradutor é censurado justamente pela razão oposta, ou seja, por não transferir esses valores em sua integralidade, uma dimensão de perda que provoca “o medo da tradução e os tabus quanto à exportação reveladora que, em muitas culturas, protegem textos sagrados, nomes e fórmulas rituais”, para citar um exemplo dado por George Steiner (1998, p. 316) que também auxilia a esclarecer as raízes ancestrais dos preconceitos que envolvem a tradução.

Esse mesmo autor não oculta um grande pessimismo quanto à tradução em geral. Para ele, “noventa por cento, *sem dúvida*, de todas as traduções feitas desde Babel são inadequadas, e as coisas provavelmente continuarão assim” (STEINER, 1998, p. 417, grifo meu). Os motivos do fracasso do tradutor seriam os mais variados: por ignorância, pressa ou limitações pessoais, ele compreende mal o original; não domina satisfatoriamente sua própria língua; sua sensibilidade não se harmoniza com a do autor traduzido; ele omite ou parafraseia trechos difíceis; transforma elevação em empolamento; quando o autor ataca, suaviza o ataque (*ibid.*, 416-417). Steiner não diz como chegou a essa cifra *indubitável* de noventa por cento; essa imprecisão, esse exagero (desde a mitológica Babel), tira muito do valor de seu juízo. A própria importância que atribui à tradução como objeto de estudo também não se

harmoniza muito bem com esse parecer tão depreciativo. Afinal, por que dedicar tanto esforço teórico (ou “antiteórico”, como ficará mais claro adiante) a uma atividade destinada de antemão a malograr com tanta frequência? Tudo indica que Steiner não leva muito a sério sua própria avaliação.

Mesmo para o próprio autor que nos empenhamos em traduzir, a versão para uma língua estrangeira é *sempre* uma forma de fracasso – e não só de fracasso, mas também de violência e até de ridículo: “Uma obra da língua traduzida em outra língua: alguém que atravessa a fronteira sem sua pele e do outro lado veste o traje típico do país” (KRAUS, 1986, p. 245). Ou seja, a tradução como esfolamento, como tortura, como disfarce... Não custa lembrar, porém, que o próprio Kraus se dedicou a fazer versões de peças de Offenbach e Shakespeare, versões que ocupam dois dos vinte volumes da edição mais recente de suas obras (*Schriften*, volumes 13 e 15, além da tradução dos *Sonetos* de Shakespeare no vol. 20).

Um ponto de vista igualmente radical é apresentado por Thomas Bernhard em seu romance *Alte Meister*. É verdade que esse ponto de vista se aplica sobretudo às obras de arte da pintura e da literatura, mas ele poderia ser perfeitamente estendido à tradução. (Afinal, se o intérprete de uma partitura é ele mesmo também um artista – embora de uma categoria diferente da do artista criador –, não seria exagero afirmar que o leitor e o tradutor – “intérpretes” de um poema, de um romance – também o são; ou, pelo menos, deveriam sê-lo). Para o protagonista do romance bernhardiano, o musicólogo Reger – que passa as manhãs, em dias alternados, no Museu de História da Arte de Viena refletindo, lendo e, às vezes, até contemplando quadros –, toda e qualquer obra de arte é por natureza defeituosa. Por mais perfeita que pareça, basta apenas examiná-la atentamente para encontrar o defeito fatal que a aniquila e a revela como produto fracassado de seres humanos fracassados. Em cada obra de arte exposta no museu, Reger procura deliberadamente por “um assim chamado *erro grave*, um método que até agora sempre atingiu seu alvo” (BERNHARD, 1985, p. 41). Ou seja, o método crítico-destrutivo desenvolvido por Reger é determinado por uma intencionalidade que nunca deixará de encontrar o que procura. Animado firmemente pela intenção contrária, um método análogo não deixaria de encontrar os resultados esperados com a mesma infalibilidade.

Em outro texto bernhardiano, a comédia *Der Weltverbesserer*, o protagonista é extremamente categórico em seu juízo sobre as traduções e os tradutores: “Eles distorceram meu tratado / distorceram totalmente / Os tradutores distorcem os originais / O texto traduzido sempre chega ao mercado apenas sob a forma de deformação” (BERNHARD *apud* KOLLER, 2004, p. 36).

No entanto, essa brenha de preconceitos (Gadamer/Steiner) e exageros (Bernhard/Kraus) não é tão fechada quanto parece de início. Indo além dos juízos do senso comum e das caricaturas (por mais elaborados que ambos sejam literária e mesmo filosoficamente), o modo como alguns tradutores de séculos passados encaravam suas próprias práticas e as concepções que desenvolveram sobre elas fornecem, como tentarei mostrar na sequência, pontos de apoio para uma avaliação mais sóbria das questões envolvidas no fenômeno tradutório.

3.2 Entre a tradução livre e a tradução literal

Em 24 de junho de 1813, o teólogo e tradutor alemão Friedrich Schleiermacher escrevia à sua mulher: “Não pude escrever-te ontem, pois ainda estava muito ocupado com o ensaio que li hoje na Academia. Na verdade, é uma coisa bastante trivial, mas precisamente por isso as pessoas a acharam espirituosa e bela, e querem que eu a leia em conferência pública” (DILTHEY, 1858, p. 303-304). A “coisa bastante trivial” (*ziemlich triviales Zeug*) a que Schleiermacher se refere entrou para a história como um dos textos mais influentes escritos no século XIX sobre o tema da tradução. Esse texto, intitulado *Sobre os diferentes métodos de traduzir*, aborda na verdade apenas dois métodos, opostos e mutuamente excludentes segundo a visão do autor: “Ou o tradutor deixa o escritor em paz na medida do possível e leva o leitor até ele, ou deixa o leitor em paz na medida do possível e leva o escritor até ele” (SCHLEIERMACHER, 2002, p. 74). No primeiro caso, o tradutor se empenharia em transmitir ao leitor a mesma impressão que recebeu da obra estrangeira, levando assim esse leitor a se mover para a sua posição, que, tal como a obra, é estrangeira para o leitor. Esse método, que procura apresentar a obra estrangeira como tal também é chamado de *estrangeirizante* (*verfremdend*) (KOLLER, 2004, p. 44). Já no segundo caso, o tradutor buscaria apresentar ao leitor uma obra que não tem mais ressonâncias estrangeiras, mas faz o autor escrever como teria escrito se compartilhasse a língua do leitor. Esse segundo método, que se empenha em transformar o autor estrangeiro num igual do leitor, também é chamado de *nacionalizante*, ou, no contexto da língua alemã, *germanizante* (*verdeutschend*) (*ibid.*).

Essa alternativa radical costuma ser citada sem maiores contextualizações e sem levar em conta as próprias nuances de seu enunciado, causando muita confusão na cabeça de tradutores iniciantes e exigindo contorcionismos retóricos dos tradutores mais experientes quando uma das alternativas alegadamente escolhidas insiste em não se harmonizar com os produtos tradutórios apresentados. Cabe considerar, por um lado, que essa alternativa nem é

tão radical assim: apesar de deixar ao tradutor a opção entre apenas dois métodos, há o atenuante do “na medida do possível” (*möglichst*), ou seja, Schleiermacher reconhece que há graus de aplicação para cada um desses métodos, admitindo que não será sempre possível aplicar o método escolhido em toda a sua radicalidade. Por outro lado, no caso do método estrangeirizante (o mais recomendado, segundo Schleiermacher, para traduzir obras literárias e filosóficas), o autor reconhece explicitamente que ele não será sempre aplicável, outra atenuação que seus citadores costumam obliterar: “esse método de traduzir não pode vicejar igualmente bem em todas as línguas, mas apenas naquelas que não se encontram presas pelos laços demasiado apertados de uma expressão clássica fora da qual tudo é condenável” (SCHLEIERMACHER, 2002, p. 82). Schleiermacher parte do pressuposto, portanto, de que a língua alemã não se encontra presa por “laços demasiado apertados”, de que ela é suficientemente flexível para acolher a diversidade das línguas estrangeiras.

Ao contrapor esses dois métodos fundamentais, a influência imediata de Schleiermacher talvez tenha sido dada por Goethe⁶:

Há duas máximas tradutórias; uma exige que o autor de uma nação estrangeira seja trazido para o nosso lado, de tal modo que possamos vê-lo como um dos nossos; a outra, em compensação, nos faz a exigência de que nos dirijamos ao estrangeiro e nos coloquemos em seus estados, seu modo de falar, suas peculiaridades (GOETHE *apud* RÖSSLER, 2002, p. xxxiv).

Goethe, ao contrário de Schleiermacher, não exige exclusividade para o método estrangeirizante, mas, em outro texto, um dos apêndices ao *Divã oriental-ocidental* (GOETHE, 1960, p. 307-309), distingue três tipos de tradução (ou épocas tradutórias) que, em cada literatura, se repetem, se invertem e inclusive são praticados simultaneamente. O primeiro tipo de tradução nos dá a conhecer a obra estrangeira em nossos próprios termos; ela é simples e em prosa, eliminando assim todas as peculiaridades do original. Tal seria o caso da versão alemã da *Bíblia* feita por Lutero. O segundo tipo é chamado por Goethe de *parodístico*, pois para cada palavra, sentimento, pensamento e mesmo objeto estrangeiro procura encontrar um correspondente inteiramente nacional, crescido no próprio solo, de modo que não chegue a causar nenhuma estranheza ao leitor. Servem aí de exemplos as traduções de Delille para o francês e de Wieland para o alemão. O terceiro e último tipo de tradução é considerado por Goethe como o mais elevado, pois aspira a uma identidade com o original. É o tipo que costuma encontrar mais resistência por parte dos leitores; em razão de

⁶ GOETHE. Wieland's Andenken in der Loge Amalia zu Weimar gefeiert den 18. Februar 1813. In: **Wieland's Todtenfeier in der Loge Amalia zu Weimar am 18. Februar 1813**. Weimar, 1813, Beilage V, p. 16.

sua proximidade com o original, esse gênero de tradução abdica em maior ou menor medida da originalidade de sua própria nação. Um exemplo seriam as traduções de Voß, que de início não satisfaziam o público, mas colocaram gradativamente à disposição dos alemães uma maior versatilidade em seu próprio idioma, deram-lhe vantagens retóricas, rítmicas e métricas. Goethe chama essa terceira época de última porque representa o fechamento de um círculo:

Uma tradução que aspira a se identificar com o original aproxima-se por fim da versão interlinear e facilita altamente a compreensão do original; por meio dela somos levados, e mesmo impulsionados, ao texto de base, e assim finalmente se fecha o círculo completo em que se move a aproximação do estrangeiro e do nativo, do conhecido e do desconhecido (GOETHE, 1960, p. 309).

Os dois primeiros tipos são, no fundo, variações do método germanizante; só este terceiro corresponde puramente ao que Schleiermacher entende por levar o leitor ao escritor, além de provavelmente ser aquele que Walter Benjamin tem em mente ao afirmar que “em algum grau, todos os grandes textos, mas os sagrados em grau máximo, contêm sua tradução virtual entre as linhas. *A versão interlinear do texto sagrado é o protótipo ou ideal de toda tradução*” (BENJAMIN, 1991, p. 21, grifo meu). E ainda: “A verdadeira tradução é transparente, não encobre o original, não bloqueia sua luz [...]. O que possibilita isso, sobretudo, é a literalidade na tradução da sintaxe, e justamente ela demonstra que é a palavra, e não a frase, o elemento primordial do tradutor” (*ibid.*, p. 18). Tal literalidade tem exatamente os mesmos pressupostos e limites do método estrangeirizante schleiermacheriano, já que não são todas as línguas que permitem uma transposição tal e qual da estrutura sintática de outras. Ou seja: as teorizações de Schleiermacher e Benjamin não são generalizáveis, o que já deveria transparecer do fato de que o texto do primeiro visa justificar uma tradução bem específica, a versão alemã de Platão, enquanto o texto do segundo é um prefácio a uma tradução de Baudelaire.

Com influência direta de Goethe ou não, o fato é que a antítese schleiermacheriana remonta aos primórdios da história da tradução, tendo sido formulada já na Antiguidade por Cícero quando este distinguia entre duas formas possíveis de tradução: *ut interpres* (“como intérprete”, a chamada tradução literal) e *ut orator* (“como orador”, a chamada tradução livre). Essas posições, passando por Horácio, Quintiliano, São Jerônimo, Lutero, Schleiermacher e Benjamin, determinaram decisivamente a discussão metodológica até a atualidade (WILSS, 2005, p. 23). Já vimos que a posição de Schleiermacher e Benjamin, ainda que com certas matizações no caso do primeiro, é nitidamente estrangeirizante; bem diferente, por exemplo, são os casos de Lutero e do teórico contemporâneo Jiri Levý. Para Lutero, como

mencionado de passagem pouco acima, não importava tanto a literalidade, mas sobretudo a compreensão do texto por parte do leitor comum: “Deve-se perguntar à mãe dentro de casa, às crianças na rua e ao homem comum no mercado e prestar atenção em suas bocas, ver como falam, e traduzir de acordo com isso; assim eles entenderão e perceberão que se fala alemão com eles”⁷ (LUTERO *apud* KOLLER, 2004, p. 39). Esse princípio germanizante não tem validade absoluta, no entanto; quando se tratava de conceitos teológicos que julgava importantes, Lutero os traduzia literalmente, por mais que isso implicasse prejuízos à compreensibilidade imediata. Adotava assim parcialmente o que para outro tradutor dos chamados textos sagrados, São Jerônimo, valia de maneira irrestrita.

Embora num contexto muito diferente, a posição do teórico contemporâneo Jiri Levý é muito similar à de Lutero. Levý⁸ (KOLLER, 2004, p. 295-296) divide os métodos de tradução, que se deixam apreender em antinomias como literal e livre, filológico e artístico, estrangeirizante e germanizante, em dois grupos principais: os métodos ilusionistas, que apresentam ao leitor uma tradução que deve despertar nele a ilusão de estar lendo um original, e os anti-ilusionistas, que não permitem o surgimento dessa ilusão no leitor, que permanece sempre consciente de não estar lendo um original, mas uma tradução; segundo o autor, a tradução anti-ilusionista é rara. Partidário da tradução ilusionista, Levý pensa que na tradução não se trata de conservar a obra em si, mas seu valor para os receptores. Não caberia esperar, segundo ele, que a vivência do leitor do original seja idêntica à do leitor da tradução; a única identidade desejável é a da *função* no interior da estrutura global dos diferentes contextos histórico-culturais desses leitores. Isso não significa que os métodos ilusionistas devam ser sinônimo de adaptação, ou seja, de uma forma de tradução que elimine tudo o que faça lembrar o contexto estrangeiro. Este deve estar presente, mas a ênfase do empenho tradutório deve recair no *efeito* da obra sobre o leitor: não se pode esperar a conservação da unidade de forma e conteúdo no material linguístico, mas sua concretização no pensamento do receptor. Sendo assim, para Levý, não se trata na tradução de uma conservação mecânica da forma, mas dos valores semânticos e estéticos da obra para o leitor.

⁷ LUTHER, Martin. Sendbrief vom Dolmetschen. In: STÖRIG, H.J. (Hrsg.). **Das Problem des Übersetzens**. Darmstadt, 1973, p. 14-32.

⁸ LEVÝ, Jiri. **Die literarische Übersetzung**: Theorie einer Kunstgattung. Frankfurt a.M./Bonn, 1969.

3.3 A abordagem linguística de Werner Koller

3.3.1 Duplo vínculo

É verdade que as posições citadas (de Schleiermacher e Levý, sobretudo) têm suas nuances e sutilezas; é verdade, também, que a distinção goethiana entre três tipos de tradução e a conciliação que propõe entre eles, reconhecendo-os como partes diferentes de um mesmo círculo, é uma maneira eficaz de abranger os debates tradutórios e, de certa forma, dar-lhes um fim. No entanto, não se pode negar que o peso de posições radicais e extremas ao longo da história da tradução foi bastante grande.

Citando Wilss,⁹ Koller (2004, p. 190-191) define a tradução como um processo de elaboração e reverbalização textual que vai de um texto em uma língua de partida a um texto o mais equivalente possível numa língua de chegada, processo que pressupõe a compreensão do conteúdo e do estilo do texto de partida. O que Wilss chama de fase de reconstrução linguística é a reprodução de um texto de uma língua de partida, analisado quanto ao conteúdo e ao estilo, levando em conta os pontos de vista da equivalência comunicativa. Assim, as características de uma tradução seriam: 1) há *duas línguas* envolvidas (língua de partida e língua de chegada); 2) o ponto de partida e o resultado da atividade de elaboração e reverbalização textual são *textos* e 3) entre o texto resultante e o texto de partida existe uma *relação de equivalência* para a qual são determinantes as intenções de sentido e de estilo do texto de partida e os aspectos comunicativos, isto é, relativos ao receptor.

Desta forma, as traduções se caracterizam por um *duplo vínculo*: em primeiro lugar, seu vínculo com o *texto de partida* e, em segundo, com as *condições comunicativas* do *receptor*. As traduções que absolutizam o vínculo com o texto de partida correm o risco de se tornarem ilegíveis e incompreensíveis; o caso extremo desse tipo é representado pela tradução palavra por palavra. Em compensação, as traduções que absolutizam o vínculo com o receptor correm o risco de ferir a autonomia do texto original ao desconsiderarem o vínculo com o texto de partida, específico da tradução; no caso extremo, trata-se de textos originais na língua de chegada, que se encontram numa relação apenas remota com o texto de partida. Esses dois tipos de tradução, conclui Koller, desempenham um papel importante na história da tradução.

Embora se atenha estritamente ao propósito de *descrever* a tradução, seus elementos e seus condicionantes, as definições dadas por esse autor também podem ter valor *prescritivo*,

⁹ WILSS, Wolfram. *Übersetzungswissenschaft: Probleme und Methode*. Stuttgart, 1977, p. 72.

na medida em que apontam para aquilo que o tradutor precisa evitar caso queira não só fazer justiça ao texto de partida, mas também assegurar que o texto de chegada seja devidamente compreendido pelo leitor; a noção de duplo vínculo aponta implicitamente para um ideal de tradução que, embora nem sempre atingível, pode desempenhar uma função norteadora para a prática do tradutor.

3.3.2 Equivalência

A noção de *equivalência* é o conceito central da abordagem linguística de Werner Koller. Traduzir é produzir equivalência, ou seja, o texto retextualizado tem de apresentar os mesmos *valores* do texto de partida. Sendo assim, a tarefa prioritária da teoria da tradução seria ocupar-se dos pressupostos, condições, fatores, possibilidades e limites da produção de equivalência (KOLLER, 2004, p. 9).

No entanto, como dois textos podem ser equivalentes? Como dois textos poderão apresentar os mesmos valores se as línguas e os contextos culturais podem ser tão variados? Este é precisamente o problema da *traduzibilidade*. Analisando os pareceres de diversos autores acerca dessa questão, Koller conclui que o espectro de respostas é amplo, indo da tese da traduzibilidade absoluta, passando pela afirmação da traduzibilidade no âmbito parcial do significado denotativo e chegando à negação da traduzibilidade para todo um gênero textual, a poesia, e à caracterização da tradução em geral como uma tarefa em princípio impossível (*ibid.*, p. 161). Frente a isso, Koller critica a tese da intraduzibilidade e busca fundamentar a traduzibilidade relativa (*ibid.*, p. 173-178), que pode ser demonstrada por várias evidências. Entre elas: 1) a incontestável possibilidade prática da tradução e o sucesso da comunicação mediante traduções deixam claro que as línguas humanas não são estáticas, mas abertas e flexíveis; as traduções têm o potencial de modificar não só a língua de chegada como também o contexto comunicativo dessa língua; 2) a linguagem não permite apenas falar sobre fatos extralinguísticos, mas também sobre a própria linguagem; essa possibilidade metacomunicativa é utilizada com frequência nas traduções para esclarecer conceitos e palavras intraduzíveis mediante comentários sob a forma de notas de rodapé, prefácios, posfácios etc.; 3) a tese de que a tradução é uma tarefa em princípio impossível é frequentemente demonstrada por meio das chamadas palavras intraduzíveis. Argumenta-se que tais palavras podem ser plenamente compreendidas apenas pelos falantes da língua de partida, quando, na verdade, elas apresentam apenas correspondências parciais nos idiomas de

chegada; além disso, dificilmente uma palavra aparece isolada, ela está sempre num contexto e este permite ao leitor apreender devidamente seu sentido. Ou seja, cabe contar, por um lado, com a capacidade de compreensão do leitor do idioma de chegada e, por outro lado, considerar que, assim como a compreensão de um texto nunca pode ser absoluta, também a traduzibilidade de um texto é sempre relativa. Isso não está ligado, segundo Koller, ao fato de um texto ser uma tradução, mas às condições e fatores da compreensão de textos em geral.

A defesa kolleriana da traduzibilidade relativa pode ser compreendida mais detalhadamente a partir da *diferenciação do conceito de equivalência*. No entender de Koller, há cinco níveis de equivalência, cinco qualidades que, presentes no texto de partida, deverão estar presentes no texto de chegada para que se possa afirmar que existe uma *relação de equivalência* entre eles. No entanto, nem sempre essas qualidades poderão estar presentes no texto de chegada ao mesmo tempo e na mesma medida em que estão presentes no texto de partida, pois cada tipo de equivalência possui condições muito específicas de realização, de modo que o tradutor precisará escolher conscientemente que tipo(s) de equivalência privilegiar. Os diferentes tipos de equivalência postulados por Koller são determinados por cinco âmbitos distintos: os fatos extralinguísticos (equivalência denotativa), as conotações (equivalência conotativa), as normas textuais e linguísticas (equivalência normativo-textual), o receptor (equivalência pragmática) e as qualidades estéticas, formais e estilísticas do texto de partida (equivalência estético-formal).

O âmbito central na descrição das relações de *equivalência denotativa* é o léxico, ou seja, palavras e sintagmas fixos (KOLLER, 2004, p. 228-240). Nesse âmbito se distinguem cinco tipos de correspondência: um por um, um por muitos, muitos por um, um por nenhum e um por uma parte. A correspondência *um por um* ocorre quando na língua de chegada há apenas uma expressão correspondente à expressão da língua de partida; surgem dificuldades somente quando na língua de chegada existirem sinônimos, os quais, no entanto, se limitam apenas ao nível denotativo, não sendo equivalentes no nível conotativo. A correspondência *um por muitos* ocorre quando há vários correspondentes na língua de chegada para uma expressão da língua de partida, situação em que se distinguem três casos: 1) o contexto permite deduzir qual o correspondente adequado; 2) pode ser irrelevante no contexto qual o correspondente empregado na língua de chegada; 3) empregam-se duas ou mais expressões da língua de chegada para traduzir uma única expressão da língua de partida. Na correspondência *muitos por um* ocorre exatamente o contrário: na língua de chegada há apenas um termo para traduzir dois ou mais da língua de partida. Nesse caso, uma saída possível é acrescentar adjetivos ou advérbios que especifiquem devidamente o termo original. Já a correspondência

um por nenhum indica a ausência de termos na língua de chegada. Tal ausência precisa ser suprida pelo tradutor, que tem à sua disposição cinco procedimentos: 1) adoção inalterada da expressão original; 2) tradução literal; 3) uso de uma expressão já empregada num sentido parecido; 4) explicação do termo original, no próprio texto ou em nota; 5) adaptação, ou seja, substituição de uma palavra que na língua de partida abrange uma situação, fato ou objeto por uma palavra que na língua de chegada abranja uma situação, fato ou objeto análogo. A correspondência *um por uma parte*, por fim, é aquela em que a um determinado termo da língua de partida corresponde apenas uma parte de outro termo da língua de chegada. Em determinados contextos, uma correspondência parcial pode ser considerada como tradução adequada; em outros, tal correspondência é definida no próprio texto e a expressão da língua de chegada assume novos significados; em outros ainda, em que se exige uma reprodução mais precisa dos vários sentidos parciais do termo original, a tradução esbarra em seus limites, e a única saída é a adoção de procedimentos de comentário.

A segunda categoria de equivalência é a *conotativa* (KOLLER, 2004, p. 240-247). Ao lado do sentido denotativo, muitas expressões também comunicam valores conotativos; assim, uma ação ou acontecimento determinado pode ser expresso por diferentes sinônimos ou quase sinônimos, dependendo do significado conotativo adicional que se queira transmitir. No âmbito da língua alemã, Koller distingue oito dimensões conotativas, que também podem ser aplicadas a outras línguas: a) conotações do nível estilístico: expressões que ocorram num texto podem ter caráter formal, poético, neutro, coloquial, de gíria ou vulgar; b) conotações determinadas pelo uso por determinado grupo: expressões do linguajar dos estudantes, soldados, operários etc.; c) conotações relacionadas à localização geográfica ou à origem: no caso da língua alemã, uma expressão poderá transmitir valores conotativos suprarregionais, suábios, austríacos etc.; d) conotações ligadas ao uso num texto da linguagem escrita ou da linguagem falada, problema que se apresenta especialmente em obras literárias; e) conotações do efeito estilístico: transmitem valores conotativos como antiquado, afetado, burocrático, da moda, eufemístico, plástico, imagético; f) conotações da frequência: relacionadas a valores conotativos como usual e menos usual; g) conotações do âmbito de aplicação: transmitem valores conotativos da linguagem padrão, da linguagem técnica, do jargão da medicina etc.; h) conotações de valoração: transmitem valores conotativos como valoração positiva, negativa e irônica.

O terceiro tipo de equivalência é a *normativo-textual* (KOLLER, 2004, p. 247-248). Contratos, manuais, cartas comerciais, textos científicos e receitas culinárias, por exemplo, são textos que obedecem a determinadas normas quanto à escolha e ao uso dos recursos

linguísticos no âmbito sintático e lexical, normas que são distintas na língua de chegada e precisam ser levadas em conta na retextualização.

Produzir *equivalência pragmática*, por sua vez, significa “ajustar” a tradução aos leitores (KOLLER, 2004, p. 248-252). Seu pressuposto são diferentes condições de recepção na língua de partida e na língua de chegada. Assim, por exemplo, o tradutor de um texto mitológico se vê muitas vezes obrigado a acrescentar informações (sob a forma de comentário) que preencham as lacunas de conhecimento do leitor acerca do pano de fundo comunicativo em que se insere o texto da língua de partida. Isso coloca o tradutor diante da questão de determinar em que medida ele pode e deve intervir no texto original, pois há tanto o risco de subestimar os conhecimentos do leitor quanto de superestimá-los. No primeiro caso, o tradutor acrescenta comentários de esclarecimento onde isso não seria necessário, o que caracterizaria uma postura tradutória paternalista, segundo uma expressão de E.A. Nida; no segundo, o tradutor não considera devidamente que o leitor da tradução não está, como ele, ligado na mesma medida e ao mesmo tempo às culturas das línguas de partida e chegada. Porém, qualquer que seja a extensão do “ajuste” praticado pelo tradutor, cabe não confundir traduções que apresentem equivalência pragmática com adaptações; a adaptação é uma categoria essencialmente diferente da tradução, pois produz um *texto novo*, enquanto o texto traduzido pretende ser uma *reprodução* de um texto já existente.

Por fim, produzir *equivalência estético-formal* no texto de chegada significa atingir nele um efeito estético análogo ao atingido no texto da língua de partida (KOLLER, 2004, p. 252-266). Para isso, o tradutor poderá tanto explorar as possibilidades já pré-existentes na língua de chegada quanto criar outras novas. Rima, ritmo, peculiaridades estilísticas na sintaxe e no léxico, jogos de palavras e metáforas são algumas das categorias em questão quando se trata de produzir equivalência estético-formal.

Para ficar no exemplo dos jogos de palavras: em geral, eles colocam o tradutor diante de problemas cuja solução é apenas aproximada, muitas vezes impraticável. O autor pode jogar com a polissemia de palavras e sintagmas, com o contraste entre o significado literal e o metafórico, com a referência simultânea a esses significados, com a semelhança fonética ou gráfica entre palavras etc. Tais jogos também podem ocorrer em diferentes tipos de textos não literários; porém, enquanto em tais textos eles possuem apenas um valor secundário, na literatura eles geralmente têm uma importância central. Determinado conteúdo pode estar ligado a formas específicas da língua de partida, e sendo tais formas intraduzíveis, o conteúdo também corre o risco de se perder.

Essa indissolubilidade entre forma e conteúdo também restringe a possibilidade do emprego de procedimentos compensatórios, pois em textos literários exigentes, os jogos de palavras não são casuais e intercambiáveis – não são mero ornamento. Uma outra possibilidade, o emprego de procedimentos de comentário, também é restrita. Uma piada que precisa ser explicada em nota de rodapé não funciona mais como piada; um jogo de palavras que é comentado perde seu caráter de jogo. Assim, caso se queira conservar no texto traduzido pelo menos uma parte das qualidades estéticas do texto original, restaria ao tradutor, segundo Koller, apenas a elaboração criativa ou a aproximação produtiva.

Koller afirma desconhecer a existência de uma investigação sistemática dos problemas de tradução colocados pelos jogos de palavras e dos procedimentos adotados para sua resolução, mas vários autores se empenharam em classificá-los. Entre eles, Nora Căpătână, que, em artigo de 2005, e com base em três outros autores, divide os jogos de palavras em duas categorias: I. Jogos semânticos e II. Puros jogos sonoros. A segunda categoria não apresenta subdivisões; no esquema da página seguinte, detalho os subtipos da primeira.

A autora argumenta que essa tipologia, mesmo que possa ser incompleta, pode ser útil ao tradutor; como a tradução dos jogos de palavras quase sempre exige uma recriação na língua de chegada ou a substituição por outro tipo de jogo, o tradutor precisa inicialmente identificá-lo no texto original e compreender seus mecanismos constitutivos. Esse argumento não é muito convincente, pois, levado ao extremo, significaria afirmar que antes dos estudos linguísticos os tradutores não conseguiam identificar nem traduzir jogos de palavras. Sua força persuasiva diminui ainda mais quando se leva em conta que a própria autora reconhece a dificuldade de apreender numa tipologia *clara* todas as expressões interpretadas *intuitivamente* como jogos de palavras. Assim, uma vez que o tradutor consegue identificar o jogo de palavras e vertê-lo de alguma maneira, pouco pode importar, no fundo, que ele atenda pelo nome de malapropismo, composição haplológica ou jogo interlingual, por exemplo.

Mesmo com essas justificadas reservas, usarei a terminologia de Căpătână, meio que a título experimental, para dar alguns exemplos dos tipos de jogos de palavras encontrados em *Dritte Walpurgisnacht* e das soluções tradutórias a que cheguei.

1) Jogos com abreviaturas: caso da sigla *Uschla* (= *Untersuchungs- und Schlichtungsausschuß* = Comissão de Investigação e Arbitragem, órgão do partido nazista criado em 1925 para regular disputas internas), que, inicialmente (KRAUS, 1989, p. 129), é referida de maneira clara pelo autor como abreviatura, não constituindo, portanto, um jogo de palavras (embora o autor não esclareça o significado da sigla), mas que, em outro contexto

Tipologia dos jogos de palavras segundo Nora Căpătână

(KRAUS, 1989, p. 188-190), é usada como uma espécie de (enigmática) onomatopeia. Nos dois casos, parece-me apropriado explicar o sentido da abreviatura em nota.

2) Jogos com lexias: são jogos que, em vez de palavras ou lexemas, ocorrem com sequências de lexemas ou sintagmas, tais como fraseologismos, ditados, títulos, citações etc.

a) Muitos chamados passaram à frente de poucos escolhidos (*ibid.*, p. 9): variação de um trecho bíblico (“Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos”). A fonte foi indicada em nota.

b) Um colaborador que [...] não fazia de seu coração um covil de assassinos nem de carrascos da opinião pública (*ibid.*, p. 37): a metáfora “não fazer de seu coração um covil de assassinos” se origina da *Bíblia* (Mateus 21, 13) e tem o sentido de “falar francamente”, partindo do pressuposto de que os assassinos ocultam suas intenções. A essa metáfora Kraus acrescenta “nem de carrascos da opinião pública”, ou seja, o colaborador em questão não oculta suas intenções nem deixa de condenar a opinião pública. Considerando que a metáfora não é usada em português, faz-se necessária uma nota explicativa.

c) Povo dos juízes e dos carrascos (*ibid.*, p. 41): em alemão *Volk der Richter und Henker*, variação de um dito tradicional que define os alemães como o “povo dos poetas e dos pensadores” (*Volk der Dichter und Denker*). Dificilmente o leitor não familiarizado com o contexto cultural alemão reconheceria a fonte e, por conseguinte, sua sarcástica distorção. Nota explicativa mais uma vez.

d) Heidegger, que sincronizou sua fumaça azul com a marrom (*ibid.*, p. 71): “fumaça azul” é uma referência ao expediente empregado por mágicos, ilusionistas e charlatães para ocultar dos espectadores o mecanismo de seus truques, tendo portanto o sentido de logro, engano, embuste. Já o marrom era a cor-símbolo do nazismo. Considerando o intrincado das referências, o procedimento escolhido foi mais uma vez o comentário.

3) Composição haplológica: jogo de palavras em que um lexema é “introduzido” no outro. Os fonemas comuns a ambos se encontram no fim de um e no começo de outro, e sua repetição é poupada haplologicamente. (Para dar uma ideia da variedade da terminologia: em seu estudo sobre o chiste, Freud também chama esse tipo de jogo de palavras de *Mischwort*, *Mischgebilde* e *Mischwortbildung* (1982, *passim*)).

a) Escritóriomantismo (KRAUS, 1989, p. 71): em alemão, *Büromantik*, palavra criada pelo autor ao fundir *Büro* (escritório, gabinete) e *Romantik* (romantismo). Aqui foi possível preservar o caráter de jogo da palavra alemã; ainda assim, pareceu apropriado incluir uma nota explicando o provável sentido do “romantismo de escritório” cultivado por certos escritores que aderiram ao nazismo.

b) Decadelinquentes do Ocidente (KRAUS, 1989, p. 78): em alemão, *Untergangster des Abendlandes*. *Untergangster* é resultado da sobreposição de *Untergang* (declínio, decadência, ocaso) e *Gangster*; a expressão como um todo é uma alusão simultânea ao principal livro de Oswald Spengler, *Der Untergang des Abendlandes* (*A decadência do Ocidente*), e aos adeptos das ideias desse autor, que manifestou seu apoio ao regime. Juntar “decadência” e “delinquentes” traduz bem a soma de *Untergang* e *Gangster*, mas obscurece um pouco a alusão ao livro de Spengler, de modo que a nota explicativa se torna necessária.

c) Peças de câmara de tortura (*ibid.*, p. 114): em alemão, *Folterkammerspielen*, soma de *Folterkammer*, “câmara de torturas” e *Kammerspiel*, “peça (teatral) de câmara”. A tradução (literal) descaracteriza em boa medida o caráter de jogo dessa expressão; o recurso indireto do comentário pelo menos permite esclarecer melhor de que peça de câmara se trata, já que a expressão também pode ser associada a uma apresentação musical.

4) Fusão de palavras: ocorre pela inserção de um lexema em outro. Um excelente exemplo é *Nazirener* (*ibid.*, p. 280 – trecho ainda não traduzido), em que *Nazi* é introduzido em *Nazarener*, “nazareno”. Um dos poucos casos em que notas parecem dispensáveis, dado o contexto inequívoco (trata-se, entre outras coisas, de uma representação da paixão de Cristo em que, por determinação dos nazistas, o ator principal deveria envergar uma túnica com a suástica) e a perfeita traduzibilidade.

Os exemplos poderiam ser multiplicados; a técnica empregada na maioria dos casos foi a tradução literal e, dada a estreita ligação das expressões à língua e à cultura alemãs, o uso do comentário contextualizador. Segundo Koller (2004, p. 263-264), os problemas de tradução relacionados aos jogos de palavras podem, *teoricamente*, ser resolvidos com procedimentos de comentário, mas isso destruiria a identidade estética do original. Na maioria dos casos, porém, não encontrei outra saída senão recorrer a esse procedimento geralmente condenado pelos teóricos e muitas vezes considerado incômodo pelos leitores. Căpătână (2005, p. 77), no entanto, reconhece, com base em exemplos, que os tradutores tendem com frequência à reprodução parafrástica do conteúdo ou à *tradução literal do jogo de palavras original acompanhada de comentário metalinguístico*. E, ainda (*ibid.*, p. 81), que quanto mais específico de uma cultura ou de uma língua for o conteúdo do texto, tanto menores se tornam as possibilidades compensatórias, tais como a criação de ou a substituição por outros tipos de jogos de palavras.

Isso leva finalmente ao segundo grande ganho de examinar a abordagem linguística kolleriana, ou seja, à questão da *hierarquia dos valores* a serem conservados na tradução

(considero que o primeiro ganho foi a noção de duplo vínculo). Citando R.W. Jumpelt,¹⁰ Koller (2004, p. 266) observa que não há uma conservação global e indistinta de todos os valores pela tradução, mas ela sempre implica a necessidade de uma escolha. O tradutor que pratica tal escolha conscientemente tem a tarefa de estabelecer uma hierarquia dos valores a serem conservados na tradução. Considerando-se a tradução como um processo decisório, essa hierarquia é um dos fatores que codeterminam a escolha de uma solução tradutória numa situação concreta. No caso específico de *Dritte Walpurgisnacht*, minha escolha recaiu sobre os valores denotativos; por mais que se reconheça a sátira como um gênero literário que depende para a sua realização de meios estéticos como jogos de palavras, aliterações etc. é impossível deixar de reconhecer que essa sátira krausiana em especial também apresenta um forte elemento documental; ela está fortemente condicionada pela realidade que retrata, de maneira que o seu leitor brasileiro deverá ser informado da melhor maneira possível sobre essa realidade. Essa é a razão pela qual não me parece desejável privilegiar os valores estéticos: em minha tradução, jogos de palavras (intraduzíveis) foram comentados da mesma forma que fatos históricos ou termos da linguagem nazista.

3.4 A abordagem hermenêutica de George Steiner

O fenômeno tradutório não só admite como até exige diferentes abordagens teóricas caso se queira apreendê-lo em maior amplitude. Conforme reconhece Koller (2004, p. 18), outras aproximações além da abordagem linguística permitem acercar-se dele de maneira legítima e frutífera, tais como a filosófico-hermenêutica, a poética e poetológica, a semiótica, a etnográfica, a teológica, a da história da literatura ou a da linguística computacional. Cada uma dessas abordagens define a tradução diferentemente e ilumina uma faceta distinta do mesmo fenômeno. Tanto pela sua importância intrínseca quanto pelo contraste que oferece, escolhi a abordagem hermenêutica de George Steiner – apresentada em *After Babel*, obra publicada em 1975 e cuja terceira edição, aqui empregada, data de 1998 – para fazer um contraponto à abordagem linguística de Koller.

Se é que se trata realmente de um contraste. Pois Steiner define seu livro como “um esforço para relacionar e colocar num foco interativo as diversas áreas da retórica, da história da literatura e da crítica literária, da *linguística* e da filosofia da linguagem” (STEINER, 1998,

¹⁰ JUMPELT, R.W. **Die Übersetzung naturwissenschaftlicher und technischer Literatur:** sprachliche Maßstäbe und Methoden zur Bestimmung ihrer Wesenzüge und Probleme. Berlin, 1961, p. 46.

p. ix, grifo meu), e isso com a finalidade de fundamentar a tese de que “a tradução está implícita formal e pragmaticamente em *cada* ato de comunicação [...]. Compreender é decifrar. Ouvir significados é traduzir” (*ibid.*, p. xii). Ou seja, para Steiner a tradução não é apenas um ato de comunicação entre outros, mas todos os atos comunicativos são tradução.

No âmbito dessa ambiciosa proposta de integração, é chamativo que Steiner promova um questionamento radical da possibilidade de uma teoria da tradução, visto que falar em teoria pressupõe as possibilidades da formalização, da quantificação e da generalização, um questionamento que permite afirmar que sua abordagem é, de certa forma, “antiteórica”:

Há teorias nas ciências exatas e aplicadas. Elas têm obrigatoriedade preditiva, podem ser testadas de maneira decisiva e são refutáveis. Uma teoria com maior rendimento demonstrável em termos de ideias e aplicações substituirá sua predecessora. Nem um só desses critérios vale para as ciências humanas. Nenhuma configuração ou classificação de material filosófico ou estético tem qualquer força preditiva. Não há validação ou refutação experimental concebível de um juízo estético ou filosófico. [...] nenhum paradigma ou escola anula o outro. Winckelmann não apaga ou substitui Aristóteles; Coleridge não torna Dr. Johnson obsoleto; o que T.S. Eliot escreveu sobre Shelley não invalida Matthew Arnold (STEINER, 1998, p. xi).

Steiner acredita que a noção de teoria seja empregada de maneira espúria na poética, na hermenêutica, na estética e mesmo nas ciências sociais. Devido aos progressos invejáveis nas ciências exatas e na tecnologia, que se valem com êxito e pleno direito de teorias, as ciências humanas acreditam poder e dever alcançar os mesmos êxitos mediante a aplicação de teorias a seus objetos de estudo. Segundo Steiner, há casos em que isso é realmente possível, como na análise musical, em que há elementos autenticamente teóricos, isto é, formalizáveis (*ibid.*, p. xvi). Na maioria dos casos, porém, isso seria um blefe presunçoso; não haveria como falar de uma “teoria” da literatura ou da tradução:

[...] não há “teorias da tradução”. O que temos são descrições refletidas de processos. Quando muito, encontramos – e buscamos, por sua vez, apresentar – narrações da experiência vivida, anotações heurísticas ou exemplares de trabalhos em andamento. Elas não têm status “científico”. Nossos instrumentos de percepção não são teorias ou hipóteses de trabalho em algum sentido científico, isto é, refutável, mas o que chamo de “metáforas de trabalho”. No que tem de melhor, a tradução nada tem a ganhar dos diagramas e fluxogramas (matematicamente) pueris apresentados por pretensos teóricos. Ela é e sempre será o que Wittgenstein chamou de “uma arte exata” (STEINER, 1998, p. xvi).

Infelizmente, Steiner não indica a fonte dessa instigante e paradoxal expressão de Wittgenstein para que melhor se pudesse avaliar seu contexto e obter mais informações sobre seu significado. Wittgensteiniana ou pseudowittgensteiniana, essa formulação é no entanto

bastante atraente: ao subordinar a exatidão à arte, ela deixa entrever que, apesar de não formalizável em teorias, o fenômeno tradutório talvez não careça de regras ou constantes que podem ser determinadas de alguma forma. Para Steiner, essas constantes podem ser descritas, se não por teorias, pelo menos por um *modelo* do processo hermenêutico da tradução, modelo que seria apenas a descrição de um procedimento. Esse modelo tem quatro fases: confiança inicial, agressão, incorporação e reciprocidade ou restituição.

A *confiança inicial* (STEINER, 1998, p. 312-313) é a crença do tradutor de que o texto à sua frente é “sério” e dotado de significados. Essa confiança se apoia em experiências anteriores, mas não tem garantias epistemológicas e é psicologicamente arriscada. Ainda assim, ele ousa dar o salto, admitindo de antemão que existe algo a ser compreendido. Essa crença se deriva de uma série de hipóteses fenomenológicas sobre a coerência do mundo, sobre a existência de significado em sistemas semânticos inteiramente diferentes, talvez formalmente antagônicos, e sobre a validade de analogias e paralelos. Essa generosidade radical do tradutor em admitir de antemão, sem garantias, que o texto estrangeiro seja portador de sentidos é uma indicação da tendência humana a ver o mundo simbolicamente, a vê-lo como constituído de relações em que “isto” pode ocupar o lugar “daquilo”.

Essa crença, no entanto, nunca deverá ser irrevogável. Ela pode ser frustrada pela constatação do que o texto não tem um conteúdo traduzível, como no caso da poesia *nonsense*, da poesia concreta ou da glossolalia. Ela já será testada mais ou menos seriamente durante o aprendizado de uma língua estrangeira, quando o estudante constata, exasperado, que o texto na língua desconhecida não faz sentido. Ao colocar mãos à obra, o tradutor precisa apostar na coerência e na plenitude simbólica do mundo, o que o expõe – mesmo que apenas em casos extremos e teoricamente exagerados – a dois riscos metafísicos: o de descobrir que “algo” ou “quase tudo” pode significar “tudo”, caindo, como os exegetas medievais, num redemoinho de encadeamentos metafóricos ou analógicos; ou ainda, o de descobrir que o texto não tem um conteúdo que se possa separar de sua autonomia formal, que todo significado digno de expressão é monádico e não se deixa verter numa forma alternativa.

A fase seguinte é a *agressão* (STEINER, 1998, p. 313-314) e consiste numa espécie de invasão, de pilhagem do texto a ser traduzido. É o que Heidegger tem em mente ao afirmar que a compreensão é inerentemente apropriadora e violenta, de maneira que o ser-aí (*Da-Sein*) só chega ao ser quando é compreendido, isto é, traduzido. A compreensão não é uma questão de método, mas do próprio ser; o ser consiste na compreensão de outro ser, de maneira que todo ato de compreensão é a apropriação de outra entidade. A compreensão não é

apenas um processo cognitivo, mas, como indica a etimologia, é um processo de apropriação física. A tradução é uma manobra agressiva de cerco, após cujo êxito – para usar a conhecida metáfora de São Jerônimo – o tradutor leva o significado estrangeiro consigo como prisioneiro. Da mesma forma como se fala em “quebrar” um código, pode-se dizer que a decifração é rompimento, cisão. Essa pilhagem deixa o texto original por assim dizer mais fino; por um momento, dissipa-se a densidade da alteridade hostil ou sedutora.

O tradutor invade, extrai e leva consigo, uma imagem que faz pensar em minas exploradas que ficam na paisagem qual uma cicatriz. Essa espoliação, no entanto, é uma ilusão ou o sinal de uma má tradução (a boa tradução, como fica mais claro na quarta fase, “restitui” o que tomou). E, tal como no caso da confiança, também para a agressão há casos-limite: textos (ou mesmo gêneros literários inteiros) esgotados por meio de tradução, ou então, traduções que superam o original (um exemplo seriam os sonetos de Louise Labé recriados por Rilke).

A terceira fase é a *incorporação* (STEINER, 1998, p. 314-316). A forma e o significado do produto da pilhagem não são incorporados a um vácuo, mas a um campo semântico já existente e densamente povoado. Essa assimilação pode oscilar entre a total domesticação no interior do novo contexto linguístico e a permanente estranheza e marginalidade de um produto artificial. Porém, qualquer que seja o grau de naturalização, o mero processo de importação pode ocasionar mudanças drásticas na cultura importadora. Se, conforme Heidegger, somos o que compreendemos, então nosso ser se modifica por meio de cada evento de apropriação compreensiva; a importação sempre implica o risco da transformação. Essa mudança tanto pode representar um ganho para o receptor quanto ter um efeito daninho, tal como uma infecção, à qual o organismo da língua materna acaba por reagir pela neutralização ou expulsão do corpo estranho, como é o caso do romantismo europeu, em boa medida uma reação de defesa à difusão maciça dos bens culturais franceses no século XVIII. E isso vale tanto para sociedades quanto para indivíduos, pois se a atividade do tradutor pode enriquecer seus meios expressivos, também pode embotar sua sensibilidade para a língua materna, paralisá-lo e privá-lo de sua voz própria; o processo de assimilação pode ter um efeito destrutivo sobre os receptores.

A *reciprocidade* ou *restituição* (STEINER, 1998, p. 316-319 e 415-417), por fim, visa corrigir o desequilíbrio produzido pelo dispêndio de energia da confiança inicial e pelo peso da carga de sentidos arrancada ao original; o equilíbrio apenas ocorre quando tudo o que foi tirado do texto original tiver sido recolocado no texto traduzido. Isso, no entanto, é mais um ideal do que uma realidade – o ideal de uma contraparte perfeita, de uma repetição, de um

duplo. Na maior parte das vezes, essa restituição não ocorre na devida medida. Num dos extremos, há o caso em que a tradução vai além do original, e isso em vários sentidos: o ato interpretatório encontra mais do que se pode discernir a olho nu, descobre que a correspondência entre forma e conteúdo é mais intrincada e profunda do que até então se percebeu; quando se julga que um texto é merecedor de tradução, sua estatura aumenta devido a essa importância que lhe é atribuída; a tradução de um texto – e mesmo suas imitações, variações e paródias – é como um eco do original que multiplica suas ressonâncias no espaço e no tempo; a tradução pode conferir valor a uma obra subestimada ou ignorada em seu idioma original. Já no outro extremo, há o caso em que a tradução fica aquém do original: omissões, cortes e nivelamentos perturbam a harmonia e o equilíbrio que deveriam existir entre a fonte e sua versão em outra língua. A tradução fracassa, pois não restabelece a paridade absoluta dos dois textos – eles não têm o mesmo peso, não há equilíbrio entre eles.

Como foi visto por ocasião da abordagem linguística de Koller, as condições para o estabelecimento desse equilíbrio (ou “equivalência”, na terminologia kolleriana) são múltiplas e nuançadas. Mesmo que se venha a reconhecer que Steiner tem razão ao afirmar que a maioria das traduções feitas desde Babel é inadequada (1998, p. 417), tal fato certamente não depende apenas da habilidade dos tradutores, mas também da própria constituição das línguas envolvidas no processo tradutório e da hierarquia de valores estabelecida pelo tradutor com base nessa constituição. Mostra-se assim o quanto poderia ser unilateral recorrer a uma única abordagem teórica para tratar de um fenômeno complexo como a tradução. Por mais adequada que seja a descrição do processo hermenêutico da tradução (apesar ou mesmo justamente devido ao seu caráter geral), o grau de detalhamento permitido por uma abordagem linguística transforma esta última numa espécie de complemento necessário da primeira.

No entanto, por mais esclarecedoras que sejam essas abordagens, por mais instrutivo que seja conhecer um pouco da história da tradução, no fundo é preciso reconhecer que cada tradutor está sozinho com seu texto e seus dicionários, cabendo-lhe encontrar por conta própria a solução para melhor verter cada frase, cada palavra, cada vírgula de seu autor. Esse “princípio da indefinição metodológica”, como também se poderia chamá-lo, é reconhecido tanto por Steiner (citando Wittgenstein¹¹) quanto por Koller (citando Wilss¹²), e é o autêntico resultado deste percurso:

¹¹ WITTGENSTEIN, Ludwig. Zettel. In: _____. **Schriften**. 2. Aufl. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1982, v. 5, p. 426.

¹² WILSS, Wolfram. **Kognition und Übersetzen**: zu Theorie und Praxis der menschlichen und der maschinellen Übersetzung. Tübingen, 1988, p. 92.

Traduzir de uma língua à outra é uma tarefa matemática, e a tradução de uma poesia lírica, por exemplo, a uma língua estrangeira é inteiramente análoga a um *problema* matemático. Pois decerto se pode colocar este problema: “Como traduzir”, isto é, substituir, “essa piada (por exemplo) por uma piada em outra língua?”; e o problema também pode ser resolvido; no entanto, não havia um método, um sistema para sua solução (WITTGENSTEIN *apud* STEINER, 1998, p. 290).

A tradução também tem muitas vezes um caráter labiríntico; achar a rota de navegação certa é difícil, pois na tradução não se trata de simples mudanças de lugar num meio físico, mas de complexos processos de consciência para os quais não há fios de Ariadne facilmente copiáveis (WILSS *apud* KOLLER, 2004, p. 39).

3.5 Diretrizes básicas desta tradução de *Dritte Walpurgisnacht*

3.5.1 Da estratégia tradutória

As seções precedentes deixaram claro que não acredito em extremismos metodológicos do tipo “ou isto ou aquilo”. Por mais atraente que possa ser a ideia de “levar o leitor ao texto”, não me parece factível utilizar um método rigorosamente estrangeirizante no caso do par de línguas alemão-português; a conservação da sintaxe alemã – para ficar no obstáculo mais evidente – produziria um texto de leitura desnecessariamente intrincada. Considerando as dificuldades inerentes do texto, que vão do princípio krausiano da “sobrecarga da palavra com pensamentos” à multiplicidade e gradativo apagamento das referências históricas, fatores que, ambos, tornam a leitura de *DW* difícil mesmo para leitores contemporâneos de língua alemã – considerando tais dificuldades, a conservação da sintaxe alemã é uma complicação adicional perfeitamente dispensável.

Por outro lado, um método que procurasse anular inteiramente as peculiaridades do texto de partida tampouco seria aplicável; é impossível – e nem parece desejável – eliminar totalmente tudo o que soe estrangeiro. É por isso que a ordem dos termos – recorrendo outra vez à sintaxe – poderá às vezes parecer um pouco forçada; é preciso ter em mente, no entanto, que essa pode ter sido muitas vezes a única saída para evitar, por exemplo, uma ambiguidade inexistente no texto de partida ou a repetição de um substantivo. Sendo assim, a estratégia tradutória que me parece mais adequado é antes uma mescla de estrangeirização e nacionalização, oscilando de acordo com cada caso particular.

Como as seções precedentes também deixam claro, minha tradução faz uso abundante de comentários sob a forma de notas explicativas, que não só procuram esclarecer, sempre que possível, referências históricas e literárias, mas também explicar procedimentos de

tradução, sobretudo no caso de jogos de palavras e expressões idiomáticas. O uso de notas parece independente da escolha entre os métodos estrangeirizante ou nacionalizante, mas certamente reforça no leitor a impressão de que está lendo só uma tradução e não um original, o que também permitiria dizer, para usar a terminologia de Levý, que, nesse aspecto, privilegiei o método anti-ilusionista em detrimento do ilusionista.

3.5.2 Das edições utilizadas

Dritte Walpurgisnacht teve duas edições. A primeira, organizada por Heinrich Fischer (München, Kösel Verlag), data de 1952, tendo sido o primeiro volume de uma coleção de catorze intitulada *Die Werke von Karl Kraus* (1952-1967). Esta primeira edição, com uma tiragem de 3300 exemplares, teve três reimpressões: em 1955 (2200 exemplares), em 1965 (3300 exemplares) e em 1967, como edição especial (volume 152 da coleção “Bücher der Neunzehn”, pela mesma editora muniquense), provida de um posfácio de Wilhelm Alff (16500 exemplares) (STREMMEL, 1982, p. 1).

Apesar do mérito indiscutível de promover um renascimento do interesse pela obra do satirista vienense, a edição de Fischer padece de vários problemas: não só fragmenta o texto contínuo de Kraus em 29 seções, mas, principalmente, mescla com ele trechos de um texto posterior, *Warum die Fackel nicht erscheint* (=WF), publicado como número 890-905 de *Die Fackel* em julho de 1934 e que incorporou trechos generosos, revisados, de DW. Este último texto também havia sido pensado como número de *Die Fackel*; porém, visto que Kraus desistiu de sua publicação, ele se limitou a incorporar em WF, sob a forma de citações, trechos consideráveis de DW. Fischer considerou que esses extratos de DW, muitas vezes não apenas revisados mas realmente adaptados ao novo contexto, eram como que amostras do que poderia ter sido a edição definitiva de DW. Assim, em vez de simplesmente publicar a edição abandonada por Kraus (cuja composição tipográfica já havia sido concluída e parcialmente revisada pelo autor), Fischer substituiu nela todos os trechos que foram incluídos em WF. O resultado foi uma espécie de edição mista, que apresentou um texto de 1933 mesclado com fragmentos de outro de 1934 sem indicar essas interferências editoriais.

Os problemas da edição de Fischer foram detalhada e pertinentemente apontados por Stremmel (1982), cujo trabalho foi um dos estímulos para a elaboração de uma nova edição, organizada por Christian Wagenknecht e publicada em 1989 pela editora Suhrkamp como volume 12 de uma coletânea de vinte volumes intitulada *Schriften*. Essa coletânea, por sua

vez, foi reeditada em 2007 em versão eletrônica pela Directmedia, de Berlim, como volume 156 da coleção “Digitale Bibliothek”.

A edição de Wagenknecht desfaz a mescla feita por Fischer e suprime as interrupções que este introduziu. Os trechos revisados e aproveitados por Kraus em *WF* foram no entanto conservados como variantes. Além dessas importantes diferenças em relação à primeira edição, a de Wagenknecht também inclui uma longa epígrafe formada exclusivamente por citações do *Fausto* e um índice onomástico.

3.5.3 Da apresentação do texto

Esta versão parcial em português de *Dritte Walpurgisnacht* apresenta não só a tradução com os comentários (à direita), mas também o texto de partida alemão (à esquerda, não incluído na paginação). Essa forma de apresentação em espelho atende a dois propósitos. Não só procura facilitar a tarefa dos avaliadores, mas também permitir a eventuais leitores interessados a comparação entre os dois textos; como leitor de traduções, sempre lamentei a escassez de edições bilíngues que me permitissem verificar facilmente determinada palavra ou expressão curiosa ou intrigante. Minha “edição bilíngue” de *DW* procura assim atender a essa expectativa um tanto utópica pela “edição ideal”, ou seja, aquela que apresenta não só a retextualização, mas também seu ponto de partida, o texto-fonte. Além disso, também considero que a apresentação conjunta do original, da tradução e do comentário pode ser considerada como uma ilustração da noção de duplo vínculo, da intenção de manter, ao mesmo tempo e na mesma intensidade, tanto a relação com o texto de partida quanto com o leitor. Ou ainda, para usar expressões de Steiner e de Goethe, mostrar a tradução como intenção de ser uma contraparte, um duplo, uma repetição do original.

Os números entre colchetes, no alto, à esquerda e em negrito, indicam as páginas da edição de Wagenknecht. As linhas do texto alemão e do texto português foram numeradas em intervalos de cinco. Poucos foram os casos em que não foi possível respeitar a correspondência das linhas. Os números em negrito na segunda coluna do texto português, o comentário, indicam a(s) linha(s) onde a palavra ou expressão comentada ocorre. Foram igualmente poucos os casos em que o comentário não coube na página correspondente. Nessas situações, o comentário prossegue na página seguinte. Além de esclarecer referências literárias e históricas e explicar dificuldades e escolhas tradutórias, o comentário aproveita para indicar mediante títulos os temas predominantes em cada parte do texto. Essa útil divisão

em partes foi aproveitada da edição de Fischer, que, no entanto, não lhes atribui títulos. Estes são, portanto, de minha inteira responsabilidade.

Em várias ocasiões, o texto, tanto original quanto traduzido, ocupa apenas a metade da página. A metade em branco corresponde aos trechos (revisados) de *DW* citados em *WF* e considerados por Wagenknecht como variantes. Deixei de fora essas variantes por não concordar com essa avaliação. É verdade que Kraus aproveitou trechos consideráveis de *DW* em *WF*, mas isso não justifica que possam ser considerados propriamente como variantes. Julgo que *DW* e *WF* sejam textos independentes, com suas lógicas próprias; as inserções de Wagenknecht apenas continuam (sob uma forma editorialmente mais responsável, é verdade) as mesclas de Fischer.

As principais fontes para a redação do comentário foram três: para as citações literárias e relações intertextuais, a já citada obra de Stremmel (1982); para as referências históricas e particularidades do nacional-socialismo, a *Enzyklopädie des Nationalsozialismus*, de Benz *et al.* (1999), e o *Vokabular des Nationalsozialismus*, de Schmitz-Berning (2007). As obras listadas no item 4 das referências bibliográficas (“Obras consultadas para a redação dos comentários”) foram usadas em sua maior parte apenas para corroborar as informações de Stremmel. O significado de termos pouco usuais foi reproduzido quase sempre, sem indicação de fonte, dos dicionários Aurélio, Houaiss e Duden.

A tradução dos trechos do *Fausto*, amplamente citado já na epígrafe e ao longo de todo o texto, também exige um esclarecimento. As traduções consultadas (a portuguesa de Agostinho d’Ornellas e a brasileira de Jenny Klabin Segall) nem sempre me pareceram adequadas, já que por motivos de rima e métrica precisaram sacrificar vez por outra o sentido literal, importante no contexto. Entre citar ora uma ora outra dessas versões, optei finalmente por fazer uma tradução própria, a mais literal possível, e, portanto, sem grandes méritos poéticos (o que também vale para a tradução de todos os outros poemas citados em *Dritte Walpurgisnacht*). Ou seja, mais uma vez privilegiei a equivalência denotativa em detrimento da estético-formal.

4 *Dritte Walpurgisnacht / Terceira Noite de Valpúrgis*

5 DRITE WLPURGISNACHT

Zum Schauderfeste dieser Nacht, wie öfter schon,
 10 Tret' ich einher....
 Wie oft schon wiederholt sich's!....
 Ich wittre Leben. Da geziemen will mir's nicht
 Lebendigem zu nahen, dem ich schädlich bin;
 Das bringt mir bösen Ruf und frommt mir nicht.
 15 Schon sinkt es nieder. Weich' ich aus mit Wohlbedacht.

20 Am besten geschäh' dir,
 du legtest dich nieder,
 Erholtest im Kühlen
 Ermüdete Glieder,
 Genössest der immer
 Dich meidenden Ruh.

25 Ich wache ja! O laßt sie walten
Die unvergleichlichen Gestalten,
Wie sie dorthin mein Auge schickt.
So wunderbar bin ich durchdrungen!
Sind's Träume? Sind's Erinnerungen?
Schon einmal warst du so beglückt.

Ein neuer Narr – Zu neuer Pein –
Wo kommt er her – Wie kam er ein –
Der alte fiel – Der hat vertan –
Es war ein Faß – Nun ist's ein Span.

Das ist ein Schalk – der's wohl versteht –
Er läßt sich ein – Solang' es geht –
Ich weiß schon – was dahinter steckt –
Und was denn weiter? – Ein Projekt.

Da droben rasselt's, klappert's schon,
Ein wunderbarer falscher Ton.

5 TERCEIRA NOITE DE VALPÚRGIS

10 A festa horrenda desta noite, como muitas vezes já,
 Eu adentro [...]
 Quantas vezes já se repete! [...]
 Farejo vida. Não acho que me convenha
 Aproximar-me de coisas vivas, às quais sou prejudicial;
 Isso me traz má fama e nenhum proveito.
 15 Eis que já baixa. Afasto-me com grande ponderação.

 O melhor para ti
 Seria que te deitasses,
 Descansando no frescor
 20 Os membros cansados,
 Gozando o descanso
 Que sempre te evita.

 Desperto estou! Oh, deixai-as agir,
 25 Essas figuras incomparáveis,
 Que meu olhar para lá envia.
 Estou impregnado tão admiravelmente!
 Serão sonhos? Serão lembranças?
 Já uma vez foste tão afortunado.

30 -----
 Um bobo novo – Para nova dor –
 De onde vem? – Como entrou? –
 Caiu o velho – Desperdiçou –
 Era um barril – Agora é um cavaco.

35 -----
 É um farsante – a coisa entende –
 Ele se imiscui – Enquanto pode –
 Já estou sabendo – o que há por detrás –
 E o que será? – Um projeto.

40 -----
 Lá em cima a coisa já matraqueia, já estala,
 Um prodigioso som desafinado.

9 4.1 SEÇÃO 1: Epígrafe (da página 9, linha 9, à página 12, linha 6).

9-10 Goethe, *Fausto II*, ato II, “Noite de Valpúrgis clássica”, v. 7005-7006 (Ericto).

11 *Ibid.*, v. 7012 (Ericto).

12-15 *Ibid.*, v. 7036-7039 (Ericto, afastando-se da aparição do Homúnculo, que chega pelos ares).

17-22 *Ibid.*, v. 7263-7268 (Ninfas a Fausto).

24-29 *Ibid.*, v. 7271-7276 (Fausto).

31-34 *Ibid.*, ato I, “Paço imperial – Sala do trono”, v. 4757-4760 (Murmúrios da multidão).

36-39 *Ibid.*, v. 4885-4888 (Murmúrios da multidão).

41-42 *Ibid.*, ato IV, “Nos contrafortes”, v. 10766-10767 (Fausto).

[10] Wie mich, den Schläfer, frisch ein Geist durchglühte,
So steh' ich, ein Antäus an Gemüte.
Und find' ich hier das Seltsamste beisammen,
Durchforsch' ich ernst dies Labyrinth der Flammen.

5 -----
Wo bin ich denn? Wo will's hinaus?
Das war ein Pfad, nun ist's ein Graus.

Das Element drang gräßlich auf mich los;
10 Es war ein Schein, allein der Schein war groß.

Nicht näher! Drohend-mächtige Runde,
Du richtest uns und Land und Meer zugrunde!

15 Wer schaut hinab von diesem hohen Raum
Ins weite Reich, ihm scheint's ein schwerer Traum,
Wo Mißgestalt in Mißgestalten schaltet,
Das Ungesetz gesetzlich überwaltet,
Und eine Welt des Irrtums sich entfaltet.

20 -----
Ein widrig Volk! Doch darf's mich nicht verdrießen,
Als neuer Gast anständig sie zu grüßen.

Allein, was ich bisher gesehn,
25 Hinein da möcht' ich mich nicht wagen.

Warum denn nicht! – Ich sehe was, und staune!
So stolz ich bin, muß ich mir selbst gestehn:
Dergleichen hab' ich nie gesehn,

30 Die sind ja schlimmer als Alraune!
Wird man die urverworfenen Sünden
Im mindesten noch häßlich finden,
Wenn man dies Dreigetüm erblickt?

Wir litten sie nicht auf den Schwellen
35 Der grauenvollsten unsrer Höllen
Die Parzen selbst, das Chaos, eure Schwestern,
Ich sah sie gestern – oder ehegestern;
Doch eures Gleichen hab' ich nie erblickt,
Ich schweige nun und fühle mich entzückt.

[10] Assim como, ao dormir, um espírito vivamente me incandesceu,
 Assim cá estou, um ânimo de Anteu.
 E se aqui encontro reunidas as coisas mais estranhas,
 Investigarei, a sério, esse labirinto de chamas.

5 -----
 Onde estou, afinal? Onde isso vai dar?
 Era uma trilha, agora é um pavor.

10 O elemento se abateu, medonho, sobre mim;
 Era uma ilusão, só que a ilusão era grande.

Não mais te aproximes! Ameaçador e imponente disco,
 Aniquilas a nós e a terra e o mar!

15 Quem olha abaixo deste lugar alto
 Para o vasto império, parece-lhe um sonho grave,
 Em que monstros monstros geram,
 O ilegal legalmente impera
 E um mundo de erro prolifera.

20 -----
 Um povo repulsivo! Mas não posso me aborrecer,
 E, como hóspede novo, vou saudá-los gentilmente.

Só não me atreveria a me misturar
 25 Às coisas que até agora vi.

E por que não! – Vejo algo, e me espanto!
 Por mais orgulhoso que eu seja, tenho de confessar a mim mesmo:
 Coisa assim eu nunca vi;

30 São piores que a mandrágora!
 Achará alguém ainda minimamente
 Torpes os arquibjetos pecados
 Depois de avistar esse trimonstro?
 Não as toleraríamos nem sequer nos umbrais

35 Do mais horrendo de nossos infernos [...]
 O Caos, as próprias Parcas, vossas irmãs,
 Vi-os ontem – ou anteontem;
 Mas nunca vi algo como vós,
 Calo-me agora me sentindo arrebatado.

1-4 Goethe, *Fausto II*, ato II, “Noite de Valpúrgis clássica”, v. 7076-7079 (Fausto).

6-7 *Ibid.*, v. 7801-7802 (Mefistófeles).

9-10 *Ibid.*, ato IV, “Nos contrafortes”, v. 10419-10420 (Imperador).

12-13 *Ibid.*, ato II, “Noite de Valpúrgis clássica”, v. 7918-7919 (Anaxágoras).

15-19 *Ibid.*, ato I, “Paço imperial – Sala do trono”, v. 4782-4786 (Chanceler).

21-22 *Ibid.*, ato II, “Noite de Valpúrgis clássica”, v. 7090-7091 (Mefistófeles).

24-25 *Ibid.*, v. 7833-7834 (Homúnculo).

27-35 *Ibid.*, v. 7969-7977 (Mefistófeles acerca das Forquíades).

36-39 *Ibid.*, v. 7990-7993 (Mefistófeles a uma Forquíade).

[11] Wie wunderbar! das Anschauen tut mir Gnüge,
Im Widerwärtigen große tüchtige Züge.

Die Majestät verzeihe, wenn ins Kleine
5 Das hohe Werk ich zu erniedern scheine.

Und sagt! Wie konnte das geschehn?

Erst gewahrten wir vergnüglich
10 Wilden Wesens irren Lauf;
Unerwartet, unverzüglich
Trat ein neuer Kaiser auf.
Und auf vorgeschriebenen Bahnen
Zieht die Menge durch die Flur;
15 Den entrollten Lügenfahnen
Folgen alle. – Schafsnatur!

Haben wirklich Platz genommen,
Wissen nicht, wie es geschah.
20 Fraget nicht, woher wir kommen,
Denn wir sind nun einmal da.

Sind Briten hier? Sie reisen sonst so viel,
Schlachtfeldern nachzuspüren, Wasserfällen,
25 Gestürzten Mauern, klassisch dumpfen Stellen,
Das wäre hier für sie ein würdig Ziel.

Ich griff nach holden Maskenzügen
Und faßte Wesen, daß mich's schauerte.
30 Ich möchte gerne mich betrügen,
Wenn es nur länger dauerte.

Daneben, das Gebild des Wahns,
Verschwindet schon beim Krähn des Hahns.
35 Dergleichen Märchen seh' ich oft entstehn
Und plötzlich wieder untergehn.

Ganz recht! Sie sind nicht mehr zu zügeln....

[11] Que espantoso! Ver isso me traz satisfação,
Haver no repulsivo grandes e vigorosos traços.

Perdoe a majestade se em meu apreço
5 A elevada obra rebaixar pareço.

Mas digei! Como pôde isso acontecer?

De início vimos com gosto
10 Do selvagem ser a doida correria;
Inesperado, sem demora
Um novo imperador surgia.
E por caminhos já traçados
Arrasta a multidão pela campina;
15 Todos seguem os estandartes desfraldados
da mentira. – Natureza ovina!

Tomamos de fato lugar,
Não sabemos como aconteceu.
20 Não pergunteis donde viemos
Pois simplesmente cá estamos.

Há bretões aqui? Viajam em regra tanto,
Campos de batalha, quedas d'água a investigar,
25 Muros caídos, clássicos e sombrios recantos,
Meta digna deles seria este lugar.

Quis pegar graciosos cortejos mascarados
E toquei criaturas horripilantes.
30 Gostaria muito de me iludir,
Bastaria que isso mais durasse.

Mas o produto da loucura
Some já ao cantar do galo.
35 Tais fábulas vejo surgir muitas vezes
E subitamente sucumbir.

Muito justo! Não mais se pode refreá-los [...]

1-2 Goethe, *Fausto II*, ato II, “Noite de Valpúrgis clássica”, v. 7181-7182 (Fausto acerca de várias figuras mitológicas: esfinges, sereias, grifos...).

4-5 *Ibid.*, ato I, “Parque de recreio”, v. 6109-6110 (Mefistófeles).

7 *Ibid.*, ato II, “Noite de Valpúrgis clássica”, v. 7996 (Mefistófeles).

9-16 *Ibid.*, ato IV, “Nos contrafortes”, v. 10399-10406 (Segundo emissário).

18-21 *Ibid.*, ato II, “Noite de Valpúrgis clássica”, v. 7606-7609 (Pigmeus).

23-26 *Ibid.*, v. 7118-7121 (Mefistófeles).

28-31 *Ibid.*, v. 7797-7800 (Mefistófeles).

33-36 *Ibid.*, v. 7817-7820 (Oreas).

38 *Ibid.*, ato II, “Nos contrafortes”, v. 10768 (Mefistófeles).

[12] Angestrengtest, nimmer müde,
Kolossal-Karyatide,
Trägt ein furchtbar Steingerüste,
Noch im Boden bis zur Büste;
5 Weiter aber soll's nicht kommen,
Sphinxen haben Platz genommen.

Mir fällt zu Hitler nichts ein. Ich bin mir bewußt, daß ich
10 mit diesem Resultat längeren Nachdenkens und vielfacher Ver-
suche, das Ereignis und die bewegende Kraft zu erfassen,
beträchtlich hinter den Erwartungen zurückbleibe. Denn sie
waren vielleicht höher gespannt als jemals gegenüber dem Zeit-
polemiker, von dem ein populäres Mißverständnis die Leistung
15 verlangt, die als Stellungnahme bezeichnet wird, und der ja, so-
oft ein Übel nur einigermaßen seiner Anregbarkeit entgegen-
kam, auch das getan hat, was man die Stirn bieten nennt. Aber
es gibt Übel, vor denen sie nicht bloß aufhört eine Metapher
zu sein, sondern das Gehirn hinter ihr, das doch an solchen
20 Handlungen seinen Anteil hat, sich keines Gedankens mehr fä-
hig dünkt. Ich fühle mich wie vor den Kopf geschlagen, und
wenn ich, bevor ich es wäre, mich gleichwohl nicht begnügen

[12] Esforçadíssimo, nunca cansado,
Cariátide colossal,
Uma formidável estrutura de pedra ele sustenta
Ainda enterrado no solo até o busto;
5 Mas adiante isso não deve ir,
Esfinges tomaram lugar aqui.

1-6 Goethe, *Fausto II*, ato II, “Noite de Valpúrgis clássica”, v. 7544-7549 (As esfinges acerca de Sismo).

9 4.2 SEÇÃO 2: A perplexidade do satirista (da página 12, linha 9, à página 34, linha 16).

Nada me ocorre sobre Hitler. Tenho consciência de que com
10 esse resultado de uma longa reflexão e de múltiplas tentativas de
compreender o acontecimento e a força motriz fico considera-
velmente atrás das expectativas. Pois talvez elas tenham sido
maiores do que nunca em relação ao polemista contemporâneo,
de quem um mal-entendido popular exige o feito que é chamado
15 de tomada de posição, e que, sempre que um mal veio apenas em
certa medida ao encontro de sua incitabilidade, também praticou
aquilo que se chama de fazer testa. Porém, há males diante dos
quais ela não apenas deixa de ser uma metáfora, mas que levam
o cérebro por trás dela, que afinal tem lá sua parte em tais
20 ações, a pensar que não seria mais capaz de pensamento algum.
Sinto como se tivesse levado uma pancada na cabeça, e se, antes
que a leve de fato, não gostaria, contudo, de me contentar

[13] möchte, so sprachlos zu scheinen, wie ich bin, so gehorche ich dem Zwang, auch über ein Versagen Rechenschaft zu geben, Aufschluß über die Lage, in die mich ein so vollkommener Umsturz im deutschen Sprachbereich versetzt hat, über das
5 persönliche Erschlaffen bei Erweckung einer Nation und Auf-
richtung einer Diktatur, die heute alles beherrscht außer der Sprache. Daß der Versuch zu einer geistesgemäßen Verarbeitung der Eindrücke, die das Schauspiel unerschöpflich und erschöpfend bietet, daß diese starke und niederwerfende Proble-
10 matik auch dem Selbsterhaltungstrieb Raum gewähren könnte, mag durch das Bekenntnis vor unerschrockenen Lesern wettge-
macht sein; umsomehr, als er doch offenbar auch einer Erhal-
tung geistiger Möglichkeiten diene, die vielleicht noch wichti-
ger wäre, als die unmittelbare Äußerung zum Geschehnis.
15 Denn was bedeutet dieses sonst als eben die Gefahr, alles menschliche Denken dem Menetekel unterworfen zu sehen, dessen Gegenwart ihm kein Horizont, kein Abtritt mehr er-

[13] em parecer tão sem fala quanto estou, obedeço à obrigação de prestar contas também sobre um fracasso, de dar explicações sobre a situação em que uma reviravolta tão completa no âmbito da língua alemã me lançou, sobre o abatimento pessoal diante
5 do despertar de uma nação e da instauração de uma ditadura que hoje tudo domina exceto a língua. Que a tentativa de elaborar nos termos do intelecto as impressões que o espetáculo oferece de maneira inesgotável e esgotante, que essa problemática forte e subjugadora também possa dar lugar ao
10 impulso de autoconservação, poderá ser compensado pela confissão diante de leitores destemidos; tanto mais que ele também parece servir a uma conservação das possibilidades do intelecto, conservação que talvez seja ainda mais importante que a manifestação imediata acerca do acontecido. Pois
15 o que significa este senão precisamente o perigo de ver todo pensamento humano submetido ao *mene tequel* cuja presença não lhe poupa mais nenhum horizonte, nenhuma

5 Despertar de uma nação: referência à expressão “Desperta Alemanha!”, último verso do poema “Feuerjo!” (“Fogo!”), do escritor antisemita Dietrich Eckart (1868-1923), mentor e apoiador de Hitler e primeiro editor do órgão nazista *Völkischer Beobachter* (*Observador popular*). A expressão tornou-se slogan da SA (= *Sturmabteilung*, ou “unidade de assalto”), divisão armada e uniformizada do partido nazista.

16 *Mene tequel*: referência à expressão aramaica *mēnē mēne tēqel ūfarsîn* (“contado, pesado e dividido”), escrita por uma mão na parede durante um banquete de Belsazar, rei da Babilônia, e interpretada pelo profeta Daniel como uma advertência sobre o futuro do reino. Em alemão, *Menetekel*, termo muitas vezes traduzido por “ameaça fatídica”, “advertência”.

[14] spart; als die immer wache Vorstellung einer brevis manus, die auch ausführt, was sie kündigt. Das Wort, das ihr stehen wollte, entsteht zwischen der Notwendigkeit und der Vergeblichkeit; schwerer belastet ist es und leichter ausgesetzt als der tägliche

5 Angriff der unverantwortlichen Redakteure, überholt und behindert von den Effekten der beweglichen Kampfnatur; verstrickt in das feindliche Zusammenwirken der Zufallsmächte, in diese Untrennbarkeit des Wirklichen und des Wörtlichen. Denn darin, was die Diurnisten der Geschichte bringen, ist bloß

10 das Grauen enthalten: der Botschaft und des Boten, der sie verantworten soll; sie melden, und wecken das Verlangen nach Sühnung der Tat im Wort. Nun erst werde Unsägliches gesagt; und das gelänge nur bis zu dem Versuch, die Untauglichkeit des geistigen Mittels zu erweisen. Deshalb sollten die, die eine

15 »Stimme« urgieren, sich bewußt sein, daß sie als Schrei noch aus erstickendem Chaos bestimmt ist, Sprache zu sein; und daß ein Gestaltungswille, der von Natur dazu neigt, vom Stoff be-

[14] saída; senão a ideia sempre desperta de uma *brevis manus* que também executa o que anuncia. A palavra que quisesse lhe resistir surge entre a necessidade e a inutilidade; ela está mais pesadamente carregada e mais facilmente exposta que o ataque
5 diário dos redatores irresponsáveis, ultrapassada e impedida pelos efeitos da ágil natureza combativa; enredada na hostil ação conjunta das forças do acaso, nessa inseparabilidade do real e do verbal. Pois nisso que os jornalistas da história oferecem está contido apenas o horror: da mensagem e do mensageiro que
10 deve responder por ela; eles informam, e despertam o desejo de expiação do ato na palavra. Só agora se diriam coisas indizíveis; e isso só seria bem-sucedido até chegar à tentativa de demonstrar a insuficiência dos meios do intelecto. Por isso, aqueles que reivindicam uma “voz” deveriam estar
15 cômicos de que sob a forma de grito dado em meio ao caos asfixiante ela ainda está destinada a ser linguagem; e que uma vontade configuradora, que tende por natureza a ser dominada

1 *Brevis manus*: mão rápida. Variação da expressão latina *brevi manu*, “prontamente”, “sumariamente”.

[15] wältigt zu werden, nicht Stellung nimmt, sondern Stand sucht
im tausendfachen Ansturm eines Übels, das mit ihm leichter
fertig würde als er mit ihm. Ist denn, was hier dem Geist ge-
schah, noch Sache des Geistes? Liegt nicht das Ereignishafte,
5 das Erstmalige, in der Stellung, die das Ereignis zum Geist
nimmt: anfechtend, wo es unanfechtbar bleibt? Ist nicht, was
ihn entwaffnet, mehr das Wesen als die Gefahr? Und gibt es ein
Mutproblem vor dem Exzeß der geodynamischen Natur, ge-
währt er nebst dem Gedanken an das Unglück der Irdischen
10 einen andern als den: Denken in Sicherheit zu bringen? Wenn
es das Element nun insbesondere auf die Offenbarung un-
freundlichen Denkens abgesehen hätte, ja auf den Anschein des
Denkens überhaupt, so wäre der nicht feigherzig, der sich der
Mahnung fügte, nicht in den Krater zu spucken, um sich an-
15 dere Pläne vorzubehalten. Selbst der Dichter der Nation, deren
Erweckung solche Vorsicht eingibt, er wäre es nicht mehr,
wenn er heute die Anspielung wagte, daß des Tigers Zahn ein

[15] pelo seu tema, não toma posição, mas busca apoio em meio às mil investidas de um mal que mais facilmente daria conta dela que ela dele. O que aconteceu aqui ao intelecto ainda é assunto do intelecto? Não está o caráter de acontecimento, o
5 ineditismo, na posição que o acontecimento toma em relação ao intelecto: atacando onde permanece inatacável? O que desarma o espírito não é mais a essência que o perigo? E haverá um problema de coragem diante do excesso da natureza geodinâmica, permite ele, ao lado do pensamento na
10 desgraça das criaturas terrenas, outro que não este: pôr o pensamento a salvo? Se o elemento tivesse em mira especialmente a manifestação do pensamento inamistoso, e até mesmo a aparência do pensamento em geral, não seria covarde aquele que se conformasse à advertência de não cuspir na
15 cratera a fim de se reservar outros planos. Mesmo o poeta da nação cujo despertar inspira tal cautela, deixaria de sê-lo se hoje ousasse a alusão de que o dente do tigre é uma

14-15 Cuspir na cratera: algo que em nada ajudaria a evitar a erupção. Outra alusão vulcanológica aparece em *Warum die Fackel nicht erscheint*, em que o autor afirma que o nacional-socialismo “é um vulcão e não uma burocratera” (“*ein Vulkan ist und kein Bürokrater*”) (KRAUS, 1993, p. 304).

[16] Kinderspiel sei gegen den schrecklichsten der Schrecken, den Menschen, der seine Landsmannschaft erlebt, den Heimatschein als Diplom erkennt und keinen Paß mehr hat, aber das besondere Merkmal: ein Deutscher zu sein. Da gibt es so viel
5 zu staunen, daß man nicht leicht Worte findet. Um zu sagen, was geschah, kann es die Sprache nur stammelnd nachsprechen. Denn es ist ein Moment im Völkerleben, der insofern der Größe nicht entbehrt, als bei elektrischem Licht, ja mit allen Behelfen der Radiotechnik an den Urzustand angeknüpft wird
10 und ein Umschwung in allen Lebensverhältnissen, nicht selten durch den Tod eintritt. Der Mensch holt vom Himmel seine Rechte, und davor sei Gott behütet; Blut beweist sich durch Blut; knechtischer Befehl bricht in Leben, Freiheit und Besitz, denn ihm sind Gesinnung und Geburt verantwortlich; über
15 Nacht geschah es; und jede weitere Nacht lebst du in Erwartung; »nach überstandener Gewalt versöhnt ein schöner Aufenthalt«. Viele Berufene kamen über wenige Auserwählte, und

[16] brincadeira de criança comparado ao mais horrendo dos horrores, o homem que experimenta sua concidadania, reconhece o certificado de nacionalidade como diploma e não tem mais passaporte, mas esta característica especial: ser um alemão. Aí há tanto com que se
5 espantar que não é fácil encontrar palavras. Para dizer o que aconteceu, a linguagem só pode repeti-lo balbuciando. Pois se trata de um momento na vida dos povos que não carece de grandeza na medida em que, apesar da luz elétrica e inclusive de todos os recursos da radiotécnica, se dá continuidade ao estado primitivo e surge
10 uma reviravolta em todas as condições de vida, não raro pela morte. O homem busca seus direitos do céu, e que Deus se guarde disso; o sangue se prova pelo sangue; ordens servis irrompem na vida, na liberdade e na propriedade, pois é a tais ordens que a maneira de pensar e o nascimento prestam contas; isso aconteceu
15 da noite para o dia; e todas as noites seguintes vives na expectativa; “depois da violência superada, reconcilia uma bela morada”. Muitos chamados passaram à frente de poucos escolhidos, e

1 O mais horrendo dos horrores: referência aos seguintes versos do poema “Das Lied von der Glocke” (“A canção do sino”), de Friedrich Schiller: “*Gefährlich ists, den Leu zu wecken, / Verderblich ist des Tigers Zahn, / Jedoch der schrecklichste der Schrecken, / Das ist der Mensch in seinem Wahn*” (“Perigoso é despertar o leão, / Funesto é o dente do tigre, / Mas o mais horrendo dos horrores / É o homem em sua loucura”).

16 Goethe, *Fausto II*, ato V, “Palácio”, v. 11280-11281 (Mefistófeles acerca do lugar que seria destinado a Filemon e Baucis caso aceitassem abrir mão de sua pequena propriedade).

17 Alusão a um trecho bíblico: “Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos” (Mateus 22, 14).

[17] sind nicht alle befriedigt; doch Ideale nahmen sie dazu, ihr Handwerk zu veredeln; vom Grunde kam es, zu Grunde geht es, von einem mystischen Punkt ist der soziale Ausgleich regiert. Ordnung beginnt zu herrschen; hält man sich die Ohren zu, hört man kein Stöhnen mehr. Es vollzog sich eine Reinigung der Säfte, ein Wandel, der die Handelsinteressen zwar berührt, aber nicht berücksichtigt, unbeschadet eines Aufsehens der Umwelt, worin sich Neid nicht ohne Schadenfreude kundgibt. Diese grundstürzende Veränderung, von der auch der Außenstehende noch benommen ist, da sie doch von gestern auf heute die brauchbarsten Knechte zivilisatorischen Betriebs in Feueranbeter und Bekenner eines Blutmythos verwandelt hat, daß sie schier nicht wiederzuerkennen sind; diese Umwälzung, von Ideen bewirkt, so einfach wie das Ei des Kolumbus, bevor er Amerika entdeckt hat – wird sie gar von einem Verbrauch an Symbolen, Fahnen und Feuerwerkskörpern gefördert, wie ihn die Entwicklung noch nicht gekannt und nicht geahnt hat, fer-

[17] nem todos estão satisfeitos; contudo, tomaram ideais para enobrecer seu ofício; isso veio do fundo e para o fundo vai; o equilíbrio social é regido a partir de um ponto místico. A ordem começa a dominar; se fecharmos os ouvidos, não escutamos
5 mais gemido algum. Ocorreu uma purificação dos humores, uma mudança que, é verdade, toca os interesses comerciais, mas não os leva em conta, apesar de um escândalo do mundo circundante, no que a inveja não se manifesta sem a satisfação pela desgraça alheia. Essa mudança radical, que ainda atordoa
10 mesmo quem está de fora, visto que de um dia para o outro transformou os servos mais úteis do empreendimento civilizatório em adoradores do fogo e partidários de um mito do sangue a ponto de quase não ser possível reconhecê-los; essa reviravolta, causada por ideias tão simples quanto o ovo de
15 Colombo antes que ele descobrisse a América, é fomentada por um consumo de símbolos, bandeiras e fogos de artifício como a evolução ainda não o conheceu nem suspeitou; além

[18] ner von einer Hypertrophie der geredeten und gedruckten Klischees, der der Äther und die Papierfabriken bis an die Grenze der Leistungsfähigkeit genügen: so geht sie wie eine epidemische Gehirnerschütterung einher, der nichts, was noch Odem
5 hat, widerstehen könnte und vor der sich der Abgewandte taktlos vorkommt wie nur einer, der beim Begräbnis der Menschheit den Hut nicht abnimmt.

Da es sich jedoch um ihre Auferstehung handelt, so bleibt vollends nichts übrig, als Gefühlen gerecht zu werden, die alle
10 messianische Inbrunst symbolgläubiger Vorzeit hinter sich lassen. Hat man doch gesehen, wie in Versammlungen, coram, Frauen sich die Kleider vom Leib reißen, und da bliebe unser-eins unbewegt? Hat man doch gehört, daß »das ganze große Volk, das erste Volk des Erdballs« einen Geburtstag, der als der
15 44. noch keinen besondern Einschnitt bedeutet, als den Tag, »da der Herrgott ihm seinen Retter aus tiefster Not schenkte«, auf die folgende Art begangen hat:

... Auf den Tennen der Getreideböden im rauhen Ostpreußen, von
20 dem kaum der Schnee noch gewichen ist, so gut wie auf den Einödhöfen der Karawankentäler trafen sich die Bauern, und im Gedenken an Adolf Hitler lösten sich die harten Falten der klobrigen Bauerngesichter und aus heißem Herzen sandten sie ein Gebet zum Herrn empor, er möge ihnen den Führer noch lange erhalten. Auf den sturmum-

[18] disso, por uma hipertrofia de clichês falados e impressos que saturam o éter e as fábricas de papel até o limite de suas capacidades: e assim ela anda por aí como uma concussão cerebral epidêmica à qual nada que ainda tenha um sopro de vida poderia resistir, e diante da qual aquele que se encontra à parte se sente desprovido de tato como alguém que não tira o chapéu durante o enterro da humanidade.

Mas como se trata de sua ressurreição, não resta absolutamente nada senão fazer justiça a sentimentos que deixam para trás todo o fervor messiânico de uma época pré-histórica crente em símbolos. Viu-se como em comícios, *coram*, mulheres arrancam as roupas do corpo; e nós deveríamos ficar impassíveis? Ouviu-se que “todo o grande povo, o primeiro povo do globo”, celebrou da seguinte maneira um aniversário, que, sendo o 44.º, ainda não significa um momento especialmente marcante, como o dia em que “Nosso Senhor lhe concedeu um salvador para tirá-lo da mais profunda miséria”:

[...] Nas eiras dos campos lavrados da rude Prússia Oriental, nas quais a neve mal derreteu, bem como nas fazendas isoladas dos vales de Karawanken, os camponeses se reuniram e em honra de Adolf Hitler se desfilaram as duras rugas dos glosseiros rostos de camponês, e de seus corações arrebatados eles elevaram ao Senhor uma prece pedindo-Lhe que Hitler ainda seja seu Führer por muito tempo. Nas ilhas Hallingen do

11 *Coram*: redução de *coram publico*, “diante de todos”, “em público”.

14 Aniversário: Hitler nasceu em 20 de abril de 1889.

17 A propósito dos paralelos entre nazismo e religião, ver também os *Diários* de Victor Klemperer, que em 10/03/1933, por exemplo, registrou o seguinte: “No sábado, dia 4, ouvi um trecho do discurso de Hitler transmitido de Königsberg. Uma fachada de hotel nas proximidades da estação ferroviária, iluminada, procissão com tochas defronte, pessoas nas varandas portando tochas e bandeiras com a suástica, alto-falantes. Eu entendia apenas palavras isoladas. Mas o tom! Os urros enfáticos, realmente urros, de um sacerdote” (KLEMPERER, 1999, p. 8). Já no dia 19/09, Klemperer anotou: “História contemporânea em filme! Desta vez, o Dia do Partido Nacional-Socialista em Nürnberg. Que direção de massas e que histeria! Mediante contato com a ‘bandeira de sangue’ de 1923, Hitler consagra novos estandartes. A cada contato dos tecidos das bandeiras, um tiro. (Eva diz: ‘Histeria católica’)” (*ibid.*, p. 54).

22 *Glosseiros*: sempre atento a todos os deslizos da linguagem, Kraus assinala um erro tipográfico do texto citado. O correto, em alemão, seria *klobigen*.

[19] dräuten Halligen der Nordsee saßen die friesischen Fischer beisammen und legten die salzgebeizten Arbeitshände ineinander, um ihrem Gott zu danken, der dem Reich in seiner Not einen Herzog sandte.

5 Da ähnliche Wahrnehmungen auch in den Alpen und der niedersächsischen Ebene, in den gleichförmigen grauen, rußbedeckten Bergmannshäusern der westfälischen Kumpels wie auf dem Erzberg gemacht wurden, wenngleich von Wien aus, so lasset uns nüchtern werden, denn es liegt der Verdacht nahe,
10 daß das journalistische Übel mit der rassenmäßigen Ausscheidung seiner angestammten Vertreter noch nicht gänzlich beseitigt ist. Wohl dem, der so für Wahrnehmung und Ausdruck Glut gesammelt hat, und wo uns Zweifelsucht erschüttert, die tiefreligiöse Zuversicht in das Kredo kleidet:

15 ... Die gottgewollte Erneuerung der deutschen Natur, des deutschen Geistes und Blutes hätte den Nationalsozialismus und seinen Führer, diese herrlichste Erscheinung aller Zeiten, nicht geschaffen und im Reiche nicht siegen lassen, wenn es nicht auch ihr Wunsch und
20 Wille wäre, daß dieses naturgewaltige Werkzeug des Himmels in weiterer Folge auch die ganze Welt von Parasiten befreie, die seit mehr als zweitausend Jahren die Ursache fast aller Qualen und Katastrophen waren, die die Völker der Erde entzweiten, zermürbten und versklavten.

25 Freilich, so bedeutend die Perspektive, so klar erscheint im Rückblick doch nur das granum salis enthalten, daß die Entzweiung, Zermürbung und Versklavung der Erde jenen Parasiten erst seit der Erfindung der Druckerschwärze gelungen ist, vermöge eines Berufs, von dem sich auch Angehörige der Wirtsvölker, zwar mit geringerer Fertigkeit, jedoch ausreichend nähren. Es bleibt durchaus dahingestellt, ob die Welt an einem Wesen, dessen Presse bloß gleichgeschaltet, aber nicht beseitigt wurde und dessen Heilkraft überhaupt bestritten ist, in absehbarer Zeit genesen wird; ob sich nicht vielmehr jetzt schon dank
30 der journalistischen Propagierung von Gedanken, die auf die Zeit vor Erfindung der Druckerschwärze zurückgehen, eine gewisse Zermürbung, Versklavung, vielleicht auch Entzweiung

[19] Mar do Norte, ameaçadas pelas tempestades, os pescadores frísios se sentaram lado a lado e juntaram as mãos laboriosas carcomidas pelo sal para agradecer a seu Deus, que enviou um duque ao Reich em sua miséria.

5 Visto que observações semelhantes também foram feitas nos Alpes e na planície da Baixa Saxônia, tanto nas casas idênticas, cinzentas e cobertas de fuligem dos mineiros vestefalianos como no Erzberg, ainda que a partir de Viena, permitam que voltemos a ficar sóbrios, pois é natural suspeitar que o mal jornalístico ainda
10 não tenha sido completamente eliminado com a segregação racial de seus representantes hereditários. Feliz aquele que assim acumulou ardor pela percepção e pela expressão, e que, quando o ceticismo nos abala, exprime a confiança profundamente religiosa por meio deste credo:

15

[...] A renovação da natureza alemã, do espírito e do sangue alemães, renovação que obedece à vontade divina, não teria criado o nacional-socialismo e seu Führer, o mais magnífico fenômeno de todos os tempos, nem permitido suas vitórias no Reich, se também não fossem seu desejo e sua
20 vontade que esse poderoso instrumento natural do céu daqui por diante também não livre o mundo inteiro de parasitas que há mais de dois mil anos foram a causa de quase todos os tormentos e catástrofes que desuniram, esgotaram e escravizaram os povos da Terra.

25 No entanto, por mais ampla que seja a perspectiva, em retrospecto ela parece conter claramente apenas o *granum salis* de que a desunião, o esgotamento e a escravização da Terra foram conseguidos por aqueles parasitas apenas depois da invenção da tinta de impressão, graças a um ofício do qual também membros
30 dos povos anfitriões, é verdade que com menor destreza, não obstante se alimentam a fartar. Deixemos completamente de lado a questão de saber se um ser cuja imprensa apenas foi sincronizada, mas não eliminada, e cuja força curativa é inteiramente questionável, curará o mundo num futuro próximo; se, antes, não se
35 percebem já agora, graças à propagação jornalística de pensamentos que remontam a épocas anteriores à invenção da tinta de impressão, um certo esgotamento, uma certa escravização e talvez também

26 *Granum salis*: grão de sal. Da expressão *cum grano salis*, que tem o sentido de “com alguma ressalva”, “com certa reserva”.

32 Sincronizada: o termo “sincronização” (*Gleichschaltung*), oriundo do campo da eletrotécnica, entrou no vocabulário político alemão em 1933 por meio da “Lei de sincronização das províncias com o Reich” e da “Lei de sincronização das províncias”. Seu propósito último era colocar todas as instâncias do governo sob o controle nazista. Segundo Victor Klemperer (2009, p. 245), o termo *sincronização* “representa terrivelmente a mentalidade básica do nazismo”; “pode-se ver e ouvir o clique do botão que faz pessoas – não instituições nem administrações despersonalizadas – adotarem posições e movimentos uniformes e automáticos”.

32-34 Um ser [...] curará o mundo: alusão a dois versos de um poema nacionalista de Franz Emanuel August von Geibel (1815-1884), “Deutschlands Beruf” (“A missão da Alemanha”, 1861): “*Und es mag am deutschen Wesen / Einmal noch die Welt genesen*” (“E possa o ser alemão / Curar o mundo um dia”).

[20] bemerkbar macht. Wie dem immer sei, vorläufig weckt das Naturereignis, sowohl durch seine Intensität wie insbesondere durch seine Organisation, nebst ehrfürchtigem Staunen jenes Bedenken, das der irdische Selbsterhaltungstrieb allem Gottgewollten entgegenstellt; und legt die Frage nahe, ob der Versuch nicht toller als kühn sei, das Phänomen ins Auge zu fassen, daß das Unmögliche wirklich wurde und wirkender als jemals ein politisches Absurdum. Ob solches Wagnis nicht bloß dann gerechtfertigt und geboten wäre, wenn es die Wirklichkeit zu hemmen vermöchte, anstatt die Ohnmacht geistigen Einspruchs vor dem entfesselten und gereizten Element zu erfahren; und ob nicht Schweigen der Erwartung ziemte, daß die Richterin Natur den Aufstand wider sie rächen wird. Stellung nehmen? Entfernung!

15

Flüchten wir! Kommt alle, kommt!

Niemand, dem das Wunder frommt.

[20] uma certa desunião. Seja lá como for, por enquanto o fenômeno natural, tanto por sua intensidade quanto em especial por sua organização, desperta, ao lado de um assombro respeitoso, aquela restrição que o impulso terreno de autoconservação contrapõe a toda vontade divina; e sugere a questão de saber se não seria mais louca do que ousada a tentativa de encarar o fenômeno de que o impossível se tornou real e mais atuante do que jamais o foi um absurdo político. E se tal ousadia não seria apenas justificada e imperiosa se fosse capaz de inibir a realidade em vez de experimentar a impotência dos protestos do espírito frente ao elemento desencadeado e irritado; e se silenciar não seria condizente com a expectativa de que a juíza natureza vingará a rebelião contra ela. Tomar posição? Distância!

15

Vinde todos, vinde! Fugamos!

Nada com este portento ganhamos.

16-17 Goethe, *Fausto II*, ato II, “Noite de Valpúrgis clássica”, v. 7507-7508 (Sereias).

[21] Gleichwohl hätte keine Räson einer Zurückhaltung, die dem Zwang entgegenkommt, die Macht, noch ihr eigenstes Bekenntnis zu versagen. Gleichwohl wäre der Wille, sich einem Übel zu stellen, dessen Wesen Verhinderung ist, nicht aufhaltbar, wenn dieses Wesen nicht, als eine dem Denken unnahbare Gewalt, auch die innere Verhinderung mit sich brächte, eine gedankliche Lähmung, die sich atmosphärisch auf den Fernstehenden überträgt, nichts gewährend als eben noch ein Bewußtsein des Inkommensurablen, das jede Regung geistigen Widerstands, jeden Versuch, sich zusammenzuraffen, matt setzt. Das ist in Wahrheit des Gedankens Blässe, der angeborenen Farbe der Entschließung angekränkelt, und darüber hilft nicht einmal der Zuspruch von Lesern hinweg, deren freundlicher Wunsch nach einem Lebenszeichen nicht zu Ende gedacht scheint, und denen es keineswegs zu verargen wäre, wenn sie das Heft, das sie begehren, nicht zu ergreifen wagten. Und manche unter ihnen sind doch solche Losgeher, daß ich vor ih-

[21] Contudo, nenhuma razão para uma reserva que venha ao encontro da coação teria o poder de recusar também sua confissão mais própria. Contudo, a vontade de se opor a um mal cuja essência é a coibição não poderia ser detida se
5 essa essência, na condição de uma força inacessível ao pensamento, não implicasse também a coibição interior, uma paralisia do pensamento que se transmite atmosféricamente aos mais distantes, nada permitindo senão precisamente uma consciência do incomensurável que põe em xeque
10 toda manifestação de resistência do espírito, toda tentativa de concentrar as forças. Essa é, em verdade, a palidez do pensamento, acometida pelo matiz natural da decisão, e contra isso não ajuda sequer o consolo de leitores cujo desejo amável de um sinal de vida não parece pensado
15 até o fim, e aos quais de forma alguma se poderia levar a mal se não ousassem pegar o fascículo que desejam. E, no entanto, alguns dentre eles são tão impetuosos

12-13 A palidez do pensamento, acometida pelo matiz natural da decisão: Kraus modifica um trecho de *Hamlet* (ato III, cena 1): “*And thus the native hue of resolution / Is sicklied o’er with the pale cast of thought*” (“E assim o matiz natural da decisão / É acometido pela palidez do pensamento”).

[22] nen mehr zurückweiche als vor der Gefahr; denn sie stürmen
einen Buchladen und lassen mit dem Bedauern die Vermutung
zurück, daß man »wohl aus Furcht nicht erscheint«. Insofern
erraten, als ein hemmendes Moment auch das Bewußtsein ist,
5 in solcher Zeit vor solchen Anhang zu treten, und gesichert nur
die Erkenntnis von der Kongruenz der Gefahren. (Und daß ja
alles in der Welt geschah, weil in ihr zu wenig Vorstellung von
der Welt war.) Wenn ich den Versuch dennoch unternehme,
weil mich der Mut der Leser nicht beschämen soll; und wenn
10 ich solche, die gegen Einwurf der Münze die Abgabe der Mei-
nung erwarten, sogar in das Innere automatischer Vorgänge
blicken lasse, so kann das Unternehmen, gemessen an der
Größe des Unsäglichen, kaum mehr ergeben als den Ausdruck
der Hemmung, den dürftigen, wenngleich nicht unwürdigen
15 Ertrag des Bemühens, an die Sphäre heranzukommen. Wohl
könnte solche Rechenschaft des Zögerns geradezu einen An-
trieb des Beginnens bilden; und wenn man die Sprache ge-

[22] que me esquivo mais deles que do perigo; pois invadem uma livraria e com o pesar deixam a suposição de que “deve ser por medo que não publicamos”. Isso é correto na medida em que também a consciência de se apresentar numa época dessas
5 diante de seguidores como esses é um fator inibidor, e seguro é apenas o conhecimento da congruência dos perigos. (E que tudo aconteceu no mundo porque nele a representação do mundo era muito escassa.) Se, apesar disso, faço a tentativa, é porque a coragem dos leitores não deve me envergonhar; e se permito
10 àqueles que ficam esperando pela opinião quando introduzem a moeda na ranhura que deem uma olhada inclusive no interior de processos automáticos, o empreendimento, comparado à grandeza do indizível, mal pode fornecer mais do que a expressão da inibição, o resultado esquálido, embora
15 não indigno, do esforço de se aproximar da esfera. Tal justificativa da hesitação bem poderia constituir um estímulo para começar; e se recuperamos a linguagem,

[23] winnt, vermöchte selbst das Ereignis Hitlers ihr den Gedanken nicht vorzuenthalten. Doch zu jenem »letzten Ende« zu gelangen, das schon ein Dämon in jedes Zeugnis deutscher Schrift und Rede unfehlbar einwirkt, ist schwer.

5 Denn was hier geschah, ist wahrlich nach dem Plan geschehen, die Menschheit unter Beibehaltung einer Apparatur, die Schuld an ihrer Entartung trägt, auf den Zustand vor dem Sündenfall zurückzubringen und das Leben des Staats, der Wirtschaft, der kulturellen Übung auf die einfachste Formel: die der
10 Vernichtung; und in das Wunder dieser Simplizität weiß sich der Zweifler einbezogen, der auch einmal ausspannen möchte. Er fühlt, wie mit Unrecht die Gabe solchen Erliegenkönnens nur den Gläubigen und den Bekehrten zuteil wird, für die es sich doch von selbst versteht und welche nicht nur nicht alle
15 werden, sondern täglich noch Zuwachs erhalten: die Beneidenswerten, die – nach dem ›Völkischen Beobachter‹, dem nichts entgeht –

[23] mesmo o acontecimento de Hitler não poderia privá-la do pensamento. Mas chegar àquele “finalmente”, já afetado de maneira infalível por um demônio em todo testemunho da escrita e da fala alemã, é difícil.

5 Pois o que aconteceu aqui, realmente aconteceu segundo o plano de reconduzir a humanidade, conservando um aparato que tem culpa em sua degeneração, à situação anterior ao pecado original, e a vida do Estado, da economia e da prática cultural à fórmula mais simples: a da
10 aniquilação; e o cético, que também gostaria de repousar, se sabe incluído no milagre dessa simplicidade. Ele sente como, injustamente, o dom desse poder sucumbir é concedido apenas aos crentes e aos convertidos, para os quais, no entanto, ele é óbvio, e que não só não se acabam,
15 mas ainda recebem incremento a cada dia: os invejáveis que – segundo o *Völkischer Beobachter*, ao qual nada escapa –,

16 *Völkischer Beobachter* (*Observador popular*): de 1920 a 1923, jornal destinado à difusão da ideologia nacional-socialista. Proibido depois que Hitler tentou desastradamente tomar o poder em 8-9/11/1923, o *Völkischer Beobachter* retomou suas atividades em 1925. Em 1933 tornou-se praticamente órgão do governo e seus comunicados tinham caráter oficial.

[24] wie wir aller Differenziertheit des Intellekts entsagen lernten, um einen solchen Führer nicht nur zu verehren, sondern schlechthin zu lieben.

5 Mögen sie es auch leichter gehabt haben als unsereins – zu solchem Verzicht neigt unwillkürlich auch der, der sich aufraffen will, das Errungene zu prüfen. Das ist eine Vieharbeit, denn der
10 Untersucher gerät vor dem Schlichtesten an alle Probleme der Logik und der Moral, daß ihm der Atem vergeht, Hören und Sehn, das Lachen, die Lust, und wenn sich die Sprache findet, vergeht sie sich wieder im Irrgarten tausendfacher Antithetik, wo sich die Motive stoßen und ein Wort das andere gibt: sie erlebt die Schmach, sich zu verlieren, und das Glück, zu sich zu kommen, immer hinter einer Wirklichkeit her, von der sie
15 nichts trennt als das Chaos. Wer sich da einem Führer anvertrauen könnte! Wer sich da alles ersparen könnte, um schlicht zu sein wie jene! Denn

[24] como nós, aprenderam a renunciar a toda diferenciação do intelecto para não só venerar um Führer como esse, mas simplesmente amá-lo.

5 Ainda que as coisas possam ter sido mais fáceis para eles que para nós – a uma tal renúncia também tende involuntariamente aquele que quer cobrar ânimo para examinar o que foi conquistado. Isso é um trabalho para bestas de carga, pois diante das coisas mais simples, o investigador topa com todos os
10 problemas da lógica e da moral a ponto de perder o fôlego, a audição e a visão, o riso e o prazer, e quando a linguagem é recuperada, ela volta a desaparecer no labirinto de mil antíteses, onde os temas se chocam e uma palavra leva à outra: ela experimenta a vergonha de se perder e a felicidade de voltar a si,
15 sempre perseguindo uma realidade da qual nada a separa senão o caos. Poder se entregar a um Führer numa situação dessas! Poder se poupar de tudo para ser simples como aqueles! Pois

[25] das eben ist ja das große Wunder, daß der Schöpfer des neuen Deutschlands

(welches immerhin im Genitiv biegbare erscheint)

5

die bezwingende Gewalt besitzt, selbst die kompliziertesten Mitmenschen wieder zur volkhaften Schlichtheit zu formen.

10 Und ich soll mich in das Problem vertiefen, ob sich die ungeheure Erfüllung des Gebots »Deutschland erwache!« so reibungslos vollzogen hätte, wenn ihm nicht die einfachere Weisung »Juda verrecke!« angeschlossen und unmittelbar befolgt worden wäre! Zwar, als ich einst gebannt jener Ruferin im

15 Streite auf den Mund sah, die sich zwischen den bunten Parolen »Wachsstreichhelza!«, »Bezeta mittach!« und »Die ersten duftenden Frühlingsboten!« mit »Fridericus! Der eiserne Besen!« durchrang und Bahn brach mit der unverdrossenen Frage: »Warum vadiert der Jude schneller und mehr Geld als der

[25] este é justamente o grande portento: que o criador da nova Alemanha

(que em todo caso parece flexionável no genitivo)

5

possua a força dominadora de moldar mesmo seus próximos mais complicados de acordo com a simplicidade popular.

- 10 E devo me aprofundar no problema de saber se o monstruoso cumprimento do mandamento “Desperta Alemanha!” teria ocorrido tão facilmente se a ordem mais simples “Morra Judá!” não lhe tivesse sido juntada e imediatamente obedecida! Na verdade, quando certa vez prestei atenção, fasci-
- 15 nado, nas palavras daquela pregoeira em luta, que, em meio a variados anúncios como “Fósforos de cera!”, “BZ do meio-dia” e “Os primeiros mensageiros perfumados da primavera”, se impôs com “*Fridericus! Der eiserne Besen!*” e abriu caminho com a infatigável pergunta: “Por que o judeu fatura mais e mais rápido

4 Genitivo: um dos quatro casos da língua alemã, expressando sobretudo relações de posse. Essa menção à flexibilidade gramatical da palavra “Alemanha” pode ser considerada em conexão com a logo referida “moldagem de seus próximos mais complicados” feita por Hitler.

11 Desperta Alemanha!: slogan nazista. Ver p. [13], 5.

12-13 Morra Judá!: em alemão, *Juda verrecke!* O verbo *verrecken* significa “morrer com os membros rigidamente estendidos” e se aplica à morte de animais. Expressões como “morra como um cão!” ou “estica o pernil!”, igualmente grosseiras, seriam possíveis alternativas de tradução. Preferiu-se aqui um simples “morra” devido à concisão.

16 BZ: *Berliner Zeitung* = Jornal berlinês.

18 *Fridericus*: revista berlinense.

18 *Der eiserne Besen* (=A vassoura de ferro): jornal nazista austríaco.

[26] Christ?« – da hatte ich's, da stieß ich an die Wurzel, da konnte ich ahnen, was zu sagen so schwer ist.

Wie vermöchte ich, was einer Welt trotz allem Anlauf nicht
gelingen will! Das Unbeschreibliche, das so schlicht getan ist
5 und vor dessen Hekatomben das menschheitliche Gefühl der
Welt schaudert und ins Nichtbegreifen flüchtet; woran die
Herzensleere einer noch geschützten Sprachgenossenschaft
zum Greuel wird; wovor eine Solidarität versagt, die sich einst
für den Einzelfall einer Formenjustiz alarmieren konnte: dieses
10 Unbeschreibliche, das die Existenz an die Bedingung knüpft
der Annullierung geistigen Vorlebens, des bis ins dritte Glied
rückwirkenden Austritts aus der Rasse – es beschreiben wollen
wäre das Unzulängliche, das nie Ereignis würde wie die Tat.
Ja, es ließe dem polemischen Aufwand mit Recht das Maß
15 praktischer Nichtwirkung widerfahren, mit dem ihn von jeher
die Zeitlumperei, unüberwindlich und überwindend, regaliert;
sie, die nicht wäre, hätte sie nicht auch die Macht, des Spötters

[26] que o cristão?” – foi então que entendi, que topei com a raiz, que podia fazer uma ideia do que é tão difícil dizer.

Como eu poderia conseguir aquilo que não quer dar certo para um mundo, apesar de todas as tentativas? O indescritível, que é
5 efetuado de maneira tão simples e diante de cujas hecatombes o sentimento humano do mundo estremece e se refugia na não compreensão; pelo qual o vazio de coração de uma comunidade linguística ainda protegida se transforma em horror; diante do qual fracassa uma solidariedade que no passado podia se alarmar
10 com o caso isolado de uma justiça formal: esse indescritível, que liga a existência à condição da anulação da vida prévia do espírito, da egressão retroativa da raça até a terceira geração – querer descrevê-lo seria o insuficiente que nunca se tornaria acontecimento como a ação. Sim, ele faria o dispêndio polêmico
15 experimentar com razão a medida do não efeito prático com o qual desde sempre o regala a patifaria da época, invencível e vencedora; ela, que não seria se não tivesse também o poder de

[25], 14 – [26], 2: a inveja como um dos motivos do antissemitismo já havia sido comentada por Kraus numa glosa de dezembro de 1924 (F 668-675, p. 149-152) intitulada precisamente “*Por que o judeu fatura mais e mais rápido que o cristão*”: “Em minha última estada em Berlim, apreciei durante um quarto de hora na Friedrichstrasse – não conseguia me cansar de ouvir – a melodia com que uma jornaleira autenticamente germânica oferecia o *Fridericus*: ‘O mais novo número – *por que* o judeu fatura mais e mais rápido que o cristão’, ‘O mais novo número – *por que* o judeu fatura mais e mais rápido que o cristão’. Ela não faturou um tostão, enquanto perto dali todos disputavam um jornal de escândalos [...] Ela não faturou um tostão, e quando voltei duas horas depois, ainda se movia um focinho invejoso que tinha se enrijecido e transformado em símbolo de uma ânsia ariana insaciada: ‘*Por que* o judeu fatura mais e mais rápido que o cristão’ (*ibid.*, 151-152).

4-14 O indescritível, que é efetuado [...] o insuficiente que nunca se tornaria acontecimento como a ação: alusões aos seguintes versos do *Fausto II* (ato V, “Furnas montanhosas, floresta, rochedo”, v. 12104-12109, *Chorus mysticus*): “*Alles Vergängliche / Ist nur ein Gleichnis; / Das Unzulängliche / Hier wird's Ereignis; / Das Unbeschreibliche, / Hier ist's getan*” (“Todo o transitório / É apenas um símile; / O insuficiente / Torna-se aqui acontecimento; / O indescritível / Aqui se efetua”).

[27] zu spotten. Soll der, der immer nur niederreißen, doch grade das nicht konnte, an dem gigantischen Fall versagen, wo es wahrhaft gekonnt war? Es waltet ein geheimnisvolles Einverständnis zwischen den Dingen, die sind, und ihrem Leugner:

5 autarkisch stellen sie die Satire her, und der Stoff hat so völlig die Form, die ich ihm einst ansehen mußte, um ihn überlieferbar, glaubhaft und doch unglaublich zu machen: daß es meiner nicht mehr bedarf und mir zu ihm nichts mehr einfällt. Denn das Gehirn erwacht nicht wie die Nation, es fühlt die Zurücksetzung durch die Natur, und wenn es vollends die Pflanze

10 um die Lebenskraft beneidet, der sie auch im unheiligen Jahr den Frühling nicht versagt hat, so ist es nur des Gedankens fähig an die Mitgeborenen, die ihn dank einer Erweckung in Folterkellern verbringen müssen. Es ist nicht möglich, Komplizierteres zu denken, man paßt sich an; ja es gehört zum Verhängnis

15 dieses Wunders, selbst den einfachsten aller Gedanken nicht so zur Sprache zu fördern, daß er den tierischeren Teil der

[27] zombar do zombeteiro. Deverá aquele que sempre conseguiu demolir, mas que não conseguiu fazer precisamente isso, fracassar diante do gigantesco caso em que se demoliu com verdadeiro conhecimento de causa? Reina uma misteriosa convivência entre as
5 coisas que são e seu negador: elas criam a sátira de maneira autárquica, e o material tem tão completamente a forma que no passado eu tinha de escolher para ele a fim de torná-lo transmissível, crível e, no entanto, incrível: a ponto de não precisar mais de mim e nada mais me ocorrer a seu respeito. Pois o cérebro não despertar
10 ta como a nação, ele sente a preterição pela natureza, e se ainda por cima inveja a planta devido à força vital que também no ano nefasto não lhe recusou a primavera, ele só é capaz de pensar nos que nasceram com ele e que graças a um despertar têm de passá-la em câmaras de tortura. Não é possível pensar coisas mais
15 complicadas, a gente se adapta; sim, pertence à fatalidade desse prodígio não estimular tanto a expressão linguística mesmo do mais simples de todos os pensamentos a ponto de ele

[28] Menschheit zum Mitleid zwänge: die nicht tötet, aber fähig ist,
nicht zu glauben, was sie nicht erlebt.

Denn sie können schlafen, wenn die Geister wieder wach werden und es eine Lust ist zu leben. Wohl wäre der Ertrag untätiger Arbeitsnächte, da der andrängendste und unfäßbarste Stoff
5 zum Nichtschlafenkönnen taugt, reich genug, bliebe Schweigen der Ausdruck meines Teils, das ich mir zu diesem letzten Ende gedacht habe. Doch selbst dieser Ausdruck wäre angemäßt. Denn er würde nicht Erkenntnisse bergen, nur den Schrecken
10 des Wiedererkennens: das im Angsttraum einer Kulturverwesung Geschaute, der Alpdruck in Schwarzweißrot, das pressende Phantom aus Papier und Blut, ersteht wieder zu tödlichster Lebendigkeit. Dieses Agnoszieren eines Wahnwesens in dem, was sich Zielsetzung nennt, und sie handgreiflich verwirklicht;
15 der entsetzte Blick in den luftleeren Raum, wo ein Prokrustes Kräfte und Unkräfte des geselligen Daseins eingliedert; das »Dejavu« jener verfolgenden Unschuld, der Einheit von Schuld

[28] obrigar à compaixão a parte mais animal da humanidade: que não mata, mas é capaz de não acreditar no que não vivencia.

Pois eles podem dormir quando os espíritos despertam outra vez e viver é um prazer. O resultado de noites de trabalho ociosas, visto que o mais afluente e mais inapreensível material se presta à insônia, decerto seria rico o bastante se o silêncio fosse a expressão da parte que eu tinha imaginado para mim a propósito desse “finalmente”. Porém mesmo essa expressão seria pressunçosa. Pois ela não abrigaria conhecimentos, apenas o pavor do reconhecimento: o que foi visto no sonho angustiante de uma decomposição da cultura, o pesadelo em negro, branco e vermelho, o fantasma opressor de papel e sangue, ressuscita numa vivacidade das mais mortais. Esse reconhecimento de um desvario naquilo que se denomina finalidade e a realiza de maneira palpável; o olhar horrorizado para o espaço vazio em que um Procusto acomoda as forças e fraquezas da existência sociável; o *déjà-vu* daquela inocência perseguidora, a unidade de culpa

3-4 Os espíritos despertam outra vez e viver é um prazer: alusão a um trecho de uma carta que o humanista Ulrich von Hutten (1488-1523) escreveu em 25/10/1518 a seu amigo Willibald Pirckheimer: “*O saeculum, o litterae! Iuvat vivere, etsi quiescere nondum iuvat, Bilibalde. Vigent studia, florent ingenia. Heus tu, accipe laqueum, barbaries, exilium prospice!*” (“Ó século, ó ciências! Viver é um prazer, ainda que descansar não o seja, Willibald. Medram os estudos, florescem os espíritos. Toma a corda, barbárie, e prepara-te para o exílio!”). Kraus cita ironicamente o ministro nazista da propaganda, Joseph Goebbels (1897-1945), que citou Hutten num discurso proferido por ocasião da queima de livros promovida em Berlim na Opernplatz em 10/05/33: “E nunca como agora os jovens alemães tiveram o direito de exclamar com Ulrich von Hutten: Ó século! Ó ciências! Viver é um prazer!”. A citação de Goebbels omite tendenciosamente qualquer referência ao florescer dos espíritos e à barbárie; pode-se imaginar que para Kraus, no contexto de uma espectral noite de Valpúrgis, o termo “espíritos” também encerre a alusão a fantasmas.

11-12 Negro, branco e vermelho: cores da bandeira alemã de 1933 a 1945, as mesmas da bandeira do Império Alemão, o chamado Segundo Reich (1871-1918).

16 Procusto: bandido mitológico que amarrava suas vítimas a um leito e as mutilava ou esticava conforme fossem maiores ou menores que o mesmo.

[29] und Lüge, wo die Tat zum Alibi wird und der Greuel zur Glorie
– »das glaubst du von mir?« fragt der Täter und verfolgt den
Zeugen wegen Propaganda –: das ist es, was eine Annäherung
des Verstandes an das Problem ohne Hoffnung läßt. Denn wäre
5 er schon nicht dem Wahn preisgegeben, in dem das Objekt
haust, so wäre er doch immer wieder versucht, den Fall an den
eigenen Wahn zurückzuleiten, der ihm vielleicht den Wechsel-
balg einer Wirklichkeit vorstellt, die es doch kaum auf dem
Hundsstern gäbe, wenn er die Tollwut hätte. Nur in Fieber-
10 schauern wächst diese Sachlichkeit aus Dunst, dieser Hang, aus
Illusion in Tat zu stürzen, um sie mechanisch wieder aufzulö-
sen, mit Hilfe eines Dissimulators, den sie Wolffbüro nennen.
Sie schaffen es, wenngleich sie's wieder schaffen, von einer Fein-
deswelt, die Ruhe will, eingekreist zu sein. Und es ist wieder
15 bloß der Circulus vitiosus und perniciosus, worin die falsche
Kausalität schaltet und waltet, die sich auf sich selbst besinnt,
doch niemals auf die Welt. Dies Labyrinth, wo Centauren sich

[29] e mentira, em que o crime se transforma em álibi e o horror em glória – “Então você acredita que fiz isso?”, pergunta o perpetrador, e persegue a testemunha por causa de propaganda –: é isso o que acaba com as esperanças de que o entendimento possa se aproximar do problema. Pois se ele já não estivesse abandonado à loucura em que o objeto habita, seria repetidamente tentado a atribuir o caso à sua própria loucura, que talvez lhe apresente o substituto grotesco de uma realidade que no entanto dificilmente existiria na Canícula se ela estivesse com hidrofobia. Apenas em meio a arrepios de febre cresce essa objetividade feita de vapor, essa tendência a se precipitar da ilusão ao ato para desfazê-la mecanicamente com a ajuda de um dissimulador que eles chamam de Agência Wolff. Eles conseguem fazê-lo, embora consigam novamente ser isolados por um mundo de inimigos que quer sossego. E mais uma vez se trata apenas do *circulus vitiosus* e *perniciosus* em que manda e desmanda a falsa causalidade que se lembra de si mesma, mas jamais do mundo. Esse labirinto em que centauros se avaliam quanto à

[28], 17 Inocência perseguidora: expressão criada por Kraus durante a Primeira Guerra Mundial para definir a mentalidade dos alemães, que se julgavam inocentes dos crimes de guerra (e da própria guerra), mas perseguiam quem afirmasse o contrário. Veja-se a propósito a ironia do personagem batizado por Kraus de Resmungão (*Nörgler*) em um de seus diálogos com o Otimista na peça *Os últimos dias da humanidade* (ato III, cena 41): “Ninguém estava plenamente consciente. A Áustria não tem culpa disso! Ela apenas se deixou encorajar pela Alemanha a arrastar esta última para a guerra. E a Alemanha impeliu a Áustria a entrar nessa guerra que esta não quis. Aqueles lá são a inocência perseguidora e nós somos os verdadeiros cordeirinhos. Nenhum dos dois tem culpa.”

7 Substituto grotesco: o termo alemão, *Wechselbalg*, poderia ser traduzido mais literalmente por “fedelho trocado” e refere-se a antigas crenças populares segundo as quais uma criança feia ou deformada seria o resultado de uma troca feita por anões ou maus espíritos; em sentido figurado, refere-se à qualquer coisa ou ideia trocada por outra pior.

8 Canícula: a estrela mais brilhante do céu noturno. Também chamada Sírio, faz parte da constelação de Cão Maior. Do latim *Canicula*, “cadelinha”.

[30] auf Rasse prüfen, gewährt dem Denken, das sich dort verirrt,
keinen Ausweg.

Welche Lage wäre denn schwieriger als die, in der sich den
Zeitumständen gegenüber das Gehirn befindet, und wären sie
5 auch nicht durch landschaftliche Weiterungen verwickelt?
Wenn es sich aber vollends um eines handelt, das sich durch
eine Angabe von den letzten Tagen der Menschheit – im be-
sten Glauben – terminmäßig festgelegt hat! Immer noch rezep-
tiver als produktiv, empfängt es mit dem Ungeheuren die
10 Überraschung der Wiederkehr, die Gefahr der Steigerung, ver-
gebens immer wieder auf die shakespearesche Formel gestützt,
die Schmerz und Trost so schön verbindet:

Gott, wer darf sagen: schlimmer kanns nicht werden?
15 's ist schlimmer nun, als je.
Und kann noch schlimmer gehn; 's ist nicht das Schlimmste,
Solang' man sagen kann: dies ist das Schlimmste.

[30] raça não concede ao pensamento que nele se perdeu qualquer saída.

Pois que situação seria mais difícil do que aquela em que se encontra o cérebro diante das circunstâncias da época, mesmo
5 que também não tivessem sido emaranhadas por complicações regionais? Mas quando ainda por cima se trata de algo que por uma indicação dos últimos dias da humanidade – na melhor boa-fé – se estabeleceu dentro do prazo! Sempre mais receptivo que produtivo, o cérebro recebe com o monstruoso a surpresa
10 do retorno, o perigo da intensificação, em vão apoiado repetidamente na fórmula shakespeariana que enlaça de maneira tão bela a dor e o consolo:

Deus, quem poderá dizer: pior não pode ficar?

15 Agora está pior do que nunca.

E pode ficar ainda pior; não é o pior,

Enquanto ainda se pode dizer: isto é o pior.

[29], 12 Agência Wolff: ou *Wolff's Telegraphisches Büro* (WTB). Agência de notícias fundada por Bernhard Wolff em 1894 e que existiu até 30/12/1933, provida por uma densa rede de correspondentes no país e no exterior. Devido a problemas financeiros, passou a depender do Estado já no período imperial, e durante a República de Weimar se tornou praticamente agência de notícias do governo. Para permitir o controle total da imprensa, foi fusionada no período nazista com a concorrente *Telegraphen-Union* (TU), formando o *Deutsches Nachrichtenbüro* (DNB), entidade subordinada ao *Reichsministerium für Volksaufklärung und Propaganda* (Ministério do Reich para Esclarecimento Popular e Propaganda).

[29], 13 Isolados: literalmente, “cercados” (*eingekreist*). Muitos políticos alemães (Hitler à frente) julgavam que o país era (e havia sido durante a Primeira Guerra) vítima de políticas isolacionistas dos demais países europeus. Tal acusação contribuiu para sustentar ideologicamente a necessidade de transformar esses países em inimigos e assim atacá-los e invadi-los.

7 A tragédia antimilitarista *Os últimos dias da humanidade* foi publicada em 1922.

14-17 Shakespeare, *Rei Lear*, ato IV, cena 1 (Edgar). O trecho é a tradução da tradução alemã; em inglês: “*O gods! Who is't can say, 'I am at the worst'? / I am worse than e'er I was. / [...] And worse I may be yet: the worst is not / So long as we can say 'This is the worst.'*”

[31] Und doch macht solches Denken die Wehrlosigkeit mit wie nur
eines, das nicht einmal diese auszudrücken vermöchte; es erlebt
mit dem Verhängnis der Dinge das ihres Wachstums, den
Wettlauf der Satire mit dem Stoff, der in triumphaler Ahnungs-
5 losigkeit die Form vollendet und ausspielt, deren Nachbildung
nicht mehr möglich ist, deren Abbildung nicht mehr geglaubt
wird, deren Udenkbarkeit zum Fehler des Bildners wird. Sol-
cher Fluch der Empfänglichkeit versagt ein Erlahmen, gewährt
der Vollkraft, täglich hundert Reizungen zu erliegen, und ver-
10 längert doch nicht den Tag, der den Syllabus sprachlicher, mo-
ralischer und sozialer Missetaten verlangte. Imstande sein, am
Auswurf der Welt ihr Übel zu erfassen, von der unscheinbar-
sten Oberfläche jeweils das letzte Ende tätiger und leidender
Menschheit – solches Vermögen erlebt sich als Opfer, solche
15 Fülle als Mangel, solches Gemüt neidet dem Schlichten die Er-
lösung, deren er nicht bedurft hat. Abhängig von allem Nichts,
gebannt von jedem Tropfen der Sündflut – wie sollte es sich

[31] E, no entanto, tal pensamento suporta a falta de defesa sendo apenas um pensamento que sequer é capaz de expressá-la; ele experimenta com a fatalidade das coisas a do crescimento delas, a corrida da sátira com o tema, que, em ignorância triunfal, leva a forma à perfeição e a termo, forma cuja imitação não é mais possível, cuja reprodução não recebe mais crédito, cuja impossibilidade se transforma em defeito do artista. Tal maldição da receptividade recusa um entorpecimento, concede o vigor de sucumbir cotidianamente a centenas de estímulos, e, no entanto, não prolonga o dia que o sílabo de delitos linguísticos, morais e sociais exigiu. Ser capaz de apreender o mal do mundo a partir de seu refugio, apreender a cada vez a partir da mais insignificante superfície o final da humanidade ativa e sofredora – tal capacidade se experimenta como sacrifício, tal abundância como carência, tal espírito inveja o homem simples pela redenção de que este não precisou. Dependente de todo nada, fascinado por cada gota do dilúvio – como deveria

10 Sílabo: lista de erros condenados pelo Papa.

[32] den Wunsch verdenken, einmal wie die zu sein, die das Sichtbare nicht sehen, das Unmögliche für unwirklich nehmen, oder doch wie solche, denen gegeben ist, nicht zu sagen, was sie leiden! Wäre ihm denn die Notwehr verwehrt, der Hypertrophie

5 dessen, was es schon geschaut und gezeichnet hat: des wortumlogenen Greuels, der Entehrung der Wahrheit im Heiligschein der entehrten Sprache, der Prostituierung von Leben und Tod an den Zweck, der täglichen Todsünde wider Geist und Natur, Schranken der Aufnahmsmöglichkeit, Grenzen des

10 Gestaltungswillens zu errichten? Ich habe durch mein ganzes Nichtwirken hindurch mich der Presse, der ich doch allen Beweis gegen ein von ihr korrumpiertes Dasein entnahm, als der enthaltsamste Leser bedient, in Scheu vor jedem Anlaß, ein Leben, genährt im Schöße der impia mater, zu anatomieren –

15 und bewahre hunderttausend Dokumente ihrer mittelbaren oder unmittelbaren Schuld, Nachzügler, so bildfähig für alle Mißgestalt der Zeit wie die zur Glosse gereiften. Wenn's mir

[32] levar a mal o desejo de ser pelo menos uma vez como aqueles que não veem o visível, tomam o impossível por irreal, ou então como aqueles aos quais é dado não dizer o que sofrem! Ser-lhe-ia vedada a legítima defesa de erigir barreiras da possibilidade receptiva, fronteiras da vontade plasmadora, à hipertrofia daquilo que ele já observou e caracterizou: do horror das palavras reinterpretadas mentirosamente, da desonra da verdade na auréola da linguagem desonrada, da prostituição da vida e da morte em nome dos fins, do pecado mortal cotidiano contra o espírito e a natureza? Ao longo de toda a minha não atividade me servi da imprensa, da qual no entanto tomei todas as provas contra uma existência por ela corrompida, como o mais sóbrio leitor, temendo toda ocasião de anatomizar uma vida nutrida no útero da *impia mater* – e guardo cem mil documentos de sua culpa direta ou indireta, retardatários, tão capazes de fornecer imagens de toda deformação da época quanto aqueles que amadureceram para a glosa.

14 *Impia mater*: inversão de *pia mater*, nome de uma das três membranas (meninges) que envolvem o cérebro e que na citação shakespeariana de onde provém está metonimicamente relacionada com ele: “É um dom que tenho, simples, simples; um espírito tolamente extravagante, cheio de formas, figuras, contornos, objetos, ideias, apreensões, movimentos, revoluções: estes são gerados no ventrículo da memória, nutridos no útero da *pia mater* e dados à luz quando estiver madura a ocasião” (Shakespeare, *Trabalhos de amor perdidos*, ato IV, cena 2. Fala do mestre-escola Holofernes vangloriando-se de seus talentos). No contexto krausiano, a “ímpia mãe” é a imprensa.

[33] aber gelang, noch den Alpdruck von Tat und Bericht dieser letzten Gegenwart durchzustehen, dieser letzt-endlichen Gleichschaltung von Untergang und Aufbruch, des blutlebensdigsten Erfolges der Redensart, der jemals weltgeschichtlich
5 wurde – wie wäre ich dem Stoffe gewachsen? Wenn er die Gestaltungslust nicht lähmte, sondern beflügelte – wie vermöchte sie die Formenfülle dieser dritten Walpurgisnacht zu meistern? Daß der Tod, dem Schlagwort entbunden, die erste und letzte Wirklichkeit ist, die das politische Leben gewährt – wie würde
10 dies Erlebnis schöpferisch? Das Staunen vor der Neuerung, die mit der Elementarkraft einer Gehirnpest Grundbegriffe vernichtet, als wären schon die Bakterienbomben des entwickelten Luftkriegs im Schwange – könnte es den Sprachlosen ermuntern, der da gewahrt, wie die Welt aussieht, die sich beim Wort
15 genommen hat? Rings nichts als Stupor, Gebanntsein von dem betörenden Zauber der Idee, keine zu haben. Von der Stoßkraft, die den geraden Weg nahm von keinem Ausgang zu kei-

[33] Mas se ainda consegui resistir ao pesadelo de atos e relatos deste presente recente, desta última e final sincronização entre declínio e despontar, do mais sanguinolentamente vivo sucesso da frase feita jamais alcançado na história do mundo – como eu
5 estaria à altura do tema? Se ele não paralisasse a vontade configuradora, mas lhe desse asas – como ela daria conta da abundância de formas dessa terceira noite de Valpúrgis? Que a morte, nascida do chavão, seja a primeira e última realidade admitida pela vida política – como essa experiência se tornaria
10 criadora? O assombro diante da novidade que com a força elementar de uma peste cerebral aniquila conceitos fundamentais como se já estivessem em uso as bombas bacteriológicas da avançada guerra aérea – poderia isso animar o homem emudecido que percebe aí qual é a aparência do mundo que se
15 tomou à letra? Em torno, nada senão estupor, fascínio pelo encanto enfeitiçante da ideia de não ter ideia alguma. Pela força impulsora que tomou o caminho reto que vai de parte alguma

[34] nem Ziel. Von der Eingebung eines Vierjahrtausendplans, daß
das menschliche Paradies gleich hinter der Hölle des Neben-
menschen anfangt und alles Leid dunkler Ordnung, mit Begrif-
fen wie Transfer und Rediskont, sein Ende hat in einem illumi-
5 nierten Chaos; in dem chiliastischen Traum entfesselter Mil-
lennarier: Gleichzeitigkeit von Elektrotechnik und Mythos,
Atomzertrümmerung und Scheiterhaufen, von allem, was es
schon und nicht mehr gibt! Rings nichts als Staunen vor dem
Wunder einer Staatswirklichkeit, die bis zum Paragraphen aus
10 dem Rausch geboren ward, für die Volkswirtschaft versorgt mit
dem Judenboykott und darüber hinaus mit den Weisungen der
Norne Verdhandi, welche das Seiende regelt. Ich frage mich,
wie solche Erhebung nicht deprimieren sollte, was an geistiger
Entschlußkraft in einem Gemüt noch vorhanden und von den
15 Strapazen der Kriegs- und Nachkriegsjahre nicht verbraucht
war. Beim Weltuntergang will ich privatisieren.

[34] a lugar nenhum. Pela inspiração de um plano quadrimilenar segundo o qual o paraíso humano começa logo atrás do inferno do próximo e todo sofrimento de ordem obscura, com conceitos como transferência e redesconto, tem seu fim num caos iluminado; no sonho quiliástico de milenaristas enfurecidos: simultaneidade de eletrotécnica e mito, desintegração atômica e fogueira, de tudo o que já existe e não existe mais! Em torno, nada senão assombro com o prodígio de uma realidade estatal que, chegando aos artigos da lei, nasceu da embriaguez, cuida da economia nacional com o boicote aos judeus e, além disso, com as prescrições da Norna Verdandi, que rege o ser. Pergunto-me como semelhante elevação não deveria deprimir o que ainda restava de determinação intelectual num espírito e não havia sido consumido pelas fadigas dos anos de guerra e pós-guerra. Durante o fim do mundo, quero me recolher à minha vida privada.

5 Quiliástico: referente a quiliasmo, doutrina segundo a qual os crentes reinariam com Cristo durante mil anos após o Juízo Final (Apocalipse 20, 1-6); milenarista.

11 Norna: cada uma das três deusas nórdicas do destino, a saber, Urd, Verdandi e Skuld, responsáveis, respectivamente, pelo passado, pelo presente e pelo futuro. O símbolo da Norna Verdandi é uma suástica primitiva.

[35] Bis er aber vorüber ist, vergeht die Zeit, ich sehe die Entfaltung jüngerer polemischer Kräfte, die es von mir haben und behalten, sehe Beweise eines Muts, der anonym bleibt, wenn er einen Namen trägt, und deliberiere wie ein Hamlet, den die Unzugänglichkeit des Übels dauernd um das Stichwort und den Ruf zur Leidenschaft gebracht hat. Das Stichwort wenigstens wäre schon in der Gelegenheit enthalten, auch Beweise eines journalistischen Übermuts zu ergreifen, der sich im Vertrauen auf meine Zurückhaltung hervorwagt und nichts Geringeres unternimmt, als mich, in der Absicht der Schädigung oder gar der Gleichschaltung, mit der Gefahrenzone zu konfrontieren. Ein Spät-Abendblatt, das früh genug erscheint, aber doch zu einer Zeit, wo ich schon keinem preußischen Polizeipräsidenten begegnen möchte – das Blatt, dessen Etat von jener Schönpflege bestritten wird, die keines der schmückenden Beiwörter braucht, welche seine Theaterkritik verschwendet –, entsinnt sich just jetzt meiner Existenz, von der es sonst weniger Aufhebens machte als vom unscheinbarsten Prominenten, und die sich überhaupt im Kulturbereich den Anspruch auf Verschollenheit erworben hat. Immerhin ist von mir noch bekannt, daß ich das, was sich als publizistische Vertretung des Fortschritts geriert – oder wie es schreibt: giriert – und was ich ihn mit zwei linken Füßen vertreten sehe, nicht gerade für seine beste Errungenschaft halte und daß ich von der Begünstigung der Sorte so weiten Abstand nehme wie von ihrer Gunst. Ich verweile aber gern bei ihrem Thema, das sie mir als zu geringfügig verübelt, denn um zur höchsten Stufe der Weltmisere zu gelangen, diene ich von der Pike auf. Nachdem man also, wenn ich im Rundfunk sprach, sich genötigt gesehen hatte, die Rubrik ausfallen zu lassen – so mitten im Kampf gegen die Notverordnung ein Beispiel gebend, wie eine freisinnige Redaktion, um die Meinungsfreiheit zu opfern, lieber dem eignen Trieb gehorcht –, nach diesem harten Schlag wurde mir, der Kummer gewöhnt ist, eine unverhoffte Entschädigung zuteil: mein Wirken mit den geistigen Zielen des Nationalsozialismus verknüpft zu sehen. Es handelt sich um einen Vergleich seines zerstörenden Waltens im Kulturgebiete mit meiner »Demolierten Lite-

[35] Mas até que ele tenha passado, o tempo transcorre, vejo o desenvolvimento de jovens forças polêmicas que têm algo de mim e o conservam, vejo provas de uma coragem que se mantém anônima quando leva um nome, e delibero como

5 um Hamlet que a inacessibilidade do mal privou permanentemente da deixa e do apelo à paixão. A deixa, pelo menos, já estaria contida na ocasião de recolher provas de uma petulância jornalística que, confiando em minha reserva, ousa aparecer e não empreende nada menos que me

10 confrontar com a zona de perigo movida pela intenção de me prejudicar ou até de me sincronizar. Um vespertino tardio, que circula bastante cedo, mas numa hora em que eu já não gostaria de topar com nenhum chefe de polícia prussiano – o jornal cujo orçamento é custeado por aquela

15 cosmética que não precisa de nenhum daqueles adjetivos embelezadores que sua crítica teatral desperdiça –, lembra-se justamente agora de minha existência, à qual no passado dava menos importância do que à mais irrelevante celebridade, e que no âmbito da cultura, aliás, conquistou o direito à

20 condição de desaparecida. Seja como for, ainda se sabe que não considero exatamente como a melhor conquista desse jornal aquilo que se apresenta [*geriert*] – ou como ele escreve: se endossa [*giriert*] – como defesa jornalística do progresso, coisa que o vejo defender com dois pés esquerdos, e que tomo uma

25 distância tão grande do favorecimento dessa espécie quanto de seus favores. Mas me detenho com prazer em seu tema – que ela me leva a mal por julgá-lo muito insignificante –, pois para chegar ao nível mais alto da miséria do mundo eu começo por baixo. Assim, quando falei no rádio e se viram obrigados a

30 suspender a coluna – dando assim, em meio à luta contra a lei de emergência, um exemplo de como uma redação liberal, para sacrificar a liberdade de opinião, prefere obedecer ao próprio impulso –, depois desse duro golpe me coube, eu que estou acostumado ao desgosto, uma compensação inesperada: ver

35 minha atuação ser relacionada com as metas intelectuais do nacional-socialismo. Trata-se de uma comparação entre sua ação destruidora no âmbito da cultura e minha *Literatura demolida*,

1 4.3 SEÇÃO 3: O dilema do satirista (da página 35, linha 1, à página 42, linha 35).

14-15 O jornal cujo orçamento é custeado por aquela cosmética: conforme nota do tradutor francês Pierre Deshusses, trata-se do jornal vienense *Neue Freie Presse*, que publicava anúncios de “massagistas” ao mesmo tempo em que denunciava hipocritamente as “imoralidades” da vida privada.

37 *Literatura demolida*: primeira obra de Kraus, publicada em 1897. Panfleto em que satirizava os maneirismos de escritores vienenses como Arthur Schnitzler, Hugo von Hofmannsthal, Hermann Bahr e Felix Salten sem mencionar um nome sequer.

[36] ratur«, deren Andenken meine satirische Leistung der folgenden Dekaden in den Schatten gerückt hat. Der Vergleich mit dem Nationalsozialismus fiel ganz zu meinen Gunsten aus, indem sich meine Demolierung durch einen »beispiellosen geistigen Elan« und eine »großartige satirische Kraft« von der dilettantischen Berliner Literaturzerstörung unterscheiden soll, wiewohl sie doch ein wahres Kinderspiel war gegen das, was ich seit damals zur Orientierung über das Schrifttum beigesteuert habe. Daß ich mich schon in jener satirischen Anfängerarbeit »zum unerbittlichen Richter in den Dingen des deutschen Geistes und der deutschen Sprache erhoben« hätte, ist gewiß übertrieben, wenn man in Betracht zieht, was ich alles seither über ein Druckwesen auszusagen wußte, das von Leuten bestellt wird, die bloß wegen Verfehlung anderer Berufe dazugelangt sind. Aber eben deshalb geben sie der »Demolierten Literatur« den Vorzug, deren Lob das Alibi der von ihr unberührten Schreibergeneration bildet; meinen Todfeinden hat sie es angetan und ein Satirenkenner wie Monty Jacobs fand, daß ich mich seit damals, und zwar durch fünfunddreißig Jahre, ausgeschrieben habe. Heute glaubt man bei aller Anerkennung jenes Standardwerks ein Gemeinsames mit dem Nationalsozialismus darin zu erkennen, daß die Betroffenen »das Demolierungsurteil überlebt haben«. Strittig bleibt immerhin, ob ihre Berufsgenossen auch das Urteil überleben werden, das über sie in den Jahrgängen der ›Fackel‹ gefällt ist. Werde ich nun hier noch zu meinem Vorteil mit Goebbels verglichen, was auch nicht angenehm ist, so hat dasselbe Blatt in einem andern Artikel das Problem meiner geistigen Verbindung mit Hitler von einer andern Seite betrachtet, wobei ich zum Glück nicht ganz so gut davonkomme. Denn hier wird man sich des stärkeren Inhalts einer polemischen Lebensleistung bewußt, indem man an jenen Kampf gegen die Presse anknüpft, durch den ich die Lorbeeren meiner Jugendarbeit eingebüßt habe, und ich stehe nun wohl als Vorkämpfer da, aber als einer, der den Erfolg fremder Tatkraft einheimst. Und zwar in einem Leitartikel, der den Einfluß jüdischer Köpfe auf Hitler an einer Reihe »seiner geistigen Ahnen« nachzuweisen sucht und sie wie folgt abschließt:

[36] cuja lembrança lançou na sombra minha atividade satírica das décadas seguintes. A comparação com o nacional-socialismo resultou inteiramente a meu favor na medida em que minha demolição se distinguiria por um “elã intelectual sem exemplo” e uma “grandiosa força satírica” da diletante destruição literária berlinense, embora ela tenha sido uma verdadeira brincadeira de criança comparada com o que desde então contribuí na orientação sobre a literatura. Que já naquele trabalho satírico de principiante eu tenha me elevado à categoria de “juiz implacável nas coisas do espírito alemão e da língua alemã” certamente é exagerado quando se considera tudo o que desde então consegui dizer sobre uma imprensa que é feita por pessoas que só estão nela porque malograram em outros ofícios. Mas precisamente por isso elas dão a preferência à *Literatura demolida*, cujo elogio constitui o álibi da geração de escrevinhadores que deixaram intocada; ela agradou a meus inimigos mortais, e um conhecedor de sátiras como Monty Jacobs achou que desde então, e mais exatamente ao longo de trinta e cinco anos, minha escrita se esgotou. Hoje, apesar de todo reconhecimento recebido por aquela obra fundamental, acredita-se reconhecer algo em comum com o nacional-socialismo no fato de os atingidos “terem sobrevivido ao juízo demolidor”. É duvidoso, em todo caso, que seus colegas de ofício também sobrevivam ao juízo pronunciado acerca deles nas edições de *Die Fackel*. Se, com vantagem para mim, ainda sou comparado com Goebbels, o que também não é agradável, em outro artigo o mesmo jornal considerou sob outro aspecto o problema de minha ligação intelectual com Hitler, algo em que felizmente não me saio tão bem. Pois neste caso alguém se dá conta do conteúdo mais enérgico dos feitos de uma vida de polemista reportando-se àquela luta contra a imprensa graças à qual perdi os louros de meu trabalho de juventude, e sou considerado um pioneiro, mas um pioneiro que embolsa o sucesso da atividade alheia. E isso num editorial que busca demonstrar a influência de cabeças judias sobre Hitler por meio de uma série de “seus antepassados intelectuais” e a fecha da seguinte maneira:

18 Monty Jacobs (1875-1945): crítico teatral e historiador da literatura alemão.

- [37] ...Unbestreitbar ist, daß die Ideen der Arbeitspflicht und der Nährpflicht von Popper-Lynkeus vorausgedacht waren. Man könnte die Serie der vorausdenkenden Judenköpfe bis auf Karl Kraus weiterführen, dessen kühnste Wunschträume von Hitler erfüllt worden sind.
- 5 Es gibt in Deutschland keine Journaille mehr, ausgetilgt sind alle Feinde der Fackel von Reinhardt bis Kerr!...

Man möchte meinen, daß die Zeit für neckische Spiele nicht geeignet sei. Darum werde ernstgenommen, was da ein Journalist

10 schreibt, dem Mut gegen Hitler wie gegen seinen Vorläufer keineswegs abzusprechen ist. Wird diesem die Priorität der Ideen, jenem das Verdienst ihrer Durchführung nachgerühmt, so muß ich auch die Priorität ablehnen, wofern sie auf eine äußere Erfassung der Gefahr einer »Journaille« bezogen wäre, deren Terminus mir hier offenbar zugeschrieben wird. Mit demselben

15 Unrecht wie von der nationalsozialistischen Presse, welche ihn selbstlos, wenngleich ohne jede Beziehung auf die Quelle der »Fackel« verwendet, deren Vokabular sie ja auch sonst vielfach für ihre Zwecke beschmutzt hat – vermöge einer irrtümlichen

20 Gleichschaltung meiner Absichten mit den ihren, die nun die liberale Journaille übernommen hat. Wohl bin ich die Quelle, jedoch, wie schon seinerzeit fatiert war, leider nicht der Schöpfer der genialen Prägung. Ein gelegentlicher, aber eingeweihter Mitarbeiter der Neuen Freien Presse, der viel und klug sprach

25 und aus seinem Herzen keine Mördergrube machte, doch auch keine von Henkern der öffentlichen Meinung, Alfred von Berger, ein Autor, dem gleichfalls die rassische Eignung mangeln würde, mit Quellenangabe zitiert zu werden, hat mir das Wort einst mit der Bestimmung, daß ihm Flügel wachsen, über-

30 geben. Was nun mein antijournalistisches Denken anlangt, das sich nicht nur in der Verbreitung solchen Ausdrucks bewährt hat, so liegt ja die Priorität vor dem Hitlergedanken klar zutage. Dieser Leitartikler (der immerhin so heißt, wie sein Blatt geschrieben sein sollte) trifft manchmal den Nagel auf den Kopf

35 und so auch hier. Aber mit seiner Auffassung, daß meine Wunschträume von Hitler erfüllt seien, hat er schon darum Unrecht, weil es ja selbst noch in Deutschland, geschweige in Österreich eine Journaille gibt wie je und je und eine weit akti-

[37] [...] É incontestável que as ideias do trabalho obrigatório e da obrigação alimentar foram antecipadas por Popper-Lynkeus. Poderíamos estender a série de cabeças judias antecipadoras até Karl Kraus, cujos mais ousados sonhos foram realizados por Hitler. Não há mais jornalha na Alemanha; todos os inimigos de *Die Fackel* foram exterminados, de Reinhardt a Kerr!...

Dir-se-ia que o momento não é apropriado para gracinhas. Por isso, que se leve a sério o que escreve um jornalista a quem de forma alguma se negará coragem frente a Hitler assim como frente a seu precursor. Se a este se louva a prioridade das ideias e àquele o mérito de sua execução, também tenho de recusar a prioridade que estaria relacionada a uma compreensão exterior do perigo de uma “jornalha”, um termo que evidentemente me é atribuído aqui. Com a mesma injustiça com que o faz a imprensa nacional-socialista, que o emprega de maneira desinteressada, embora sem fazer qualquer referência à fonte de *Die Fackel*, cujo vocabulário, afinal, também emporcalhou tantas vezes para seus fins – graças a uma equívoca sincronização de minhas intenções com as suas, agora adotadas pela jornalha liberal. É certo que sou a fonte; contudo, como já foi indicado em seu tempo, infelizmente não sou o criador da genial expressão. Um colaborador ocasional, porém iniciado, da *Neue Freie Presse*, alguém que falava muito e de maneira sagaz e que não fazia de seu coração um covil de assassinos nem de carrascos da opinião pública, Alfred von Berger, um autor a quem igualmente faltaria a qualificação racial para ser citado com indicação da fonte, certa vez me transmitiu a palavra, destinada a se tornar célebre. Bem, mas no que se refere ao meu pensamento antijornalístico, que se afirmou não apenas na difusão de tal expressão, a prioridade frente ao pensamento de Hitler é evidente. Esse editorialista (que em todo caso se chama como seu jornal deveria ser escrito) às vezes acerta no alvo, e neste caso também. Mas com sua concepção de que meus sonhos teriam sido realizados por Hitler ele já se engana pelo fato de que mesmo na Alemanha, para não falar da Áustria, ainda há uma jornalha como a de sempre, e uma muito mais ativa

2 Popper-Lynkeus: ou Josef Popper (1839-1896), reformador social austríaco.

4 Jornalha: em alemão, *Journaille*, termo criado em analogia com *Kanaille*, “canalha”.

6 Reinhardt a Kerr: Max Reinhardt (1873-1943) foi um diretor teatral austríaco. A oposição de Kraus a Reinhardt se baseava em suas diferentes concepções teatrais: enquanto Kraus valorizava a palavra, Reinhardt valorizava os cenários e o gestual dos atores. Foi diretor do *Deutsches Theater* de Berlim e, por ser judeu, deixou a Alemanha em 1933. Alfred Kerr (1867-1948) foi um escritor e crítico teatral alemão. Kraus o atacou devido à inconsistência de suas posições: democrata radical antes da Primeira Guerra e pacifista declarado depois, entre 1914 e 1918 escreveu poemas xenófobos sob o pseudônimo de “Gottlieb”. Antinazista e judeu, partiu em fevereiro de 1933 para o exílio na França e depois na Inglaterra.

25-26 Não fazia de seu coração um covil de assassinos nem de carrascos da opinião pública: a metáfora “não fazer de seu coração um covil de assassinos” se origina da Bíblia (Mateus 21, 13) e tem o sentido de “falar francamente”, partindo do pressuposto de que os assassinos ocultam suas intenções. A essa metáfora Kraus acrescenta “nem de carrascos da opinião pública”, ou seja, Berger não oculta suas intenções nem deixa de condenar a opinião pública.

27 Alfred von Berger (1853-1912): escritor e diretor teatral austríaco.

33-34 Se chama assim como seu jornal deveria ser escrito: trata-se do jornalista austríaco Friedrich Deutsch (= alemão) (1876-1960). A farpa alude ao fato de que para Kraus os jornalistas não tinham o devido conhecimento do idioma em que escreviam.

[38] vere als in der maßvollen Ära, der das Wort entstammt ist. Daß
mein Kampf gegen sie, der mit der Enteignung der Meinungs-
geschäfte und deren rassenmäßiger Erneuerung an Haupt und
Gliedern nichts zu schaffen hat und solche Allotria überdauern
5 wird – daß dieser Kampf ein heilsames Beginnen ist, das dürfte
der Journalist, der ihn durch den Vergleich herabsetzen
möchte, wenigstens aus der Zeit wissen, als er vom Verlag der
›Fackel‹ Erlaubnis bekam, in deren Jahrgängen den besondern
Spuren der Neuen Wiener Journaille, mit der er Händel hatte,
10 nachzuforschen. Die Vorstellung, daß »alle Feinde der Fackel
ausgetilgt« seien – als ob sie solche zu fürchten hätte und nicht
selbst Feind wäre – und daß ich nunmehr, da mein Rachebe-
dürfnis befriedigt scheint, ruhig leben könne, dürfte eher dem
Horizont des Leitartiklers als dem des Satirikers angemessen
15 sein. Jener unterschätzt das große Dilemma, worin sich dieser
andauernd befindet, der die Beseitigung seiner Objekte nicht
einmal dann als Erfolg wertet, wenn er selbst mit ihnen fertig
würde, geschweige denn, wenn sie ihm der Tod entrissen hat
oder der Teufel einer politischen Gewalt. Wohl will er Ruhe vor
20 dem Anlaß, und der journalistische Zufall, der die Gestaltung,
die er anregt, auch wieder verwirrt, soll ihm nichts diktieren.
Daß ihm aber die Gestalt abhanden kommt, ist ein Schmerz,
wenn die Entwicklung nicht beendet war und mit der erschaffen-
nen Form auch das Beispiel zu geistiger und moralischer An-
25 wendung verloren ging. Größer als das Behagen, ein Übel
entfernt zu wissen, das noch Macht hatte gegen die Polemik, ist
der Wunsch, es erhalten zu sehen, und nur der Flachsinn kann
glauben, daß der Satiriker nicht ehrlich trauert, wenn ihm ein
Mann der Öffentlichkeit auf der Höhe gemeinsamer Schaffens-
30 kraft entrückt wird. Denn ein anderes ist die publizistische Ak-
tion, die eine kriminalistische zu ersetzen und darum mit Erfolg
abzuschließen hat, etwa daß einer hinaus aus Wien kommt –
ein anderes die satirische Beweisführung, daß er der größte im
ganzen Land sei. (Wiewohl es eine Übertreibung war und wir
35 heute froh wären, beide Kerle zu haben.) Und nun gar die Mög-
lichkeit, das Niveau der Zeit an einem faulen Theaterzauber,
dem sie erliegt, stets aufs neue darzutun! Die Entmachtung der

[38] do que na era moderada em que a palavra surgiu. Que minha luta contra ela, que nada tem a ver com a desapropriação dos estabelecimentos de opinião e sua renovação racial, e que resistirá a tais disparates – que essa luta é um começo salutar, 5 isso é algo que o jornalista, que gostaria de degradá-la por meio da comparação, poderia pelo menos saber desde a época em que recebeu permissão da editora de *Die Fackel* para investigar em suas edições os traços particulares da *Nova Jornalha Vienense*, com a qual tinha uma querela. A ideia 10 de que “todos os inimigos de *Die Fackel* foram eliminados” – como se ela tivesse de temê-los e ela própria não fosse inimiga – e de que daqui por diante, já que minha necessidade de vingança parece satisfeita, eu poderia viver tranquilo, poderia ser mais adequada ao horizonte do editorialista que ao do 15 satirista. Aquele subestima o grande dilema em que este constantemente se encontra, que nem sequer avalia a eliminação de seus objetos como sucesso se ele próprio desse cabo deles, muito menos quando lhe são arrebatados pela morte ou pelo demônio de uma força política. Decerto ele quer 20 tranquilidade diante da ocasião, e o acaso jornalístico, que emaranha a configuração que incita, não deve lhe ditar nada. Mas é uma dor o fato de ele perder a figura quando o desenvolvimento não estava concluído e quando com a forma criada também se perdeu o exemplo de uma aplicação 25 intelectual e moral. Maior do que o bem-estar de saber afastado um mal que ainda tinha poder contra a polêmica, é o desejo de vê-lo conservado, e apenas a superficialidade pode acreditar que o satirista não lamenta honestamente quando um homem público que está à altura de uma força criativa conjunta 30 lhe é tirado. Pois outra coisa é a ação jornalística que tem de tomar o lugar de uma ação criminal e por isso terminar com sucesso, por exemplo com o fato de alguém sair de Viena – outra coisa é a demonstração satírica de que ele é o maior do país. (Embora tenha sido um exagero, e hoje estaríamos 35 contentes por ter os dois sujeitos.) E a possibilidade, então, de apresentar repetidamente o nível da época por meio de um encanto teatral corrompido ao qual ela sucumbe! Ver os

8-9 *Nova Jornalha Vienense*: em alemão, *Neue Wiener Journalle*, variação de *Neues Wiener Journal* (*Novo Jornal de Viena*), periódico sensacionalista sem linha política definida que a partir de 1929 passou a apoiar a *Heimwehr*, movimento paramilitar austríaco financiado por Mussolini que tinha o propósito de acabar com a democracia austríaca e construir um eixo fascista entre Roma, Viena e Budapeste.

32 O fato de alguém sair de Viena: alusão à campanha promovida entre 1923 e 1926 contra o jornalista Emmerich Bekessy (1886-1951), editor dos jornais vienenses *Die Stunde*, *Die Börse* e *Die Bühne*, acusado por Kraus de inúmeros crimes. Sob o slogan “Para fora de Viena com o patife”, a campanha culminou com a fuga de Bekessy para Paris.

34 Ele é o maior do país: referência a Alfred Kerr, que em outros textos Kraus chama mais explicitamente de “o maior patife do país”.

[39] Faktoren »von Reinhardt bis Kerr« mag als Resultat erfreulich sein; aber ganz abgesehen davon, daß ich es von der schmutzigen Stupidität, die es bewirkt hat, nicht geschenkt nehme, wird sich schon herausstellen, daß mein Verlust größer war als der, den die Kulturwelt erleidet. Allein ich sage mir, was Staatsmänner nach einem Rückschlag zu äußern pflegen: Ich bin Optimist. Ich denke mir, daß mancher heimfinden wird, der jetzt dem Interviewer versichern muß, daß er nicht geflohen, sondern mit der Eisenbahn gekommen sei; ich gebe jedenfalls die Hoffnung nicht auf, daß eine zusammenfassende Rückschau auf das, was ich in Berlin zwischen Theater, Presse und Justiz erlebt und schon aufgezeichnet habe, der Nachwelt unverloren, auch der Mitwelt zugänglich werden könnte, ja ich glaube, daß trotz Zsolnays Herabstimmung noch die Zeit kommen wird, wo ich Emil Ludwig in der Perspektive gerecht werden kann, wie er Mussolini und wie er mich geschaut hat. Aber in Bezug auf Reinhardt hege ich eine schier unzerstörbare Phönixzuversicht. Die Neigung des Auslands, auf deutsches Kunstgewerbe hereinzufallen, kann durch eine Kulturpolitik, die sich fanatisch unter dessen Niveau begab, nur bestärkt werden; und auch Oxford entbehrt ja nicht des Ehrendoktorats. (Selbst auf dem Boden ahnungsloser Pariser Toleranz können Faktoren, denen der von Berlin zivilrechtlich heiß wurde und die sich darum für Emigranten halten, Hoffnungen und Notizen aufpflanzen.) Eben die Zeitung, die meine Mission so eng begrenzt und die mitten in der Schilderung der Panik noch die Geistesgegenwart hatte, festzustellen, der Magier sei bloß zum Zahnarzt nach Wien geeilt, sie wird zur Erhaltung seiner Erdenspur das Erdenklichste vorkehren. Schließlich hat ja das deutsche Aufräumen in seiner ganzen Trostlosigkeit noch die Folge, daß der atemberaubende Mist unserer Kulissensorgen sich vermehrt hat, daß die Prominenz hochschwillt wie noch nie, und daß diese Elefantiasis von Mücken, die das tägliche Blattbild erfüllt, katastrophal wäre, wenn nicht kulturbewußte Trenchcoat-Erzeuger immer wieder bestrebt wären, sie zu bemänteln.

Nein, so einfach ist dieser Ausgang nicht, daß ich nur mit Schadenfreude an ihm beteiligt wäre. Denn ich muß einen Ver-

[39] fatores “de Reinhardt a Kerr” privados de seu poder talvez seja satisfatório como resultado; mas deixando inteiramente de lado o fato de eu não o aceitar de presente da estupidez imunda que o causou, já se tornará evidente que minha perda foi maior do que a sofrida pelo mundo cultural. Só que digo a mim mesmo o que os estadistas costumam afirmar depois de um revés: eu sou otimista. Penso que muitos daqueles que agora têm de assegurar ao entrevistador que não fugiram, mas vieram de trem, encontrarão o caminho de volta para casa; em todo caso, não abandono a esperança de que uma retrospectiva resumida do que presenciei em Berlim entre o teatro, a imprensa e a justiça, e que já registrei, possa se tornar acessível, sem perdas, à posteridade e também aos contemporâneos; acredito inclusive que apesar do abatimento de Zsolnay ainda virá o tempo em que poderei fazer justiça à perspectiva pela qual Emil Ludwig viu Mussolini e a mim. Mas em relação a Reinhardt nutro uma confiança de fênix quase indestrutível. A tendência dos países estrangeiros a se deixarem enganar pela indústria artística alemã só poderá se reforçar, devido a uma política cultural que desceu fanaticamente abaixo do nível daquela; e Oxford, afinal, também não dispensa o doutorado *honoris causa*. (Mesmo no solo da ingênua tolerância parisiense, fatores para os quais o de Berlim se tornou quente do ponto de vista dos direitos civis, e que por isso se consideram emigrantes, podem plantar esperanças e anotações.) Precisamente o jornal que tanto restringiu minha missão e que em meio à descrição do pânico ainda teve a presença de espírito de constatar que o mago fora depressa a Viena apenas para consultar o dentista, fará o possível para conservar os traços dele sobre a Terra. Por fim, em toda sua desolação a arrumação alemã ainda provocou um aumento do esterco sufocante de nossas preocupações de bastidor, uma inflação de celebridades nunca vista e, se não fosse o empenho incessante dos fabricantes de casacos de trincheira com consciência cultural que buscam encobri-la, a catástrofe dessa elefantíase de mosquitos que preenche o jornal diário.

Não, essa saída não é tão simples a ponto de que eu tomasse parte nela apenas com satisfação pela desgraça alheia. Pois

14 Paul von Zsolnay (1895-1961): editor austríaco.

15 Emil Ludwig: pseudônimo do escritor alemão Emil Cohn (1881-1948). Entre inúmeras outras obras, publicou em 1932 (editado por Zsolnay) os *Diálogos de Mussolini com Emil Ludwig*.

32 Preocupações de bastidor: segundo nota de Pierre Deshusses, muitos atores deixaram a Alemanha para se instalar na Áustria.

33 Fabricantes de casacos de trincheira: conforme Pierre Deshusses, alusão aos nazistas, que teriam tido predileção por vestimentas desse gênero. O casaco de trincheira (*trenchcoat*) foi usado pela primeira vez durante a Primeira Guerra Mundial.

[40] lust beklagen, der leider nicht unwiederbringlich ist und über den ich, wenn er es wäre, nicht zu klagen hätte. Es ist also kompliziert. Ich kann nicht klagen, daß mir manche Erscheinung des Geisteslebens verloren ging, weil ich ehrlicherweise nicht
5 sagen könnte, daß ich es nicht gewollt habe. Aber ich muß mich doch wieder beklagen, weil ich es ja wesentlich anders gewollt und vor allem reiflicher erwogen habe. Und besonders, weil wie gesagt seinem Naturhang zufolge ein Satiriker mit der Verminderung seines Besitzstands nie so recht einverstanden ist, indem
10 es ihm doch nicht um die Erledigung des Einzelfalls geht, sondern im Gegenteil um die Bewahrung des Exempels als eine Möglichkeit, daran das Übel der Gattung darzustellen, womit er niemals zu Ende kommt noch kommen möchte. Denn solange ihm zu einem Dummkopf etwas einfällt, solange ein
15 Schwindler vorbildlich wirkt, muß er um die Erhaltung besorgt sein, und man ahnt nicht, wie bange Zeiten da unsereins durchmacht. Wohl gibt es viele; aber wenige sind auserwählt, und nicht ohne Grund ist mancher prominent. Wie man den Wisent nicht gern aussterben läßt, so ist der Satiriker im Gehege der
20 Politik und des Kulturwesens wachsam. Sträubt er sich schon dagegen, daß das Exemplar ihm durch eignes polemisches Dazutun abhanden komme – was heute zum Glück unmöglich und was als seine Absicht oder gar als seinen Wunschtraum zu deuten ein verbreiteter Irrtum ist –, so möchte er vollends seine
25 Objekte vor dem Eingriff einer wirksameren Gewalt in Obhut nehmen, die mit Unrecht und von ganz anderswoher die Aversion teilt. Nein, nie sind Mortimers ungelegener gestorben – Fluch ihrem Überwinder! Und aller Undank shakespearescher Könige, die Auftrag gaben; denn ich hätte die Opfer noch
30 braucht.

Wäre also der Grund kompliziert, warum ich einen Verlust beklagen muß, über den ich nicht klagen kann und vice versa, so stellt sich ohne jedes Dilemma heraus, daß ich mich über den Gewinn nicht freue. Aus dem einfachen Grund, weil er keiner
35 ist. Es scheint aber doch schwierig, in die Betrachtung dieser Materie einzudringen, und man merkt, mit welcher Vorsicht ich aus dem Apokalyptischen durch das Journalistische

[40] preciso lamentar uma perda que infelizmente não é irreparável, e acerca da qual, se ela o fosse, eu não teria do que me queixar. Ou seja, as coisas são complicadas. Não posso me queixar de que perdi muitas figuras da vida intelectual, pois não poderia
5 dizer honestamente que não o quis. Mas por outro lado preciso me queixar, pois eu quis as coisas de uma maneira essencialmente diferente e, sobretudo, ponderei-as com mais maturidade. E especialmente porque, como foi dito, por sua inclinação natural um satirista nunca está lá muito de acordo com a redução do
10 nível de suas posses, pois não se trata para ele da liquidação do caso particular, e sim, pelo contrário, da conservação do exemplo como uma possibilidade de mostrar por meio dele o mal da espécie, algo que ele nunca acaba nem gostaria de acabar. Pois enquanto lhe ocorrer algo acerca de um imbecil, enquanto um
15 embusteiro tiver efeito exemplar, ele precisa se preocupar com a conservação, e não se faz ideia de que tempos assustadores pessoas como nós estão passando. Decerto há muitos; mas poucos são escolhidos, e não sem razão muitos são célebres. Assim como não se quer a extinção do bisonte, do mesmo modo o satirista está vigilante no cercado da política e da cultura. Se ele já
20 resiste a perder o exemplar por meio de sua própria intervenção polêmica – o que hoje felizmente é impossível, e que interpretar como sua intenção ou até mesmo como seu sonho é um erro difundido –, assim ele gostaria de tomar seus objetos inteiramente sob o seu cuidado e protegê-los da violação por uma força
25 mais eficaz, que partilha a aversão injustamente e por motivos totalmente distintos. Não, nunca os Mortimer morreram em hora mais imprópria – maldito aquele que os derrotou! E que receba toda a ingratidão dos reis shakespearianos que lhe deram
30 a incumbência; pois eu ainda teria precisado das vítimas.

Portanto, se é complicada a razão pela qual preciso lamentar uma perda sobre a qual não posso me queixar e vice-versa, verifica-se sem qualquer dilema que não estou satisfeito com o ganho. Pela simples razão de não ser ganho algum.
35 Mas parece difícil penetrar na consideração dessa matéria, e se percebe com que cautela saio escaramuçando do âmbito apocalíptico e passo pelo jornalístico

27 Mortimer: personagem de *Henrique IV*, de Shakespeare.

[41] plänkle, um in medias res einer Nichtvorhandenheit zu gelangen, die in den Annalen der deutschen Kulturgeschichte auf leeren und mit Blut verklebten Blättern stehen wird. Das erreichte Positivum gibt sich zunächst darin zu erkennen, daß der grundsätzliche Entschluß zur Zerstörung von Lebenswerten dem beseitigten Unwert zu einem unrechtmäßigen Martyrium verholfen hat oder zu einer sonst unerlangbaren Geltung vor dem Ausland, welches naturgemäß dazu neigt, jedes Opfer deutscher Proskription mit einem Talent oder doch einem Charakter zu verwechseln. Was diesen betrifft, konnte der Irrtum durch das Verhalten der Betroffenen richtiggestellt werden; das Staunen war nicht gering, ein wie kleines Geschlecht der große Moment der Verbrennung gefunden hat und wie unwert sich viele, wenn sie sie überhaupt verdient hatten, einer Gunst zeigten, die Schriftstellern der Neuzeit doch so selten widerfährt. Sie waren der Ehre nachher so unwürdig wie zuvor. Ich möchte ja nicht um einen Nobelpreis mit dem Tucholsky auf einem Scheiterhaufen brennen; aber wenn es jemals ein Schulbeispiel dafür gegeben hat, daß das Glück die Gaben ohne Wahl und ohne Billigkeit verteilt, so ist es diese schwarze Liste, bei deren Anblick einen der gelbe Neid packt. Wo bleibt da die Gerechtigkeit, wenn man sein Leben lang zersetzend gewirkt hat, den Wehrwillen geschwächt, den Anschluß widerraten und den ans Vaterland nur zum Schutz gegen das andere empfohlen hat, in der oft (selten mit Quelle) zitierten Erkenntnis, daß dort elektrisch beleuchtete Barbaren hausen und daß es das Volk der Richter und Henker sei. Und wenn man nun zusehen muß, wie so mancher für einen brennen darf, den man verleitet hat, eben davon zu singen und zu sagen! Aber wer weiß, vielleicht hat sogar der Nationalsozialismus noch ein Gefühl für die Rechtmäßigkeit von Meinungen, oder vielleicht ist sein Zugriff durch Kenntnis und Mißverständnis meiner Verdienste um die Journalle gehemmt, durch die Dankesschuld für eine Befruchtung, die sie selbst mir vorwirft. Denn man könnte doch, was eben sie betrifft, nicht behaupten, daß ich da nicht auch zersetzend gewirkt, daß ich irgendetwas unterlassen habe, was zum völkischen Herzen spricht, freilich ohne daß ich den Drang hatte,

[41] para chegar *in medias res* de uma não presença que constará nos anais da história cultural alemã em páginas vazias e grudadas com sangue. O que se obteve de positivo se apresenta inicialmente no fato de a decisão fundamental de

5 destruir valores vitais proporcionar ao desvalor eliminado um martírio ilegítimo ou um prestígio de outra maneira inalcançável frente aos países estrangeiros, que naturalmente tendem a confundir toda vítima da proscrição alemã com um talento ou então com um caráter. Quanto a este, o erro

10 pôde ser corrigido pelo comportamento dos atingidos; não foi pouco o assombro de ver que estirpe pequena encontrou o grande momento da queima, e quão indignos muitos, se é que a tinham merecido, se mostraram de um benefício que tão raramente sucede a escritores da Idade

15 Moderna. Eles foram tão indignos da honra depois quanto antes. Eu não gostaria de queimar com o Tucholsky numa fogueira por um prêmio Nobel; mas se alguma vez existiu um exemplo clássico de como a fortuna distribui os dons sem seleção e sem equidade, então é essa lista negra, à vista da qual se fica amarelo

20 de inveja. Onde vai parar a justiça quando alguém agiu desagregadoramente durante toda a sua vida, enfraqueceu a vontade de defesa, desaconselhou a anexação e a recomendou com relação à própria pátria apenas como proteção

25 indicando a fonte) de que lá vivem bárbaros iluminados por luz elétrica e que eles são o povo dos juízes e dos carrascos? E quando agora temos de ver como muitos podem queimar por nós, que os induzimos a cantar e contar precisamente sobre esses temas! Mas quem sabe, talvez até

30 o nacional-socialismo ainda tenha uma sensibilidade para a legitimidade de opiniões, ou talvez sua intervenção seja inibida pelo conhecimento e pelo mal-entendido de meus méritos quanto à jornalha, pela dívida de reconhecimento por uma fecundação que ela própria me censura. Pois não

35 se poderia afirmar, no que concerne precisamente a ela, que aí também não agi desagregadoramente, que deixei de fazer algo que fala ao coração popular, contudo sem ter o ímpeto de nele

1 *In medias res*: no meio dos acontecimentos. Expressão de Horácio para designar o estilo de Homero, que, após breves preâmbulos, transporta o leitor diretamente para o meio dos acontecimentos.

16 Kurt Tucholsky (1890-1935): escritor satírico alemão.

21 Desagregadoramente: em alemão, *zersetzend*. Com seus derivados *zersetzend* e *Zersetzung*, o verbo *zersetzen* (decompor, desagregar, dissolver) designava, por um lado, a suposta arma do assim chamado judaísmo internacional para chegar ao domínio mundial, ou seja, a destruição de toda a ordem orgânica por meio da atividade do intelecto crítico e da mistura de raças. Por outro lado, também era o termo técnico jurídico para designar o solapamento da “vontade de defesa”, punido com pena de morte.

22 Vontade de defesa: *Wehrwille*, sinônimo de *Wehrbereitschaft*, “disposição à defesa”, ou seja, a disposição de servir ao Exército e assim ao Reich e seu Führer.

22 Anexação: Kraus se refere à tentativa de anexar à Alemanha a República da Áustria-Alemanha (*Deutschösterreich*), resultante da dissolução da monarquia austro-húngara ao final da Primeira Guerra Mundial. Tal tentativa foi vetada pela Liga das Nações, sem que, no entanto, a ideia de unificar os países de fala germânica da Europa, que remonta ao período do romantismo, perdesse sua força. Ela foi retomada pelo nazismo e culminou com o *Anschluß*, em março de 1938.

26-27 Povo dos juízes e dos carrascos (*Volk der Richter und Henker*): variação do dito tradicional que define os alemães como o “povo dos poetas e dos pensadores” (*Volk der Dichter und Denker*).

[42] mich hinein zu schreiben. Gewiß, beide Lager können mir sowohl unzulängliche Gegner wie mißratene Gefolgsmänner stellen, und daraus mag sich erklären, daß das Dilemma, worin sich besonders der Nationalsozialismus mir gegenüber befindet, dem meinigen gewachsen ist. Die Rasse mißfällt ihm; doch die Entschiedenheit, die die Verbindung nicht achtet, wie irgendwelche Verbindung, imponiert ihm vielleicht. So wäre es (letzten Endes) angezeigt, aus der Gefahr einer Begönnerung zu fliehen. Aber vielleicht ist weder Gunst noch Haß zu fürchten, indem doch auch die Vermutung Platz greifen könnte, daß eine Partei, die grundsätzlich zum Totschlagen neigt, im Ausnahmefall das Totschweigen für jene empfindlichere Vergeltung erachtet, mit der schon die Gegenseite so gute Erfolge erzielt hat. Dazu käme freilich noch das diabolische Mittel, mein satirisches Wirken zu hemmen und im Keime zu ersticken: durch die Erschaffung einer Geisteswelt, zu der mir nichts mehr einfällt. Nach den Taten heroischen Aufschwungs, die durch ihre Erstmaligkeit überrumpeln, wäre es die bewährte deutsche Taktik, den Gegner zu zermürben und unter langsamer, aber beharrlicher Anödung schließlich zu entwaffnen. Und zwar sowohl durch die Verluste, die man dem Satiriker vermöge Entziehung seiner besten Hilfskräfte zufügt, wie noch mehr durch den Gewinn, mit dem man ihn entschädigt, indem doch für sie ein Ersatz geboten wird, der jeder Beschreibung spottet, die die Satire davon machen könnte. Das Resultat wäre, daß die nationale Bewegung, geschickt manövrierend, bald durch Entrückung von Objekten, bald durch deren Herstellung, dem Satiriker an die Existenz greift, selbst wenn sie willentlich gar nicht nach ihr langte. Indem sie aber so statt durch die schwarze Liste durch eine weit schwärzere List ihn opfert und ein Raffinement betätigt, das ihrer Schlichtheit nicht zuzutrauen war, würde sie die Mission erfüllen, die schon so viele Zeiterscheinungen versucht haben: mich durch ihre Wirksamkeit auszulöschen und quietschvergnügt die letzten Tage der Menschheit zu überleben.

Unter ihnen befindet sich eine Gestalt, die mir erst lange nach dem Weltkrieg genaht ist, eine der schwankendsten, die

[42] me inscrever. Certamente, os dois campos podem me apresentar tanto adversários insuficientes quanto partidários malogrados, e pode ser que isso explique o fato de o dilema em que especialmente o nacional-socialismo se encontra em relação a mim estar à altura do meu. A raça o desagrada; mas a firmeza que não considera a ligação, como qualquer ligação, talvez lhe imponha respeito. Assim, seria indicado (no final das contas) fugir do perigo de um favorecimento. Mas talvez não haja favor nem ódio a temer, pois também pôde surgir a suposição de que um partido que tende por princípio a matar a pancadas considera a morte pelo silêncio, em casos excepcionais, como aquela retaliação mais delicada, com a qual a parte contrária já atingiu resultados tão bons. No entanto, a isso ainda se somaria o meio diabólico de refrear minha ação satírica e matá-la na casca: pela criação de um mundo intelectual sobre o qual nada mais me ocorre. Depois dos atos de brio heroico que surpreendem pelo seu ineditismo, a tática alemã comprovada seria desmoralizar o adversário e finalmente desarmá-lo por um entediamento lento mas persistente. E isso tanto pelas perdas causadas ao satirista ao privá-lo de seus melhores ajudantes quanto ainda mais pelo ganho com que ele é indenizado ao se oferecer um substituto deles que zomba de toda descrição que a sátira poderia fazer disso. O resultado seria que o movimento nacional, manobrando habilmente, ora por afastamento de objetos, ora por sua criação, atenta contra a existência do satirista, mesmo que de forma alguma tentasse deliberadamente colocar as mãos nela. Mas ao sacrificar o satirista assim, não por meio da lista negra, mas por meio de uma lábia mais negra ainda, e manejando um refinamento que não se poderia esperar de sua singeleza, o movimento cumpriria a missão que tantas figuras contemporâneas já tentaram: apagar-me por meio de sua eficácia e sobreviver feliz da vida aos últimos dias da humanidade.

Entre elas encontra-se uma figura que se aproximou de mim apenas muito tempo depois da Guerra Mundial, uma das mais

[41], 37 Popular: = *völkisch*, tradução do latim *popularis*. No século XIX, propôs-se o uso de *völkisch* para traduzir *national*, acepção em que o termo se difundiu rapidamente. No contexto do nacional-socialismo, o termo, assim como o substantivo *Volk*, “povo”, assume uma conotação bem específica, pois é empregado em estreita relação com as noções de sangue e solo: um “povo” seria uma comunidade definida pelo fato de ter antepassados comuns e habitar o mesmo território, compartilhando também a mesma história, a mesma língua e a mesma cultura. Malgrado a precariedade desse conceito (a língua e a cultura ditas “alemãs” foram bastante heterogêneas em suas origens), ele serviu ao nazismo para difundir a ideia de uma coletividade homogênea que necessita da liderança forte de um guia, um *Führer*.

30 Lista negra / lábia mais negra ainda: “lista” e “lábia” traduzem *Liste* e *List*. Perdeu-se o trocadilho, mas conservou-se em alguma medida a aliteração.

36 4.4 SEÇÃO 4: Bernhard Diebold (da página 42, linha 36, à página 53, linha 30).

[43] sich im Vordergrund deutschen Kulturlebens tummeln durften und vermöge ihrer Wendigkeit noch tummeln dürfen. Es ist Bernhard Diebold, bekannter unter dem Namen Bernardo Dieboldo, den er annahm und hierauf ich ihm gemacht habe. Er unternimmt in der Frankfurter Zeitung, wirksamer als der Wiener Scherzbold, den Versuch, durch Konfrontation meiner Tätigkeit mit dem Nationalsozialismus mir dessen Beachtung zu erringen und mich zu dessen Betrachtung zu ermuntern. Und ich leiste sie so ungern, weil ich mich im Gegenteil lieber mit der deutschen Sprache befasse, und weil mich doch die Aufgabe, diese nach französischen Versen der Offenbachschen Musik anzupassen, weit mehr beglückt. Denn solches ist ja, letzten Endes, wichtiger als sich mit dem zu beschäftigen, was nicht einmal ahnt, wie öde es ist und daß selbst der Abgrund gähnt, der einen davon trennt. Aber es freut mich auch immer, mich der Presse als einer Heldenreizerin zu bedienen, die mich zwar nicht liebt, jedoch »zu neuen Taten läßt«, also ungefähr im Sinne Wagners, dessen Antithese zu Offenbach eben, wie wir sehen werden, Diebolds Sorge ist und sein Motiv, bei Goebels mich verdächtig und sich lieb Kind zu machen. Doch war es ihm von Natur bestimmt, Anschluß zu finden, denn sie hat ihn ledern erschaffen und quick zugleich. Seit ich ihn kenne einer meiner schwersten Fälle, einer meiner rückfälligsten Patienten, in allen publizistischen Lagen an jener Wut leidend, die man auf mich hat und die als Kritik in Erscheinung tritt, hat er nun die große Gelegenheit denunziatorischen Dranges benutzt, um ein Mütchen zu kühlen, das sonst minimal wäre, aber gestützt auf die Waffe der populären Stimmung, es selbst mit dem Mut aufnimmt. Diebold galt lange als führender Kopf deutscher Theaterwissenschaft, bis ich ihm dahinterkam, und als er sich, schon unsicher gemacht, eines Tages gehen und dem Humor die Zügel schießen ließ, ergriff ich diese und stellte ihn in Originalgröße als den Schalk dar, der im Auftrag eines Reisebüros – welches die Frankfurter Zeitung für eine Beilage gemietet hatte – deutsche Hochzeits- und Weinreisende mit allerlei Ulk zur italienischen Topographie versorgte. Ich habe ihm eine Visitenkarte als Empfehlung ausgestellt, die schon

[43] inconstantes que puderam se agitar no primeiro plano da vida cultural alemã e, graças à sua flexibilidade, ainda se agitam. Trata-se de Bernhard Diebold, mais conhecido sob o nome de Bernardo Dieboldo, que ele adotou e que tomei pelo verdadeiro.

5 De maneira mais eficiente que o *Wiener Scherzbold*, ele empreende na *Frankfurter Zeitung* a tentativa, pela confrontação de minha atividade com o nacional-socialismo, de conquistar para mim o respeito deste e me animar a observá-lo. E o faço tão a contragosto porque, pelo contrário, prefiro me dedicar à língua

10 alemã e porque a tarefa de adaptá-la à música de Offenbach conforme versos franceses me satisfaz muito mais. Pois isso, no final das contas, é mais importante que se ocupar de uma coisa que nem sequer suspeita do quanto é aborrecida e de que mesmo o abismo que dela nos separa boceja. Mas também sempre me

15 alegre servir-me da imprensa como uma estimuladora de heróis, que, é verdade, não gosta de mim, porém “leva a novas ações”, ou seja, mais ou menos no sentido entendido por Wagner, cuja antítese a Offenbach, como veremos, é a preocupação de Diebold e seu motivo para me tornar suspeito junto a Goebbels e

20 se fazer de seu queridinho. Mas ele estava destinado por natureza a encontrar companhia, pois ela o fez insípido e vivaz ao mesmo tempo. Desde que o conheço um dos meus casos mais difíceis, um de meus pacientes mais recidivos, sofrendo em todas as situações jornalísticas daquela raiva que se tem de mim

25 e que se manifesta sob a forma de crítica, agora ele aproveitou a grande ocasião do ímpeto denunciatório para descarregar sua fúria, que de outro modo seria mínima, mas apoiada na arma dos ânimos populares chega até a competir com a coragem. Até que o desmascarei, Diebold foi considerado por muito tempo a

30 cabeça mais importante dos estudos teatrais alemães, e quando um dia, já inseguro, se descuidou e deu rédeas soltas ao humor, eu as tomei e o apresentei em tamanho original como o bufão que por encomenda de uma agência de viagens – que a *Frankfurter Zeitung* tinha contratado para um suplemento –

35 abasteceu casais em lua de mel e degustadores de vinho alemães com todo tipo de pilhéria sobre a topografia italiana. Elaborei para ele, como recomendação, um cartão de visitas que já era

3 Bernhard Diebold (1886-1945): escritor e dramaturgo suíço, crítico da *Frankfurter Zeitung*.

5 *Wiener Scherzbold*: ou “piadista vienense”. Alusão ao antes mencionado Friedrich Deutsch (ver p. [37]).

10 Jacques Offenbach (1819-1880): compositor de operetas teuto-francês.

26-27 Descarregar sua fúria: *ein Mütchen zu kühlen*. *Mütchen* é o diminutivo de *Mut*, “coragem”, que ocorre pouco depois.

[44] eine Landkarte war, und während jene ihre Freude hatten und am Vesuv Spassettn trieben, offenbarte ich der übrigen Geisteswelt den Stiefel, der ihr bis dahin hinter kunstphilosophischem Geflunker verborgen war. Dieboldo, der schon, öffentlich und privat, seine Beherrschung zu verlieren pflegte, sooft nur meine Existenz in den Kreis seiner Vorstellung trat oder von ihm gedrängt wurde, nunmehr auf die Formel seiner Banalität zurückgeführt, tat, was alle Hysteriker tun, deren Zustand durch ein letztes Bewußtsein der Ohnmacht verschärft wird: er vergriff sich an einem andern. Er schrieb als Antwort eine Kritik gegen Offenbach's unvergleichliche »Briganten«, deren Titel nicht erst im heutigen Deutschland anzüglich wirkt und auf deren Spur ein Berliner Regisseur leider durch mich geführt worden war. Es gelang dem Diebold hiebei, eine solche Fülle von Ignoranz, Verleugnung künstlerischer und geistiger Sachverhalte und falsch adressierter Gehässigkeit anzubringen, daß nur eine noch größere Fülle von aktuellem Aberwitz mich damals bestimmen konnte, jene auf sich beruhen zu lassen; ein berichtigendes Schreiben wurde von der Frankfurter Zeitung ignoriert, die mir einmal versprochen hatte, jeden Besudler Offenbachs zu hemmen, der verdächtig schien, den toten Satiriker für den lebenden in Strafe zu nehmen. Sie hat sich inzwischen der Vorschrift, überhaupt keine Meinung zu haben, anpassen müssen, wiewohl ein starker finanzieller Rückhalt ihr die förmliche Gleichschaltung zu ersparen und ein wenig von jener relativen Sauberkeit, die nicht viel wert ist, zu bewahren schien, innerhalb eines Metiers, dessen ersetzbare Gesinnung durch mein Wirken nicht weltkundig war. Ist es mir doch beiweitem nicht gelungen, diese so zur Anschauung zu bringen, wie es »schlagartig« der kühne Handstreich vermocht hat, mit dem die Erpressung an den Erpressern begangen wurde, jener Zugriff, der so manchen Piraten zwang, sich von den Aktien eines Familienbesitzes an öffentlicher Meinung zu trennen und das Raubschiff politischen Korsaren zu überlassen. Die Frankfurter Zeitung half sich eine Zeitlang, wie sie konnte, und sie konnte nicht umhin, die »Verkündigung des Dritten Reiches« durch Herrn Johst als etwas zu empfinden, das »an die Herzen

[44] uma carta geográfica, e, enquanto aqueles se divertiam e faziam piadinhas ao pé do Vesúvio, revelei ao mundo intelectual restante o disparate que até então estivera escondido por trás de patranhas de filosofia da arte. Dieboldo, que já costumava

5 perder as estribeiras pública e privadamente sempre que minha existência entrava no círculo de sua imaginação ou fosse por ele incomodada, a partir de então reduzido à fórmula de sua banalidade, fez o que fazem todos os histéricos cujo estado se agrava devido a uma última consciência da

10 impotência: foi maltratar outro. Como resposta, escreveu uma crítica contra os incomparáveis *Bandidos* de Offenbach, cujo título tem efeito alusivo não apenas na Alemanha de hoje e em cujos passos um diretor berlinense infelizmente fora guiado por mim. O Diebold conseguiu colocar nisso tal profusão

15 de ignorância, negação de fatos artísticos e intelectuais e hostilidade erroneamente endereçada que apenas uma profusão ainda maior de asneira atual pôde me levar naquela ocasião a deixar aquela de lado; um texto de retificação foi ignorado pelo jornal *Frankfurter Zeitung*, que certa vez tinha me

20 prometido refrear todos os conspiradores de Offenbach que parecessem suspeitos de castigar o satirista morto em lugar do vivo. Desde então, esse jornal precisou se adaptar à ordem de não ter absolutamente nenhuma opinião, embora um forte apoio financeiro parecesse poupá-lo

25 da sincronização formal e conservar-lhe um pouco daquela limpeza relativa que não vale muito num ofício cuja mentalidade permutável não era conhecida do mundo por meio de minha atuação. Mas nem de longe consegui tornar essa mentalidade tão evidente como conseguiu

30 “de um golpe” o ousado ataque repentino com que a chantagem foi cometida com os chantagistas, aquela intervenção que forçou tantos piratas a se desfazer das ações de um patrimônio familiar de opinião pública e abandonar o navio de rapina a corsários políticos. O *Frankfurter*

35 *Zeitung* fez o que pôde por algum tempo, e não pôde deixar de sentir a “proclamação do Terceiro Reich” feita pelo senhor Johst como algo que “toca os corações”.

1 Um cartão de visitas que já era uma carta geográfica: traduzindo *Landkarte* por “carta geográfica” e não por “mapa”, conserva-se em alguma medida a relação com *Visitenkarte*.

3 Disparate: em alemão, *Stiefel*, cujo significado mais usual é “bota”, neste contexto uma alusão ao formato do mapa da Itália.

37 Hanns Johst (1890-1978): escritor alemão. Começou sua carreira como expressionista, mas se destacou sobretudo como autor da peça nacionalista *Schlageter*. Entre 1935 e 1945, presidente da Academia de Poesia Alemã e da Câmara de Literatura do Reich. Recebeu vários prêmios pela sua obra, em que celebrava o nacional-socialismo e sua ideologia. Depois da Segunda Guerra Mundial, foi condenado a trabalhos forçados e proibido de publicar por dez anos.

37 “Toca os corações”: “*an die Herzen schlägt*”. O sentido mais usual do verbo *schlagen* é “bater”, o que torna a formulação original bem mais ambígua.

[45] schlägt«. Bald erklärte sie offenherzig, daß sie den Zwiespalt zwischen ihrem Freisinn und dem »Lebensstil der Unerbittlichkeit« nicht mehr fühle, wiewohl sie von einem Stück des Dramatikers Goebbels zugeben mußte:

5

Kunst als objektive Lebensbetrachtung im Sinne Goethes ist nicht erstrebt.

Drückte sie sich nun redaktionell um die Erkenntnis dessen, was eigentlich von Goebbels erstrebt ist, der ja doch hundert Jahre nach Goethe in die deutsche Kultur trat, so hat sie dem Diebold, der ihr anhaftet, erlaubt, sich programmatischer auszusprechen. Wenn er sich aber beeilte, der neuen Macht seine Tüchtigkeit darzureichen, so geschah es nicht so sehr zu dem geringfügigen Zweck seiner Selbsterhaltung, als in der sittlichen Absicht, ihre Aufmerksamkeit auf einen ihm unbequemen Autor zu lenken, dessen erhofftes Schweigen ihm das Gefühl der eigenen Sicherheit noch erhöhen mochte. Er glaubte, daß er es durch einen Fingerzeig festlegen könnte, aber er unternahm diesen bloß mit dem Erfolg, es zu unterbrechen. Daß man im neuen Staat entschlossen ist, »dem überhandnehmenden Denunziantentum entgegenzutreten« wie allen sonstigen Einzelaktionen, die man fördert, davon hatte Diebold nichts zu befürchten, als er sich mit dem Artikel einstellte, dessen Titel eine Frage war, die einen gewissen Zweifel zu bekunden schien:

25

Und die Kultur?

Anstatt aber als der Kulturmensch, den er doch immerhin mit der Fähigkeit des ehemaligen Burgtheaterkomparsen darstellt, die Frage glatt zu verneinen, kam er dem Umschwung mit Erwartungen entgegen, deren leise Skepsis höchstens den Schmerz hervortreten läßt, daß Reinhardt geopfert wurde,

30

dieses theatralische Genie, das die deutschen Klassiker in vorbildlicher Weise im Sinne der Dichtung für Generationen neugestaltet hat.

35

Da diese somit doch versorgt wären, kann sich Diebold den positiveren Vorzügen der nationalen Kulturreform hingeben, und da gelangen wir gleich in medias res dessen, was er eigentlich auf dem Herzen hat:

40

[45] Logo ele declarou de coração aberto que não sentia mais a discrepância entre seu liberalismo e o “estilo de vida da implacabilidade”, embora tivesse de admitir a propósito de uma peça do dramaturgo Goebbels:

5

Não se busca alcançar a arte como contemplação objetiva da vida no sentido goethiano.

Se ele se esquivou redacionalmente de reconhecer o que de fato

10 busca alcançar Goebbels, que afinal entrou na cultura alemã cem anos depois de Goethe, tal jornal permitiu ao Diebold, que está grudado nele, expressar-se de maneira mais programática. Mas se este se apressou em oferecer suas habilidades ao novo poder, isso aconteceu menos com o objetivo insignificante de
15 sua autoconservação que com a intenção mais moral de dirigir a atenção desse poder a um autor que o incomoda e cujo esperado silêncio poderia aumentar ainda mais a sensação da própria segurança. Ele acreditou que poderia determinar isso por meio de uma indicação, mas ele a empreendeu apenas com o resultado
20 de interrompê-la. Diebold nada tinha a temer do fato de no novo Estado se estar decidido “a fazer frente ao denunciismo proliferante”, como a todas as outras ações individuais que se promove, quando se apresentou com o artigo cujo título era uma pergunta que parecia manifestar uma certa dúvida:

25

E a cultura?

Mas em vez de responder a pergunta de maneira francamente negativa, como homem de cultura que, em todo caso, ele

30 representa com o talento de antigo figurante do Burgtheater, ele veio ao encontro da reviravolta com expectativas cujo ligeiro ceticismo no máximo coloca em evidência a dor pelo fato de Reinhardt ter sido sacrificado,

35 esse gênio teatral que remodelou os clássicos alemães de maneira exemplar, para gerações, num sentido poético.

Visto que assim tais gerações estariam abastecidas, Diebold pode se dedicar aos méritos mais positivos da reforma cultural

40 nacional, e aí logo entramos *in medias res* do que ele realmente está querendo:

1 De coração aberto: tradução literal de *offenherzig*, termo que usualmente é traduzido por “franco”, “sincero”.

30 Burgtheater: um dos mais importantes teatros de Viena.

40 *In medias res*: no meio dos acontecimentos.

[46] Der Punkt Reinhardt wird auch durchaus nebensächlich vor der allgemeinen Kulturfrage, die sich in diesen Tagen aufrollt. Und wenn der Kommissar Hinkel »jüdische Karikaturisten und Marxisten« beschuldigt, deutsche Größen wie Schiller, Goethe
5 und Kant verhöhnt zu haben, so müssen wir uns kritisch fragen: ob die Berechtigung zu einer solchen schweren Anschuldigung (unter die aber gewiß nicht nur Juden fallen) sich ohneweiters abstreiten ließe. Und wenn wir uns daran erinnern, wie von gewissen radikalen Kreisen
10 ein Gigant wie Richard Wagner lächelnd abgelehnt und ein Jacques Offenbach, der neben jenem nur wie ein witziges Porzellanfigürchen dasteht, zum allbeherrschenden Genie ausposaunt wurde – dann kommt das Problem der kulturellen Verwirrung dieser letzten Jahre
15 in geradezu tragische Beleuchtung.

Daß Herr Reinhardt für Generationen nicht nur die deutschen Klassiker neugestaltet, sondern auch Offenbach verhunzt hat, und doch imstande war, eben damit die Pleite, die vor dem
20 Falle kam, abzuwenden, möge nicht weniger nebensächlich sein als die Klage um diesen. Aber dafür sei hauptsächlich, wodurch das Problem der kulturellen Verwirrung Herrn Diebold in geradezu tragische Beleuchtung kommt und welches Symptom ihm den Zugriff zur Rettung der nationalen Geistesehre
25 rechtfertigt. Er muß es erswindeln. Denn niemand in Deutschland hat, nicht einmal ich habe eine Agitation für Offenbach zugleich mit lächelnder Ablehnung Wagners betätigt, wiewohl ich bereit bin, Herrn Diebold zu garantieren, daß eine Generation, die einen Wahn zu überleben vermöchte, dem witzigen Porzellanfigürchen, das der größte Musikdramatiker aller
30 Zeiten, ja der Schöpfer einer Bühnenwelt war, mehr verdanken wird als dem Giganten, dem sechs Stunden lauschen zu können die Kulturheuchler und nun auch die nationalen Parvenüs behaupten. (Und wiewohl ich, nicht gern auf Nietzsche
35 mich stützend, der Meinung bin, daß selbst die französischen Texte, die Herr Diebold verachtet – losgelöst wenig bedeutend, viel vermöge der Unlösbarkeit –, daß sie mehr organisches Leben und Fluß enthalten als alles Wigelaweia und

[46] O ponto Reinhardt também se torna inteiramente secundário
diante da questão geral da cultura que se apresenta nestes
dias. E se o comissário Hinkel acusa “caricaturistas e marxistas
judaicos” de terem troçado de grandes alemães como Schiller, Goethe
5 e Kant, precisamos nos perguntar criticamente se a
legitimidade de uma acusação grave como essa (mas que com
certeza não se refere apenas a judeus) pode ser contestada
com facilidade. E se nos recordarmos de como certos
círculos radicais rejeitaram sorrindo um gigante como
10 Richard Wagner e trombetearam como gênio todo-poderoso
um Jacques Offenbach, que se encontra ao lado
daquele apenas como uma figurinha engraçada de
porcelana – então o problema da confusão cultural
destes últimos anos se apresenta sob uma luz realmente
15 trágica.

O fato de o senhor Reinhardt não só ter remodelado os clássicos
alemães para gerações, mas também ter estropiado Offenbach, e,
no entanto, ter sido capaz de precisamente com isso impedir a
20 bancarrota que precedeu a queda, pode não ser menos secundário
do que o lamento por esta. Mas para tanto é fundamental
amaneira pela qual o problema da confusão cultural se apresenta
ao senhor Diebold sob uma luz realmente trágica e que sintoma
justifica para ele intervir pela salvação da honra nacional do
25 espírito. Ele precisa arranjar esse sintoma por meio de fraude.
Pois ninguém na Alemanha, nem mesmo eu, tomou parte de
uma agitação em favor de Offenbach enquanto rejeitava Wagner
sorrindo, embora eu esteja pronto a garantir ao senhor Diebold
que uma geração que consiga sobreviver a uma loucura deverá
30 mais à figurinha engraçada de porcelana, que foi o maior drama-
turgo musical de todos os tempos, e inclusive o criador de um
mundo teatral, do que ao gigante que os hipócritas da cultura, e
agora também os novos-ricos nacionais, afirmam conseguir es-
cutar durante seis horas. (E embora, não me apoiando com gosto
35 em Nietzsche, eu seja da opinião de que mesmo os textos fran-
ceses que o senhor Diebold despreza – significando pouco
quando dissociados, e muito devido à indissociabilidade –, que
eles contêm mais vida orgânica e fluxo que todos os *wigela-weia*

3 Hans Hinkel (1901-1960): comissário de Estado do Ministério da Cultura prussiano e, durante o período nazista, secretário da Câmara de Literatura do Reich.

[47] Hojotoho, worin vielleicht ein Tiefstes geborgen ist, das sich leider der Sprache, der Musik, dem Gesamtkunstwerk versagt, doch gewiß jenes Deutsche, dem Wagners Meisterprosa in Natur und Tendenz entgegenstrebt.) Wenngleich es aber für
5 mich ausgemacht ist, daß der deutsche Rundfunk in zwanzig völkischen Jahrgängen der Nation nicht das Entzücken ersetzen wird, das er ihr in zweien durch den Offenbach-Zyklus gewährt hat –

10 eine schönere und wirksamere kulturelle Demonstration hat der deutsche Funk nicht zu bieten

schrieb eine nationale Feder –, so werde selbst dieser Punkt nebensächlich vor der allgemeinen Kulturfrage. Nämlich ob der
15 Diebold nicht die Konjunktur des Schreckens benützen will, um sich an dem zu rächen, den er als den Träger einer mißliebigen Kunstpropaganda meint und den er gar nicht erst nennen muß, um ihn als Objekt einer »schweren Anschuldigung« kenntlich zu machen, unter die aber »gewiß Juden fallen«. Wir
20 »müssen uns kritisch fragen«, wie der Diebold Kulturkritik treibt und zur rechten Zeit anbringt. Denn er weiß, daß Offenbach bei den Völkischen so unbeliebt ist wie ich beim Diebold, und gewohnt, ihn zu treffen, wenn er mich meint, treibt er gewissermaßen zwei Fliegen für den erhofften Schlag zusammen.
25 Umso sicherer, wenn er mich noch ausdrücklich nennt, um dem Verdacht des Kulturbolschewismus alles zu geben, was gebraucht wird. Nie wäre es ihm natürlich in den Sinn gekommen, Offenbach zu hassen, wenn er mich nicht haßte, aber jetzt läßt sich einmal auch aussprechen, was sonst nur zwischen den
30 Zeilen Raum hatte, und erinnern, wer eigentlich an der Verbreitung eines Übels schuld ist, das dem Diebold sonst eher stielgrün auflage. Der Umweg freilich, den er zum guten Ziele nimmt, ist langwierig. Da werden zunächst alle überstandenen Leiden aufgezählt, die die völkische Seele ertragen mußte bis
35 zur »gewaltigen politischen Umwälzung«, die »notwendiger Weise auch das Kulturbewußtsein wandelt«. Diebold gibt ein Bild der Verlotterung, die bis zum erreichten Heil »in den Gesellschaftsformen« eingerissen war, nicht etwa in den Um-

[47] e *hojotoho*, em que talvez se oculte algo mais profundo que infelizmente se recusa à linguagem, à música e à obra de arte total, porém com certeza aquele elemento germaníssimo rumo ao qual aspira por natureza e tendência a prosa magistral de Wagner.) Mas ainda que seja certo para mim que em vinte anos populares [*völkischen*] o rádio alemão não substituirá para a nação o encanto que lhe concedeu em dois por meio do ciclo Offenbach –

10 o rádio alemão não tem a oferecer uma manifestação cultural mais bela e mais eficaz

escreveu uma pena nacional –, mesmo esse ponto se torna secundário diante da questão geral da cultura. A saber, se o

15 Diebold não quer aproveitar a conjuntura do terror para se vingar daquele que considera o portador de uma propaganda artística malvista e que nem sequer precisa mencionar para torná-lo conhecido como objeto de uma “acusação grave”, mas que “certamente se refere a judeus”. Nós “precisamos nos perguntar criticamente” como o Diebold faz crítica cultural e a apresenta no devido momento. Pois ele sabe que Offenbach é tão malquisto pelos populares [*Völkischen*] quanto eu pelo Diebold, e acostumado a atingi-lo quando tem a mim em vista, reúne, por assim dizer, dois coelhos para a esperada caçada. Com

20 segurança tanto maior quando ele ainda me cita expressamente para dar à suspeita de bolchevismo cultural tudo o que for preciso. Naturalmente, nunca lhe teria vindo à mente odiar Offenbach se ele não me odiasse, mas agora também é possível pronunciar o que normalmente apenas teria espaço nas entre-

30 linhas, e recordar quem é realmente culpado pela difusão de um mal que de outra maneira muito incomodaria o Diebold. Porém, o desvio que ele toma para atingir a boa meta é longo. Em primeiro lugar são enumerados todos os sofrimentos superados que a alma popular [*völkisch*] teve de suportar até a

35 “violenta reviravolta política” que “necessariamente também transforma a consciência cultural”. Diebold dá uma imagem da degradação que, até a alcançada salvação, tinha se introduzido “nas formas sociais”, não talvez nas maneiras

1 *Wigelaweia* e *hojotoho*: onomatopeia e clamor pronunciados, respectivamente, por Woglinde em *O ouro do Reno* (prelúdio) e Brünnhilde em *A Valquíria* (ato II, cena 1), óperas da tetralogia *O anel dos Nibelungos*, de Richard Wagner.

26 Bolchevismo cultural: originalmente, a expressão designava os esforços soviéticos para criar uma arte e uma cultura proletárias e empregá-las como arma na luta de classes. Foi usada por todos os partidos alemães até 1933 com o sentido de decadência cultural em sentido amplo. No contexto do nacional-socialismo, a expressão designava os supostos esforços para desvirtuar a sensibilidade popular sadia com o uso da arte e da literatura (dadaísmo, música negra etc.).

[48] gangsformen (die in Gesellschaft nie hysterisch ausarten sollten), sondern in den sittlichen Belangen. Der Bankrotteur übelster Sorte sei geduldet worden, einen »bürgerlichen Tod« – Diebold übersetzt gleich, damit die Nazi nicht irregehen:
5 »Mort civil« – den gab es überhaupt nicht; keine Schuld mehr konnte zur Ächtung führen. Lauter goldene Worte über Verhältnisse, die zwar nicht direkt auf Offenbach zurückzuführen sind, aber einem Mann wie Diebold über die Hutschnur gehen mußten.

10

Auch im Verhalten des Publikums zur Presse wurde die Gleichgültigkeit zu völliger Würdelosigkeit.

Diebold meint da aber nicht etwa die Arschleckerei an maßgebenden Theaterkritikern, nicht den Respekt, den sie auch dann noch genossen, wenn sie als Annoncenhumoristen ertappt waren, sondern er meint bloß die erpresserische Revolverjournalistik, deren Blätter »ganz öffentlich am Kiosk oder im Café gekauft werden durften, ohne daß die Käufer mehr zu erröten
15
20 brauchten«. Aber gab es da keine Abwehr? Doch:

Das Gefühl für kulturelle Würde war wohl bei Einzelnen vorhanden.

Nicht bei allen, denen es eben an einem »gesellschaftlichen Abkommen« (Diebold verdeutscht: »Kon-vention«) gefehlt habe,
25 das ihnen die Weisheit aus dem »Tasso« gesichert hätte: »Erlaubt ist, was sich ziemt«.

Die leidenschaftlichen Anstrengungen Einzelner vermochten nur wenig gegen die Zersplitterung der sittlichen Auffassungen.
30

Bis hierher würde man glauben, Diebold wolle, wenngleich ohne Nennung, dem Wirken der »Fackel« gerecht werden. Aber
35 es stellt sich heraus, daß er sich selbst als den meint, der Leidenschaft für die Bejahung der Werte aufgewandt hat, während er mich im Gegenteil als den nennt, der die Schuld an dem Werk der Zersplitterung trägt, an der Ausbreitung der Revolverpresse, an der Duldung der Bankrotteure, an der Verhinderung
40 des Mort civil. Denn unmittelbar anschließend heißt es:

[48] (que em sociedade nunca deveriam degenerar histericamente), mas nos interesses morais. O bancarroteiro da pior espécie, afirma, era tolerado, uma “morte civil” – Diebold traduz logo, para que os nazis não se enganem: “*mort civil*” – não existia de
5 forma alguma; não havia mais culpa que pudesse levar à proscrição. Apenas palavras de ouro sobre condições que na verdade não cabe atribuir diretamente a Offenbach, mas que para um homem como Diebold ultrapassavam os limites.

27-28 “Permitido é o que convém”:
fala da princesa em *Torquato Tasso*, de Goethe (ato II, cena 1).

10

Também no comportamento do público em relação à imprensa a indiferença se transformou em completa falta de dignidade.

Mas Diebold não se refere aí, por exemplo, ao puxa-saquismo de
15 que foram objeto críticos teatrais influentes e nem ao respeito de que ainda continuaram gozando quando foram apanhados no papel de humoristas de anúncios, mas se refere apenas à extorsionária imprensa sensacionalista, cujos jornais “podiam ser comprados abertamente no quiosque ou no café sem que os
20 compradores precisassem mais enrubescer”. Mas não havia nenhuma defesa contra isso? Pois havia:

O sentimento da dignidade cultural decerto existia em indivíduos.

25 Não em todos, aos quais teria faltado justamente um “acordo social” (Diebold germaniza: “*Kon-vention*”) que lhes tivesse assegurado a sabedoria encontrada no *Tasso*: “Permitido é o que convém”.

30 Os esforços passionais de indivíduos só conseguiram fazer pouca coisa contra o estilhamento das concepções morais.

Até aqui se acreditaria que Diebold estaria querendo, embora sem mencionar ninguém, fazer justiça à atuação de *Die Fackel*.

35 Mas se verifica que ele se refere a si mesmo como aquele que empenhou paixão na afirmação dos valores, enquanto, pelo contrário, me designa como aquele que leva a culpa pela obra do estilhamento, pela expansão da imprensa sensacionalista, pela tolerância em relação aos bancarroteiros, pelo impedimento da
40 *mort civil*. Pois imediatamente depois consta:

[49] Oppositionsliteraten wie Karl Kraus und Tucholsky, die immer nur ein »Nein« gegen andere und nie ein zukunftsträchtiges »Ja« aussprachen; Kulturzerstörer wie der undeutliche Dramatiker Brecht konnten weiteste Kreise der Gebildeten verwirren.

Und ich dachte, daß meine Faszination nicht über den »Anhang«, den Umkreis eines »Blättchens« reiche! Aber ich und der Tucholsky – ich nie ohne ihn, bloß auf dem Scheiterhaufen er ohne mich –: wie kann man das nur, vom Talentunterschied abgesehen, in der Wirkung vergleichen? Wir zwei, wirklich gepaart, haben hier offenbar die Rolle jener »ungefälligen Dämonen« inne, die unserm Diebold, dieser Ja-sagenden Elpore, »kreischen immerfort dazwischen schadenfroh ein hartes Nein«. Was Brecht anlangt – dem ich gleichfalls beim positiven Genius geschadet habe, und der natürlich ein besserer deutscher Dichter ist als Johst und sogar als die Lieblinge, deren Anlagen Diebold dem Schütze der Nation empfiehlt –, so tritt seine »Undeutlichkeit« klar hervor:

In »Mahagonny« wußte kein Zuhörer genau, ob man seinen Whisky bezahlen soll oder ob es »ethischer« sei, ihn nicht zu zahlen.

Dieses Problem scheint den Diebold durch die ganze Zeit der Kulturverwirrung mehr beschäftigt zu haben als das gleichfalls dort vorkommende Gedicht von Kranich und Wolke. Dann gesellt er mir leider noch den Bernard Shaw, den ich ja der bürgerlichen Gesittung als vieillard terrible nachempfinde, und resümiert:

Das Unsichere, Relative, Mehrdeutige wurde interessant in Kunst und Leben.

Dieser Richtung, der ich, mit Tucholsky, ganz hingegeben schien, ist ferner das Überwuchern der »Magazine amerikanischer Art« zuzuschreiben, die ich immer mehr die literarischen Zeitschriften verdrängen ließ.

Ja gewiß: man ging auch in die »Missa solemnis« und feierte Goethe-Jahr und Wagner-Jahr.

[49] Literatos de oposição como Karl Kraus e Tucholsky, que sempre só pronunciaram um “não” contra outros e nunca um “sim” promissor; destruidores da cultura como o ininteligível dramaturgo Brecht puderam confundir amplos círculos de
5 pessoas cultivadas.

E eu pensava que a fascinação que exerço não fosse além dos “sequazes”, do círculo de um “jornalzinho”! Mas eu e o Tucholsky – nunca eu sem ele, apenas na fogueira ele sem
10 mim –: não considerando a diferença de talento, como se podem fazer comparações quanto ao efeito? Nós dois, realmente emparelhados, evidentemente ocupamos aqui o papel daqueles “demônios descorteses” que, para o nosso Diebold, essa Elpore que diz sim, “gritam sem cessar, contentes com a
15 desgraça alheia, um duro não”. Quanto a Brecht – a quem igualmente prejudiquei o gênio positivo, e que naturalmente é um melhor poeta alemão que Johst e inclusive que os favoritos cujas aptidões Diebold recomenda à proteção da nação –, sua “ininteligibilidade” se destaca claramente:

20

Em *Mahagonny* nenhum espectador sabia exatamente se a pessoa deve pagar seu uísque ou se é “mais ético” não pagá-lo.

25 Durante todo o tempo da confusão cultural, Diebold parece ter se ocupado mais desse problema que da poesia do grou e da nuvem que aparece na mesma peça. Depois, infelizmente, ele ainda associa a mim o Bernard Shaw, que eu, afinal, segundo dizem, compreendo como um *vieillard terrible* tal como faz a
30 mentalidade burguesa, e resume:

O incerto, o relativo e o plurívoco se tornaram interessantes na arte e na vida.

35 Além disso, cabe atribuir a essa orientação – à qual, com Tucholsky, pareço completamente entregue – a proliferação de “revistas de tipo americano”, que permiti que suplantassem sempre mais as revistas literárias.

40 Com certeza: as pessoas também assistiam à *Missa solemnis* e comemoravam o ano Goethe e o ano Wagner.

14 Elpore: uma das filhas de Epime-teu na peça *Pandora*, de Goethe.

21 *Mahagonny*: referência à ópera *Ascensão e queda da cidade de Mahagonny*, de Bertolt Brecht e com música de Kurt Weill.

29 *Vieillard terrible*: velho terrível, expressão cunhada por Kraus em analogia com *enfant terrible*, locução que designa a pessoa que gosta de manifestar a sua independência de espírito, criando problemas na sociedade ou no grupo em que vive.

40 *Missa solemnis*: uma das últimas obras de Beethoven.

[50] Aber natürlich nur so »zwischen zwei Kinos«. Diebolds Wirken, zukunftssträchtig, blieb ohne Wirkung:

5 unsere Jeremiaden – über eine Gesellschaft, die sich zwischen kultureller Großtuerei in Goethejahren und einem würdelosen Krisengewimmel bewegte – sie wurden belächelt – Anarchie der kleinsten Persönlichkeiten zerstörte die Autorität der wahrhaft Großen.

10 Die Klassiker hat man enteelt und der Libertinage hat man gefrönt. Aber dieser Vorwurf kann mich nicht treffen, der ich doch im Gegenteil ebensosehr den Ergötzungen der Bürgerwelt an Bekessy entgegentrat wie der Beschmutzung Goethes, vor allem aber auch der Verwendung von Schillerzitate für Italienreisende, freilich auf die Gefahr hin, die Autorität eines wahrhaft Großen, wenn schon leider nicht zu zerstören, so doch zu kränken.

20 Das mußte ein Ende nehmen.

Und Goebbels zur Welt kommen, um die aus den Fugen geratene Zeit einzurichten, mit eigenen Schriften und denen Johsts, welchem Diebold

25 seine geistige Art, den künstlerischen Nationalismus aufzufassen

zuerkennt. Freilich erlaubt er sich für alles Weitere die Mahnung, das Nationale dürfe in der Kunst nicht »mit militärischen und heimatkünstlerischen Phänomenen in Verwechslung geraten«:

30 Die Qualität entscheidet auch innerhalb des nationalen Kunstbereichs.

35 Also nicht wie ihr Herrn das vielleicht meint, bloß Quantität und so Sachen. Diebold erwartet von Goebbels, dem er nachrühmt, was er selbst hat, einen »vor seiner Partei bemerkenswerten Mut«: daß nicht bloß niedergerissen, sondern auch aufgebaut und »eigenkräftige Leistungen gefördert werden«.

40 Aus der Vergangenheit – Schwamm drüber – möchte er Piscator mit seinen »Anregungen« herüberretten und selbstver-

[50] Mas, naturalmente, apenas assim “entre dois cinemas”. A atuação de Diebold, promissora, ficou sem efeito:

nossas jeremiadas – acerca de uma sociedade que se movia entre a
5 fanfarronada cultural em anos Goethe e as lamúrias indignas sobre a crise – foram objeto de sorrisos – a anarquia de pequeníssimas personalidades destruiu a autoridade dos verdadeiramente grandes.

10 Privamos os clássicos de sua alma e nos entregamos à libertinagem. Mas essa acusação não pode me atingir, pois, pelo contrário, combati tanto os divertimentos que o mundo burguês encontrava em Bekessy quanto o emporcalhamento de Goethe, mas sobretudo também o emprego de citações de Schiller para
15 gente que viaja à Itália, sem dúvida com o risco, se não de destruir, infelizmente, a autoridade de alguém realmente grande, pelo menos com o de feri-la.

Isso precisava acabar.

20

E que Goebbels viesse ao mundo para endireitar a época que saiu dos gonzo, usando para tanto escritos próprios e aqueles de Johst, a quem Diebold reconhece

25 sua maneira intelectual de compreender o nacionalismo artístico.

É claro que para todo o resto ele se permite a admoestação de que o nacional “não pode ser confundido na arte com fenômenos militares e de arte regionalis-

30 ta”:

A qualidade também decide no âmbito artístico nacional.

35 Ou seja, não como vós, senhores, talvez estejais pensando, apenas quantidade e coisas assim. Diebold espera de Goebbels, a quem louva o que ele mesmo tem, uma “coragem notável diante de seu partido”: que não se pratique apenas a destruição, mas que também se construa e “se promovam realizações de força
40 própria”. Do passado – não se fala mais nisso –, ele gostaria de resgatar Piscator com suas “incitações” e, obviamente,

41 Erwin Piscator (1893-1966): encenador e diretor teatral alemão.

[51] ständlich die »ideelle Zielsetzung« unseres Unruh, den man der Frankfurter Zeitung nun einmal nicht nehmen darf, im ganzen circa fünf Frankfurter von ehrlichem Kulturbewußtsein, welches aber leider nicht verhindern konnte, daß der »Mythus«
5 zerstört wurde, der nun in anderer Schreibung mit dem Blut verbunden wird. Anschaulich tritt jedoch die Kulturverwirrung, die geherrscht haben muß, in der folgenden Beschwerde hervor:

10 Man hat die Variété- und Revue-Künste der Demimuse mit den wahren Musen nur allzuoft leichtfertig gleichgesetzt, ob-
schon man es nicht nötig hatte im Anblick der reinen Kultur-
gesinnung eines Thomas Mann, der Naturoffenbarung einer Käthe Dorsch und der reellen Gestaltung moderner Ar-
15 chitekten.

In künftiger Zeit aber wird die Kultur nicht mehr mit »ideologi-
scher Rhetorik, Oppositionskritik und nackter Sensation« ver-
wechselt werden. Nur sei der Begriff »deutsch« auch auf Rein-
20 hardt auszudehnen und zu beachten, daß außer Volkslied und
deutscher Sage »auch jene geheimnisvollsten Gebilde eines
Goethe oder Beethoven aus dem Geist der Landschaft und der
gemeinsamen Sprache entstanden« sind. Diebold verlangt viel
auf einmal, aber er harrt in Zuversicht:

25 Eine Willensbildung, die eine volksmäßige Kulturein-
heit erstrebt, braucht nicht auf höchste geistige Formung
zu verzichten.

30 Wie sie das machen soll, sagt er nicht, aber »der Bart hat's in
sich«, verriet mir einst ein Friseur, der mir auch polemischen
Mut machte durch das Sprichwort: »Gut eingeseift ist halb ra-
siert«. Und nun gelangt Diebold dorthin, wo er hinaus will, zu
Hitler und gegen mich:

35 Jeder Wille zur Einheit ist fruchtbarer für die Gesamt-
heit als jene Art von Individualismus, die nur sich
selber kennt. Die ganz großen Persönlichkeiten den-
ken und wirken immer als die Verantwortlichen für das Ganze ihrer
40 Gemeinschaft.

[51] o “objetivo ideativo” de nosso Unruh, objetivo que não se pode tomar do jornal *Frankfurter Zeitung*, no total cerca de cinco frankfurtianos dotados de consciência cultural honesta, a qual infelizmente não pôde impedir que fosse destruído o “mito” que agora em outra grafia é ligado ao sangue. Contudo, a confusão cultural que deve ter reinado se destaca de maneira visível na seguinte queixa:

10 Equiparou-se vezes demais, levianamente, as artes do teatro de variedades e de revista da semimusa com as verdadeiras musas, embora isso não fosse necessário em vista da mentalidade cultural pura de um Thomas Mann, da revelação natural de uma Käthe Dorsch e da configuração real dos arquitetos
15 modernos.

Mas, no futuro, a cultura não será mais confundida com “retórica ideológica, crítica oposicionista e sensacionalismo”. Caberia apenas estender o conceito “alemão” também a Reinhardt e considerar que além da canção popular e da lenda alemã “também as mais misteriosas criações de um Goethe ou de um Beethoven surgiram a partir do espírito da paisagem e da língua em comum”. Diebold pede muito de uma só vez, mas ele espera com confiança:

25

Uma formação da vontade que aspira a uma unidade cultural conforme ao povo, não precisa renunciar à formação espiritual superior.

30 Ele não diz como ela deve fazê-lo, mas “a barba é difícil”, revelou-me certa vez um barbeiro, que também me inspirou coragem polêmica com o provérbio: “Bem ensaboado já é meio barbeado”. E agora Diebold chega aonde quer, a Hitler e contra mim:

35

Toda vontade de unidade é mais frutífera para a coletividade do que aquele gênero de individualismo que só conhece a si mesmo. As maiores personalidades pensam e agem sempre como responsáveis pelo todo de sua
40 comunidade.

1 Fritz von Unruh (1885-1970): escritor alemão. *Unruh* significa propriamente “balancim”, mas o efeito cômico se multiplica em alemão pela afinidade do termo com *Unruhe*, “inquietação”.

5 O “mito” que agora em outra grafia: em alemão, o equivalente de “mito” tem duas grafias: *Mythus* e *Mythos*. Kraus emprega a primeira.

14 Käthe Dorsch (1890-1957): atriz alemã.

[52] Schulbeispiel dafür, welches Gesumms so ein deutscher Kopf macht mit Termini à la Willensbildung, Wille zur Einheit, Kulturbildung, Kultureinheit, geistige Formung und was es derlei noch gibt, damit letzten Endes ein Tineff herauskommt. Ich möchte glauben, daß der Wille zur Angeberei dem Diebold noch fruchtbarer erscheint, als was ihm sonst vorschweben mag. Mir jedenfalls stärker als die Überzeugung, die er vom Denken Hitlers im Herzen trägt. Aber da nun einmal aus solchem Literatenwesen Tat wurde, so bleibt eine Kulturfrage zu beantworten. Ist es nicht eine Zukunftsträchtigkeit sondergleichen, sich so an den Epigonen anzuschmeißen, um ihm den Vorläufer als den eigentlichen Vertreter des Kulturübels zu präsentieren? Und straft Diebold nicht den Wiener Scherzbold Lügen, der da sagt, daß es in Deutschland keine Journaille mehr gibt? Ist diese Maskierung einer Ranküne als öffentlicher Meinung nicht vorbildlich? Sie wird nur durch die Aufrichtigkeit beeinträchtigt, mit der einer allen Kennern des Falles verrät, wo der Schuh ihn drückt und wie dieser aussieht: er ist groß, er ist ein Stiefel, er hat geradezu italienischen Umfang. Dieboldo hat mit ihm einen verzweiferten Schritt unternommen, der ihm bloß eine Chance offenläßt. Der Oppositionsliterat ist nicht immer nur mit einem »Nein« zur Stelle, er kann auch aufbauen. Er hat eine Vakanz zu vergeben. Jener größte im ganzen Land, welches er verlassen mußte, er hatte wahrlich kein besseres Verdienst um dieses. Die Denunziation vor dem Berliner Gericht wegen meiner Kriegshaltung, die Berufung auf den Tiroler Antisemitenbund, war eines, das ihm das Verbleiben ermöglicht hätte. Schweres Unrecht ist ihm durch den Scheiterhaufen widerfahren, auf den die ›Fackel‹ offenbar aus dem Grund nicht kam, weil sie seine Kriegsgedichte enthält. Welch ein Ehrenmann ist er doch, verglichen mit der Sorte, die sich dem Teufel verschrieb, damit es ihm nicht an Drecke fehle! Diebold wird nicht fort müssen, wenn er auf seinen Artikel verweist, der die Frage »Und die Kultur?« mit Erwartungen allgemeiner und persönlicher Art beantwortet.

Was die persönlichen betrifft, so ist bereits ein praktischer Erfolg erzielt:

[52] Exemplo clássico de que garganteio uma cabeça alemã dessas faz com termos *à la* formação da vontade, vontade de unidade, formação cultural, unidade cultural, conformação cultural e o que mais houver desse gênero para que no fim das contas resulte um nada. Quero acreditar que a vontade de fanfarronice pareça ao Diebold ainda mais frutífera que qualquer outra coisa que possa lhe passar pela cabeça. A mim, em todo caso, ela parece mais forte que a convicção que ele leva em seu coração acerca do pensamento de Hitler. Mas visto que de tal mundo de literatos se fez ato, resta uma questão cultural a responder. Não é de um caráter promissor sem igual insinuar-se dessa maneira junto aos epígonos para lhes apresentar o precursor como o verdadeiro representante do mal cultural? E Diebold não desmente o *Wiener Scherzbold*, que diz que na Alemanha não há mais jornalha? Esse mascaramento de um rancor sob a forma de opinião pública não é modelar? Ele apenas é prejudicado pela sinceridade com que alguém revela a todos os conhecedores do caso onde o sapato o aperta e que aparência ele tem: ele é grande, é uma bota, tem dimensões realmente italianas. Dieboldo deu com ele um passo desesperado, que lhe deixa apenas uma chance em aberto. O literato de oposição não está sempre a postos apenas com um “não”; ele também é capaz de construir. Ele tem uma vaga a conceder. Aquele que era o maior do país, que ele teve de abandonar, realmente não prestou a esse país nenhum serviço melhor. A denúncia ao tribunal de Berlim devido à minha posição sobre a guerra e o apelo à Associação Antissemita Tirolesa são coisas que lhe teriam possibilitado a permanência. Grave injustiça lhe ocorreu por meio da fogueira, em que *Die Fackel* evidentemente não foi parar pela razão de conter seus poemas de guerra. Mas que homem honrado ele é, comparado com a espécie que vendeu a alma ao diabo para que não lhe falte imundície! Diebold não precisará ir embora se fizer referência a seu artigo que responde à pergunta “E a cultura?” com expectativas de tipo geral e pessoal.

No que se refere às pessoais, um resultado prático já foi alcançado:

23-24 Aquele que era o maior do país:

Alfred Kerr, “o maior patife do país”. Depois da guerra, quando Kerr passou a defender a bandeira do pacifismo, Kraus reproduziu alguns de seus poemas belicistas em *Die Fackel*. Em 1928, Kerr denunciou Kraus ao tribunal de Berlim por “traição à pátria” durante a Primeira Guerra Mundial devido à sua posição pacifista, também mobilizando contra ele a referida Associação Antissemita Tirolesa.

[53] Offenbach in Deutschland verboten. Die Leitung des deutschen Rundfunks hat die Weisung erhalten, keine Werke von Offenbach mehr zu senden.

5 Als ob ein Äther, der für eine »zwanglose Unterhaltung mit Schutzhäftlingen« Raum hat, solcher Weisung bedurft hätte! Was die allgemeinen Erwartungen betrifft, so wäre man schon ein gründlicher Miesmacher, wollte man nicht mit einem zukunftssträchtigen »Ja« zu ihnen stehen, da man erfährt, daß der
10 durchschnittliche Kassenrapport jener »geistigen Art, den künstlerischen Nationalismus aufzufassen«, nicht weniger als sieben Mark anzeigt. Wie ich mich einer Journaläußerung als eines Leitfadens durch die Kulturgeschichte bediene, so verschmähe ich, um an das Jahrhundert heranzukommen, auch
15 sonst nichts, was der Tag mir zuträgt und was etwa Kunde bringt, wie eine zielbewußte Theaterpolitik die Gleichschaltung der Pleite in die Hand genommen hat. Da die Nationaldramatik mehr Ehrensache ist, versteht es sich von selbst, daß auf »Ball im Savoy« nicht verzichtet werden kann, freilich nicht
20 ohne daß diese Schöpfung »sowohl musikalisch wie textlich gründlich aufgenordet« worden wäre, an Abraham wie an Grünwald. Wenigstens nach der Versicherung eines dieser neuen Intendanten, der aber auch erklärt hat, daß er demnächst den »Fliegenden Holländer« herausbringen wolle, weil
25 er sich zu ihm »als früherer Seemann besonders hingezogen fühlt«. Da er jedoch auch die klassische Operette pflegen will, so könnte den Gefühlen der maßgebenden Kulturfaktoren in weiterem Umfang Rechnung getragen werden, wenn man sich entschließen wollte, doch auf Offenbachs »Briganten« zurückzugreifen, die in der Städtischen Oper so große Zugkraft hatten.

30 Es geht vorwärts. Die »Zusammenballung dessen was den deutschen Menschen bewegt«, von Goebbels ausdrücklich als Inhalt des nationalen Schaffens vorgeschrieben, beginnt sich anzubahnen. Die Führung war gut beraten, als sie sich zum Minister für Propaganda einen Mann ersah, der, wie bis dahin nur
35 Diebold, sowohl für den Reiseverkehr (nach dem jetzt wünschenswertesten Ziel) wie für den geistigen Aufbau zu wirken

[53] Offenbach proibido na Alemanha. A direção da rádio alemã recebeu a ordem de não transmitir mais obras de Offenbach.

5 Como se um éter que tem espaço para uma “conversa descontraída com detentos em prisão preventiva” tivesse precisado de tal ordem! No que se refere às expectativas gerais, seria um grande desmancha-prazeres aquele que não quisesse pronunciar diante delas um “sim” promissor ao ficar sabendo
10 que o balanço médio daquela “maneira espiritual de compreender o nacionalismo artístico” indica não menos que sete marcos. Assim como me sirvo de uma expressão de jornal como fio condutor através da história da cultura, assim tampouco desprezo, para me aproximar do século,
15 qualquer coisa que o dia me traga e que talvez dê notícia sobre a maneira como uma política teatral consequente tomou nas mãos a sincronização do fracasso. Visto que a dramaturgia nacional é mais uma questão de honra, é óbvio que não se pode renunciar ao *Baile no Savoy*, certamente não sem
20 que essa criação fosse “radicalmente nordificada tanto do ponto de vista musical quanto textual”, tanto por Abraham quanto por Grünwald. Pelo menos é o que assegurou um desses novos diretores, que também declarou que em breve quer encenar *O navio fantasma* porque “na condição de antigo
25 marinheiro se sente especialmente atraído por ele”. Mas como ele também quer cultivar a opereta clássica, poder-se-ia levar em conta em ampla medida os sentimentos dos mais importantes fatores culturais caso se tomasse a decisão de recorrer aos *Bandidos* de Offenbach, que exerceram tanta atração na Ópera
30 Municipal.

As coisas avançam. A “conglobação daquilo que move o homem alemão”, prescrita expressamente por Goebbels como conteúdo da criação nacional, começa a se delinear. O governo fez bem quando escolheu para ministro da propaganda
35 um homem que, como até então apenas Diebold, parece capacitado para atuar tanto em favor do turismo (rumo à meta que agora é a mais desejável) quanto em favor

6 Prisão preventiva: privação da liberdade politicamente motivada, por tempo indeterminado, sem processo judicial, sem julgamento e sem proteção legal aos atingidos. Foi largamente empregada pelo regime nazista a partir de fevereiro de 1933 para neutralizar qualquer sombra de oposição.

19 *Baile no Savoy*: opereta de Paul Abraham (1892-1960) que estreou em Berlim em 1932. Alfred Grünwald (1886-1951) é um dos libretistas.

20 Nordificada: entendia-se por “nordificação” o aumento da parcela populacional pertencente à assim chamada “raça nórdica” (composta de indivíduos altos, dolicocefalos, de cabelos, olhos e pele claros) e o concomitante refreamento da miscigenação com judeus, negros e outros indivíduos ditos de cor. O termo também tinha o significado irônico de “melhorar”, “clarificar”: nordificar o café de cevada pela adição de café autêntico, nordificar (alourar) os cabelos etc.

24 *O navio fantasma*: ópera de Richard Wagner.

31 4.5 SEÇÃO 5: Joseph Goebbels (da página 53, linha 31, à página 63, linha 35).

[54] befähigt scheint. Goebbels ist ein Kenner aller einschlägigen Terminologie, deren Verwendung dem Asphaltschrifttum nicht mehr möglich ist. Er hat die Einstellung wie die Einführung, er kennt den Antrieb wie den Auftrieb, die Auswertung wie die Auswirkung, die szenische Aufmachung, den filmischen Aufriß wie die Auflockerung und was sonst zum Aufbruch gehört, er hat das Erlebnis und den Aspekt, und zwar sowohl für die Realität wie für die Vision, er hat Lebensgefühl und Weltanschauung, er will das Ethos, das Pathos, jedoch auch den Mythos, er besorgt die Einordnung wie die Gliederung in den Lebensraum und den Arbeitsraum der Nation, er umfaßt den Gefühlskreis der Gemeinschaft und die Vitalität der Persönlichkeit, er bejaht das Volksmäßige wie das Übernationale und bevorzugt die Synthese, er verleiht Impulse und gibt Andeutungen im Peripherischen, ehe er zur zentralen Erfassung gelangt, um das Latente zu verankern und das Problematische im Zerebralen herauszustellen, er weiß Bescheid um Epigonisches und um Werdendes, wertet das Wollen, erkennt das Gewollte, wie daß Kunst ein Gekonntes ist, würdigt das Gelöste, das Aufgeschlossene, das Geformte, und kann zwischen einem Gestuften und einem Geballten unterscheiden, ja ich vermute, daß er sogar im Kosmischen orientiert ist; jedenfalls sieht er Entwicklungsmöglichkeiten und bestimmt gefühlsmäßig den Typ, der sich zwangsläufig, aber letzten Endes doch in der Geschmacksbildung auswirkt, er weiß, daß, wenn die Willensbildung zur Willenseinheit und von hier zur Tateinheit und Kultureinheit vordringt, Sturm und Rhythmus prominente Faktoren bilden und daß es dann zwar aufs Ganze geht, aber zunächst aufs Stählern-Romantische – kurzum, ihm wird man nichts vormachen, was man ehemals in der Kulturkonfektion von B.T. oder B.Z. gefunden hat und was, ob neudeutsch oder neujüdisch, auf die Gegend wies, wo kein Gras wuchs außer jenem, das sie hörten.

35 Jedem Worte klingt
Der Ursprung nach, wo es sich her bedingt.

[54] da construção intelectual. Goebbels é um conhecedor de toda a terminologia especializada cujo emprego não é mais possível à literatura do asfalto. Ele tem tanto a mentalidade como a intuição, conhece tanto o impulso como o ímpeto, o aproveitamento como o efeito, tanto o cenário teatral, o esboço fílmico, como a variação e o que mais disser respeito à abertura; ele tem a vivência e o ponto de vista, e não só para a realidade como também para a visão; ele tem vitalidade e visão de mundo; ele quer o *etos*, o *pathos* e, no entanto, também o mito; ele cuida tanto da organização quanto do arranjo no espaço vital e no espaço laboral da nação; ele compreende o círculo de sentimentos da comunidade e a vitalidade da personalidade, afirma tanto o que é conforme ao povo quanto o supranacional e privilegia a síntese; ele confere impulsos e faz alusões no periférico antes de chegar à apreensão central com a finalidade de consolidar o latente e salientar o problemático no cerebral; ele está informado quanto ao epigonal e ao nascente, avalia o querer e reconhece tanto o que se quis quanto o fato de a arte ser algo bem logrado; ele aprecia o descontraído, o aberto, o formado, e é capaz de distinguir entre um escalonado e um conglobado, e chego até a suspeitar que ele esteja orientado inclusive no cósmico; em todo caso, ele vê possibilidades de desenvolvimento e determina de maneira intuitiva o modelo que produz efeito forçosamente, mas, no fim das contas, sobre a formação do gosto; ele sabe que se a formação da vontade avança até a unidade da vontade e, daqui, à unidade da ação e à unidade da cultura, tempestade e ritmo constituem fatores importantes, e que então, é verdade, tudo está em jogo, mas, em primeiro lugar, o aceiro-romântico – em suma, não se irá enganá-lo com aquilo que no passado se encontrou na confecção cultural do *B.T.* ou da *B.Z.*, e que, seja neoalemão ou neojudaico, apontava para a região em que não crescia grama alguma senão aquela que eles ouviam.

35

Toda palavra soa

De acordo com a origem que a determina.

3 Literatura do asfalto: designação pejorativa dada pelos nazistas à literatura urbana, que não estaria mais enraizada no solo alemão.

10 Ao lado do racismo, a noção de “espaço vital” foi um dos pontos fundamentais da ideologia nazista. Visava justificar uma expansão violenta, racialmente fundamentada, da Alemanha rumo ao leste (Rússia). O conceito foi criado em 1897 pelo fundador da geopolítica, Friedrich Ratzel, para quem povos e Estados se assemelham a organismos que precisam de espaço para viver e crescer, algo que só poderia acontecer numa luta constante a ser vencida pela nação mais forte.

29 Aceiro-romântico: essa conjugação de aço e romantismo evoca outro texto de Kraus, “A aventura tecnorromântica” (1918), em que o autor analisa a incongruência entre o discurso belicista que enfatiza valores cavaleirescos (como o heroísmo e a coragem) e o avanço tecnológico que torna esses valores inúteis e ultrapassados.

31 Do *B.T.* ou da *B.Z.*: *Berliner Tageblatt* e *Berliner Zeitung*, jornais berlinenses.

32-33 Em que não crescia grama alguma senão aquela que eles ouviam: esse trecho reúne duas metáforas: *das Gras wachsen hören* (“ouvir a grama crescer”) e *wo er hinhaut (hinschlägt, hinlangt), wächst kein Gras mehr* (“onde ele bate, a grama não cresce mais”). A primeira, visto que é bem pouco provável que se possa escutar o crescimento das plantas, é usada para ridicularizar uma pessoa que considera toda ninharia importante ou se julga demasiado esperta; a segunda, para indicar que alguém é extremamente violento.

35-36 Goethe, *Fausto II*, ato II, “Noite de Valpúrgis clássica”, v. 7094-7095 (Grifo).

[55] Nur daß man jenen eben nie die Aktivität zugetraut hätte, deren die Bodenständigen fähig sind; ganz abgesehen davon, daß bisher noch kein Journalist einen richtiggehenden Prinzen zum Adjutanten gehabt hat. Diese Fixigkeit in dem, was sie »Auf-
5 ziehn der Chose« (oder auch der »Kiste«) nannten, setzt die gerissensten Kulturfaiseure in Staunen, die det Kind ja immer schon geschaukelt haben, beschämt alle Wunder einer entthronten Theaterregie, läßt aber auch die Vertreter einer bessern Sache bedauern, daß ihr solch eine Kraft als Minister für
10 Greuelpropaganda verloren ging. Und doch hat sich eben im Tonfall der deutschen Welt nichts verändert. Mit den gleichen geistigen Mitteln erfolgt die Verankerung dessen, was heute zu verankern ist, Vision ist Phrase, Rhythmus das alte Überbleibsel der Syntax, das der Expressionismus für kollektives Erlebnis
15 festgelegt hat, und selbst verdrängte Komplexe, die doch zweifellos verdächtiger Herkunft sind, finden Unterkunft. Hat doch sogar der Führer, dessen Ausdrucksvermögen keineswegs von Gundolf geschult wurde und dessen Weltbild nicht so sehr durch Freud als durch Karl May geformt scheint, bereits den
20 Minderwertigkeitskomplex beklagt, an dem die Nation leide. Was tat aber bisher das Theater?

Es trieb den Individualismus auf die Spitze, indem es die verdrängten Komplexe irgendeines kranken Menschen auf die Bühne brachte.
25 Das nannte man l'art pour l'art.

Der Kulturbefehlshaber weiß alles auf einmal, er ist im ganzen Umkreis des literarischen Slang zu Hause, der Abstrakta, die in Berlin jede Schreibmaschine von sich gab, und er weiß
30 gelegentlich sogar an jene polemisch-satirische Note anzuknüpfen, der ich oft das Objekt vorzog, wenn sie etwa »Röllchen« als Anzeichen zivilisatorischer Rückständigkeit geißelte, den »Vollbart« (auch »Würdebart« oder »Rauschebart« genannt) hechelte und »Pathos« ironisierte, sobald es »sich an die Männerbrust schlug«. Es ist die öde Gewitztheit, die auch »Husch-
35 husch, die Waldfee!« machen konnte, so daß man selbst diese im Original für das kleinere Übel hielt; wie alles Unzeitgemäße, von dem sie sich mit einem eingestreuten »Hei!«, »Ha!«, »Hu!«

[55] Só que nunca se teria julgado que aqueles seriam capazes da atividade de que são capazes os autóctones; deixando inteiramente de lado o fato de que até agora nenhum jornalista teve um príncipe de verdade como ajudante. Essa agilidade naquilo que eles chamavam de “dar corda à coisa” (ou também ao “troço”) assombra os mais astutos maquinadores da cultura que desde sempre já davam conta do recado, envergonha a todos os prodígios de uma administração teatral destronada, mas também faz com que os representantes de uma causa melhor lamentem ter perdido um talento desses para o cargo de ministro da propaganda dos horrores. E, no entanto, precisamente no tom do mundo alemão nada mudou. A consolidação daquilo que hoje cabe consolidar sucede com os mesmos meios intelectuais, visão é frase feita, ritmo é a velha sobra da sintaxe que o expressionismo estabeleceu para a experiência coletiva, e mesmo complexos recalcados, que sem dúvida são de origem suspeita, encontram abrigo. Até o Führer, cuja capacidade de expressão de maneira alguma foi aprendida na escola de Gundolf, e cuja imagem do mundo parece formada menos por Freud que por Karl May, já lamentou o complexo de inferioridade de que a nação sofre. Mas o que fez o teatro até agora?

Levou o individualismo ao extremo ao colocar no palco os complexos recalcados de alguma pessoa doente. Chamaram isso de

25 l’art pour l’art.

O plenipotenciário da cultura sabe de tudo ao mesmo tempo, está em casa em todo o círculo da gíria literária, dos substantivos abstratos que toda máquina de escrever proferia em Berlim, e, vez por outra, sabe inclusive se reportar àquela nota polêmico-satírica, que muitas vezes preferi ao objeto, quando, por exemplo, ela fustigava os “punhos de papel-cartão” como indício de atraso civilizatório, zombava da “barba cerrada” (também chamada “barba digna” ou “barba cheia”) e ironizava o “*pathos*” sempre que este “batia no peito varonil”. Trata-se da manhosidade aborrecida que também pôde dizer “depressa, depressa, a fada da floresta!”, de modo que mesmo no original esta foi considerada um mal menor; como tudo o que é anacrônico, do qual essa manhosidade se distanciou com um “ei!”, “ah!”, “ui!” entremeado,

4 Príncipe de verdade: trata-se do príncipe Friedrich Christian Schaumburg-Lippe (1906-1983).

11 Propaganda dos horrores: *Greulpropaganda* era o termo usado pelos nazistas para desqualificar as notícias divulgadas na Alemanha e sobretudo no exterior acerca de abusos e violências cometidos pelo regime.

18 Friedrich Gundolf (1880-1931): historiador da literatura alemão.

19 Karl May (1842-1912): escritor alemão, autor de romances de aventura que alcançaram imensa popularidade. Era o escritor favorito de Hitler; por ocasião da queima de livros promovida pelo regime em 10/05/1933, a editora de May deu início a uma campanha publicitária cujo slogan era “Hitler lê Karl May”.

36 Depressa, depressa, a fada da floresta!: incitação para que o interlocutor se apresse; comentário que acompanha a passagem de uma pessoa apressada. Provavelmente tomada da peça *Philippine Welser: peça histórica em cinco atos*, de Oskar von Redwitz.

[56] distanzierte, mit dem satirischen »traun, fürwahr«, das weit ärger ist als das ernsthafte, oder gar mit diesem enervierenden »erschrecklich«, das doch erst so den Sinn erfüllt. Dieser Typus Schalk, selbst Inbegriff aller Betriebsamkeit, durchschaute auch den »Betrieb« und erkannte besonders die, die »in« etwas »machen«, was psychischer Natur sein sollte, vor allem »in Gesinnung«. Nun läßt sich der Satiriker Goebbels, der schon »die hohe Wissenschaft hinter Aktbündeln versteckt« sah, das Zugeständnis abringen, niemals dürfe der Rundfunk

10

nur in Gesinnung machen

oder:

15 damit will ich aber nicht etwa sagen, daß Kunst Parademarsch sein müßte.

Welcher einem dadurch sympathisch wird, abgesehen von der Unehrlichkeit, die weiß, daß der Kunst nichts anderes übrig bliebe, als eben das zu sein und darin zu machen, selbst wenn sie von Natur anders könnte. Noch überraschender, zu hören, daß Goebbels auch den »Hurrakitsch« ablehnt, dessen bloße Aussprache durch den Berliner Mund einen der Sache geneigt macht. Der Zivilisationsliterat kann aber auf das satirische Klischee nicht verzichten, obschon es einer Bewegung nahtritt, deren Wesen aus nichts als Kitsch und Blut zusammengesetzt ist; denn sein Wesen ist nichts als die Unverbundenheit mit allem, worüber er verfügt. So ist zwar noch keine Parole gegen das Blut ausgegeben worden, wohl aber gegen den Kitsch, in der irrtümlichen Annahme, daß etwas Besseres herauskommen könnte. Denn der Mann, dessen Züge faktisch weniger die neue Wirklichkeit verbürgen als die ältere Ironie und der vielleicht sogar die Gastwirte und Zigarrenverkäufer durchschaut hat, die als Cherusker verkleidet durch den Grunewald zogen, gibt die Hoffnung nicht auf. Er scheint den Mosesstab zu haben, der Wasser aus dem Gestein holt. Er läßt Autoren, Direktoren und Verleger zu sich kommen, weist ihnen Richtungen, Wege und Ziele und erschreckt sie durch die Verheißung, »den schreibenden schöpferischen Teilen des Volkes würden so viele Probleme

[56] com o satírico “deveras, é vero”, que é muito pior que o sério, ou então com esse enervante “terrível”, que, no entanto, apenas assim adquire sentido. Esse tipo de velhaco, ele próprio a encarnação de toda industriiosidade, também descobriu as
5 intenções da “indústria” e reconheceu especialmente aqueles que “fazem em” algo que deveria ser de natureza psíquica, sobretudo “em mentalidade”. Agora o satirista Goebbels, que já via “a alta ciência escondida por trás de pilhas de documentos”, deixa que
10 lhe arranquem a confissão de que o rádio jamais deveria fazer apenas em mentalidade

ou:

15 mas com isso não quero talvez dizer que a arte precise ser desfile militar.

Que por isso se torna simpático para nós, abstraindo da desonestidade que sabe que não restaria à arte outra coisa
20 senão ser precisamente isso e fazer nisso, mesmo que por natureza pudesse fazer diferente. Ainda mais surpreendente é ouvir que Goebbels também rejeita o “*hurra kitsch*”, cuja mera pronúncia pela boca berlinense nos torna favoráveis à causa. Mas o literato da civilização não pode renunciar ao clichê
25 satírico, embora este se aproxime de um movimento cuja essência não é composta de outra coisa senão *kitsch* e sangue; pois sua essência não é outra coisa senão o descompromisso com tudo aquilo de que ela dispõe. Assim, é verdade que ainda não foi anunciado nenhum slogan contra o sangue, mas sim
30 contra o *kitsch*, na suposição errônea de que pudesse resultar algo melhor. Pois o homem cujos traços de fato garantem menos a nova realidade que a ironia mais antiga, e que talvez até tenha descoberto as intenções dos taberneiros e vendedores de charutos que atravessaram o Grunewald vestidos de
35 queruscos, não perde a esperança. Ele parece ter a vara de Moisés, que tira água da rocha. Ele deixa vir a si autores, diretores e editores, indica-lhes direções, caminhos e metas e os intimida com a profecia de que “serão lançados tantos problemas às parcelas do povo que escrevem e criam

20 Fazer nisso: veja-se pouco acima o “fazer em”.

34 Grunewald: bairro de Berlim situado junto à floresta de mesmo nome.

35 Queruscos: antigo povo germânico.

36-37 Ele deixa vir a si autores, diretores e editores: alusão ao Novo Testamento: “Deixai vir a mim os pequeninos e não os embarceis, porque dos tais é o reino de Deus” (Lucas 18, 16).

[57] entgegengeschleudert, daß man hundert Jahre daran zu arbeiten habe«. Worauf die Artfremden nur sagen können: bis in hundert Jahr, und daß, wer früher fertig ist, von Glück sagen kann. Inzwischen geht die Entwicklung der Lebensdinge im
5 Sturmschritt, wir haben es, wie die illustrierten Blätter zeigen, binnen zwei Monaten geschafft, daß den Jungfrauen meterlange Zöpfe gewachsen sind, und schon hat sich dem Führer eine Leibwache gesellt, bestehend aus »langen Kerls«, 1.95.

10 Vom frischen Geiste fühl ich mich durchdrungen,
Gestalten groß, groß die Erinnerungen.

Wenn demnach Fridericus rex vielfach wieder zu Ehren kommt – bis zum »Inspekteur«, aber ohne den Grundsatz, daß Gazet-
15 ten nicht geniert werden sollen –, so wird doch auch an eine jüngere heroische Vergangenheit angeknüpft, die der Gedanken und Erinnerungen keineswegs entbehrt. So nannte sich jemand kürzlich einen »ehrlichen Makler« – offenbar ein Hieb gegen jene andern, die auf der Börse in Uniform herumgehn –;
20 ferner gibt es Ansichtskarten, die ihn neben dem Schöpfer des vergangenen Reiches zeigen, und der Unterschied dürfte nur sein, daß wir Deutsche zwar auch damals nichts in der Welt gefürchtet haben, aber doch Gott. Dagegen sind Übertreibungen anderer Art ausdrücklich verpönt, wie zum Beispiel die Anbringung von Wahlsprüchen auf Gebrauchsporzellan, oder daß
25 etwa auf der Messe einer Fleischerinnung Heldenporträts aus Schmalz ausgestellt werden, wie auch insbesondere die Verwendung von Papierrollen, deren Blätter einem Mißbrauch von Symbolen dienen, an Orten, deren Wand ohnehin damit
30 versehen ist. Es handelt sich eben um

eine durchgreifende geistige Erneuerung des deutschen Menschen, die das gesamte öffentliche Leben wie auch das Privatleben jedes Deutschen umfassen soll.

35 Dieser Tendenz entstammt auch jener Kampfruf »gegen den Kitsch«, der aber eigentlich dem »gegen den undeutschen Geist« zuwiderläuft, indem er vielfach gerade dem echten Ausdruck volkstümlichen Empfindens nahetritt. Auch der

[57] que será preciso trabalhar cem anos neles”. Ao que os estranhos à raça apenas podem dizer: “Até daqui a cem anos” e “Quem terminar antes pode falar de sorte”. Nesse meio-tempo, o desenvolvimento das coisas da vida anda a passo acelerado; como mostram as revistas, em dois meses conseguimos fazer com que às virgens crescessem tranças de vários metros de comprimento, e ao Führer já se juntou uma guarda pessoal formada por “sujeitos compridos”, de 1,95 m.

10 Pelo novo espírito sinto-me permeado,
Vultos grandes, grandes as lembranças.

Se, por conseguinte, *Fridericus rex* volta a ser honrado de muitas maneiras – até ao título de “inspetor”, mas sem o princípio de que as gazetas não devem ser incomodadas –, também se faz referência a um passado heroico mais recente que de modo algum carece de pensamentos e lembranças. Foi assim que recentemente alguém se denominou um “intermediário honesto” – evidentemente, um golpe naqueles outros que andam de uniforme pela Bolsa –; além disso, há postais que o mostram ao lado do criador do Reich passado, e a diferença provavelmente só seria a de que nós, alemães, também naquela época nada temíamos no mundo, mas temíamos a Deus. Em compensação, exageros de outra espécie são expressamente desaprovados, como por exemplo a colocação de slogans eleitorais em porcelana de uso diário ou que na feira de uma corporação de açougueiros se exponham retratos de heróis feitos de banha, como também, em especial, a utilização de rolos de papel cujas folhas servem a um abuso de símbolos em lugares cuja parede de qualquer maneira está provida deles. Trata-se precisamente de

uma drástica renovação espiritual do homem alemão que deve abranger toda a vida pública como também a vida privada de todo alemão.

35 Dessa tendência também provém aquele grito de guerra “contra o kitsch”, mas que na verdade está em contradição àquele “contra o espírito não alemão” ao melindrar de muitas maneiras justamente a mais genuína expressão da sensibilidade popular.

1-2 Estranhos à raça: em alemão, *art-fremd*, termo da linguagem nacional-socialista. Era a designação pseudocientífica para os judeus.

10-11 Goethe, *Fausto II*, ato II, “Noite de Valpúrgis clássica”, v. 7189-7190 (Fausto).

13 *Fridericus rex*: Frederico II (1712-1786), rei da Prússia a partir de 1740. Foi uma das várias figuras históricas reivindicadas pelo nazismo como precursor; seus feitos serviram de base para uma série de filmes de fundo propagandístico que buscavam estabelecer um paralelo latente entre Frederico, o Grande (como também era chamado) e Hitler.

18-19 Um intermediário honesto: era assim que se autodefinia Otto von Bismarck (1815-1898), chanceler do Segundo Reich. Em alemão, *ein ehrlicher Makler*, sendo que *Makler* também pode significar “corretor (da Bolsa)”.

28-30 Se nem os rolos de papel higiênico escaparam à ornamentação com a suástica, muito menos outros produtos: “Numa farmácia, um creme dental qualquer com a suástica” (KLEMPERER, 1999, p. 14, 22/3/33).

37-38 Contra o espírito não alemão: campanha promovida pela Associação dos Estudantes Alemães e iniciada com a proclamação das “doze teses contra o espírito não alemão” durante a queima de livros de 10/05/1933. Eis um extrato: Tese 4: “Nosso adversário mais perigoso é o judeu e aquele que lhe é sujeito”. Tese 5: “O judeu apenas pode pensar de maneira judaica. Se ele escreve em alemão, ele mente. O alemão que escreve em alemão mas pensa de maneira não alemã é um traidor”.

[58] deutsche Film, der doch schon von Natur dem Gebiete des Kitsches zuneigt, wurde angewiesen, sich »mehr mit den Ideen der neuen Zeit« zu versorgen als mit deren Symbolen, wobei allerdings die Frage entsteht, woher jene zu nehmen wären, wenn
5 man sich nicht entschließen wollte, sie zu stehlen, was man auch täte, falls es sie gäbe. Während nun der Kampf gegen den Kitsch weitergeht, wurde für den ersten Besuch des Reichskanzlers im Berliner Rathaus vorgekehrt, daß »zu beiden Seiten des Vestibüls Herolde in historischen Trachten Aufstellung
10 nahmen«, eine Neuerung, durch die mit einer alten Tradition gebrochen wurde, der zufolge man sich den Berliner Herold nur als den Kündler der Botschaft vorzustellen gewohnt war, die mit »Wissen Sie schon« beginnt, um fortzusetzen, daß die Prominente Gert Rut Sadinsky kürzlich mit Rechtsanwalt Wolf III
15 in einem Hotel in der Kantstraße verschwunden ist, und was wohl Frau Rechtsanwalt dazu sagt, die ihrerseits zuweilen mit dem Filmstar Fred Neppke gesehen wird.

Was die sonstige Produktion betrifft, zeigen sich, soweit sich die schreibenden schöpferischen Teile des Volkes nicht schon
20 zum Boykott-Tag an jüdischen Schaufenstern ausgegeben haben, da und dort günstige Ansätze. Das polemische Schrifttum hat einen frischen Zug bekommen und das Zeitgedicht, das mit beißender Satire Übelständen an den Leib rückt, wird gepflegt. So findet unter dem Titel »Jüdische Kapitalsflucht ins Aus-
25 land« das Pasquill eines Edelmanns reißenden Absatz, das gleich in der ersten Strophe kräftig zupackt, wo verlangt wird, daß mit den Juden endlich reiner Tisch gemacht werde:

Dieser Bande, die sich so unglaublich benimmt
30 Und lügt und hetzt und wühlt ganz offen
Und im Stillen hier und im Ausland und will
Daß sie die Herrschaft wieder zurück gewinnen –
Ihr armen Tore, die ihr solches denkt
Eure Zeit ist vorbei meine Herrn!

35 Der freie Rhythmus, mit einer gewissen Ungezwungenheit in Syntax und Interpunktion, ist natürlich mehr auf akustische Wirkung abgestimmt. Es ist ein Ostelbier, der seinen natürlichen Empfindungen in der Großstadt Luft macht beim Anblick

[58] O filme alemão, que já por natureza tende ao âmbito do *kitsch*, também foi instruído a se abastecer “mais com as ideias da nova época” do que com seus símbolos, o que no entanto faz surgir a questão de saber de onde se poderia pegá-las se não se quisesse
 5 tomar a decisão de roubá-las, o que também seria feito caso elas existissem. Enquanto a luta contra o *kitsch* prossegue, providenciou-se para a primeira visita do chanceler do Reich à Prefeitura de Berlim que “arautos em trajes históricos tomassem posição de ambos os lados do vestíbulo”, uma inovação que
 10 quebrou uma velha tradição segundo a qual se estava acostumado a imaginar o Arauto Berlinense apenas na condição de anunciador da mensagem que começa com “O senhor já sabia?” para continuar com a notícia de que a celebridade Gert Rut Sadinsky desapareceu recentemente com o advogado Wolf III
 15 num hotel da Kantstrasse, seguida do que tem a dizer a propósito a senhora esposa do advogado, que por sua vez é vista de vez em quando com o astro de cinema Fred Neppke.

No que diz respeito à produção restante, mostram-se, na medida em que as parcelas do povo que escrevem e criam já não
 20 se esgotaram nas vitrines judias por ocasião do dia do boicote, começos promissores aqui e ali. A literatura polêmica recebeu um novo alento, e o poema de ocasião, que ataca males com sátira mordaz, é cultivado. Assim, sob o título “Fuga de capitais judaicos para o exterior”, encontra grande saída o pasquim de
 25 um aristocrata que logo na primeira estrofe põe mãos à obra energicamente, exigindo que enfim se faça tábua rasa com os judeus:

Esse bando que se comporta de maneira tão inacreditável
 30 E mente e ataca e agita de maneira totalmente aberta
 E em segredo aqui e no exterior e quer
 Que ele reconquiste o domínio –
 Vós pobres tolo que assim pensais
 35 Vosso tempo se passou meu senhores!

O ritmo livre, com um certo desembaraço na sintaxe e na pontuação, naturalmente está mais adaptado ao efeito acústico. É um latifundiário que desabafa suas impressões naturais na metrópole à vista

11 Arauto Berlinense: ou *Berliner Herald*, jornal de Berlim.

20 Dia do boicote: 1º de abril de 1933. Foi a primeira ação antijudia em escala nacional após a tomada do poder por Hitler. Oficialmente, o boicote foi considerado como uma “medida defensiva” contra a suposta “propaganda dos horrores” no exterior, bem como contra uma suposta declaração de guerra judaica à Alemanha. Membros de organizações como SA, *Hitlerjugend* (Juventude Hitlerista) e *Stahlhelm* (Capacete de Aço) postaram-se diante de estabelecimentos judeus para impedir a entrada dos clientes. Houve violência e saques em regiões rurais e nas ruas das periferias de grandes cidades. Manifestações de solidariedade por parte da população não judaica foram raras. Originalmente previsto para tempo indeterminado, o boicote foi suspenso um dia depois e declarado pelo governo como encerrado em 04/04/1933. As ações até então desorganizadas foram legitimadas e canalizadas pelo boicote, que foi assim o sinal de partida para a perseguição organizada dos judeus.

21 Literatura: Kraus emprega *Schrifttum*, germanização de *Literatur*. Os nazistas preferiam *Schrifttum* não só por ser um termo “propriamente alemão”, mas também devido ao contraste com *Asphaltliteratur* (ver [54], 3).

[59] Dieser fremden Rasse, die so artfremd dem Germanenblut
 Diesen Blutegeln, die so unglaublich das Volk aussogen
 Hinaus nun mit dem Jud!

5 Zwar scheinen sie wenig Nahrung gefunden zu haben:

 Diese fremde Herde auf deutschem Sand

10 aber gleichwohl waren sie aller Orten anzutreffen, wie der ein-
 fache Rückblick dartut:

 Überall im deutschen Land es war
 Ob Stadt, ob Dorf, ob Palast oder Hütte, man sah
 Überall die krummen Nasen....

15 Überall an gehobener Stelle in die Höh Juden
 schnellen

 Mehr als das. Drastisch wird geschildert, wie der Arier alle Ge-
 legenheiten, zu denen es ihn drängte, immer schon von Juden,
20 die eben schneller und mehr waren, besetzt fand:

 Wirtschaft und Geschäft – überall der Jud
 Presse, Theater, Film, blick hin wo du willst
 Überall der Jud die Hauptrolle mienet
25 Allüberall, ja bald jedes Kloset
 War von irgend einem Juden besetzt
 Wo war der Deutsche noch zu finden?

 Vixierbild – ja bald war es so schlimm
 Da wundert man sich nun heut' in der Welt
30 Daß der Deutsche aufwacht, sich abschüttelt diese Plag
 Doch genug jetzt! nicht mehr weiter so! Welt es ver-
 nimm!

35 Infolgedessen erhebt sich die Forderung:

 Aber heraus mit den Juden aus den öffentlichen Dienst!

 Und vor allem:

40 Keine deutsche Frau einem Juden ihr Geld noch bringt!!

 Diese Vermischung ist unstatthaft, wo er es ohnedies u.s.w.
 Sie sollen's mal draußen probieren:

[59] Dessa raça estrangeira, que tão estranha ao sangue germano
Essas sanguessugas que sugaram o povo tão inacreditavelmente
Por isso fora com o judeu!

5 É verdade que eles parecem ter encontrado pouca comida:

Esse rebanho estrangeiro em areia alemã

mas não obstante podiam ser encontrados por toda parte, como
10 demonstra o simples olhar retrospectivo:

Por toda parte na terra alemã era
Seja cidade, seja aldeia, seja palácio ou choupana, se via
Por toda parte os narizes aduncos [...]

15 Por toda parte rumo à posição elevada judeus sobem
subitamente

Mais do que isso. Drasticamente se descreve como o ariano
sempre já encontrava ocupados por judeus, mais rápidos e mais
20 numerosos, todos os lugares que tinha urgência de usar:

Economia e negócio – por toda parte o judeu
Imprensa, teatro, cinema, olha para onde quiseses
Por toda parte o judeu apresenta o papel principal
25 Por toda, toda parte, logo quase todo sanitário
Estava ocupado por algum judeu
Onde ainda se podia encontrar o alemão?
Quadro enigmático – logo as coisas iam tão mal
E hoje pelo mundo as pessoas se admiram
30 Que o alemão desperte, se livre dessa praga
Mas agora chega! Não continuemos assim! Mundo isso
veja!

Em consequência disso se faz a exigência:
35

Mas fora com os judeus do serviço público!

E sobretudo:

40 Que nenhuma mulher alemã continue levando seu dinheiro a um judeu!!

Essa mistura é ilícita, situação em que ele, além disso, etc. Que
tentem fazer isso lá fora:

[60] Wenn es den anderen Völkern gefällt
Dann bitte – schachert dort mit Vergnügen!

Man kann nicht verkennen, daß hier der jüdischen Kapitals-
5 flucht ins Ausland doch eine gewisse Nachsicht widerfährt. Der
Autor erfaßt eben das Problem von allen Seiten, und da er nur
ausdrücken will, wie's ihm ums Herz ist, verhehlt er sich auch
nicht, daß hier keine Kunstdichtung im eigentlichen Sinne vor-
liegt, sondern daß die pure Indignatio den Vers macht:

10 Ganz einfach schlicht ich sprech' es hier aus
So einfach, damit es ein jeder kann verstehn
Im deutschen Land ganz bequem und seh' heut'
nicht viel auf Stil.

15 Gewiß wäre es interessant, zu erfahren, wie er sonst schreibt.
Manchmal stellt sich ihm doch auch das Glück des Reimes ein:

Viel Worte machen und alles war Mist
20 Wir reden wieder deutsch wie der Schnabel gewachsen ist!

Es wird eben durchaus nicht das geschraubte Schriftdeutsch je-
ner angestrebt, denen der Bescheid gebührt:

25 Reitert, mauschelt soviel ihr wollt mit der Feder
Im Ausland doch da weiß es auch bald ein jeder
Daß ihr seid ganz verkommene Subjekte

Gewiß könnte aber zur Aufklärung des Auslands der vorlie-
30 gende Trutzgesang noch etwas beitragen, mit dessen Dichter
man so recht fühlt, wie ihm schließlich die Geduld reißt:

Wir bauen auf! Haben keine Zeit
Uns mit der Juden Gewinsel zu befassen
35 Ist Schwindel; es pfeifen es die Spatzen in den Gassen!

Die strenge Forderung Diebolds ist nicht erfüllt. Wohl hat man
es mit einem heimatkünstlerischen Phänomen zu tun, aber die
Willensbildung, die zweifellos angestrebt wird, setzt sich nur
40 mit einem freiwilligen Verzicht auf höchste geistige Formung
durch, und die wenigen Interpunktionen sind vom Setzer.
Ebenso in einem anschließenden Lied, das gleichfalls vom Ge-

[60] Se isso agrada aos outros povos

Então, por favor – regateiem por lá com muito prazer!

Não se pode desconhecer, no entanto, que a fuga de capitais
5 judaicos para o exterior encontra aqui uma certa tolerância. O autor
apreende o problema de todos os lados, e visto que apenas quer
expressar o que se passa em seu coração, tampouco oculta a si
mesmo que aqui não há uma poesia artística no sentido próprio,
mas que a pura indignação faz o verso:

10

De maneira bem simples despretensiosamente falo aqui
Tão simples que cada um entender possa
Bem comodamente no país alemão e hoje não me preocupo
muito com o estilo.

15

Com certeza seria interessante saber como ele escreve normal-
mente. Mas às vezes também lhe sucede a felicidade da rima:

Fazer muitas palavras e era tudo uma bosta

20 Falamos novamente alemão tal como a gente gosta!

De forma alguma se almeja o rebuscado alemão literário daqueles
que merecem esta comunicação:

25 Cavalguem, trapaceiem o quanto quiserem com a pena

Mas no exterior, lá logo todos saberão

Que sois vós sujeitos totalmente degenerados

Mas com certeza a presente canção de resistência ainda poderia
30 contribuir um pouco para o esclarecimento do exterior, canção com
cujo autor nos solidarizamos quando ele enfim perde a paciência:

Nós construímos! Não temos tempo

Nos ocuparmos com a choradeira dos judeus

35 É intrujice; todo mundo sabe disso!

A severa exigência de Diebold não foi satisfeita. Certamente
estamos lidando com um fenômeno de arte regionalista,
mas a formação da vontade que sem dúvida é almejada apenas
40 se impõe com uma renúncia voluntária à formação espiritual
mais elevada, e a escassa pontuação é do tipógrafo. Da
mesma forma numa canção que vem em seguida, que parece

8 Poesia artística: ou *Kunstdichtung*, em oposição a *Volkspoesie*, “poesia popular”.

9 Alusão a Juvenal (*Sátiras*, 1, 79):
*Si natura negat, facit indignatio
versum*. Ou seja, Juvenal afirma
que, mesmo não sendo poeta
por dotes naturais, passou a sê-
lo graças à indignação.

[61] bot der Stunde diktiert scheint, mit dem Titel und dem Refrain
»Juden raus!«, eine Forderung, die der Tendenz gegen Kapi-
talsflucht freilich durchaus entgegensteht. Hierin wird das
deutsche Volk geradezu

5

Des Juden Knecht, des Geldes Fluch

genannt, aber

10

Der Bauer hintern Flug will sehn

Wieder hinauf zur Sonne frei!

Er ist natürlich durch keinen Aeroplan behindert, während al-
lerdings

15

Der deutsche Kaufmann nicht auf mehr kann sehn

Gemeint ist offenbar nicht, daß dieser nicht auf mehr (Geld) se-
hen kann, weil es doch der Jude usw., sondern daß er aus dem
gleichen Grund nicht mehr auf (hinauf) sehen kann.

20

Wer will Beweise? – millionenfach wir können sie zeigen
Juden raus!

25

Sie haben ja sogar auf die Wortstellung des deutschen Dichters
abgefärbt, und überhaupt:

Deutsche Kunst und Kultur nicht mehr war zu
sehn

30

Da gibt es nur eines:

– zum deutsche Geschäftsmann geht hinein
Soll der kaputt sein, soll es so sein?

35

Juden raus!

Die Sache spricht für sich:

Juda hat uns erklärt den Krieg

40

Uns dem deutschen 65 Millionenvolk
Frei wollen wir leben gottgewollt
Juden raus!

In späteren Zeiten wird man Gott danken,

[61] igualmente ditada pela necessidade do momento, com o título e o refrão “Fora, judeus!”, uma exigência que sem dúvida se opõe totalmente à tendência contra a fuga de capitais. Nela o povo alemão é chamado de

5

Servo do judeu, da maldição do dinheiro

mas

10 O campônes atrás do alado quer olhar
Outra vez para o sol livremente!

Naturalmente, ele não é atrapalhado por um aeroplano, enquanto, contudo,

15

O comerciante alemão não pode ter mais em vista

Evidentemente, o que se quer dizer não é que este não pode ter mais (dinheiro) em vista porque o judeu etc., mas que ele, pela

20 mesma razão, não pode mais olhar (para cima).

Quem quer provas? – milhões delas podemos mostrar
Fora, judeus!

25 Eles influenciaram inclusive a sintaxe do poeta alemão e, sobretudo:

A arte e a cultura alemãs não mais ver se
podiam

30

Só resta uma coisa:

– entrem na loja do comerciante alemão
Estará ele falido, é assim que deve ser?

35 Fora, judeus!

A coisa fala por si mesma:

Judá guerra nos declarou

40 A nós, povo alemão de 65 milhões
Livres queremos viver graças a Deus
Fora, judeus!

Em épocas posteriores se agradecerá a Deus

[62] Daß man endlich der Volksausbeuter sich entwandt

Kommen sie »nicht sofort zur Räson«, schließt er,

5 Dann raus mit dem Jud!

Daß hier noch Unsicheres, Relatives, Mehrdeutiges gegeben sei, wird niemand behaupten. Gleichwohl dürfte man es nicht mit jenem Dieboldschen Begriff von Volkslied und deutscher
10 Sage zu tun haben, der mit den Gebilden Goethes die Sprache gemeinsam hat. Ich glaube nicht, daß der Dichter etwa eine besondere Beziehung zur »Pandora« unterhält, wenngleich er offenbar eine Faustnatur ist und wohl auch vom Götz wenigstens das Unentbehrlichste wissen mag. Was aber sein Ceterum cen-
15 seo betrifft, daß die Juden, wenn sie nicht zur Räson kommen, raus müssen, so hat es insofern seinen Zweck verfehlt, als sie teils schon zu ihr gekommen sind, teils aber keinen Paß kriegen, auch wenn sie die Mittel hätten, raus zu kommen. Die Vertreibung dieses radikalen Kampfrufs ist durch unsere brave SA. er-
20 folgt, die seines Inhalts nicht vollständig. Selbst in diesem programmatischen Hauptpunkt macht sich ja noch der Zwiespalt zwischen Theorie und Praxis geltend, der an den guten Reden so häufig auffällt, wenn sie die munter fortfließende Arbeit begleiten. Hitler kann den amerikanischen Judenschützern
25 leicht versichern:

Wir würden jedem Einzelnen ein Freibillet und einen Tausendmarkschein als Taschengeld mitgeben, wenn wir sie loswerden können.

30

Er hat sich wohl nicht den Andrang derer vorgestellt, die da Topp! sagen würden (oder auch »Gemacht!«) und die einen deutschen Mann beim Wort nehmen wollten, nichts anderes wünschend, als draußen dafür zu sorgen, »daß das falsche Ge-
35 rede von Barbarei und Terror verstumme«. Schön wär's ja, wenn zum Beispiel die Ausreise nach Österreich den Tausendmarkschein, den sie kostet, eintrüge. Jede Kreatur möchte frei leben gottgewollt, aber sie kann halt nicht immer, selbst wenn sie sich noch in keinem Konzentrationslager befindet.

[62] Porque a gente finalmente se livrou do explorador do povo.

Se eles “não tomarem juízo logo”, conclui ele,

5 Então fora com o judeu!

Ninguém afirmará que aqui ainda há algo incerto, relativo, plurívoco. Apesar disso, não poderia haver relação com aquele conceito dieboldiano de canção popular e lenda alemã que têm a língua em comum com as criações de Goethe. Não acredito que o poeta tenha, por exemplo, uma relação especial com *Pandora*, embora ele evidentemente seja uma natureza fáustica e deva saber do *Götz* pelo menos o mais imprescindível. Mas no que se refere ao seu *ceterum*
15 *censeo*, que os judeus devem ser expulsos se não tomarem juízo, sua finalidade já malogrou na medida em que eles em parte já o tomaram, mas em parte não conseguem passaporte mesmo que tivessem os meios para sair. A difusão desse grito de guerra radical foi realizada por nossa honrada SA, a de seu
20 conteúdo não é completa. Mesmo nesse ponto programático capital ainda se faz valer a discrepância entre teoria e prática, que com tanta frequência chama atenção nos bons discursos quando acompanham o trabalho que flui avançando animadamente. Hitler pode assegurar facilmente aos protetores
25 americanos dos judeus:

Daríamos a cada indivíduo uma passagem gratuita e uma nota de mil marcos de gorjeta se pudermos nos livrar deles.

30

Ele provavelmente não imaginou a afluência daqueles que diriam “de acordo!” (ou também “combinado!”) e querariam levar um homem alemão ao pé da letra, não desejando outra coisa senão providenciar lá fora para que “os falsos rumores
35 sobre barbárie e terror emudeçam”. Seria realmente bonito se, por exemplo, a viagem para a Áustria rendesse a nota de mil marcos que ela custa. Toda criatura gostaria de viver livre graças a Deus, mas ela simplesmente não pode fazê-lo sempre, mesmo quando ainda não se encontra num campo de concentração.

13-14 Deva saber do *Götz* pelo menos o mais imprescindível: referência à expressão “*leck mich am Arsch*” (“vá tomar no cu”), que aparecia na primeira versão da peça de Goethe *Götz von Berlichingen* e por isso é também conhecida eufemisticamente como *Götzzeitat*, “citação de *Götz*”.

14-15 *Ceterum censeo*: expressão que faz parte da frase *ceterum censeo Carthaginen esse delendam* (“Por outro lado, acho que Cartago deve ser destruída”), com que Catão (234-149 a.C.) terminava todos os seus discursos no senado, qualquer que fosse o assunto em discussão, para lembrar que a próspera Cartago constituía um perigo constante para Roma. A expressão alude, portanto, a uma reivindicação insistentemente repetida.

19 SA: sigla para *Sturmabteilung* (Unidade de Assalto), divisão armada e uniformizada do partido nazista. Antes de 1933, a SA se concentrava essencialmente na perseguição dos comunistas; depois de 1933, quando foi elevada – juntamente com outras organizações como a SS (*Schutzstaffel*, “Esquadrão de Proteção”) e a *Stahlhelm* (“Capacete de Aço”) – à categoria de polícia auxiliar por um decreto do ministro Hermann Göring, a SA também passou a fazer detenções e organizar prisões próprias, como em Hohnstein, Dresden e Berlim, bem como vigiar campos de concentração.

[63] Die Lieder, die dem Befreiungsgedanken Ausdruck leihen, waren in Berlin stark begehrt, als die Gemüter noch von der Genugtuung jenes Boykott-Tages erregt waren, dessen volkswirtschaftlicher Erfolg an den moralischen nicht heranreichte.

5 Damals fanden auch noch die parteioffiziellen Ansichtskarten Nachfrage, die etwa die Szene vorführten, wie der brave SA-Mann in Ausübung seiner harten Pflicht vor dem Laden stand, auf dessen Fenster geschrieben war:

10 Dir Judensau sollen die Hände abfaulen!

Oder wie ein invalider Arbeiterführer, Herzensgüte, Scham, Angst und Ergebung im Gesicht, gefolgt von zivilem und bewaffnetem Janhagel, in einem Hundekarren geführt wird. Oder
15 wie ein Münchner Anwalt, der bei der Polizei wegen der Verschleppung seines Klienten angefragt hatte, mit abgeschnittenen Hosen und einer Tafel an der Brust:

Ich bin Jude, aber ich will mich nicht über die Nazis beschweren
20

von radfahrenden Spukgestalten eskortiert wird. (Ins Konzentrationslager, wo dann die Erschießung auf der Flucht erfolgte.) Seitdem insbesondere diesem Bildnis im Ausland – welches ihm den Titel gab: Retour au moyen âge – die Werbekraft des
25 Gruppenbildes derer um den Battisti-Leichnam zuerkannt wurde, soll die Schaustellung nationaler Trophäen gehemmt worden sein, indem sich doch die Erkenntnis einer Mitschuld an der Greuelpropaganda durchrang. Es heißt, daß nicht nur mit dem Kitsch aufgeräumt wird, sondern auch mit den seriösen
30 Erzeugnissen der photographischen Aufnahme von Einzelaktionen, die geeignet wären, der Außenwelt ein falsches Bild zu vermitteln. Formulare für die Bestätigung, daß einem Gefolterten nichts passiert sei, sind noch in Gebrauch und liegen ordnungsgemäß für jeden, dem es gelingt, ein Braunes Haus zu
35 verlassen, in der Anstalt auf.

Was den literarischen Ausdruck der Zeitstimmung betrifft, der in so vehementen Kundgebungen wie jener gegen Flucht und Verbleib der Juden vorliegt, so ist gewiß nicht zu leugnen, daß ein wenig über die Galgenstränge geschlagen wurde.

[63] As canções que dão expressão ao pensamento da libertação eram imensamente procuradas em Berlim quando os ânimos ainda estavam excitados pela satisfação com aquele dia de boicote, cujo sucesso no âmbito da economia popular não chegou perto do
5 sucesso moral. Também naquela época ainda tinham procura os postais oficiais do partido que mostravam, por exemplo, a cena em que o honrado homem da SA, no exercício de seu duro dever, estava postado diante da loja em cuja vitrine estava escrito:

10 Que tuas mãos apodreçam, porco judeu!

Ou em que um líder trabalhista inválido, bondade de coração, vergonha, medo e resignação na face, seguido pela plebe civil e armada, é levado num cabriolé. Ou em que um advogado
15 muniquense, que foi se informar na polícia por causa do rapto de seu cliente, com as calças cortadas e uma tabuleta no peito:

Sou judeu, mas não quero me queixar dos nazistas

20

é escoltado por figuras fantasmagóricas de bicicleta. (Até o campo de concentração, onde se seguiu a morte a tiros durante a tentativa de fuga.) Dizem que a exibição de troféus nacionais foi refreada desde que no exterior – que lhe deu o título de: *Retour au moyen*
25 *age* – se conferiu especialmente a esse retrato a força propagandística da fotografia de grupo que mostra pessoas reunidas em torno do cadáver de Battisti, e isso na medida em que, apesar de tudo, finalmente se decidiu reconhecer uma cumplicidade na propaganda dos horrores. Isso significa que não
30 estão removendo apenas o *kitsch*, mas também os produtos sérios do registro fotográfico de ações isoladas capazes de comunicar ao mundo exterior uma falsa imagem. Formulários para confirmar que nada aconteceu a um torturado ainda estão em uso e se encontram devidamente à disposição no estabelecimento para
35 todos que conseguirem deixar uma Casa Marrom.

No que respeita à expressão literária da atmosfera da época, expressão que aí está em manifestações tão veementes quanto aquela contra a fuga e a permanência dos judeus, certamente não se pode negar que andaram exagerando um pouco.

24-25 Ou seja, “Retorno à Idade Média”. Em francês no original.

27 Cesare Battisti (1875-1916): jornalista e político em Trieste quando a cidade era possessão da Áustria, executado como traidor por apoiar a Itália como voluntário. A foto do cadáver de Battisti rodeado por seus assassinos está no frontispício da peça *Os últimos dias da humanidade*.

35 Casa Marrom: era chamada assim a sede do partido nazista em Munique, e, por extensão, as sedes do partido em cidades importantes. Eram o centro da vida partidária local e muitas vezes eram usadas para interrogatórios e torturas. A cor marrom se tornou um símbolo do nazismo porque a camisa dessa cor fazia parte do uniforme dos membros das organizações nacional-socialistas.

36 4.6 SEÇÃO 6: A arte e os artistas sob o Terceiro Reich (da página 63, linha 36, à página 67, linha 36).

39 Andaram exagerando um pouco: Kraus cria aqui uma variação da expressão “*über die Stränge schlagen*”, literalmente “bater acima dos tirantes”, usada para se referir ao cavalo que, puxando um veículo, dá coices que ultrapassam a altura das correias que o prendem, donde o sentido figurado de “ultrapassar os limites”. Kraus emprega “*über die Galgenstränge schlagen*”, onde *Galgenstränge* significa “corda de patíbulo”.

[64] Gleichwohl hat das Wort nicht geringern Anspruch als die Tat,
mit der Nachsicht beurteilt zu werden, die den Sturm und
Drang einer jungen Bewegung von deren Wertgehalt unter-
scheidet. Man darf an dem, was man ihr zugutehalten muß,
5 nicht das Gute übersehen und muß auch hier den Standpunkt
einer Führung anerkennen, von der man ja immer wieder die
ausdrückliche Mißbilligung von Übergriffen vernommen hat,
die sie gutheißt. Denn man könnte doch im Ernst nicht anneh-
men, daß Worte, die so brüsk den Tatendrang bejahen, dem
10 Geschmack eines Mannes gemäß seien, von dem Kube, selbst
ein Ästhet, gesagt hat:

Es ist der Wille Adolf Hitlers, daß der politische Kampf... ge-
adelt sei durch die Pflege deutscher Kunst. Wir engeren Mitarbeiter
15 wissen, daß er der feinsinnigste Kunstkenner ist, der je
an der Spitze einer großen Nation gestanden hat.
Ich erinnere mich, wie er vor dem großen Entschei-
dungskampf um das Kabinett Schleicher sich an die Stufen
des Pergamonaltars begab, um an seiner gewaltigen Schönheit
20 die eigenen inneren menschlichen Sehnsüchte wie-
der aufzufrischen.

Und nach den rauen Kampftagen solle sich das deutsche Volk
wieder auf seine Seele besinnen, denn »seelische Erneuerung
25 tut not«. Die musische Seite, die eigentlich die stärkere ist,
wurde bisher viel zu wenig beachtet, und selbst der Fachmann
würde staunen über die geheimen Sehnsüchte eines Tatmen-
schen, von dem sein eigenes Blatt, das doch gewiß informiert
ist, unter dem Titel »Wenn die Künstler wüßten ...« das Bild
30 eines Mäcenat entwirft, wie ihn der Horaz nicht geträumt hat:

Wenn die Künstler ahnen würden, wie sehr Adolf Hitler
den Inbegriff des musischen Menschen verkörpert, so
hätte er unter ihnen keine Gegner – dieses Wort, in den Zeiten
35 unserer schwersten Kämpfe von Baldur von Schirach ge-
prägt, es hat uns wie ein Stern der Verheißung selbst die dunkelsten
Stunden hell und licht gemacht.

[64] Apesar disso, a palavra não tem menos direito que o ato a ser julgada com a indulgência que distingue entre a tempestade e o ímpeto de um movimento jovem e seu conteúdo de valores. Entre as coisas que em tal movimento é preciso
5 considerar positivas não se pode ignorar as coisas boas, e também aqui é preciso reconhecer o ponto de vista de uma liderança da qual temos ouvido repetidamente a desaprovação expressa dos excessos que aprova. Pois não se poderia admitir a sério que palavras que afirmam de maneira tão brusca o ímpeto
10 de agir fossem adequadas ao gosto de um homem de quem Kube, ele próprio um esteta, disse:

É vontade de Adolf Hitler que a luta política [...] seja enobrecida pelo cultivo da arte alemã. Nós, colaboradores
15 mais próximos, sabemos que ele é o mais sensível conhecedor de arte que alguma vez esteve à frente de uma grande nação. Lembro-me de como antes da grande luta decisiva pelo gabinete Schleicher ele foi até os degraus do altar de Pérgamo para refrescar seus próprios
20 anéis humanos interiores junto à sua imponente beleza.

E após os ásperos dias de luta, segundo ele, o povo alemão deve se lembrar outra vez de sua alma, pois “renovar a alma é
25 preciso”. O lado inspirado pelas musas, que na verdade é o mais forte, foi muito pouco considerado até agora, e mesmo o especialista se surpreenderia com os anéis secretos de um homem de ação de quem seu próprio jornal, que certamente deve estar informado, esboça, sob o título “Se os artistas soubessem...”, o
30 retrato de um mecenas como o Horácio não o sonhou:

Se os artistas imaginassem o quanto Adolf Hitler encarna a quintessência do homem inspirado pelas musas, ele não teria adversários entre eles – esse dito, cunhado por Baldur von
35 Schirach nos tempos de nossas lutas mais difíceis, clareou e iluminou como uma estrela da promessa mesmo as horas mais sombrias.

2-3 A tempestade e o ímpeto: foi chamado de “Tempestade e ímpeto” (*Sturm und Drang*) o movimento pré-romântico alemão (1770-1790), que, numa reação ao racionalismo iluminista, passou a valorizar as emoções, as paixões e a subjetividade. Obras representativas do período são a coletânea *Canções do povo* (Herder), o romance epistolar *Os sofrimentos do jovem Werther* (Goethe) e a peça *Os bândoleiros* (Schiller).

11 Wilhelm Kube (1887-1943): político nazista, chefe de distrito da Áustria depois da anexação, em 1938, e também dramaturgo.

18 Kurt von Schleicher (1882-1934): general e político alemão. Foi o antecessor imediato de Hitler no cargo de chanceler do Reich durante o breve intervalo entre 03/12/1932 e 28/01/1933.

19 Altar de Pérgamo: imenso monumento (35x33x9m), provavelmente dedicado a Zeus e à sua filha Atena, construído no séc. II a.C. na cidade de Pérgamo (atual Turquia), importante centro da cultura helênica, sob o reinado de Eumênes II. É composto por uma grande escadaria, uma colunata e dois frisos, o primeiro representando a batalha mitológica entre os deuses e os gigantes, e o segundo, a lenda de Télefo, fundador mítico da cidade. Foi reconstruído no início do século XX a partir dos fragmentos escavados entre 1878 e 1886 pelo engenheiro alemão Carl Humann, sendo a principal peça do Pergamonmuseum, em Berlim, a que empresta o nome.

30 Horácio (65-8 a.C.): poeta lírico romano. Caio Cilino Mecenas (60 a.C.-8 d.C., estadista romano), cujo nome se tornaria substantivo comum, foi o seu patrocinador.

35 Baldur von Schirach (1907-1974): político nazista. Nomeado líder da juventude do Reich em 1931 e chefe de distrito de Viena em 1940. Responsável pela deportação dos judeus vienenses até o fim da guerra, foi condenado a vinte anos de prisão em 1946.

[65] Also nicht erst die Erscheinung als solche, nein schon wie Schirach sie sah, Schirachs Wort war aufrichtend. Selbst wenn wir schier ach verzagen wollten –

5 dieser Talisman der Hoffnung feite uns gegen jedes Erlahmen:
Wenn die Künstler wüßten...

Ein Stein, der die geheime Kraft hat, bei Gott und Menschen unbeliebt zu machen? Nicht doch, der ›Völkische Beobachter‹
10 bestätigt die Erkenntnis jenes Sehers, dessen Name schon wie eine Mischung aus Edda und Pentateuch klingt:

Wenn sie wüßten, was zu erleben schon früh unser Schicksal wurde, daß ein politischer Führer keineswegs
15 naturnotwendiger Weise amüsischen Charakters sein muß, sondern sehr wohl mit der Härte einer heroischen Überzeugung und der Unerbittlichkeit des Befehls Aufgeschlossenheit für alle künstlerischen Verklärungen des Daseins haben kann – sie würden, dessen waren wir von jeher
20 gewiß, zur Heerschar derjenigen stoßen, die wie wir

»aller Differenziertheit des Intellekts entsagen lernten«, um ihn »schlechthin zu lieben«.

25 Wenn sie wüßten – dieser Gedanke bemächtigte sich unser mit fast quälender Gewalt.

Man kann sich denken, was die vom ›Völkischen Beobachter‹ gelitten haben; es grenzt an Dachau. Aber:

30 Sie sollen es wissen, sie müssen es wissen!

Zu diesem Behufe werden »die künstlerisch-schöpferischen Persönlichkeiten der Theater- und Filmwelt« an den Kaiserhof,
35 der ein Hotel ist, berufen:

Jetzt so, mit ungeheurem Streben,
Drang aus dem Abgrund ich herauf,
Und fordre laut, zu neuem Leben,
40 Mir fröhliche Bewohner auf

und es ergibt sich, ganz im Concordiastil, da man die Staatskunst mit der Muse plaudern sah, ein zwangloser, aber reger

[65] Ou seja, não a aparição como tal, não como Schirach a via;
o dito de Schirach é que foi reconfortante. Mesmo quando, aí,
estávamos querendo desanimar –

5 esse talismão da esperança nos tornou invulneráveis contra toda
paralisia: se os artistas soubessem...

Uma pedra que tem a força secreta de tornar alguém malquisto
por Deus e pelos homens? Nada disso; o *Völkischer Beobachter*
10 confirma a percepção daquele visionário cujo nome já soa como
uma mistura de Edda e Pentateuco:

Se eles soubessem que nosso destino foi vivenciar já cedo que
um líder político de forma alguma precisa necessariamente
15 ter um caráter avesso às musas, mas que pode muito bem,
junto à dureza de uma convicção heroica e à implacabilidade
do comando, se mostrar aberto a todas as transfigurações
artísticas da existência – eles se juntariam, disso
estivemos certos desde sempre, ao exército daqueles que,
20 como nós,

“aprenderam a renunciar a toda diferenciação do intelecto” para
“simplesmente amar” tal líder.

25 Se eles soubessem – esse pensamento se apoderou de nós com
força quase torturante.

Pode-se imaginar o que os do *Völkischer Beobachter* sofreram;
chega a parecer Dachau. Mas:

30 Eles devem sabê-lo, eles precisam sabê-lo!

Para esse fim, “as personalidades artístico-criadoras do mundo
do teatro e do cinema” são convocadas ao Paço do Imperador,
35 que é um hotel:

E agora, com esforço enorme,
Subo das profundezas abissais,
E exorto em alta voz, a mim conforme,
40 A uma nova vida habitantes joviais

e o resultado – bem ao estilo Concórdia, já que viram a arte
estatal batendo um papo com a musa – é uma descontraída, mas

[64], 35 Estrela da promessa: referência ao astro que, segundo a mitologia cristã, teria indicado aos reis magos o local do nascimento de Jesus. Ver Mateus 2, 1-12.

5 Talismão: no original, *Talismann*. O correto seria *Talisman*; Kraus destaca *Mann* (=homem) por ser um erro tipográfico.

11 Edda e Pentateuco: coletânea de antigos poemas nórdicos e coleção dos primeiros cinco livros do Antigo Testamento, respectivamente.

29 Dachau: primeiro campo de concentração aberto pelos nazistas, em março de 1933. Seus primeiros prisioneiros foram adversários políticos (comunistas, social-democratas, sindicalistas, mas também alguns políticos liberais e conservadores). Pouco a pouco, o campo passou a receber novos grupos: judeus, testemunhas de Jeová, ciganos, homossexuais e criminosos. A partir de 1941, também recebeu prisioneiros de guerra soviéticos, que foram massacrados. Sua principal função ao longo da guerra foi fornecer mão de obra para a indústria de armamentos.

37-40 Goethe, *Fausto II*, ato II, “Noite de Valpúrgis clássica”, v. 7570-7573 (Sismo).

42 Concórdia: associação vienense de jornalistas e escritores fundada em 1859 para defender os interesses da classe jornalística e, fazendo jus a seu nome, abafar dissensões e silenciar vozes críticas. Seus bailes eram um dos pontos altos da vida social de Viena, reunindo artistas, políticos e industriais. As reportagens sobre esses bailes foram comentadas acidamente por Kraus em seu jornal, *Die Fackel*.

[66] Gedankenaustausch. Mancher, dem ich Talent beigebracht
habe, ist dabei und sonnt sich. Man sieht, wie Willy Fritsch
beim Händedruck am Ziel ist, wie die Paudler (deren Gleich-
schaltung mich gleichfalls kalt läßt) ins Dritte Reich eingeht,
5 man hört wie die Liane Haid ausruft: »Großartig hab'n S' das
g'macht, Herr Hitler, nur so weiter, toi toi toi!« und immer la-
chend Goebbels unter den Lamien:

Wie sie dem Satyrvolk behagen;
10 Ein Bocksfuß darf dort alles wagen.

Und nun:

durchzuckt uns nicht mehr jenes schmerzliche:
15 Wenn sie wüßten, sondern beglückt uns die Gewiß-
heit: Jetzt wissen sie!

Von da ist im Musischen nur noch ein Schritt zu der Feststel-
lung der sogenannten »Dötz«, das Publikum habe dem Kompo-
20 nisten einer Goethe-Symphonie, die dem Führer gewidmet ist,
zugejubelt, denn es grüßte

mit dem Meister die großen Geister, denen sein Werk dient:
Goethe und Adolf Hitler.

25 Der Musikkritiker, der es schrieb, heißt Damisch.

So nur kann, so muß es sein
30 schloß treffend der völkische Kollege, als es die Künstler end-
lich erfahren hatten.

Überall regt es sich. Dichter empfangen Winke, von den
kunstsinnigen Führern nach dem Kaiserhof beschieden:

35 Apollen hält ein froh Verweilen
Dort nun mit seliger Musen Chor

woselbst, wie es ferner bei Nestroy heißt, man den Musen und
dem Tee huldigt. Bald springt denn auch ein Verslein von den
40 Lippen, und es zeigen sich die ersten Triebe einer Produktion
im Volksliedhaften, die nicht nur der heroischen, sondern auch
der idyllischen Neigung der Tage gerecht wird:

[66] animada troca de ideias. Muitos a quem ensinei o talento estão lá e se vangloriam. A gente vê como Willy Fritsch atingiu sua meta durante o aperto de mãos, como a Paudler (cuja sincronização me deixa igualmente frio) entra no Terceiro Reich, ouve como a Liane Haid exclama: “O senhor fez muito bem, senhor Hitler, continue assim, boa sorte!”, e Goebbels sempre sorrindo entre as lâminas:

Como aos sátiros elas soem agradar;

10 Lá um pé de bode tudo pode ousar.

E agora:

não nos estremece mais aquele doloroso “se eles
15 soubessem”, mas nos alegra a certeza: “agora eles sabem!”

A partir daí, basta só um passo no âmbito das musas para chegar à constatação do assim chamado *Dötz* de que o público
20 aclamou o compositor de uma sinfonia em honra a Goethe dedicada ao Führer, pois esse público saudava

junto com o mestre os grandes espíritos a quem sua obra serve:
Goethe e Adolf Hitler.

25 O crítico musical que escreveu isso se chama Damisch.

É só assim que pode ser, que tem de ser

30 finalizou certamente o colega popular [*völkisch*] quando os artistas finalmente ficaram sabendo.

Agitação por toda parte. Poetas recebem dicas, convocados ao Paço do Imperador pelos líderes com senso artístico:

35 Apolo agora se encontra alegre ali
Com um bem-aventurado coro de musas

num lugar em que, como além disso consta em Nestroy, venera-se as musas e o chá. Logo também escapa um versinho
40 dos lábios e se mostram os primeiros rebentos de uma produção no âmbito das canções populares que corresponde não apenas à tendência heroica destes dias, mas também à idílica:

2 Willy Fritsch (1901-1973): ator alemão.

3 Maria Paudler (1900-1990): atriz alemã.

5 Liane Haid (1895-?): atriz alemã.

7 Lâmia: monstro mítico com cabeça de mulher e corpo de serpente que, segundo a superstição popular grega, se alimentava de homens e crianças.

9-10 Goethe, *Fausto II*, ato II, “Noite de Valpúrgis clássica”, v. 7237-7238 (Esfinge).

19 *Dötz*: abreviatura de *Deutschösterreichische Tageszeitung*, ou *Diário austroalemão*, jornal nazista editado na Áustria.

26 Damisch (1872-1961): crítico musical austríaco.

35-36 Goethe, *Fausto II*, ato II, “Noite de Valpúrgis clássica”, v. 7566-7567 (Sismo).

38 Johann Nestroy (1801-1862): dramaturgo austríaco. A citação de Kraus provém da farsa *O talismã*, ato II, cena 23.

[67] Unter der Birke standen zwei,
Ein Blonder und eine Blonde,
Der Himmel lag blau und es war Mai
Und Sonne die Welt umsonnte.

5

Und wie nun »zwei blonde Herzen zitterten heiß« und

Im Wipfel da sang ein Singvögelein
Und nickte froh mit dem Köpfchen,

10 Es stürmte das Blut dem Mägdelein
Bis unter die blonden Zöpfchen

– da geht wohl auch der Unbeteiligte mit, und wenn der ›Völki-
sche Beobachter‹ solche Beschränkung des Blutmythos auf das
15 Allgemeinverständliche als »Kitsch« ablehnt, so beweist er nur,
daß er den Umfang arteigener Möglichkeit unterschätzt und
die Wiederbesinnung auf die Urinstinkte vielleicht zu sehr auf
das Maß Billingers einschränkt. Es ist nicht wahr, daß sich die
deutsche Seele am Kämpferischen genügt; per aspera geht es
20 immer auch ad astra, und der kulturelle Aspekt dessen, was er-
rungen wurde, verheißt den Aufschwung von der Stofflichkeit
eines Höllenbreughel zu Herzblättchens Zeitvertreib. Die völ-
kische Literatur wird, wenn erst einmal die Schlacken abgewor-
fen sind, sich der Zielsetzung, die im Hotel Kaiserhof bespro-
25 chen wurde, würdig erweisen, und man geht gewiß nicht fehl,
wenn man ihr eine Entwicklung voraussagt, die im Ausdruck
des Wehrwillens bis zu Körner, in der Bejahung der Genuß-
rechte zu Baumbach vorwärts dringt. (Die Verbindung der Ele-
mente erfolgt im Militärschwank.) Dem Mägdelein werden die
30 Zöpfchen noch wachsen, die Lorelei wird ihr goldenes Haar
kämmen, und man wird keines drin finden, das von Heine ist,
noch auch die Leichen im ruhigfließenden Rhein. Die Abklä-
rung vollzieht sich stürmisch. Nachdem man die Spreu vom
Weizen gesondert, diesen verbrannt und mit der Wurfschaufel
35 Juden totgeschlagen hat, wird man ihre hinterlassenen Sprach-
schätze als Schmückedeinheim behalten.

Daß für den Aufbau und insbesondere den »ideologischen
Überbau« eines Lebens, das schon Seneca gemeint haben muß,
wenn er »vivere est militare« erkannte – daß für derlei die Phi-

[67] Parados sob a bétula eles estão,
Um loiro e uma loira eles são,
O sol brilha no céu cor de anil
Iluminando o dia primaveril.

5

E como agora “dois corações loiros fremiam com ardor” e

Naquela copa cantava um passarinho
Mexendo alegremente a cabecinha,

10 Com violência subiu o sangue da mocinha
Até a raiz das tranças do cabelo loirinho

– é provável que mesmo a pessoa indiferente acompanhe, e se o *Völkischer Beobachter* rejeita como *kitsch* tal limitação do mito

15 de sangue ao que é compreendido por todos, ele apenas demonstra que subestima a amplitude das possibilidades próprias da raça e que talvez limite o retorno aos instintos primitivos por demais à medida de Billinger. Não é verdade que a alma alemã se satisfaz com o que é combativo; *per aspera*
20 também se vai sempre *ad astra*, e o aspecto cultural do que foi conquistado promete a elevação que vai da materialidade de um Breughel infernal ao passatempo das queridinhas. Tão logo tenha se livrado das escórias, a literatura popular [*völkisch*] se mostrará digna das metas que foram discutidas
25 no hotel Paço do Imperador, e certamente não nos enganamos se lhe predizemos uma evolução que avança até Körner na expressão da vontade de defesa e até Baumbach na afirmação dos direitos de usufruto. (A ligação dos elementos ocorre numa peça farsesca militar.) As trancinhas da mocinha
30 ainda crescerão, a Lorelei penteará seus cabelos dourados e entre eles não se achará um que seja de Heine, tampouco os cadáveres no Reno que flui calmamente. A clarificação se efetua de maneira tempestuosa. Depois que tenham separado o joio do trigo, queimado este último e matado judeus com a joeira,
35 as pessoas conservarão como objetos de decoração os tesouros linguísticos que eles deixaram.

Que para a construção e em especial para a “superestrutura ideológica” de uma vida a que Sêneca já devia ter se referido quando reconheceu que *vivere est militare* – que para tal vida

17 Própria da raça: em alemão, *art-eigen*, termo da linguagem nazista tomado do vocabulário da biologia e empregado para formular a reivindicação de uma cultura, uma moralidade, uma religião, uma arte etc. específicas e supostamente peculiares à chamada raça ariana. Implicava sempre a exigência de reprimir e eliminar o que fosse estranho à raça (*artfremd*).

18 Richard Billinger (1893-1965): escritor austríaco.

19-20 *Per aspera ad astra*: pelas asperas às estrelas. Expressão usada para dizer que o homem só pode chegar a resultados elevados através das dificuldades, numa alusão à subida ao céu típica dos heróis, em especial de Hércules.

22 Pieter Breughel (c. 1564-1638): pintor holandês.

26 Theodor Körner (1791-1813): poeta alemão.

27 Rudolf Baumbach (1840-1905): poeta lírico alemão.

30 Lorelei: segundo a lenda, ninfa que vivia no alto de um rochedo às margens do Reno e distraía os navegantes com seu canto enquanto penteava os cabelos, provocando o naufrágio das embarcações. O poeta e jornalista Heinrich Heine (1797-1856) empregou essa lenda num de seus poemas (*Livro das canções*, O retorno, 2), reproduzido em antologias durante o período nazista sem indicação do nome do autor pelo fato de Heine ser judeu. Eis as duas primeiras estrofes: “*Ich weiß nicht, was soll es bedeuten, / Daß ich so traurig bin; / Ein Märchen aus alten Zeiten, / Das kommt mir nicht aus dem Sinn. // Die Luft ist kühl und es dunkelt, / Und ruhig fließt der Rhein; / Der Gipfel des Berges funkelt / Im Abendsonnenschein.*” (“Não sei o significado / Dessa minha tristeza; / Um conto do remoto passado / Não me sai da cabeça. // O ar está frio e escurece, / E o Reno flui calmamente; / No cimo da montanha / Cintila o sol poente.”)

37 4.7 SEÇÃO 7: A filosofia e os filósofos sob o Terceiro Reich (da página 67, linha 37, à página 78, linha 15).

[68] losophie nicht müßig zu sein hat, versteht sich von selbst, und
so leicht wie eine, die zu einer richtiggehenden Walpurgisnacht
gehört,

5 Denn wo Gespenster Platz genommen,
Ist auch der Philosoph willkommen.

Aber wie macht er es, und vor allem: wie findet man ihn? Es
mag ja an und für sich schwer sein, mit dem, was man von den
10 Circences hört, die andauernd in den Kasernen und Lagern ge-
boten werden, solange das Problem der Panis-Beschaffung
noch nicht gelöst ist: mit der Anwendung von Stahlruten und
Nilpferdpeitschen, mit Gelenksübungen für Gelähmte, mit der
Verwandlung nackter, auch weiblicher Körper in blutige
15 Fleischklumpen, mit Prozeduren, die nicht selten unter fröhli-
chen Marschgesängen der Tätigen vor sich gehen, und Sprech-
chören der Betroffenen oder unter dem Zwang Blutsverwand-
ter, zu assistieren oder aufeinander loszuschlagen, kurzum mit
Dingen, für die nicht die Tatenwelt der Königsdramen und
20 keine Revolution ein Vorbild hatte – es muß doch schwer sein,
mit so etwas einen Gedanken zu verknüpfen oder ihn gar bei
Schriftgelehrten als eine förmliche Anweisung für so etwas auf-
zufinden. Denn wenn sich schon die Feder sträubt, diese Dinge
abzuschildern, wie es das Andenken all der Märtyrer erfordern
25 würde und auch das Gedenken jener, die bloß Todesangst zu
bestehen hatten und den bestialischen Hohn der vorgehaltenen
Waffe (»Jud, furchst dich?«): das Hinrichtungsspiel mit dem
Versprechen für morgen – wenn schon die Beschreibung un-
möglich ist, so kann man sich doch völlig nicht vorstellen, daß
30 sich eine Feder auftreiben ließe, die mit ethischer Verantwor-
tung an dem Lebensrecht der Menschheit solche Mittel zur
Purganz eines Volkskörpers befürwortet hätte. Gewiß, um
nicht an der Kosmosreinheit des Menschen zu verzweifeln und
zum Schutz vor eigenem Wahnsinn möchte man sich an einen
35 Sinn klammern, der den Begebenheiten innewohnt. Aber die
Neigung, ihn von der Philosophie zu beziehen, ließe sich doch
selbst nur aus der Erkenntnis pathologischen Zusammenhangs
begreifen. Denn daß die Blutberauschung einer erweckten Be-

[68] a filosofia não há de ser ociosa é coisa que se compreende, e tão facilmente quanto uma filosofia que tem seu lugar numa genuína noite de Valpúrgis,

- 5 Pois onde lugar para fantasmas há,
Bem-vindo o filósofo também será.

Mas como ele o fará, e sobretudo: como encontrá-lo? Afinal, no fundo pode ser difícil associar àquilo que se ouve dos
10 *circenses* que são oferecidos incessantemente nas casernas e nos campos enquanto o problema do abastecimento de *panis* ainda não está resolvido: ao emprego de varas de aço e chicotes de couro de hipopótamo, a exercícios de alongamento para pessoas paralíticas, à transformação de corpos nus, também
15 femininos, em montes de carne sangrenta, a procedimentos que não raro acontecem acompanhados por alegres canções de marcha dos agentes e coros falados dos atingidos ou à coação dos parentes consanguíneos a ajudarem ou se espancarem mutuamente, em suma, a coisas para as quais nem o mundo de
20 façanhas dos dramas históricos nem qualquer revolução tinha um modelo – deve ser difícil associar a algo assim um pensamento ou sequer encontrá-lo nos textos dos escribas como uma ordem formal para algo assim. Pois se já a pena resiste a descrever essas coisas, como exigiria a memória de todos os
25 mártires e também a lembrança daqueles que apenas tiveram de suportar o medo da morte e o escárnio bestial da arma apontada (“Tá com medo, judeu?”): o jogo da execução com a promessa para amanhã – se a descrição já é impossível, então não se consegue absolutamente imaginar que se pudesse encontrar uma
30 pena que, com responsabilidade ética pelo direito à vida da humanidade, tivesse recomendado tais meios para a purgação do corpo de um povo. É certo que, para não desesperar da pureza cósmica do ser humano e para se proteger da própria loucura, gostaríamos de nos agarrar a um sentido inerente aos aconteci-
35 mentos. Mas a tendência a recebê-lo da filosofia só poderia ser compreendida a partir do reconhecimento de um nexos patológico. Pois o fato de que a embriaguez sangrenta de um mundo de azáfama despertado devesse se originar de um ímpeto mais

[67], 39 *Vivere est militare*: viver é guerrear. Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 96, 5.

5-6 Goethe, *Fausto II*, ato II, “Noite de Valpúrgis clássica”, v. 7843-7844 (Mefistófeles).

10-11 *Circenses, panis*: referência à expressão *panem et circenses*, de um trecho de Juvenal (*Sátiras*, 10, 81) em que consta que o povo romano de sua época, à diferença dos tempos passados, quando dera origem a impérios, altos dignatários e legiões, só desejava ansiosamente duas coisas: pão e jogos circenses.

20 Dramas históricos: mais exatamente, de Shakespeare.

[69] triebswelt natürlicherem oder heroischerem Drange als dem
des perversierten Geschlechtswesens entstammen sollte; daß
die Bluthochzeit und ihre Paarung mit Schmutz, daß der hinter
5 allem Ideenbehang nackte Aufbruch zu wirtschaftlicher Sätti-
gung in anderen Urinstinkten wurzeln könnte als in denen der
Machtgier und Sklavenlust, der Habgier und des Neides; daß
viehische Formen der Entschädigung, in denen sich nie zuvor
die Lebensnot einer Gemeinschaft, selbst nicht Panik des Hun-
10 gersterbens ausgerast hat, vermöge der Besonderheit nur von
einem übersinnlichen Punkt erfaßbar wären – das müßte
schon eine Philosophie sein, reif zu der höchsten Steigerungs-
stufe von »deutsch«, die sich dieses Volkstum für alles, was ihm
eigen, vor allen andern Volkstümern vorbehalten hat. Es
15 kommt eben damit, wie auch sonst, mit den eigenen Repräsen-
tanten seiner bessern Beschaffenheit in Konflikt. Goethe war
dagegen, er wurde dem Unvergleichlichen mit der Bemerkung
gerecht:

20 Eine Vergleichung des deutschen Volkes mit andern Völkern erregt in
uns peinliche Gefühle, über welche ich auf jegliche Weise hinwegzu-
kommen versuche. Ist denn wirklich das Volk erwacht?

Und Wagner will von dieser deutschesten Tugend, die sich
selbst anspricht und zwar unaufhörlich, schon gar nichts wis-
25 sen; von einem Hang, der, seitdem er besonders den Äther zu
Hilfe nimmt, die anderen Nationen erst auf die Idee gebracht
hat, sich als Franzosen, Engländer, Italiener, Tschechen und
nun insbesondere auch als Österreicher zu fühlen. Freilich
würde heute Bayreuth in sein Programmheft nicht die Meinung
30 aufnehmen, daß, je mächtiger ein Volk sei, desto weniger es
darauf zu geben scheine,

seinen Namen mit dieser Ehrfurcht vor sich selbst zu nennen. Es
kommt im öffentlichen Leben Englands und Frankreichs bei weitem
35 seltener vor, daß man von »englischen« und »französischen« Tugen-
den spricht; wogegen die Deutschen sich fortwährend auf »deutsche
Tiefe«, »deutschen Ernst«, »deutsche Treue« und dergleichen mehr zu
berufen pflegen. Leider ist es in sehr vielen Fällen of-
fenbar geworden, daß diese Berufung nicht voll-
40 ständig begründet war.

[69] natural ou mais heroico que o do ser sexuado pervertido; o fato de que as bodas de sangue e seu acasalamento com a imundície; o fato de que a partida descarada rumo à saciedade econômica, escondida por trás de toda uma tapeçaria de ideias, pudesse se enraizar em outros instintos primitivos que não os da sede de poder e do prazer de escravizar, da cobiça e da inveja; o fato de que formas animais de indenização sob as quais nunca antes descarregaram sua fúria as premências vitais de uma coletividade, nem mesmo o pânico da morte pela fome, fossem compreensíveis somente desde um ponto suprassensível devido à sua singularidade – isso já teria de ser uma filosofia, madura para o mais elevado nível de intensificação do que é “alemão” e que essa índole nacional se reservou para tudo o que lhe é próprio frente a todas as outras índoles nacionais. Precisamente por isso, como também acontece em outros casos, ela entra em conflito com os próprios representantes de sua melhor constituição. Goethe era contra; ele fez justiça ao incomparável com esta observação:

Uma comparação entre o povo alemão e outros povos nos provoca sentimentos constrangedores que tento superar de todas as maneiras. Foi realmente o povo que despertou?

E Wagner não quer saber absolutamente nada dessa virtude germaníssima que se dirige a si mesma, e isso sem cessar; dessa inclinação que, desde que se serve especialmente do éter, levou as outras nações a terem a ideia de se sentirem como franceses, ingleses, italianos, tchecos e agora, em especial, também austríacos. Hoje Bayreuth certamente não acolheria em seu programa a opinião de que quanto mais poderoso é um povo, menos ele parece se importar

em dizer seu nome com essa reverência por si mesmo. Na vida pública da Inglaterra e da França é de longe muito mais raro acontecer que se fale de virtudes “inglesas” e “francesas”; os alemães, por sua vez, costumam invocar constantemente a “profundidade alemã”, a “seriedade alemã”, a “lealdade alemã” e outras coisas do tipo. Infelizmente, em muitíssimos casos se tornou evidente que essa invocação não era inteiramente fundamentada.

2 Bodas de sangue: tradução literal de *Bluthochzeit*, como é chamada em alemão a Noite de São Bartolomeu, massacre ocorrido em Paris em 24 de agosto de 1572 contra os protestantes franceses, conhecidos como huguenotes, e que deixou milhares de vítimas. Foi o primeiro de uma onda de massacres que se espalhou por toda a França.

13 Índole nacional: em alemão, *Volkstum*, termo do vocabulário nacional-socialista. Foi introduzido na língua alemã no século XIX por Friedrich Ludwig Jahn como germanização de *Nationalität*, designando a peculiaridade de um povo quanto ao seu modo de pensar, sentir e agir. Foi empregado com especial frequência pelo nacional-socialismo, que lhe deu uma conotação adicional: além de designar o que é peculiar a um povo, também designava sua oposição às peculiaridades de outros povos.

19-20 *Os diálogos de Goethe*, vol. 3, p. 103 (nov. 1813).

21 *Ibid.*, p. 106.

28 Bayreuth: cidade bávara em que se localizam a casa de Richard Wagner (1813-1883) e o assim chamado Teatro dos Festivais, inaugurado em 1876 e construído expressamente para a encenação das óperas wagnerianas.

33-40 Wagner, *O que é alemão?*, p. 37.

[70] Was würde ein hoher Gast vollends dazu sagen, wenn er dort die Meinung anträte:

5 Während Goethe und Schiller den deutschen Geist über die Welt ergossen, ohne vom »deutschen« Geiste auch nur zu reden, erfüllen diese Spekulant^{en} alle deutschen Buch- und Bilderläden, alle sogenannten »Volks-«, das heißt Aktientheater, mit groben, gänzlich schalen und nichtigen Bildungen, auf welchen immer die anpreisende Empfehlung »deutsch« und wieder »deutsch« zur Verlockung für die gutmütige
10 Menge aufgeklebt ist. Und wirklich sind wir so weit, das deutsche Volk damit bald gänzlich zum Narren gemacht zu sehen: Die Volksanlage zu Trägheit und Phlegma wird zur phantastischen Selbstgefällsucht verführt; bereits spielt das deutsche Volk zum großen Teil in der beschämenden
15 Komödie selbst mit, und nicht ohne Grauen kann der sinnende deutsche Geist jenen töricht^{en} Festversammlungen mit ihren theatralischen Aufzügen, albernen Festreden und trostlos schalen Liedern sich zuwenden, mit denen man dem deutschen Volke weismachen will, es sei etwas ganz Besonderes, und brauche gar nicht erst etwas werden zu wollen.
20

Aber man hat immerhin für Bayreuth angeordnet, auf das Horst Wessel-Lied zu verzichten, das ja doch auch unvereinbar wäre mit einer Gesinnung, die zu finden gewagt hat:
25

daß das einfache Angstgefühl derjenigen Völker, welche sonst der deutsche Geist beeinflusste, es ist, was diese jetzt gänzlich von uns abgewendet und der vollen Hingebung an die französische Zivilisation zugeführt hat .. da sie sehr richtig wenigstens die
30 echte Ware der gefälschten vorziehen.

Daß das Bekenntnis zu einem, der so etwas geäußert hat, nun gar obligat, ja in das Vaterlandsgefühl einbezogen sein soll, ist umso schwerer vorstellbar, als er dieses selbst angezweifelt hat:
35

Wie der Patriotismus den Bürger für die Interessen des Staates hellsehend macht, läßt er ihn noch in Blindheit für das Interesse der Menschheit überhaupt....

40 Auf der Suche nach einem philosophischen Treuhänder des nationalsozialistischen Gedankens wäre somit Wagner vorweg abzulehnen. Es wird sich überhaupt schwer so etwas finden las-

[70] O que diria, além disso, um alto visitante, se lá encontrasse esta opinião:

Enquanto Goethe e Schiller derramaram o espírito alemão sobre o
5 mundo sem mesmo sequer falar do espírito “alemão”, esses especuladores
enchem todas as livrarias e galerias alemãs, todos os assim chamados
“teatros do povo”, isto é, teatros de ações da bolsa, com criações grossei-
ras, completamente insípidas e nulas sobre as quais sempre está
10 garantida a recomendação elogiosa “alemão” e outra vez “alemão” para
atrair a multidão bonachona. E, realmente, chegamos ao ponto
de ver o povo alemão quase inteiramente feito de bobo
com isso: a predisposição popular à inércia e à fleuma é seduzida a uma
fantástica coqueteria para consigo mesma; o próprio povo
15 alemão já participa em grande parte da vergonhosa comédia, e o espírito
alemão meditativo não pode se voltar sem horror àquelas
tolas reuniões festivas com seus cortejos teatrais, dispa-
ratados discursos festivos e canções inconsolavelmente
insípidas com que se quer fazer o povo alemão acreditar que é algo
bastante especial e que de forma alguma precisa primeiro querer se tornar
20 alguma coisa.

Em todo caso, ordenaram que Bayreuth prescindisse da canção
de Horst Wessel, que afinal seria incompatível com uma
25 mentalidade que se atreveu a achar:

que é o simples sentimento de medo daqueles povos outrora
influenciados pelo espírito alemão que agora os afastou
inteiramente de nós e os levou ao completo devotamento à
civilização francesa [...], pois, de maneira muito correta, pelo menos
30 preferem a mercadoria autêntica à falsificada.

Que a profissão de fé em favor de alguém que expressou algo
assim seja agora obrigatória, e até tenha sido incluída no
sentimento patriótico, é ainda mais difícil de imaginar quando
35 sabemos que ele próprio o questionou:

Assim como o patriotismo torna o cidadão clarividente para os interesses
do Estado, ele o deixa cego para o interesse da humanidade em geral...

40 Na busca por um fiduciário filosófico do pensamento
nacional-socialista, Wagner deveria portanto ser rejeitado
de antemão. Será um tanto difícil encontrar algo assim,

4-20 Wagner, *O que é alemão?*, p. 51.

22-23 Canção de Horst Wessel: uma
das mais importantes canções do
movimento nacional-socialista. Seu
texto foi redigido em 1929 pelo
político e líder da SA Horst Wessel
(1907-1930) sobre a melodia de
uma canção popular berlinense. Em
1930 tornou-se hino do partido
nazista; após a tomada do poder,
sua primeira estrofe passou a ser
cantada juntamente com o *Deutsch-
landlied* (*Canção da Alemanha*), o
hino nacional alemão.

26-30 Fonte não encontrada.

37-38 Wagner, *Sobre o Estado e a re-
ligião*, p. 13.

[71] und mehr dem Werdenden vorbehalten sein, dem Schoß
der Geistigkeit eines Lebens, das in allem Organischen die Fa-
briksgeburt offenbart. Lange schon zeigte sich, daß das neu-
deutsche Sortiment nichts Gutes im Schilde führe wie im
5 Schaufenster: lauter Tat und Wille, nichts als Blut und Erde,
jedes Schlagwort eine Handgranate, Volltreffer jeder Blick aus
diesen Einheitsgesichtern von Autoren, die wie ihre Leser aus-
schauen; der trostlose Optimismus einer Generation, die etwas
von »Dem Tod ins Auge gesehn haben« gehört hat und sich da-
10 durch zu nichts verpflichtet fühlt als zur Wiederholung und zur
Vergewaltigung der Mitmenschheit. Betrieb einer Büromantik
von Befreiungskriegen zum Zweck der Sklaverei. Gewimmel
von Verwendbaren: Belletristen, Gesundheitsbeter und nun auch
jene Handlanger ins Transzendente, die sich in Fakultäten und
15 Revuen anstellig zeigen, die deutsche Philosophie als Vorschule
für den Hitler-Gedanken einzurichten. Da ist etwa der Denker
Heidegger, der seinen blauen Dunst dem braunen gleichge-
schaltet hat und klar zu erkennen beginnt, die geistige Welt ei-
nes Volkes sei
20 die Macht der tiefsten Bewahrung seiner erd- und bluthaften
Kräfte als Macht der innersten Erregung und weite-
sten Erschütterung seines Daseins.

25 Ich habe immer schon gewußt, daß ein böhmischer Schuster
dem Sinn des Lebens näherkommt als ein neudeutscher Den-
ker. Warum das Volk durch seine erd- und bluthaften Kräfte
erregt und erschüttert sein muß und wie es dadurch auf einen
grünen Zweig kommen könnte, das zu sehen ist natürlich mehr
30 Sache des Glaubens als der Beweisführung; immerhin fühlt
man sich an den Einwand bei Gogol erinnert, der gegen einen
aufgeregten Schulmeister vorgebracht wird: Gewiß, Alexander
der Große war ein großer Mann, aber warum gleich Sessel zer-
trümmern? Heidegger, der zeitgemäß »Wehrdienst des Gei-
35 stes« traktiert, unterläßt ja keineswegs, zu sagen, wie man
handeln soll:

[71] e mais reservado ao que está em formação, ao ventre da espiritualidade de uma vida que revela em tudo o que é orgânico seu nascimento fabricado. Há muito tempo já se mostra que o sortimento neoalemão não leva nada de bom na tabuleta nem na vitrine: só ato e vontade, nada senão sangue e solo, toda palavra de ordem é uma granada de mão, tiros em cheio todos os olhares desses rostos padronizados de autores que se parecem com seus leitores; o otimismo desolado de uma geração que ouviu alguma coisa sobre “ter visto a morte de perto” e por isso não se sente obrigada a outra coisa senão à repetição e à violação da humanidade. Azáfama de um escritóriomantismo de guerras de libertação com fins escravizadores. Bulício de criaturas utilizáveis: beletistas, benzedores e agora também aqueles ajudantes no âmbito do transcendente que se mostram hábeis em faculdades e revistas na adaptação da filosofia alemã para servir de pré-escola ao pensamento de Hitler. Aí está, por exemplo, o pensador Heidegger, que sincronizou sua fumaça azul com a marrom e começa a reconhecer claramente que o mundo espiritual de um povo seria

o poder da mais profunda conservação de suas forças telúricas e sanguíneas como poder da mais profunda excitação e do mais amplo abalo de seu ser-aí.

Eu sempre soube que um sapateiro da Boêmia chega mais perto do sentido da vida que um pensador neoalemão. Por que o povo tem de ser excitado e abalado por suas forças telúricas e sanguíneas, e como poderia chegar a prosperar por meio disso? Ver tal coisa é naturalmente mais uma questão de fé que de demonstração; em todo caso, nos sentimos lembrados daquela objeção que encontramos em Gógol, apresentada contra um mestre-escola exaltado: sem dúvida, Alexandre o Grande era um grande homem, mas por que logo quebrar cadeiras? Heidegger, que, em harmonia com esta época, trata do “serviço militar do espírito”, de maneira alguma, afinal, deixa de dizer como se deve agir:

4-5 Não leva nada de bom na tabuleta nem na vitrine: em alemão, *nichts Gutes im Schilde führe wie im Schaufenster*, ou seja, não são nada boas as coisas que o “sortimento neoalemão” anda escondendo nem aquelas que mostra abertamente. Variação da expressão *etwas im Schilde führen*, usada desde o século XVI, que tem o sentido de “tramar alguma coisa”, “esconder algum plano desonesto”. Referia-se originalmente às insígnias que o cavaleiro levava em seu escudo (*Schild*, termo que também pode designar a tabuleta ou o letreiro de um estabelecimento comercial) e, mais tarde, às armas escondidas por trás do escudo.

5 Sangue e solo: slogan da ideologia nacional-socialista que propagandeava a unidade do povo alemão, especialmente dos camponeses, com o território em que viviam. Baseava-se numa idealização da vida no campo ligada a ideias racistas: a raça germano-nórdica era entendida como campesinato que se contrapunha ao nomadismo judeu. Preso ao seu torrão e às tradições, o camponês deveria ser o fundamento de uma revitalização social que, além disso, exigia novos territórios para sua efetivação. As ambições expansionistas do governo nazista se basearam em boa medida nessa exigência.

11 Escritóriomantismo: em alemão, *Büromantik*, fusão de *Büro* (escritório, gabinete) e *Romantik* (romantismo). É uma referência aos valores cavalheirescos arcaicos (honra, coragem, heroísmo) celebrados pelos escritores que se colocaram voluntariamente a serviço da ideologia nazista.

11-12 Guerras de libertação: referência às batalhas ocorridas entre 1813 e 1814 contra o domínio napoleônico na Europa. Na Alemanha, foi ocasião privilegiada para a difusão de ideias nacionalistas e francó-fobas.

17 Martin Heidegger (1889-1976): autor de uma obra fundamental da filosofia do século XX, o tratado *Ser e tempo*. Reitor da Universidade de Friburgo de maio de 1933 a abril de

[72] Man muß handeln im Sinne des fragenden, ungedeckten Standhaltens inmitten der Ungewißheit des Seienden im Ganzen.

5 Zum Glück gibt die Zeitung, die es zitiert, auf der Stelle einen Anhaltspunkt:

Prüfe und behalte das Beste: Berna-Käse.

10 Gleichwohl tappt man. Das Bekenntnis zu Blut- und Erdverbundenheit, mit dem sich jetzt diese abgründigen Worthelfer der Gewalt beeilen, könnte vielleicht an jene Gefahr der Verbindung denken lassen, die zwar nicht in der Philosophie, aber in der Medizin als Tetanus bekannt ist, und so wäre die Psychose auf einen nationalen Starrkrampfanfall zurückzuführen, dem alles ausgesetzt ist, was exerzieren und dozieren oder beides zugleich kann. Aber was nützte solche Erkenntnis, da die Bewegung nicht geheilt, sondern geheiligt sein will? »Hinein da möchte' ich mich nicht wagen«, bekennt man,

20

Nur, um dir's im Vertraun zu sagen:
Zwei Philosophen bin ich auf der Spur,
Ich horchte zu, es hieß: Natur! Natur!

25 Nietzsche? Nicht doch, doch nicht! Er wäre, trotz aller Schwankung zwischen den Kulturen, für untermenschliche Methoden, zur Natur zurückzufinden, für eine Grausamkeit, die zugleich unappetitlich ist, vermöge seiner Hinneigung zu romanischen und semitischen Lebensformen kaum heranzuziehen. Wohl hat es ihn nach den »Barbaren des zwanzigsten Jahrhunderts« verlangt, welche er aber doch wieder in ihrer Vorhandenheit nachdrücklichst abgelehnt hat. Wohl hat er mannigfach auch mit dem Hammer Thors philosophiert und viel Unheil angerichtet durch jenen Übermenschen, den er »euch lehrte«, der – selbst
30 auf die Sicht der Äonen, in die er sein Denken projiziert hat – ein Entwurf bleibt und dem in seiner nunmehrigen Vollendung der Geist wie dem Faust (von dem er stammt) zurief:

[72] É preciso agir no sentido do resistir interrogante, sem cobertura, em meio à incerteza do ente como um todo.

5 Felizmente, o jornal que o cita oferece de imediato um ponto de apoio:

Experimente e fique com o melhor: queijos Berna.

10 Apesar disso, ficamos tateando. A profissão de fé em favor da ligação ao sangue e ao solo com que agora se apressam esses insondáveis ajudantes verbais da violência talvez fizesse pensar naquele perigo da ligação que na verdade não é conhecido na filosofia, mas na medicina como tétano, e assim a psicose poderia
15 ser explicada por um ataque nacional de tétano, ao qual está exposto tudo aquilo que pode fazer exercícios militares e dar aulas em cursos superiores ou ambas as coisas ao mesmo tempo. Mas de que adiantaria tal conhecimento, visto que o movimento não quer ser curado e sim santificado? “Não me atreveria a lá entrar”,
20 confessam as pessoas,

Apenas isto quero te confidenciar:

De dois filósofos o rastro estou seguindo:

Natureza! Natureza! Andei deles ouvindo.

25

Nietzsche? Ah não, isso não! Apesar de toda a oscilação entre as culturas, dificilmente se poderia invocá-lo, devido à sua inclinação por formas de vida românicas e semíticas, em favor de métodos subumanos de regresso à natureza, em favor
30 de uma crueldade ao mesmo tempo repulsiva. É certo que ele ansiou pelos “bárbaros do século XX”, porém os rejeitou da maneira mais enfática quando concretamente existentes. É certo que ele também filosofou de muitas maneiras com o martelo de Thor e causou muitos estragos devido àquele super-homem que
35 “vos ensinou” e que – mesmo em vista dos éons em que projetou seu pensamento – permanece um esboço, e a quem, em sua consumação atual, o espírito clama como a Fausto (de quem ele provém):

1934, onde promoveu a adesão ao movimento nazista. Afastou-se da política em seguida, mas em 1953 ainda publicaria uma conferência de 1935 em que afirmava que “o encontro da técnica em escala planetária com o homem moderno” constituiria a “verdade e grandeza inerentes” do nacional-socialismo (*Introdução à metafísica*, p. 208).

[71], 18 [...] fumaça azul com a marrom: “fumaça azul” é uma expressão que significa “embuste, mentira, ilusão; coisa sem valor, incerta”, sendo uma provável referência à fumaça empregada por mágicos, ilusionistas e charlatões para ocultar dos espectadores o mecanismo de seus truques; a expressão “*jemandem blauen Dunst vormachen*” (fazer fumaça azul diante de alguém) significa “lograr alguém”. A cor marrom, como já observado em outra nota, é uma referência ao nazismo, visto que a camisa dessa cor fazia parte do uniforme dos membros das organizações nacional-socialistas.

[71], 31 Gógol, *O inspetor geral*, ato I, cena 1.

22-24 Goethe, *Fausto II*, ato II, “Noite de Valpúrgis clássica”, v. 7834-7837 (Homúnculo).

31 Nietzsche, fragmento póstumo 11 [31], de novembro de 1887-março de 1888 (*Obras completas*, v. 13, p. 18).

33-34 Filosofou com o martelo de Thor: referência, sobretudo, à obra *O crepúsculo dos ídolos*, que leva o subtítulo de *Como se filosofa com o martelo*. Segundo o prefácio, “há mais ídolos do que realidades no mundo”, e assim o martelo teria aí um duplo uso: mostrar o quanto esses ídolos são ociosos e depois destruí-los. Quanto ao deus Thor, é um acréscimo jocoso de Kraus, pois Nietzsche não dava muita importância à mitologia germânica; suas metáforas mitológicas são tiradas quase sempre do mundo helênico.

Faßt Übermenschen dich!

Denn wirklich:

5

Wo ist der Seele Ruf?

Wo ist die Brust, die eine Welt in sich erschuf,

Und trug und hegte, die mit Freudebeben

Erschwoll, sich uns, den Geistern, gleich zu heben?

10

Solche Gleichschaltung wäre also vorbeigelungen, und Nietzsche, welcher Zuchtware abgelehnt hat, hätte an der Anwendung des Axioms, daß der Mensch etwas ist, das überwunden werden soll, wenig hellenische Freude. Denn was der Affe für den Menschen ist und der Mensch für den Übermenschen sein soll, »ein Gelächter oder eine schmerzliche Scham«: eben das ist heute der Übermensch für den Menschen, und hinter der »prachtvollen, nach Beute und Sieg lüstern schweifenden blonden Bestie«, mit der eine Literaturgeneration geweidet hat, würde er nichts wiederfinden als eben die »Herdentiermoral«, die er verpönte und die sich nun mit höchster Subalternität am Machtgedanken gütlich tut. Ist es die Erfüllung, daß dieser des Schutzes der Lüge bedarf, um die Beute zu decken, und daß der Kopfhäger als Skalp den Posten davonträgt? Ließ jener die Bestie solchermaßen schweifen:

25

Der jüdische Apotheker Georg Grünwald hatte seinen Laden in der Prenzlauer-Allee im Norden von Berlin. Eines Tages, bald nachdem der Brand im Reichstag ausgebrochen war, etablierte sich gegenüber dem Laden ein anderer Apotheker.

30

Mitte April stürmte ein Trupp Braunhemden in das Geschäft. »Jude, laß die Rollbalken runter und sperre deine Butike oder es könnte dir schlecht ergehn!«

Grünwald erwiderte, er sei seit zwanzig Jahren als Apotheker auf dem Platze, nicht er sei daher der Konkurrent, sondern jener.

35

In der Nacht nach dieser Auseinandersetzung verschwand Georg Grünwald spurlos aus Berlin. Seine Frau alarmierte das nächste Polizeirevier. Zwei Tage vergingen. Am dritten Tag rief das Revier die Wohnung der Apothekersfrau an. Sie könne sich den Leichnam ihres Mannes in der städtischen Leichenkammer zur Beerdigung holen.

40

[73]

Que miserável pavor

Toma conta de ti, ó super-homem!

Pois, realmente:

5

Onde está da alma o chamado?

Onde está o peito que tendo em si um mundo criado,

O carregou e protegeu, que de alegria vibrando

Se encheu, até nós, os espíritos, se elevando?

10

Tal elevação sincronizadora teria portanto fracassado, e Nietzsche, que recusou guardiões da raça, teria pouca alegria helênica na aplicação do axioma de que o homem é algo que deve ser superado. Pois aquilo que o macaco é para o homem e
15 que o homem deve ser para o super-homem, “uma risada ou uma dolorosa vergonha”: precisamente isso é hoje o super-homem para o homem, e por trás da “magnífica besta louca, vagando avidamente em busca de presa e vitória” com que pastou uma geração literária, ele nada encontraria senão
20 precisamente a “moral de animais de rebanho” que execrava, e que agora, com máxima subalternidade, se delicia com o pensamento do poder. Será a realização que a besta precise da proteção da mentira para ocultar a presa, e que o caçador de cabeças leve o posto como escalpo? Fazia Nietzsche vagar a
25 besta desta maneira?

O farmacêutico judeu Georg Grünwald tinha seu estabelecimento na Prenzlauer-Allee, no norte de Berlim. Certo dia, pouco depois de estourar o incêndio no Reichstag, outro farmacêutico se estabeleceu do outro
30 lado da rua.

Em meados de abril, um bando de camisas-marrons invadiu o negócio. “Judeu, baixa as persianas e fecha tua butique ou tu podes te dar muito mal!”

Grünwald respondeu que era farmacêutico há vinte anos naquele lugar
35 e que por isso não era ele o concorrente, e sim o outro.

Na noite que se seguiu a essa discussão, Georg Grünwald desapareceu de Berlim sem deixar rastro. Sua mulher alertou a delegacia de polícia mais próxima. Dois dias se passaram. No terceiro dia, a delegacia ligou para o apartamento da mulher do farmacêutico. Disseram que poderia
40 retirar o cadáver de seu marido no necrotério municipal para enterrá-lo.

[72], 34 Super-homem: referência à obra *Assim falou Zaratustra*, que inicia com os discursos do protagonista anunciando o “super-homem”. Este é uma metáfora que alude à superação do tipo de ser humano cultivado e estimulado sobretudo pelo cristianismo: dócil, submisso, crédulo, culpado, doente, uniforme, “animal de rebanho”. Para Nietzsche, o deus cristão está morto e não caberia mais buscar sentido num além-mundo (o céu cristão, o mundo das ideias platônico etc.), mas apenas *neste* mundo; o “super-homem” é uma espécie de conceito-síntese que representa essa renúncia às ilusões e a corajosa aceitação das realidades. Durante o período nacional-socialista, o termo “super-homem” recebeu uma conotação eugênica, nem um pouco metafórica, que nada tem a ver com Nietzsche e sua filosofia. Para os nazistas, o homem germânico seria esse “super-homem”, algo que se torna ainda mais incongruente se considerarmos o profundo desprezo que Nietzsche sentia por tudo que dissesse respeito à Alemanha.

1-2 Goethe, *Fausto I*, “Noite”, v. 489-490 (Espírito).

6-9 *Ibid.*, v. 490-493 (Espírito).

12 Guardião da raça: *Zuchtwart*, germanização de “eugenista”. O termo foi proposto em 1930 por Richard Walter Darré no livro *Neuadel aus Blut und Boden* [A nova nobreza oriunda do sangue e do solo], em que sugeria a instituição de uma nova categoria profissional especializada em todas as questões referentes à hereditariedade. Assim, o “guardião da raça” teria uma dupla função: favorecer, mediante a escolha de casais, a conservação de características consideradas favoráveis e impedir casamentos com potencial de gerar filhos não saudáveis. A instituição dessa nova classe não chegou a se concretizar, o que não impediu os nazistas de elaborar um programa eugênico que levou a medidas coercitivas contra grupos populacionais indesejados: esterilizações forçadas, assassinato de deficientes físicos e mentais, e, em última ins-

[74] Die Frau lief auf das Polizeirevier. »Was ist meinem Manne zugestoßen?« Achselzucken... Frau Grünwald dachte an den neuen Apotheker...

5 Zwei Privatdetektive legten sich auf die Fährte der Mörder. In derselben Nacht wurde Frau Grünwald in ihrer Wohnung vergiftet aufgefunden. Der Polizeibericht sagte: Selbstmord. Für das Polizeirevier war der Akt geschlossen.

10 In der Prenzlauer-Allee gibt es jetzt nur noch einen einzigen, deutschen Apotheker.

Und tritt etwa hier »das frohlockende Ungeheuer in die Unschuld des Raubtiergewissens zurück«:

15 Aus dem Reisebericht eines Schweizers: Ich kam nach Hessen. In einem alten Gasthaus erzählten mir ein paar behäbige Kirchengänger lachend, wie sie am Tage des Boykotts ihren Spaß gehabt hätten mit einem Krämer, den zwei SA.-Männer mit vorgehaltenen Karabinern auf den Dorfplatz trieben. Der Jude hätte um sein Leben gefleht und gewünselt, weil er dachte, seine letzte Stunde wäre gekommen. Da hätten sie ihn laufen lassen. Jetzt kaufe niemand mehr bei ihm. Ein anderer jüdischer Krämer, den der Berichterstatter aufsuchte, erzählte, daß es noch gute Nachbarn gebe, die ihm nachts Eßwaren bringen, damit er und seine Kinder nicht verhungern.

25 Vielleicht hätte sie der Antichrist jenen vorgezogen. Oder sind die Aufseher der Konzentrationslager Vertreter der Herrenmoral? Erlöst sich die »vornehme Rasse« auf solche Art aus dem Zwang der Gemeinschaft, daß sich feige Unholde für ihr erotisches Hauskreuz rächen? Sie waren zum Weibe gegangen, 30 und können die Peitsche nicht vergessen:

Das Lager war in verschiedene Klassen eingeteilt. Am schlechtesten hatten es die Kommunisten und radikalen Sozialisten in der dritten Klasse. Die Juden wurden zwar von der jüdischen Gemeinde verköstigt, mußten aber die niedrigsten Dienste verrichten, die Klosette reinigen, den SA-Leuten die Stiefel putzen, auf Befehl die Füße küssen oder die Stiefel lecken. Wollten sie nicht, so half der Gummiknüttel. Ich sah, wie ihnen die Haare ausgerissen wurden, daß Stücke der Kopfhaut mitgingen. Sie wurden auch gezwungen, sich 40 selbst in das Gesicht zu schlagen oder gegeneinander zu boxen: »Haut euch, Hunde!« Sonst tat der Knüttel seine Arbeit, bis das Blut spritzte.

[74] A mulher correu até a delegacia. “O que aconteceu com meu marido?” Dar de ombros... A senhora Grünwald pensou no novo farmacêutico...

Dois detetives particulares começaram a seguir a pista dos assassinos.
5 Na mesma noite, encontraram a senhora Grünwald envenenada em seu apartamento. No relatório policial dizia: suicídio. Para a delegacia de polícia, o caso estava encerrado.

Na Prenzlauer-Allee há agora somente um único farmacêutico, um farmacêutico alemão.

10 E será que abaixo “o monstro exultante volta à inocência da consciência moral do animal de rapina”?

Do relato de viagem de um suíço: Cheguei a Hessen. Numa velha
15 hospedaria, alguns pacatos frequentadores de igreja me contaram rindo como se divertiram no dia do boicote com um comerciante que foi levado até a praça do povoado por dois homens da SA com as carabinas apontadas. Disseram que o judeu chorou e implorou por sua vida, pois pensou que sua hora tivesse chegado. Depois o liberaram. Dizem que agora
20 ninguém mais compra em sua loja. Outro comerciante judeu, procurado pelo autor do relato, contou que ainda existem vizinhos bons que lhe trazem gêneros alimentícios durante a noite para que ele e seus filhos não morram de fome.

25 Talvez o anticristo os tivesse preferido àqueles. Ou serão os guardas dos campos de concentração representantes da moral de senhores? Será que a “raça nobre” se liberta da coação da comunidade de tal maneira que monstros covardes se vingam por sua cruz erótica doméstica? Eles foram ao encontro da mulher e
30 não podem esquecer o chicote:

O campo estava dividido em várias classes. As coisas eram piores para os comunistas e os socialistas radicais na terceira classe. É verdade que os judeus foram alimentados pela comunidade judaica, mas tinham de
35 desempenhar as funções mais baixas, limpar os banheiros, lustrar as botas dos homens da SA e, quando recebessem ordens para isso, beijar seus pés ou lambe-las suas botas. Caso não quisessem, o cassetete entrava em ação. Vi como lhes arrancaram os cabelos de uma maneira que pedaços do couro cabeludo iam junto. Também os obrigavam a bater nos próprios
40 rostos ou enfrentar-se em lutas de boxe: “Espanquem-se, cachorros!”. Caso contrário, o cassetete fazia seu trabalho até que o sangue espirrasse.

tância, a assim chamada solução final da questão judaica.

[73] 15-16 Nietzsche, *Assim falou Zarathustra*, “Prólogo de Zarathustra”, seção 3.

[73] 17-18 Nietzsche, *Sobre a genealogia da moral*, I, 11.

[73] 29 Incêndio no Reichstag: o parlamento alemão foi incendiado na noite de 27/02/1933, supostamente pelo holandês Marinus van der Lubbe, membro do partido comunista, condenado à morte pelo delito em dezembro de 1933. O partido nazista classificou o atentado como um “ato de terror bolchevique” e o aproveitou para se estabilizar no poder. Van der Lubbe aparentemente agiu por conta própria, sem qualquer colaboração dos comunistas alemães, mas graças a dois decretos promulgados pelo presidente do Reich, Von Hindenburg, os direitos fundamentais garantidos pela constituição foram abolidos. Em nome da “defesa contra atos de violência comunistas que ameaçam o Estado”, foram suprimidos os direitos à liberdade pessoal, a liberdade de opinião, imprensa, associação e reunião, o sigilo postal e telefônico, bem como a inviolabilidade das residências. Criou-se assim uma espécie de estado de exceção que, de certa forma, legalizou o terror nazista e foi um passo decisivo para o estabelecimento do governo ditatorial.

11-12 Nietzsche, *Sobre a genealogia da moral*, I, 11.

25 Anticristo: referência a Nietzsche e a uma de suas últimas obras, *O anticristo: maldição contra o cristianismo*, suma e ápice da sua crítica à religião cristã.

26-27 Moral de senhores: um dos conceitos apresentados em *Sobre a genealogia da moral*. A partir de uma análise histórica, Nietzsche conclui que predominaram dois tipos de moral ao longo da história humana: a moral de senhores e a moral de escravos. Os senhores chamam a si mesmos

[75] Viele bekamen Nervenzusammenbrüche, andere wurden krank. Ärztliche Visite war wöchentlich einmal. Es ging aber nur immer: Der nächste, der nächste, ohne jemand anzuhören. Jemand neben mir sagte: »Die Lunge ist nicht in Ordnung, ich spucke Blut«; die Antwort war: »Rizinusöl«.

Nein, das kann kein Philosoph gewollt haben.

Hast du, o Thales, je in einer Nacht,
10 Solch einen Berg aus Schlamm hervorgebracht?

Oder erstand Nietzsches Gedanke, der für Abirrungen untergeordneter Organe nicht verantwortlich zu machen wäre, in dem Verhalten jener Gewalthaber, die ihr Wort, und jener Worthaber, die ihre Gewalt verleugnen? In der Tatkraft avancierter Fememörder, in der Wortkraft der Polizeipräsidenten, die für den Eventualfall als Sicherheitsmaßnahme »einen Pogrom, wie ihn die Welt noch nicht erlebt hat«, in Aussicht stellen, »Bartholomäusnächte« verheißen, denen »Tage der Auferstehung« folgen sollen, »Stunden einer Vergeltung«, gegen die die erlebte ein Kinderspiel sein wird?

Nie war Natur und ihr lebendiges Fließen
Auf Tag und Nacht und Stunden angewiesen;
25 Sie bildet regelnd jegliche Gestalt,
Und selbst im Großen ist es nicht Gewalt.
Hier aber war's!

Etwa in dem literarischen Bekenntnis jenes Killinger, der nicht nur so heißt, sondern handelt, und der unter dem Titel »Ernstes und Heiteres aus dem Putschleben« das Heitere wie folgt besorgt hat:

Ein Weibsbild wird mir vorgeführt. Das typische Schwabinger Malweibchen. Kurzes, strähniges Haar, verlotterter Anzug, freches, sinnliches Gesicht, wüste Augenringe.
»Was ist mir dir los?«

Sie ist renitent und spuckt, mit Recht, einem der Ritter ins Gesicht.
40

[75] Muitos tiveram colapsos nervosos, outros ficaram doentes. A visita médica acontecia uma vez por semana. Mas era sempre a mesma coisa: o próximo, o próximo, sem ouvir ninguém. Alguém a meu lado disse: “O pulmão não está em ordem, estou cuspiendo sangue”; a resposta foi: “Óleo de rícino”.

Não, nenhum filósofo pode ter desejado isso.

Pudeste tu, ó Tales, alguma vez numa noite,
10 Produzir de lama tamanho monte?

Ou será que o pensamento de Nietzsche, que não caberia responsabilizar pelos desvios de órgãos subordinados, surgiu no comportamento daqueles ditadores que negam suas próprias palavras e daqueles oradores que negam sua própria violência? Na energia de assassinos políticos promovidos, na energia verbal de chefes de polícia que anunciam para uma eventualidade, como medida de segurança, a perspectiva de “um pogrom como o mundo nunca viu”, prometem “noites de São Bartolomeu” que deverão ser seguidas por
15 “dias de ressurreição”, por “horas de uma vingança” comparadas às quais a vingança vivenciada será uma brincadeira de criança?

Nunca a natureza e sua viva corrente
Foi de dias e noites e horas dependente;
25 Ela modela, ordenadora, cada forma,
E nem no grandioso a violência é a norma.
Mas aqui foi!

Por exemplo, na confissão literária daquele Killinger, que não apenas tem esse nome, mas também age de acordo com ele, e que sob o título *Coisas sérias e divertidas da vida golpista*, providenciou as coisas divertidas como segue:

Trazem-me uma mulherzinha. A típica pintorazinha do Schwabing.
35 Cabelos curtos, desgrenhados, roupa desleixada, rosto atrevido, sensual, olheiras enormes.

“Qual é o teu problema?”

Ela é renitente e cospe, com razão, na cara de um dos cavalheiros.
40 ros.

de bons e aqueles (ou aquilo) que desprezam de ruins; os escravos, ao contrário, chamam primeiro os outros de maus e classificam a si mesmos, por contraposição, de bons. O que parece reprovável a Nietzsche nesta segunda forma de avaliação moral é o fato de ela se originar do ressentimento; a moral de escravos seria de natureza *reativa*, enquanto a moral de senhores seria *ativa*.

[74] 29 Cruz erótica doméstica: *erotisches Hauskreuz*. *Hauskreuz*, “cruz doméstica” = mulher rabugenta.

[74] 30 Nietzsche, *Assim falou Zaratustra*, “Das mulherzinhas velhas e jovens”. A citação parece se ajustar melhor aos fatos relatados no início da página [76].

9-10 Goethe, *Fausto II*, ato II, “Noite de Valpúrgis clássica”, v. 7859-7860 (Anaxágoras).

18 Pogrom: termo de origem russa que significa “destruição total”, “devastação”, “massacre”. Na Rússia czarista, designava agitações de grande violência dirigidas contra uma comunidade, classe ou minoria. De maneira mais específica, refere-se ao ataque organizado contra uma comunidade judaica, com grande destruição e morticínio, insuflado ou tolerado pelas autoridades.

19 Noites de São Bartolomeu: ver nota [69], 2.

23-27 Goethe, *Fausto II*, ato II, “Noite de Valpúrgis clássica”, v. 7861-7864/7865 (Tales/Anaxágoras).

29 Manfred von Killinger (1886-1946): político nazista alemão, comissário do Reich na Saxônia. Kraus alude ao significado da palavra inglesa *killing*, “assassinato”.

34 Schwabing: bairro boêmio de Munique.

[76] »Fahrerpeitsche. Dann laufen lassen«, sage ich kurz. Zwei Mann packen sie. Sie will beißen. Eine Maulschelle bringt sie zur Räson. Im Hof wird sie über die Wagendeichsel gelegt und so lange mit Fahrerpeitschen bearbeitet, bis kein weißer Fleck mehr auf ihrer Rückseite war.

»Die spuckt keinen Brigadier mehr an. Jetzt wird sie erst mal drei Wochen auf dem Bauche liegen«, sagt Feldwebel Herrmann...

10 Getan und beschrieben von einem der höchsten Würdenträger einer Staatsgewalt, die Greueldmeldungen mit Zuchthaus bestraft. Faustnatur, mag sein; doch Übermensch? War schon die Einführung Hitlers in die Welt Wagners ein Mißgriff, so ist es vielleicht eine noch größere Fahrlässigkeit, daß man ihn auf die
15 geistige Verwandtschaft mit Nietzsche aufmerksam gemacht hat, ja geradezu ein faux pas, ihn im Weimarer Kreise neben der Büste zu photographieren. Eine französische Zeitung hat die Aufnahme veröffentlicht und ein englischer Gelehrter weist auf das Unpassende der Verbindung mit einem Autor hin, der
20 gerade mit dem Deutschtum seine bedenklichsten Wortspiele trieb, wie jenes »Horneo und Borneo« zum Rassenproblem, und der geradezu als »Maxime« aufstellte:

25 Mit keinem Menschen umgehen, der an dem verlogenen Rassenschwindel Anteil hat!

Ja der in »Ecce homo«, das freilich selbst einer psychopathischen Region nahesteht, auf seine Art über die Jahrtausende verfügt, indem er sie nicht nur für die Geltung seiner Gedanken
30 in Anspruch nimmt, sondern auch behauptet:

Alle Verbrechen gegen die Kultur in den letzten vierhundert Jahren haben die Deutschen auf dem Gewissen.

35 Und von dem der Satz stammt:

Die Deutschen sind Canaillen – ein Mann erniedrigt sich, wenn er ihre Gesellschaft frequentiert.

40 Ein Jahrtausend Konzentrationslager in ihrer Gesellschaft wäre diesen Bekenntnissen gesichert.

[76] “Chicote. Depois liberem”, digo laconicamente. Dois homem a agarram. Ela quer morder. Uma bofetada a traz à razão. No pátio, ela é deitada sobre os varais de uma carroça e chicoteada por tanto tempo até não sobrar mais nenhuma mancha branca em suas costas.

“Essa não cospe mais em nenhum general de brigada. Agora ela vai passar pelo menos três semanas deitada de bruços”, diz o sargento Herrmann...

Feito e descrito por um dos mais altos dignatários de um poder estatal que pune com prisão as notícias sobre o horror. Uma natureza fáustica, pode ser; mas super-homem? Se a introdução de Hitler no mundo de Wagner já foi um erro, talvez seja uma negligência ainda maior que se tenha chamado sua atenção para o parentesco intelectual com Nietzsche, e inclusive um *faux pas* fotografá-lo no círculo de Weimar ao lado do busto. Um jornal francês publicou a fotografia e um estudioso inglês aponta para a impropriedade da ligação com um autor que praticou seus mais duvidosos trocadilhos precisamente com a germanidade, como aquele “Cornéu e Bornéu” a propósito do problema racial, e que inclusive estabeleceu como “máxima”:

Não se relacionar com nenhuma pessoa que tenha parte no mentiroso embuste racial!

E que em *Ecce homo*, obra que certamente se encontra próxima de uma região psicopática, dispõe à sua maneira dos milênios, não só ao reivindicá-los para a validade de seus pensamentos, mas também afirmar:

Os alemães são culpados por todos os crimes contra a cultura cometidos nos últimos quatrocentos anos.

E de quem provém a frase:

Os alemães são canalhas – um homem se rebaixa quando frequenta sua companhia.

Tais confissões garantiriam um milênio de campo de concentração na companhia deles.

16 *Faux pas*: passo em falso. Esta é a foto em questão:

20 “Cornéu e Bornéu”: do fragmento póstumo 11 [4], de novembro de 1887-março de 1888 (Nietzsche, *Obras completas*, v. 13, p. 10). Eis o contexto (destaques meus): “Uma carta me faz lembrar de jovens alemães, Siegfrieds de cornos e outros wagnerianos. Todo o respeito pela natureza contentadicha dos alemães! Há inteligências modestas no norte da Alemanha que se satisfazem até com a inteligência do jornal *Kreuzzeitung*. Um observador externo poderia por vezes suspeitar que o jovem Reich que possui a Terra também engoliu por descuido, em sua fome devoradora de colônias e toda sorte de Áfricas, aquelas duas famosas ilhas marrom-escuras, *Cornéu e Bornéu...*”.

24-25 Nietzsche, fragmento póstumo 5 [52], do verão de 1886-outono de 1887 (*Obras completas*, v. 12, p. 205).

32-33 Nietzsche, *Ecce homo*, “O caso Wagner”, 2.

37-38 *Ibid.*, “O caso Wagner”, 4.

[77] Welche Wohltat ist ein Jude unter Deutschen

meint Nietzsche.

- 5 Einem Juden zu begegnen ist eine Wohltat, gesetzt, daß man unter Deutschen lebt. Die Gescheitheit der Juden hindert sie, auf unsere Weise närrisch zu werden, zum Beispiel »national«.

Mehr als das:

10

Ich mag sie nicht, die neuesten Spekulanten in Idealismus, die Antisemiten, welche heute ihre Augen christlich-arisch-biedermännisch verdrehen und durch einen jede Geduld erschöpfenden Mißbrauch des wohlfeilen Agitationsmittels, der moralischen Attitüde, alle Hornviehelemente des deutschen Volkes aufzuregen suchen.

15

Ein Satz, der dabei vorbildlich für deutsche Polemik ist. Und dieser Nietzsche wird geradezu persönlich:

20

Pfui über die, welche sich jetzt zudringlich der Masse als ihre Heilande anbieten!

So spricht die Büste auf der Photographie. Was ist dem Weimarer Kreis nur eingefallen? Wie konnte Goebbels den Führer so irreführen, daß er ihm solches Nebenbild empfahl? Da hat man in Genf mehr Takt und Sinn für Anordnung bewiesen, als man jenen hinter den Großrabbiner von Australien setzte. Mit Nietzsche ist's nichts. Geeigneter zur philosophischen Stützung dürfte schon der zweite sein, dem ich auf der Spur bin: Spengler, der da gemeint hat, es gebe »dem Typus Mensch einen hohen Rang, daß er ein Raubtier ist«, ja der den Vorgängen in Dachau und Sonnenberg, in der Hedemannstraße und Papestraße unmittelbar die gedankliche Basis schuf: durch das Lob der Fähigkeit, sich »aktiv klug« auf den Schwächeren zu stürzen, und durch die Bestärkung der Seele, die

25

30

35

den Rausch des Gefühls kennt, wenn das Messer in den feindlichen Leib schneidet, wenn Blutgeruch und Stöhnen zu den triumphierenden Sinnen dringen. Jeder wirkliche Mann noch in den Städten später Kulturen fühlt zuweilen die schlafende Glut dieses Urseelentums in sich. Nichts ... von den zahnlosen Gefühlen des Mitleids, der Veröhnung.

40

[77] Que alívio é um judeu entre alemães,

opina Nietzsche.

5 Encontrar um judeu é um alívio, supondo que se viva entre alemães. O bom senso dos judeus os impede de se tornarem loucos à nossa maneira, por exemplo, “nacionais”.

Mais que isso:

10

Não gosto deles, os mais recentes especuladores no idealismo, os antissemitas, que reviram seus olhos de maneira cristão-ariano-filistina e por meio de um abuso, que esgota qualquer paciência, do mais barato meio de agitação, da pose moral, buscam alvoroçar todos os elementos
15 bovinos do povo alemão.

Uma frase que é modelar para a polêmica alemã. E esse Nietzsche se torna francamente pessoal:

20 Que nojo tenho daqueles que agora se oferecem insolentemente à massa como seus salvadores!

Assim fala o busto na fotografia. Que ideia foi essa que ocorreu ao círculo de Weimar? Como pôde Goebbels desencaminhar
25 tanto o Führer a ponto de lhe recomendar semelhante retrato lado a lado? Em Genebra demonstraram mais tato e senso de organização ao colocá-lo atrás do grão-rabino da Austrália. Não há nada a fazer com Nietzsche. Mais apropriado para o apoio filosófico parece ser o segundo cujo rastro estou seguindo:

30 Spengler, que andou dizendo por aí que “o fato de ser um animal de rapina confere ao tipo homem uma categoria superior”, e que chegou a criar diretamente a base de pensamento para os acontecimentos em Dachau e Sonnenberg, na Hedemannstrasse e na Papestrasse: por meio do elogio da capacidade de se lançar
35 “de maneira ativamente inteligente” sobre os mais fracos e por meio do fortalecimento da alma que

conhece a embriaguez do sentimento quando a faca se crava no corpo inimigo, quando cheiro de sangue e gemidos
40 chegam aos sentidos triunfantes. Todo homem de verdade, mesmo nas cidades de culturas tardias, sente por vezes em si a incandescência adormecida desse animismo primordial. Nada [...] de sentimentos desdentados de compaixão, de reconciliação.

1 Nietzsche, fragmento póstumo 15 [80], da primavera de 1888 (*Obras completas*, v. 13, p. 456).

5-7 Nietzsche, fragmento póstumo 18 [3], de julho-agosto de 1888 (*Obras completas*, v. 13, p. 532).

11-15 Nietzsche, *Sobre a genealogia da moral*, III, 26.

20-21 Nietzsche, fragmento póstumo 6 [31], do outono de 1880 (Nietzsche, *Obras completas*, v. 9, p. 201).

24-25 Desencaminhar tanto o Führer: em alemão, *den Führer so irreführen*. Perdeu-se na tradução o jogo de palavras entre *Führer* (guia, líder) e *irreführen* (enganar, desorientar, desencaminhar).

30-31 Spengler, *O homem e a técnica: contribuição a uma filosofia da vida*, p. 17.

33-34 Dachau e Sonnenberg, na Hedemannstrasse e na Papestrasse: sobre Dachau, ver nota [65], 29. Sonnenberg: provável confusão com Sonnenburg, campo de concentração aberto em 03/04/1933 na pequena cidade de mesmo nome e que funcionou por apenas um ano. Foi um dos mais importantes campos nas proximidades de Berlim durante o período inicial do Terceiro Reich. Era destinado sobretudo a presos políticos. Hedemannstrasse e Papestrasse: ruas de Berlim em que funcionavam, respectivamente, um dos quartéis-generais da SA (este conhecido pelo seu porão de torturas) e uma caserna da SA com caráter de campo de concentração.

35 Spengler, *op. cit.*, p. 18.

38-43 *Ibid.*, p. 34.

[78] Ja, dem ist zu glauben, wenn er bekennt:

Niemand konnte die nationale Umwälzung dieses Jahres mehr herbeisehnen als ich.

5

Man hat ihm die Lehrkanzel in Leipzig angeboten. Er versteht die Untergangster des Abendlandes, und sie verstehen ihn. Seine einfache, mit der Beschwerde über zu harte Friedensbedingungen vereinbare Anleitung für menschlichen Verkehr rechtfertigt schon ein Erwachen des Urseelentums, das ohne Beispiel ist. Von den Lebenden taugt sonst keiner; Spengler wäre der Richtige. Leider soll auch er enttäuscht haben, da er zwischen »Rasse, die man hat« und »Rasse, zu der man gehört« unterscheidet und nur jenes dem »Ethos« zuordnet, dieses aber der »Zoologie«.

15

Bleibt Gottfried Benn. Er ist erst hinterdrein zur Bewegung gestoßen, hat die vollkommene Wendung von links nach rechts durchgemacht und wurde darum von emigrierten Intellektuellen angefochten, über die ich mir ja selten im Zweifel gewesen bin, während er mir immer verdächtig war. Aber ein Neophyt leistet noch wertvollern Dienst als der Philosoph, der sich schon vor dem Durchbruch des Gedankens angestrengt hat, und sein Bekenntnis ist nicht nur für den Nationalsozialismus als Beweis der Bekehrungsgewalt erheblich, als *Sacrificium intellectus*, als Dokument einer Ungeistesgegenwart, die der Lage gewachsen ist, sondern auch für den Außenbetrachter als Beispiel dessen, was Literaten imstand sind. Daß sie bei arischer Herkunft noch mehr leisten, ist eine alte Erfahrung, aber man wird sehen, daß Benn trotz radikaler Abkehr von intellektuellen Lebensinhalten die formale Schulung nicht verleugnet, sondern unversehrt ins neue Haus bringt. Die Rede, zu der er gestellt wurde, hat er im Berliner Rundfunk zwischen Gebell geballt und in der ›Deutschen Allgemeinen Zeitung‹ veröffentlicht, welche bekanntlich manchmal wider den Stachel löcken konnte und an der Spitze derselben Nummer »den gestirnten Himmel über uns und das moralische Gesetz in uns« als Motto führte, nach der Weisung Kants, der durch ein bedauerliches Mißverständnis gleichfalls zur philosophischen Stütze des Dritten Reiches berufen wurde,

20

25

30

35

[78] Sim, pode-se acreditar nisso quando ele confessa:

Ninguém mais do que eu pôde ansiar pela reviravolta nacional deste ano.

5

Ofereceram-lhe a cátedra em Leipzig. Ele compreende os decadélinquentes do Ocidente e eles o compreendem. Sua instrução simples para o trato humano, compatível com a queixa sobre condições de paz duras demais, já justifica um despertar sem exemplo do animismo primordial. Dentre os vivos, não há ninguém que preste; Spengler seria o homem certo. Infelizmente, dizem que também ele decepcionou, visto que distingue entre “raça que se tem” e “raça a que se pertence”, e inclui apenas aquela no “etos”, mas esta na “zoologia”.

Resta Gottfried Benn. Ele se juntou ao movimento apenas posteriormente, fez a virada completa da esquerda para a direita e por isso foi atacado por intelectuais emigrados acerca dos quais, afinal, raramente tive dúvidas, enquanto ele sempre me foi suspeito. Mas um neófito presta um serviço ainda mais valioso que o filósofo que já se empenhou antes da irrupção do pensamento, e sua profissão de fé não é relevante apenas para o nacional-socialismo como prova do poder de conversão, como *sacrificium intellectus*, como documento de uma presença de espírito destruidor que está à altura da situação, mas também para o observador externo como exemplo do que literatos são capazes. O fato de renderem ainda mais quando são de origem ariana é uma velha experiência, mas veremos que Benn, apesar de voltar radicalmente as costas a conteúdos de vida intelectuais, não renega a instrução formal, mas a leva intacta para a casa nova. As explicações que lhe cobraram, ele as concentrou entre latidos na Rádio Berlinense e as publicou no jornal *Deutsche Allgemeine Zeitung*, que, como se sabe, de vez em quando podia recalcitrar contra o aguilhão e que levava no topo da mesma edição como lema “o céu estrelado sobre nós e a lei moral dentro de nós”, segundo a indicação de Kant, que devido a um lamentável mal-entendido foi igualmente requisitado para servir de apoio filosófico ao Terceiro Reich, mas que imaginou

3-4 Spengler, *Anos de decisão: a Alemanha e o desenrolar da história mundial*, p. 13.

7 Decadélinquentes do Ocidente: em alemão, *Untergangster des Abendlandes*. *Untergangster* é uma palavra mista composta pela sobreposição de *Untergang* (declínio, decadência, ocaso) e *Gangster*; a expressão como um todo é uma alusão ao principal livro de Spengler, *Der Untergang des Abendlandes* (*A decadência do Ocidente*).

13-15 Spengler, *Anos de decisão*, p. 215.

16 4.8 SEÇÃO 8: Gottfried Benn (da página 78, linha 16, à página 91, linha 5).

16 Gottfried Benn (1886-1956): escritor alemão. Médico de profissão, foi inicialmente autor de poemas expressionistas. Manifestou sua simpatia pelo nacional-socialismo em ensaios como *O novo Estado e os intelectuais*; em 1938, o regime o proibiu de escrever; em 1941, redigiu o ensaio *A arte e o Terceiro Reich*, em que mostrou sua radical mudança de opinião: “Um povo na massa sem uma forma definida de gosto, intocado em seu todo pelos refinamentos morais e estéticos dos países civilizados vizinhos, filosoficamente de uma conceitualidade confusa e idealista, prosaisticamente embotado e sem agudeza [...] permite a ascensão de um movimento antisemita que lhe apresenta como um truque de mágica, com frases feitas, seus mais baixos ideais, a saber, loteamentos de casinhas, dentro delas relações sexuais subvencionadas, favorecidas pelas leis de impostos; na cozinha, óleo de colza extraído em casa, omelete com ovos produzidos em casa, cevadinha feita em casa; sobre o corpo, trajes patrioteiros, flanela da província; e, fazendo as vezes de arte e vida interior, canções da SS berradas pelo rádio” (BENN, 1960, p. 877-878).

24 *Sacrificium intellectus*: sacrifício do intelecto. No âmbito da tradição cristã, expressão que designa a submissão da razão à fé. Sua pro-

[79] sich aber den Imperativ ganz anders gedacht hat als »Juda ver-
recke!« Oder selbst nur als Verordnung der Gauleiter, beim
Horst Wessel-Lied »während des ersten und vierten Verses den
rechten Arm zu erheben«, weil sonst der Schnellrichter drei
5 Monate gibt. Kategorischer als Immanuel Kant tritt Gottfried
Benn auf den Plan. Er liefert das Äußerste, was Wortverfügung,
die sich dem Furor anpaßt und nun vielleicht wirklich von ihm
hin- und von der eigenen Spur weggerissen ist, zu bieten ver-
möchte; und wenn der »Mordsturm 33« das, was ihm hier zur
10 philosophischen Deutung seines Tuns geboten wird, nur annä-
hernd so gut versteht wie Goebbels, so ist, falls der Lyriker des
Siebenten Ringes zu dem des Dritten Reiches emporsteigen
sollte, Benn dessen Prosaiker, echter als Diebold, stärker als
Mirko Jelusich, dessen »Weltruf als Dichter« neulich von unse-
15 rer »Dötz« festgestellt wurde und der ja, nach einem Roman zu
Mussolinis Ruhm und einer Novelle zu Dreher's Bier, jedenfalls
»der größte Schriftsteller Österreichs« ist. Daß Benn in polemi-
scher Hinsicht selbst den Autor von »Juden raus!« hinter sich
läßt, springt vielleicht aus dem Grund nicht in die Augen, weil
20 er doch »viel auf Stil sieht« und die gedankliche Substanz un-
gleich nuancierter darbringt, nicht ohne sich mit einem reichen
Vorrat an philosophischem, geschichtlichem, ja geologischem
Wissen eingedeckt zu haben. Eine solidere geistige Basis und
eine schmuckere feuilletonistische Form für das, was die Män-
25 ner der Tat einstweilen verrichten, wird sich kaum auftreiben
lassen. Benn ist sich ja keineswegs im Unklaren darüber, daß
er es vor der Partei, deren Geistigkeit er vertritt, als Intellektu-
eller nicht leicht hat, aber er scheint von der Hoffnung durch-
drungen, daß entschlossener Fanatismus den Mangel wettma-
30 chen könne. Er geht denn auch gleich scharf ins Zeug, indem
er es ablehnt, mit Flüchtlingen, die ihm Abtrünnigkeit vorwar-
fen, »über die deutschen Vorgänge zu sprechen«, weil man sol-
ches nur mit solchen dürfe, die sie innerhalb Deutschlands
selbst erlebt haben.

35

Nur die, die durch die Spannungen der letzten Monate hindurchgegan-
gen sind, die von Stunde zu Stunde, von Zeitung zu Zeitung, von Um-
zug zu Umzug

[79] o imperativo como algo completamente diferente de “Morra Judá!”. Ou mesmo apenas do decreto dos chefes de distrito para “levantar o braço direito durante o primeiro e o quarto versos” da canção de Horst Wessel, porque senão o juiz dará

5 três meses depois de um processo sumário. Gottfried Benn entra em cena de maneira mais categórica que Immanuel Kant. Ele fornece o extremo que a capacidade de dispor das palavras, que se adapta ao furor e agora talvez tenha sido realmente arrebatada por ele e afastada de sua própria trilha, é capaz

10 de oferecer; e se o “Mordsturm 33” compreender apenas aproximadamente tão bem quanto Goebbels o que aqui lhe é oferecido para a interpretação filosófica das suas ações, então, caso o poeta lírico d’*O sétimo anel* chegue a ser elevado à categoria de poeta do Terceiro Reich, Benn é seu prosador, mais

15 genuíno que Diebold, mais forte que Mirko Jelusich, cuja “fama mundial como poeta” foi recentemente atestada pelo nosso Dötz e que afinal, depois de um romance sobre a glória de Mussolini e uma novela sobre a cerveja de Dreher, é em todo caso “o maior escritor da Áustria”. O fato de Benn deixar

20 para trás, quanto ao aspecto polêmico, mesmo o autor de “Fora, judeus!”, talvez não salte aos olhos pela razão de ele, afinal, “se preocupar muito com o estilo” e apresentar a substância de pensamento de maneira muito mais nuançada, não sem ter se abastecido com um rico estoque de conhecimentos filosóficos,

25 históricos e até geológicos. Dificilmente se encontrará uma base intelectual mais sólida e uma forma folhetinesca mais elegante para aquilo que os homens de ação andam fazendo. Benn de forma alguma está mal-informado quanto ao fato de as coisas não serem fáceis para ele como intelectual diante do partido cuja

30 intelectualidade representa, mas ele parece imbuído da esperança de que o fanatismo resoluto possa compensar a deficiência. E ele procede com rigor, recusando-se a “falar sobre os acontecimentos alemães” com refugiados que o acusaram de deslealdade, pois só se poderia falar com aqueles que os

35 vivenciaram pessoalmente dentro da Alemanha.

Só aqueles que passaram pelas tensões dos últimos meses, aqueles que de hora em hora, de jornal em jornal, de mudança em mudança,

vável origem é um trecho da Segunda epístola de Paulo aos coríntios (10, 4-5) em que o autor afirma que “as armas de nossa milícia não são carnis [...], levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo”.

[78] 24-25 Presença de espírito destruidor: *Ungeistesgegenwart*, palavra mista composta pela sobreposição de *Ungeist* (espírito/mentalidade/ideologia destrutivo/desagregador) e *Geistesgegenwart* (presença de espírito).

[78] 31-32 Concentrou entre latidos: *zwischen Gebell geballt*. Perdeu-se na tradução o jogo de palavras com *Gebell* (latidos) e *geballt* (concentrado).

[78] 34 Recalcitrar contra o aguilhão: ou seja, opor resistência. A expressão se refere ao animal que desfere coices contra a vara do condutor do rebanho e tem origem num trecho do Novo Testamento que trata da conversão de Saulo (Atos dos apóstolos 26, 14).

[78] 35-36 Kant, *Crítica da razão prática*, “Conclusão” (*Edição das obras*, v. 7, p. 300).

1 Imperativo: trata-se do “imperativo categórico”: “Aja apenas segundo aquela máxima por meio da qual possas querer ao mesmo tempo que ela se torne uma lei geral”. Kant, *Fundamentação da metafísica dos costumes*, seção 2 (*Edição das obras*, v. 7, p. 51).

10 “Mordsturm 33”: ou “Bateria assassina 33”, como era chamado um grupo especialmente violento de soldados da SA.

13 *O sétimo anel*: volume de poemas de Stefan George (1868-1933). Depois do expurgo efetuado na Academia Prussiana, os nazistas ofereceram a presidência a George, que recusou. Para se proteger da reinterpretação nazista de sua obra, o poeta se mudou em 1933 para a Suíça, onde também faleceu.

15 Mirko Jelusich (1886-1969): escritor austríaco. Entre suas principais obras encontram-se romances históricos sobre figuras como César e Aníbal.

[80] – gemeint ist der der Massen und nicht der Einzelnen, die in Angst vor den Aufbrechern jede Nacht ihr Quartier wechselten –

5 von Rundfunkübertragung zu Rundfunkübertragung alles dies fortlaufend

– gemeint ist: ausharrend –

10 aus unmittelbarer Nähe miterlebten, Tag und Nacht mit ihm rangen,

nur solche zählen mit, nur mit solchen kann Benn reden. Aber mit Flüchtlingen nicht! Denn die (und nun redet er) haben

15 die Gelegenheit versäumt, den ihnen so fremden Begriff des Volkes nicht gedanklich, sondern erlebnismäßig, nicht abstrakt, sondern in gedrungener Natur in sich wachsen zu fühlen, haben es versäumt, den .. Begriff »das Nationale«
20 in seinen echten überzeugenden Ausdrücken als Erscheinung wahrzunehmen, haben es versäumt, die Geschichte form- und bilderbeladen bei ihrer vielleicht tragischen, aber jedenfalls schicksalsbestimmten Arbeit zu sehen.

25 Aber natürlich haben sie die Gelegenheit versäumt, darin besteht ja eben die Eigenart dessen, der es vorgezogen hat, Flüchtling zu sein. Die sie nicht versäumt haben, die erlebnismäßig dabei waren, wurden von der gedrungenen Natur bei Nacht aus den Betten geholt; wenige haben noch die bilderbeladene Geschichte in der ›Berliner Illustrierten‹ zu Gesicht bekommen,
30 viele die tragische Arbeit mitgemacht, manche wissen nichts mehr davon. (»Das Nationale« ist bei uns noch ein Polizeibegriff.) Benn meint aber die andern, die »wenngleich anfangs widerstrebenden Betrachter«, welche

35 die schöpferische Wucht zu einer weitertreibenden menschlichen Gestaltung führte.

Das eben ist sein Fall, während jene nur weitergetrieben wurden, und darum kann er sich mit ihnen kaum verständigen. Er deutet an, daß er im Problematischen immer schon anderer

40

[80] – Benn se refere a mudanças em massa, e não de indivíduos que, por medo dos arrombadores, mudavam de alojamento toda noite –

5 de transmissão radiofônica em transmissão radiofônica experimentaram tudo isso continuamente

– Benn quer dizer: perseverantemente –

10 bem de perto, lutaram com tudo isso dia e noite,

somente esses contam, somente com esses Benn pode falar. Mas com refugiados, não! Pois eles (e agora ele fala)

15

perderam a ocasião de sentir crescer dentro de si o conceito de povo, que lhes é tão estranho, de uma maneira que não é intelectual, e sim vivencial, de uma maneira que não é abstrata, e sim numa natureza compacta; eles perderam a ocasião (...) de

20 perceber o conceito “o nacional” em suas autênticas e convincentes expressões como fenômeno; eles perderam a ocasião de ver a história, carregada de imagens e formas, em seu trabalho talvez trágico, mas em todo caso determinado pelo destino.

25 Mas é claro que eles perderam a ocasião; é precisamente nisso, afinal, que consiste a peculiaridade daquele que preferiu ser um refugiado. Aqueles que não a perderam, aqueles que estiveram presentes de uma maneira vivencial, foram tirados da cama durante a noite pela natureza compacta; poucos ainda chegaram
30 a ver a história carregada de imagens na revista *Berliner Illustrierte*, muitos passaram pelo trabalho trágico, alguns não sabem mais nada a respeito. (“O nacional” ainda é um conceito policial entre nós.) Mas Benn se refere aos outros, àqueles que, “embora fossem inicialmente observadores relutantes”,

35

foram levados pelo ímpeto criador a uma configuração humana que impele adiante.

Esse é precisamente o seu caso, enquanto aqueles apenas foram

40 impelidos adiante, e é por isso que ele mal pode se comunicar com eles. Ele dá a entender que no âmbito do problemático ele

[79] 17 *Dötz*: abreviatura de *Deutsch-österreichische Tageszeitung*, ou *Diário austroalemão*, jornal nazista editado na Áustria.

[79] 18 Dreher: provável referência a Anton Dreher (1810-1863), cervejeiro austríaco.

[81] Meinung war als sie. Nämlich wegen des Begriffes Barbarei. Er sagt ihnen klipp und klar:

Sie stellen es so dar, als ob das, was sich heute in Deutschland ab-
5 spielt, die Kultur bedrohe, die Zivilisation bedrohe, als ob eine
Horde Wilder die Ideale schlechthin der Menschheit bedrohe,
aber, und so lautet meine Gegenfrage, wie stellen Sie sich zum Beispiel
das 12. Jahrhundert vor, den Übergang vom romanischen zum
gotischen Gefühl, meinen Sie, man hätte sich das bespro-
10 chen?.. Man hätte abgestimmt: Rundbogen oder Spitzbogen; man
hätte debattiert über die Apsiden: rund oder polygon?

Mit nichten; und die Intellektuellen sollten sich bemühen,

15 nur das Elementare, das Stoßartige, das unausweichliche Phäno-
men zu sehen

und nicht so, wie ihr »bürgerliches 19. Jahrhundert-Gehirn«
die Geschichte betrachtet. Benn deutet also an, daß Blut fließen
20 muß, damit endlich architektonische Fragen gelöst werden
können, welche freilich, wie von kunsthistorischer Seite einge-
wendet wird, auch schon in jener Zeit auf Konzilen zu ruhiger
Aussprache gelangt sind und vor allem nach den Plänen
schlichter Bauhüttler, die noch nicht einmal das schwierige Re-
25 zept Uhlands befolgt haben, »Herzblut« (und fremdes) »in den
Mörtel zum Bau der deutschen Freiheit zu mischen«. Wenn wir
nun noch den kulturhistorischen Einwand abweisen, daß eine
unblutige Weltbetrachtung vielleicht auch eine Errungenschaft
sei, die das bürgerliche 19. Jahrhundert-Gehirn einer Revolu-
30 tion verdankt, obschon einer französischen, so möchten wir
Herrn Benn doch immerhin eines zu bedenken geben: die archi-
tektonische Entwicklung mag wie alle Lebensdinge von Um-
sturz, Krieg und Pestilenz beeinflußt sein, und wenn es Ruinen
gibt, so zuweilen auch neues Leben, das aus ihnen blüht; aber
35 ebenso gewiß ist, daß uns ein künftiger Baustil, und einer, vor
dem der Genius der Menschheit vermutlich schon heute sein
Haupt verhüllt, um den Preis so vieler wertvoller Menschenle-
ben – und ich weiß von etlichen – denn doch zu teuer erkauft
wäre. Sein Glaube an eine geschichtliche Zwangsvollstreckung,

[81] sempre teve uma opinião diferente da deles. A saber, por causa do conceito de barbárie. Ele lhes diz com todas as letras:

Os senhores apresentam as coisas como se aquilo que hoje se passa na
5 Alemanha ameaçasse a cultura, ameaçasse a civilização, como se uma horda de selvagens ameaçasse os próprios ideais da humanidade; porém, e respondo com uma pergunta, como é que os senhores imaginam o século XII, por exemplo, a passagem da sensibilidade românica à gótica? Os senhores pensam que isso foi discutido? [...] Que se
10 fizeram votações: arco semicircular ou ogival? Que se debateu sobre as absides: semicirculares ou poligonais?

De jeito nenhum; e os intelectuais deveriam se esforçar

15 em ver apenas o elementar, o abalador, o fenômeno inevitável,

e não da maneira como seu “cérebro burguês do século XIX” vê a história. Ou seja, Benn dá a entender que o sangue deve jorrar
20 para que finalmente se possam resolver questões arquitetônicas, que, no entanto, como objetam os historiadores da arte, também já naquela época chegaram a ser tranquilamente discutidas em concílios e sobretudo segundo os esboços de singelos artesãos que nem sequer seguiram a difícil receita de Uhland que
25 recomenda “misturar sangue do coração” (e sangue estrangeiro) “na argamassa destinada à construção da liberdade alemã”. Se agora ainda rejeitarmos a objeção da história da cultura que diz que uma visão de mundo não sangrenta talvez também seja uma conquista que o cérebro burguês do século XIX deve
30 a uma revolução, embora francesa, então gostaríamos ao menos que o senhor Benn considerasse o seguinte: como todas as coisas da vida, a evolução arquitetônica até pode ser influenciada por reviravoltas, guerras e pestilências, e quando há ruínas, às vezes também há vida nova florescendo
35 delas; mas é igualmente certo que um estilo arquitetônico futuro, um estilo diante do qual o gênio da humanidade provavelmente já hoje cobre sua cabeça, comprado ao preço de tantas vidas humanas preciosas – e sei de várias – teria nos custado caro demais. Sua crença numa execução judicial

26 Ludwig Uhland (1787-1862): poeta e político alemão. A citação provém de um discurso pronunciado na Assembleia Nacional Constituinte Alemã, reunida em Frankfurt am Main, em sessão de 28/10/1848, intitulado “Contra a exclusão da Áustria da Federação dos Estados Alemães”.

[82] die in Wahrheit so disponibel ist wie das Wort des Literaten;
sein Vertrauen in eine Notwendigkeit, die nicht so unabwend-
bar scheint wie der durch Organisation entfesselte Zufall – sol-
ches Zurechtlegertum ist wohl mehr Sache dessen, der sich
5 einen freien Kopf bewahrte, weil ihn der Ziegelstein nicht ge-
troffen hat. Er wird es einst mit seinem Gewissen auszumachen
haben, ob der Unterschlupf auch die Gelegenheit war, ge-
schichtsphilosophisch auszuschweifen, und ob der, der mit dem
Chaos paktiert hat, berechtigt war, dessen Initiatoren, Persön-
10 lichkeiten vom Format der Berchtold und Hindenburg junior,
für Werkzeuge der Vorsehung auszugeben. Selbst wenn wir
dem Feuilletonredner bis zu dem übersinnlichen Punkt folgen
könnten, wo die Dinge wieder einen Sinn bekommen, entginge
der Glaube doch nicht der Gewißheit, daß die Kultur, soweit
15 sie erhaltenswert war, heute einigermaßen bedroht ist, wie dem
Zweifel, ob das 12. Jahrhundert mit aller Aversion gegen die Ju-
den erworbenen Geistesbesitz bis zur Mißhandlung wissen-
schaftlicher Wohltäter preisgegeben hätte. Benn meint freilich
nicht, daß durch solches Verfahren just wieder ein Problem wie
20 Rundbogen oder Spitzbogen bewegt werden soll, sondern: ein
noch weit größeres. Denn die Geschichte plant nicht weniger,
als »einen neuen menschlichen Typ« – also schon ganz im rich-
tiggehenden Sinn der Berliner Literatur –

25 aus dem unerschöpflichen Schoß der Rasse zu schicken, der sich durch-
kämpfen muß, der die Idee seiner Generation und seiner Art in den
Stoff der Zeit bauen muß, nicht weichend, handelnd und leidend, wie
das Gesetz des Lebens es befiehlt.

30 Vorläufig sind wir nur mitten drin in der literarischen Konfek-
tion, die ja allerdings starke Beziehungen zu Wort und Tat der
Stürmer und Dränger unterhält. Seine »Auffassung der Ge-
schichte«, sagt Benn, sei eben nicht aufklärerisch und nicht hu-
manistisch, »sondern metaphysisch«. Jenes stimmt, dieses
35 bleibe dahingestellt. Und er nimmt den Vorwurf der Intellektu-
ellen auf sich: er »kämpft für das Irrationale«. (Merkwürdig,
daß diese Deutschen, noch wenn sie denken, kämpfen müssen:
daß sie kämpfen, ist glaubhaft.) Endlich haben wir den Schlüs-
sel. Denn:

[82] histórica que na verdade está tão disponível quanto a palavra do literato; sua confiança em uma necessidade que não parece tão inevitável quanto o acaso desencadeado por meio de organização – tal interpretação de certo é mais coisa daquele

5 que conservou a cabeça livre porque o tijolo não o atingiu. Um dia ele terá de acertar com sua consciência as questões de saber se o abrigo também foi a ocasião para digressionar no âmbito da filosofia da história e se aquele que pactuou com o caos tinha direito de fazer passar seus iniciadores, personalidades do

10 formato de Berchtold e de Hindenburg Jr., por instrumentos da Providência. Mesmo que pudéssemos seguir o orador de folhetim até o ponto suprassensível em que as coisas voltam a ter sentido, a crença no entanto não escaparia à certeza de que a cultura, até onde era digna de ser conservada, hoje está

15 ameaçada em certa medida, nem à dúvida de saber se o século XII, com toda a aversão aos judeus, teria abandonado o patrimônio intelectual adquirido a ponto de maltratar benfeitores científicos. Benn certamente não quer dizer que por meio de tal procedimento se deva mexer outra vez precisamente num

20 problema como o dos arcos semicirculares ou ogivais, e sim: num problema muito maior. Pois a história não planeja nada menos que “parir um novo tipo humano” – ou seja, já inteiramente no autêntico sentido da literatura berlinense –

25 do inesgotável ventre da raça, um tipo que tenha de se impor pela luta, que tenha de incutir a ideia de sua geração e de sua espécie na matéria do tempo, não se esquivando, mas agindo e sofrendo tal como o ordena a lei da vida.

30 Por enquanto estamos apenas em meio à confecção literária, que no entanto mantém fortes relações com as palavras e atos dos tempestuosos e impetuosos. Benn afirma que sua “concepção da história” justamente não é iluminista nem humanista, “mas metafísica”. A primeira parte está

35 correta; a segunda fica em aberto. E ele aceita a acusação dos intelectuais: ele “luta pelo irracional”. (É curioso que esses alemães tenham de lutar mesmo quando pensam: o fato de lutarem é crível.) Finalmente temos a chave. Pois:

10 Conde Leopold von Berchtold (1863-1942): ministro do exterior austro-húngaro no período 1912-1915. No entender de Kraus, sua irresponsabilidade política teria sido um dos fatores decisivos para a irrupção da Primeira Guerra Mundial; segundo o satirista, Berchtold era uma mescla sinistra de mediocridade e frivolidade, “um janota de hipódromos que levou o mundo à morte” (*Os últimos dias da humanidade*, ato III, cena 41). O juízo de Kraus antecipa o de Churchill, para quem Berchtold é a epítome de uma era em que os assuntos da terra dos gigantes, Brobdingnag, são administrados pelos liliputianos (TIMMS, 1986, p. 330).

10 Oskar von Hindenburg (1883-1960): coronel alemão, ajudante e conselheiro de seu pai, Paul von Hindenburg, presidente do Reich no período 1925-1933.

[83] irrational heißt schöpfungsnah und schöpfungsfähig.

Sie dort, ruft er jenen zu, »verstehen Sie doch endlich dort an Ihrem lateinischen Meer« (minderwertige Landschaft):

5

Es handelt sich

– bei den Vorgängen in Deutschland –

10 um das Hervortreten eines neuen biologischen Typs, die Geschichte mutiert und ein Volk will sich züchten.

Züchten? Halt! Ich bin überzeugt, daß es so manche, die dabei tätig sind, nicht nur praktisch, sondern auch etymologisch mit
15 Züchtigen verwechseln – wie man einst in Wien, als Pestgefahr drohte (aber bloß durch ein Malheur im Laboratorium) Politiker davon sprechen hörte, es sei nicht gut, Bazillen zu züchtigen. (Und wie ich auch vermute, daß viele, die der Bücherverbrennung zustimmten, das Autodafé vom Autor ableiten, wenn
20 nicht vom Auto. Selbst das Irrationale könnten sie als kränkenden Vorwurf auffassen.) Was nun die mutierende Geschichte anlangt, so scheint sie mir auf einem Greuelbild veranschaulicht: durch jenen machthabenden Buben, der wirklich so aussieht wie das, was man sich unter dem Typ Rotzlöffel vorstellt,
25 und der doch in der Szene groß photographiert ist, wie er Maul und Karabiner sieben kalkweißen Männern vorhält, welche stundenlang mit erhobenen Armen an der Wand stehen müssen: ehe sie durch ein Spalier prügelnder Amtswalter treppauf treppab gejagt wurden, bis sie blutüberströmt zusammenbrachen. Wenn die grausige Trophäe im Verhältnis der Zahl die
30 Wehrlosigkeit eines Volkes vor seiner bewaffneten Minorität symbolisiert, dann wahrlich hat dieser Gottfried mit seiner Auslegung Recht, daß es sich um das Hervortreten eines neuen biologischen Typs handelt. Nichts könnte so hervortreten wie
35 das mutierende Gespenst dieses photographischen Alpdrucks: Phantom von einem Fant, der deutsche Männlichkeit entmannt hat... Der Züchtungsidee jedoch, meint er, liege die Auffassung zugrunde, daß der Mensch »zwar vernünftig« sei,

40 aber vor allem ist er mythisch und tief.

[83] irracional significa próximo à criação e capaz de criação.

Os senhores aí, ele clama àqueles, “entendam isto enfim, vós que aí estais à beira do vosso mar latino” (paisagem inferior):

5

O negócio aqui

– no caso dos acontecimentos na Alemanha –

10 é o surgimento de um novo tipo biológico; a história está em mutação e um povo quer se criar.

Criar [*züchten*]? Espere aí! Estou convencido de que muitos que se encontram ativos nesse âmbito estão confundindo isso não só

15 prática mas também etimologicamente com castigar [*züchtigen*] – assim como certa vez em Viena, quando houve uma ameaça de peste (mas causada meramente por um acidente no laboratório), se ouviu políticos falando que não é bom castigar bacilos. (Assim

como também suponho que muitos que aprovaram as queimas de

20 livros derivam o auto de fé do autor, se não do automóvel. Eles até poderiam compreender o irracional como acusação ofensiva.) No

que diz respeito à história mutante, ela me parece ilustrada por uma imagem do horror: por aquele garoto dotado de poder que realmente se parece com aquilo que uma pessoa imagina sob o tipo

25 fedelho, e que no entanto aparece fotografado em destaque na cena em que aponta o focinho e a carabina para sete homens brancos

como cal obrigados a ficar em pé durante horas a fio com os braços erguidos contra uma parede: antes de serem obrigados a passar escada acima e escada abaixo por um corredor polonês de funcioná-

30 rios espancadores até desmaiarem cobertos de sangue. Se o horrendo troféu em termos numéricos simboliza a condição indefesa

de um povo frente à sua minoria armada, então esse Gottfried realmente tem razão com a sua interpretação de que se trata do surgimento [*Hervortreten*] de um novo tipo biológico. Nada poderia se

35 destacar [*hervortreten*] tanto quanto o espectro mutante desse pesadelo fotográfico: fantasma de um peralta que emasculou a masculinidade alemã... Contudo, opina ele, na base da ideia de criação se

encontra a concepção de que o homem “na verdade é racional”,

40 mas sobretudo mítico e profundo.

13 *Züchtung* (criação, cultivo, cultura): conceito da ideologia nazista segundo o qual importava criar uma elite racial com a ajuda da eugenia e da higiene racial. Implicava tanto a *seleção* (*Auslese*) de características consideradas positivas (mediante o estímulo ao casamento e à formação de grandes famílias por parte dos indivíduos portadores dessas características) quanto a *eliminação* (*Ausmerze*) de disposições hereditárias consideradas nocivas (por meio de proibições de casamento e esterilizações).

[84] Man denke »hinsichtlich seiner Zukunft« so,

daß man ihn unten am Stamme okulieren muß,

5 denn er sei »älter als die französische Revolution, schichtenreicher als die Aufklärung dachte«. Und nun folgt ein intellektuell-mythischer, abgründig seichter Schmus: man empfinde »sehr weitgehend ihn als Natur, ihn als Schöpfungsnähe« und

10 man erlebt ja, er ist weit weniger gelöst, viel wundenvoller an das Sein gebunden, als es aus der höchstens zweitausendjährigen Antithese Idee und Realität erklingt.

15 Noch jüngern Datums ist die der unerlebten Zeitungsmetaphern. Wie sich aber der Typ dennoch entbunden und gelöst hat, wie wundenvoll es dabei zugeht, das konnte man gleichfalls erleben. Doch Benn denkt ja nicht so, sondern irrational:

20 Eigentlich ist er ewiges Quartär, schon die letzten Eiszeiten feuilletonistisch überladener Hordenzauber, diluviales Stimmungsweben, tertiäres Bric & Brac, eigentlich ist er ewiges Urgesicht: Wachheit, Tagleben, Wirklichkeitlocker konsolidierte Rhythmen verdeckter Schöpfungsräusche.

25 Aber so etwas hat man noch nicht erlebt! Da staunt der geologische Fachmann und selbst der Laie wundert sich, der mit Recht vermutet, daß Irrnationales gezeigt wird. Denn wer hätte ahnen können, daß in Schöpfungsnähe schon der Waschzettel eines Berliner Verlagshauses zu sprechen anfängt, mag es auch heute verkracht oder gar gleichgeschaltet sein! Und alles das, um Greuelpropaganda zu entkräften? Welch eine Ideologie der Abmurksung, die keinem am lateinischen Meer Gebornen einfiel, dort wo man zur Erklärung der Vorgänge bloß »Retour au moyen age« annimmt! Wie irrational doch der Mensch zu denken vermag, wenn er ein Deutscher ist; wie weit er in die zeitliche Ferne schweift, ohne den so nahe liegenden Schwindel zu kriegen! Ein Philosoph der Walpurgisnacht rät:

40 Gib nach dem löblichen Verlangen,
 Von vorn die Schöpfung anzufangen!
 Zu raschem Wirken sei bereit!

[84] Segundo ele, “quanto ao seu futuro”, pensamos

que é preciso enxertá-lo na base do tronco,

5 pois ele é “mais antigo que a Revolução Francesa, mais estratificado do que o Iluminismo pensava”. E agora se segue um palavrório mítico-intelectual, abissalmente raso: ele seria sentido “muito amplamente como natureza, como proximidade da criação” e

10 vivenciamos, afinal, que ele é ligado ao ser de uma maneira muito menos solta, muito mais cheia de feridas do que ressoa a partir da antítese, de no máximo dois mil anos, entre ideia e realidade.

De data ainda mais recente é a das metáforas jornalísticas não
15 vivenciadas. Mas o modo como o tipo não obstante nasceu e se desligou, o modo como as coisas se passaram cheias de feridas nesse processo, isso foi algo que se pôde igualmente vivenciar. Porém Benn não pensa assim, afinal, mas de modo irracional:

20 Na verdade, ele é quaternário eterno, já é as últimas eras do gelo folhetinescamente sobrecarregadas com a magia das hordas, tecer de humores diluviano, bricabraque terciário; na verdade, ele é feição primordial eterna: vigilância, vida diurna, canção da realidade de ritmos consolidados de embriaguezes criadoras ocultas.

25

Mas algo assim ainda não se vivenciou! O especialista em geologia se espanta e mesmo o leigo se surpreende, supondo com razão que são mostradas coisas irracionais. Pois quem teria sido capaz de pressentir que nas proximidades da criação já o texto de orelha de
30 uma editora berlinense começasse a falar, por mais que hoje ela esteja falida ou tenha sido mesmo sincronizada! E tudo isso para enfraquecer a propaganda dos horrores? Que ideologia da matança, que não ocorreria a ninguém nascido à beira do mar latino, lá onde para explicar os acontecimentos se supõe meramente o “*Retour au*
35 *moyen age*”! O quão irracionalmente o homem é capaz de pensar se for alemão; o quão longe ele vagueia pelas distâncias temporais sem ser acometido pela tão óbvia vertigem! Um filósofo da noite de Valpúrgis aconselha:

40 Cede ao louvável desejo
De começar a criação do começo!
Ao rápido agir esteja pronto!

23 Canção da realidade: *Wirklichkeitlocker*. O *Locker* é uma canção usada pelos vaqueiros suíços para reunir o rebanho. Na verdade, esse trecho do texto de Benn apresenta um erro tipográfico: o correto seria “*Wirklichkeit: locker*”, caso em que *locker* é um advérbio que significa “frouxamente”, de modo que o trecho seria traduzido como “[...] vida diurna, realidade: ritmos frouxamente consolidados de embriaguezes criadoras ocultas”. Corrigindo-se esse detalhe, porém, pouco diminui o *nonsense* do texto de Benn.

28 Coisas irracionais: *Irrationales*. Palavra criada pelo autor ao fundir *irrational* e *national*.

[85] Da regst du dich nach ewigen Normen
Durch tausend abertausend Formen,
Und bis zum Menschen hast du Zeit.

5 Nun, es hat ja manches für sich, zur Erklärung der Vorgänge
auf den homo primogenitus zurückzugehen und noch für die ei-
gene Person selbstlos den Ansprüchen des homo sapiens zu ent-
sagen. Das ist jetzt so der Brauch, und da der Intellekt sich
nicht bewährt hat, hält man sich an die Vorschrift, das Kind
10 mit dem Bad auszuschütten. Benn gewinnt das philosophische
Rennen: er ist nicht populär, aber er ist mythisch und tief; er
ist der wahre Deuter der Dinge. Man hätte Keyserling befragen
mögen (Telegrammadresse: Weisheitling), der sich denn auch
schon geregt hat, aber für die Fortbildung der deutschen Kultur
15 bloß um rund tausend Jahre zurückgehen will. Mit solchen
Lappalien gibt sich Benn gar nicht erst ab. Er läßt sogar das
Diluvium hinter sich (après lui); denn wenn man einmal im Er-
kennen der Zusammenhänge so weit hält, kommt es auf Zwi-
schenstadien nicht an, und da sich die Bewegung auf Jahrtau-
20 sende einrichtet, kann man die absolvierten dazuschlagen.
Bezüglich einer Vergangenheit, für die ein ohnedies fragwürdi-
ges Wissen nicht zu haben ist, verläßt man sich am besten auf
den Glauben. Benn vermutet, daß jenes Quartär, dessen Fort-
wirkung er für die deutsche Gegenwart annimmt und für die
25 deutsche Zukunft erhofft, hinter »den letzten Eiszeiten« gelegen
ist, an die man sich noch erinnern kann und deren Genossen
er bereits für ausgewachsene Schmöcke zu halten scheint. Und
erst recht hinter dem Tertiär, wo bekanntlich die Mastodonten
erwacht sind. Soweit sie schon Rundfunk hören und Zeitung le-
30 sen, fällt ihnen nichts auf, wiewohl sich die ungefähre Reihen-
folge dieser Perioden bereits herumgesprochen hat, während
man hinsichtlich der Gegenwart noch im Dunkeln tappt. Wie-
wohl Benn jedoch nicht zuverlässig aussagen könnte, ob es in
dem Zeitraum, den er mit dem avancierten Quartär verwech-
35 selt, schon Deutsche gegeben hat, ja nicht einmal bestimmt zu
wissen scheint, was ein bric à brac bedeutet, das eben keine bo-
enständige Bezeichnung ist, so dürfte der Hordenzauber der

[85] Aí te moves segundo eternas normas
Passando por milhares e milhares de formas,
E até chegar ao homem tens tempo.

5 Bem, tem lá as suas vantagens retornar ao *Homo primogenitus*
para explicar os acontecimentos e ainda renunciar
altruisticamente, no que respeita à própria pessoa, às pretensões
do *Homo sapiens*. São os costumes de hoje, e visto que
o intelecto não se afirmou, as pessoas se atêm à prescrição de
10 jogar a criança fora com a água do banho. Benn vence a corrida
filosófica: ele não é popular, mas é mítico e profundo; ele é o
verdadeiro intérprete das coisas. Bem que as pessoas poderiam
ter consultado Keyserling (endereço telegráfico: *Weisheitling*),
que afinal também já se manifestou, mas que para o avanço
15 da cultura alemã quer regredir apenas uns mil anos. Benn
nem cogita se ocupar com tais ninharias. Ele deixa para
trás (*après lui*) inclusive o dilúvio; pois se alguém vai tão longe
no reconhecimento dos nexos, os estágios intermediários
não importam, e como o movimento se orienta em vista de
20 milênios, os que já passaram podem ser somados na conta.
Quanto a um passado sobre o qual um conhecimento, já por si
questionável, não existe, o melhor a fazer é contar com a crença.
Benn presume que aquele quaternário, cuja ação continuada ele
supõe no presente alemão e espera para o futuro alemão,
25 encontra-se antes “das últimas eras do gelo”, das quais ainda
podemos nos lembrar e cujos camaradas ele já parece considerar
redatores de jornaleco crescidos. E com mais razão antes do
terciário, em que, como se sabe, os mastodontes despertaram.
Na medida em que eles já escutam rádio e leem jornal, nada lhes
30 chama a atenção, embora a sucessão aproximada desses
períodos já tenha se divulgado por aí, ao passo que em relação
ao presente ainda andamos às apalpadelas. Embora Benn não
pudesse todavia dizer com segurança se no lapso de tempo que
ele confunde com o quaternário avançado já havia alemães, e
35 nem sequer parece saber com certeza o que significa um
bricabraque, que simplesmente não é uma designação autóctone,
a magia das hordas da era do gelo, que ele coloca depois do

[84], 40 – [85], 3 Goethe, *Fausto II*,
ato II, “Noite de Valpúrgis clássica”, v. 8321-8326 (Tales).

13 Conde Hermann von Keyserling
(1880-1946): filósofo cultural alemão. Seu suposto endereço telegráfico, criação de Kraus, é formado pela justaposição do substantivo *Weisheit* (sabedoria) e do sufixo *-ling*, usado com frequência em termos de conotação pejorativa (*Dichterling* = poetastro, *Rohling* = brutamontes etc.), podendo portanto ser aproximadamente traduzido por “sabichão”. A farpa se baseia no fato de Keyserling ter fundado uma “Escola da sabedoria”.

[86] Eiszeit, die er dem Quartär nachstellt (während das diluviale Stimmungswesen ihm tatsächlich folgte), doch an feuilletonistischer Überladenheit nicht mit der Ära zu vergleichen sei, wo Wirklichkeit locker konsolidierte Rhythmen verdeckter Schöpfungsräusche zur Verklärung von Vorgängen herangezogen werden, gegen die es in Chicago Polizeischutz gibt. Benn scheint tatsächlich mehr in der Eiszeit als im Quartär zu wurzeln, wenn er sie nicht etwa mit der Eisenzeit verwechselt und diese wieder mit der Periode, in der man Gold dafür gab und Blut zu Feuilletons münzte. Wie immer dem sei: wenn der Ullmann die Geologie verschluckt hätte, käme in Bezug auf die Grundlage des Dritten Reiches Solideres heraus, und noch die Auskunft des Astrologen Knieriem gäbe bessere Gewähr für die Entwicklung. Es scheint also etwas wie ein Germanimathias vorzuliegen, wie ihn sogar das postdiluvianische Schrifttum selten aufweist. Unsereiner, der vorsichtshalber im Konversationslexikon nachschaut, bevor er sich mit so unerforschten Zeiten einläßt, denkt zwar auch hinlänglich irrational und würde für das Verständnis von Dingen, die (letzten Endes) unfassbar sind, wenn's sein muß bis zu den Troglodyten mitgehen – doch bis in's Neandertal zieht sich der Weg, sobald es nämlich nicht bloß schöpfungsnah vorgestellt sein soll, sondern auch mit allem Komfort der Neuzeit ausgestattet, inklusive Radio. Benn freilich geht noch weiter und gelangt zu einer Hypothese. Die Gegner sollen »endlich doch verstehen«:

es handelt sich hier gar nicht um Regierungsformen, sondern um eine neue Vision von der Geburt des Menschen.

Ja werden denn, seit die Kugel der Menschheit beim andern Ohr hinaus ging, alle Motive der Kriegszeit lebendig? Sind's Träume, sind's Erinnerungen? »Es handelt sich in dieser Revolution –« »Jawohl, es handelt sich in dieser Revolution!« Also um eine neue Vision von der Geburt des Menschen, um nichts Geringeres. »Vielleicht um eine alte«, ergänzt Benn, der mit sich handeln läßt. Wie immer dem sei, jedenfalls erklärt sich die Einstimmigkeit des Entschlusses, mit dem sich soeben die Hebammen des Reichs hinter Hitler gestellt haben. Die Totengrä-

[86] quaternário (enquanto o tecer de humores diluviano realmente o seguiu), não poderia contudo ser comparada quanto à sobrecarga folhetinesca com a era em que canções da realidade de ritmos consolidados de embriaguezes criadoras ocultas são utilizadas para transfigurar acontecimentos contra os quais em Chicago há proteção policial. Benn parece de fato ter suas raízes mais na era do gelo [*Eiszeit*] que no quaternário, se é que não a confunde, por exemplo, com a era do ferro [*Eisenzeit*], e esta, por sua vez, com o período em que se dava ouro em troca dele e se usava sangue para cunhar folhetins. Seja lá como for: se o Ullmann tivesse engolido a geologia, sairia algo mais sólido com relação ao fundamento do Terceiro Reich, e mesmo as informações do astrólogo Knieriem dariam melhor garantia para o desenvolvimento. Parece, portanto, que estamos diante de algo como um germanimatias como até a literatura pós-diluviana raramente apresenta. Nós, que por precaução consultamos a enciclopédia antes de nos metermos com épocas tão inexploradas, também pensamos, é verdade, de maneira bastante irracional, e, para a compreensão de coisas que (no fim das contas) são incompreensíveis, iríamos junto, se fosse preciso, até aos trogloditas – mas o caminho se estende até o vale de Neandertal, tão logo este deva ser representado não apenas próximo à criação, mas também equipado com todo o conforto da época moderna, rádio incluído. Benn, contudo, vai ainda mais longe e chega a uma hipótese. Ele quer que os adversários “entendam de uma vez por todas”:

o negócio aqui absolutamente não diz respeito a formas de governo, mas a uma nova visão do nascimento do homem.

30 Ora, será que desde que a bala saiu pelo outro ouvido da humanidade todos os motivos da época da guerra ganham vida? Serão sonhos, serão lembranças? “O negócio nesta revolução...” “Sem dúvida, nesta revolução se fazem negócios!” Ou seja, o negócio nesta revolução é uma nova visão do nascimento do homem, nada menos que isso. “Talvez uma antiga”, completa Benn, que permite que façam negócios com ele. Seja lá como for, em todo caso se esclarece a unanimidade da decisão com que há pouco as parteiras do Reich se postaram atrás de Hitler.

9 Ouro em troca de ferro: Kraus se refere ao período da Primeira Guerra Mundial. *Dei ouro em troca de ferro* foi o título de uma opereta de Imre Kálmán que estreou em Viena em 17 de outubro de 1914. A expressão, na verdade, é mais antiga: conforme o tradutor Pierre Deshusses, ela data das guerras napoleônicas, quando a população era estimulada a fazer doações ao Exército.

10 Ludwig Ullmann (1887-1959): escritor austríaco.

13 Knieriem: personagem da farsa *Lumpacivagabundus, o espírito mau* (1833), do dramaturgo austríaco Johann Nestroy. Sapateiro de profissão, dado à bebida e com pretensões a astrônomo amador, Knieriem também se atreve a fazer previsões: “O fogo astral do círculo solar entrou no número áureo de Úrion da constelação do sistema planetário no universo da paralaxe por meio do quadrante da estrela fixa na elipse da eclíptica; logo, por meio da diagonal da aproximação dos círculos perpendiculares, o próximo cometa irá se chocar com a Terra” (ato III, cena 8).

15 Germanimatias: criação de Kraus a partir de “galimatias”, isto é, discurso arrevesado, confuso, obscuro.

16 A era geológica mais recente, a cenozoica, se divide em dois períodos, o terciário e o quaternário. Este último, por sua vez, se subdivide em duas épocas, a plistocena e a holocena. A época plistocena também é chamada de “época glacial”, pois foi nela que ocorreram as glaciações, formações de grandes camadas de gelo que atingiram a região tropical. (Os estágios glaciais dessa época são quatro, separados por períodos interglaciais, em que a temperatura aumentou). Na geologia benniana, mesclada com mitologia bíblica, a sequência é um tanto diferente: quaternário, era do gelo, dilúvio e terciário.

30 Kraus, *Os últimos dias da humanidade*, ato I, cena 4; ato V, cena 42.

32-33 *Ibid.*, ato I, cena 29.

[87] ber noch nicht, aber jene entschlossen sich wohl nicht nur wegen der vielfachen eugenischen Möglichkeiten, die jetzt eröffnet sind, sondern auch wegen des Verbots der Ankündigung von Schutzmitteln, für deren verlässlichstes immer noch die Haft anzusehen ist. (Die einzige Reform übrigens, in der sich das Bruderland gleichgeschaltet hat, weil es mit Recht will, daß noch mehr Österreicher nicht angeschlossen werden.) Benn aber, der zu wissen scheint, daß eine Geburt wie aller Anfang schwer sein kann, verspricht sich von der des Menschen katexochen Außerordentliches, indem er in der Verheißung dessen fortfahrt, worum es sich handelt:

vielleicht um die letzte großartige Konzeption der weißen Rasse, wahrscheinlich um eine der großartigsten Realisationen des Weltgeists überhaupt, prälu- diert in jenem Hymnus

»Juden raus«? Nicht doch:

20 Goethes »An die Natur«

Denn das ist ja das Erschütternde an dem Ereignis, daß es ganz wie jener Weltkrieg nicht nur die schlichtem Idioten berauscht, sondern auch die Intellektuellen um den Verstand gebracht hat. Zufrieden bemerkte der deutsche Pressechef:

Vorgestern waren in Berlin alle Fahnen ausverkauft und das ist wohl ein Beweis dafür, daß wir nun das ganze Volk hinter uns haben.

30 Noch beweiskräftiger ist der Ausverkauf der Worte. Gewiß, kein Begriff wäre zu hoch und kein Wert zu heilig, um nicht heutigen Schreibern zum Ornament wofür immer zu taugen; aber diese Schwärmerei der Köpfe für die Kopfjäger grenzt schon an inneres Erlebnis! Benn, der mit Zungen redet, möchte auch jene hinreißen, die vor dem Hordenzauber der Gegenwart, der ihm bloß die Sinne übermannt hat, ausgerissen sind. Ekstatisch predigt er den Flüchtlingen, welche einer der großartigsten Realisationen des Weltgeists überhaupt aus dem Weg gingen, die Geburt des Menschen versäumt haben und viel-

[87] Os coveiros ainda não, mas aquelas por certo não se decidiram apenas devido às múltiplas possibilidades eugênicas que agora estão abertas, mas também devido à proibição de anunciar medidas preventivas, das quais a mais confiável ainda continua sendo a prisão. (Aliás, a única reforma em que o país-irmão se sincronizou, pois quer com razão que ainda mais austríacos não sejam anexados.) Mas Benn, que parece saber que um nascimento, como todo começo, pode ser difícil, espera do nascimento do homem coisas extraordinárias por excelência ao continuar falando da promessa quanto ao negócio de que se trata:

talvez seja a última concepção grandiosa da raça branca, provavelmente uma das mais grandiosas realizações do espírito mundial em geral, preludiada naquele hino

“Fora, judeus”? Não, não:

20 de Goethe, “À natureza”...

Pois é isto, afinal, o que há de abalador no acontecimento, o fato de, exatamente como aquela guerra, não entusiasmar apenas os simples idiotas, mas também ter privado os intelectuais da razão.

25 O chefe de imprensa alemão observou contente:

Anteontem em Berlim esgotou-se o estoque de bandeiras, e isso por certo é uma prova de que agora todo o povo está nos apoiando.

30 Prova ainda mais concludente é a liquidação do estoque de palavras. Certamente, conceito algum seria elevado demais e valor algum seria sagrado demais para não ser usado por escrevinhadores de hoje como ornamento seja lá do que for; mas esse entusiasmo das cabeças pelos caçadores de cabeças já se aproxima de uma vivência interior! Benn, que fala em línguas, também gostaria de arrebatá-los aqueles que fugiram da magia das hordas do presente, magia que apenas subjugou os sentidos dele. Ele prega extaticamente aos refugiados, que se afastaram de uma das maiores realizações do espírito mundial em geral, perderam

35 Fala em línguas: em alemão, expressão jocosa para se referir àquele que por pressa, agitação ou perturbação se expressa de maneira incompreensível. Remonta ao Novo Testamento, em que designa o discurso extático dos membros das comunidades cristãs primitivas (Marcos 16, 17; Atos 2, 4; 10, 46; 19, 6; 1 Coríntios 14, 2-19).

[88] leicht zum Tod zurecht kommen. Er sagt ihnen, daß »über diese Vision kein Erfolg entscheidet«, denn

5 wenn zehn Kriege aus dem Osten und aus dem Westen hereinbrächen, um diesen deutschen Menschen zu vernichten und wenn zu Wasser und zu Lande die Apokalypse nahte, um seine Siegel zu zerbrechen, der Besitz dieser Menschheitsvision bliebe vorhanden, und wer sie verwirklichen will, der muß sie züchten....

10 Mit einem Wort, wir nähern uns endlich der Auffassung, daß der Abschluß des Weltkriegs – der zivilrechtliche Abschluß einer Strafsache vor dem Weltgericht – nichts genützt hat, weil er einer aufs Emblem gerichteten Denkart kein Sinnbild des Ausgangs hinterließ, kein Denkzeichen, um sie zu sich, zu ihrem Wert, zu ihrer Sprache zu bringen. Denn es war kein vorstellbarer Sieg, es war keine sichtbare Niederlage mit moralischer Wirkung. Mit »Reparationen« – Rechnungslegung in einem Wahnraum, den auch die andern bezogen – sollte ein irreparables Tun getroffen werden; es wurde ein irreparables Fühlen gezüchtet. Der prinzipielle Sieger mußte sich betrogen wähnen; an eine Niederlage, die er nicht sah, nicht glaubend, verhalf er wenigstens jenem Geist zum Sieg, der den Substituten der Schuld erfand: von den Erklärern des Kriegs war sie abgewälzt auf die Unterzeichner des Friedens. Der Revanchekrieg nach innen war eröffnet, den die Sozialdemokratie in dem Maß nicht abzuwehren vermochte, wie sie den Krieg gefördert hat. Die Schuld am Krieg von denen geleugnet, die ihn eröffnet hatten – was Schuld des Kriegs war, als die des Friedens beglaubigt. Der Außenfeind hatte jenen, der innere diesen verschuldet. Nichts konnte den Nachgeborenen besser einleuchten als der »Dolchstoß«, da außen keine Entscheidung sichtbar war, innen aber die Niederlage fühlbar als Not. Das Luftgebilde von Reparationen, die niemals an den realen Schaden hinange-
35 reicht hätten: Arsenal der Lüge, daß noch die reduzierteste Leistung den Staatshaushalt in Ketten lege. Aber in keine geologisch ermeßbare Ferne reicht der Gedanke an die Bedingungen, die ein deutscher Sieg der Welt, materiell und gar kulturell, auferlegt hätte; denn er wäre ein Endsieg gewesen, und ihm wäre

[88] o nascimento do homem e talvez cheguem a tempo da morte. Elles diz que “nenhum sucesso decide sobre essa visão”, pois

se dez guerras sobreviessem do Leste e do Oeste para aniquilar esse homem alemão, e se o apocalipse se aproximasse por água e por terra para quebrar seus selos, a posse dessa visão de humanidade continuaria existindo, e quem quer transformá-la em realidade, precisa criá-la...

10 Numa palavra, finalmente nos aproximamos da concepção de que o fim da Guerra Mundial – o fim no âmbito do direito civil de uma causa penal diante do tribunal do mundo – não adiantou nada, pois não deixou nenhum símbolo do desfecho para uma maneira de pensar orientada para o emblema, nenhum sinal
15 intelectual a fim de trazê-la a si, ao seu valor, à sua linguagem. Pois não foi uma vitória concebível, não foi uma derrota visível com efeito moral. As “reparações” – prestação de contas num espaço delirante que os outros também ocupavam – visavam atos irreparáveis; elas cultivaram sentimentos irreparáveis. O
20 vencedor por princípio teve de se julgar ludibriado; não acreditando numa derrota que não viu, ele pelo menos ajudou a vitória daquele espírito que inventou o substituto da culpa: ela foi transferida daqueles que declararam a guerra para aqueles que assinaram a paz. A guerra revanchista para dentro estava
25 começada, uma guerra que a social-democracia, na medida em que fomentou a Guerra Mundial, não foi capaz de rechaçar. A culpa pela guerra negada por aqueles que a tinham começado – o que era culpa da guerra, foi autenticado como culpa da paz. O inimigo externo foi culpado por aquela; o interior, por esta.
30 Nada pôde ser mais evidente à geração posterior que a “punhalada”, visto que no exterior não havia decisão visível, mas dentro a derrota era sentida como miséria. A quimera de reparações que nunca teriam chegado a cobrir os danos reais: arsenal da mentira de que mesmo o desempenho mais reduzido
35 acorrentaria o orçamento estatal. Mas o pensamento nas condições que uma vitória alemã teria imposto ao mundo, material e até culturalmente, não chega a qualquer distância geologicamente mensurável; pois teria sido uma vitória final, e o

31 “Punhalada”: referência à assim chamada “lenda da punhalada pelas costas” (*Dolchstoßlegende*), segundo a qual a Alemanha não teria perdido a Primeira Guerra Mundial devido à sua debilidade militar e econômica, mas devido ao derrotismo e à traição dentro do próprio país. Essa lenda foi posta em circulação pelo comandante Erich Ludendorff em suas *Memórias de guerra* (1919), encontrando logo muitos adeptos. Entre eles, Adolf Hitler, que nesse mesmo ano já defendia em discursos a opinião de que o Exército alemão só fora forçado a capitular porque a pátria, não mais segura da vitória, o atacara pelas costas: afetada negativamente pela propaganda do inimigo e insuficientemente reforçada em sua autoconfiança pela propaganda interna, a população teria deixado de apoiar os soldados do *front* e entregado o país nas mãos de intriguistas judaico-marxistas.

[89] der Schlußpunkt Paris gesetzt worden. Jetzt freilich ist ein Volk Opfer des satanischen Humbugs, der die allverderbliche Kriegsfolge zur Friedensfolge zugerechnet hat, deren Härte den unterlegenen Staat doch selbst dann träfe, wenn er mit Recht seine Historiker mobilisierte, die Kriegsunschuldlüge auszuarbeiten. Diese Wissenschaft ist, schon über die Erkenntnis hinaus, daß die andern begonnen haben, bis zu dem Standpunkt vorgedrungen, daß der verlierende Teil Opfer für ihren Gewinn gebracht habe und darum Anspruch habe auf Kriegsentschädigung. Den Fehler der Siegermächte, zwischen Verbrechern und Verführten nicht zu unterscheiden – wie den Glauben, daß die Macht der Länderverteilung von völkerkundlichem Wissen enthebe –, bekam eher Österreich-Ungarn zu spüren; mehr als durch feindliche Willkür leidet Deutschland durch die ideologische Zurechtmachung, die den Innenfeind erfand und noch den gutartigen Volksteil betört hat. (Nicht ohne Englands nun bereute Förderung; nicht ohne daß der Kriegsgeist sich auf westliche Vertreter der Menschheitsidee stützen konnte.) Trostlos, zu denken, daß jene etwas versäumt haben; trostloser, daß diese es nachholen wollen! Der Nationalismus, nie eine geistige Nachhilfe, lehrt hier wahrlich die Nation, durch Schaden dumm zu werden, und was er ihr vermacht, ist die irreparable Verkehrung von allem Heil, das er ihr zuruft. Denn von Sieg, Größe, äußerer Einheit gedeiht nicht jedem Volke die Kultur, und es ist ein Bekenntnis zu diesem, wenn ein österreichischer Politiker sagt, Deutschland, das immer groß gewesen, habe »seine höchste Blüte entfaltet, wenn es unterdrückt wurde«. Solche Anschauung zum Heil der besondern und der weitem Menschheit – konform der Meinung, daß Siege erlitten, Niederlagen errungen werden; daß den Österreichern Königgrätz besser bekam als den Preußen, welchen vollends ein kulturelles Sedan bereitet ward –, solches Denken ist nun geschlagen von der Aussicht, daß selbst eine Wiederholung und Steigerung des Unheils von 1914 nichts nützen würde. Denn sogar bei eintretender Apokalypse – deren Reiter bereits da und dort gesichtet werden – wäre doch keine Spur jenes letzten Endes zu erhoffen. Das eben ist, Gott sei's geklagt, die Geistigkeit, die schon einst

[89] seu ponto final teria sido Paris. Agora, todavia, um povo é vítima do disparate satânico que atribuiu o resultado da guerra, desastroso para todos, ao resultado da paz, cuja dureza, não entanto, afetaria o Estado vencido mesmo se ele mobilizasse com razão seus historiadores para aperfeiçoar a mentira da sua inocência quanto à guerra. Essa ciência, já indo além do conhecimento de que os outros começaram, avançou até o ponto de vista de que a parte derrotada teria feito sacrifícios para ganhá-la e por isso teria direito a indenizações de guerra. O erro das potências vencedoras de não distinguir entre criminosos e seduzidos – como a crença de que o poder de dividir países dispensa de conhecimentos etnológicos – foi sentido sobretudo pela Áustria-Hungria; mais que por arbitrariedade inimiga, a Alemanha sofre devido ao arranjo ideológico que inventou o inimigo interno e ainda iludiu a parte do povo dotada de boa índole. (Não sem o incentivo da Inglaterra, agora lamentado; não sem que o espírito da guerra pudesse se apoiar em representantes ocidentais da ideia de humanidade.) É desolador pensar que aqueles perderam alguma coisa; ainda mais desolador que estes queiram recuperá-la! O nacionalismo, jamais um reforço intelectual, neste caso realmente ensina a nação a desaprender a lição, e o que lhe lega é a inversão irreparável de toda salvação com que lhe acena. Pois vitória, grandeza e unidade externa não fazem prosperar a cultura de qualquer povo, e é uma declaração em favor dele quando um político austríaco afirma que a Alemanha, que sempre foi grande, “mostrou seu mais elevado florescimento quando foi oprimida”. Tal concepção com o propósito de salvar a humanidade em especial e aquela em geral – conforme a opinião de que vitórias são sofridas e derrotas são conquistadas; de que Königgrätz fez mais bem aos austríacos que aos prussianos, aos quais além disso estava preparado um Sedan cultural –, tal pensamento foi agora derrotado pela perspectiva de que mesmo uma repetição e intensificação da desgraça de 1914 não adiantaria nada. Pois mesmo que começasse o apocalipse – cujos cavaleiros já são vistos aqui e ali –, não se poderia esperar nenhum traço daquele fim. Esta, infelizmente, é a intelectualidade, a já outrora

30 Königgrätz: batalha da Guerra Austro-Prussiana, ocorrida em 1866 e perdida pela Áustria.

32 Sedan: batalha da Guerra Franco-Prussiana em 1870, com vitória prussiana.

[90] so genannte »Mentalität«, deren Sporn und Stachel jetzt wieder ein gesitteteres Deutschtum zu spüren bekommt und gegen die es sich kürzlich mit einer erstmaligen Einsicht gewehrt hat. Man muß nicht ins Quartär, von welchem ich abschweife, doch
5 bis zum Kriegsbeginn zurückgehen, um des Kontrastes habhaft zu werden, den eine Äußerung erkennen läßt wie diese:

Der Geist dieses himmelstürmenden Kraftbewußtseins, der da aus den Retorten der Gelehrtenstuben geboren wurde und in Büchern und Re-
10 den seinen Niederschlag fand, hat nicht zuletzt jene unheilvolle Vorstellungswelt in Europa hervorgebracht, die dem Ausland das Wesen des deutschen Volkes in einer ganz wahrheitswidrigen Verzerrung zeigte und aus diesem schrecklichen Irrtum den Weltkrieg entspringen ließ.

15 Wenn es – auch in einem ungänglichern Deutsch als es der nationalen Presse eignet – heute die ›Reichspost‹ sagt, die den Weltkrieg teils als die österreichische Initiative der Vergeltung, teils nibelungentreu als Untat der Einkreiser kommentiert hat,
20 so wird es zur vollen Wahrheit, falls sie auch sagen will, daß der schreckliche Irrtum, der ihn entspringen ließ, der Irrtum jener war, die die Verzerrung bewirkt haben, indem sie den kriegerischen Geist in der kriegerischen Literatur und diese im kriegerischen Tun den Niederschlag finden ließen, und falls sie darin
25 die Tragik erkennt, daß es nicht gelungen ist, noch diesen niederzuschlagen. Unerschüttert von der Assoziation, die der zermürbende, ermüdende, vampyrhaft Europa belagernde Begriff dieses ewigen Siegfriedwesens längst mit einer bezogenen Siegfriedstellung eingegangen ist, wünscht sich solche Welt eine
30 Komplettierung mit Teufeln, als wären ihrer nicht genug auf Erden. Lebt noch immer in der Fibelvorstellung, daß viel Feind’ viel Ehr’ bedeutet, als ob es sich von den gesellschaftlichen Usancen des isolierten Raufbolds auf die Wirtschaftsbeziehungen der Völker übertragen ließe. Die Menschheit verwundert sich eines Bestandteils, dem die Isolation unentbehrlich ist, splendid nur in dem Sinne, daß sie auf allgemeine Kosten erfolgt. Da wirken alle diplomatischen Vorkehrungen, auch diese schon mehr komischen Konferenzen, die sich durch

[90] assim chamada “mentalidade”, cuja espora e agulhão uma germanidade mais civilizada volta a sentir agora e contra a qual esta se defendeu recentemente com um discernimento inédito. Não é preciso voltar ao quaternário, do qual me afasto, mas ao início da guerra para apanhar o contraste revelado por uma declaração como esta:

O espírito dessa consciência de força capaz de assaltar os céus, espírito que nasceu nas retortas dos gabinetes dos eruditos e encontrou seu precipitado em livros e discursos, não foi o fator menos importante a produzir na Europa aquele funesto mundo de representações que mostrou a essência do povo alemão ao exterior numa distorção totalmente falsa e fez com que desse erro medonho surgisse a Guerra Mundial.

15 Se o jornal *Reichspost* disser isso hoje – também num alemão mais inacessível do que é próprio à imprensa nacional –, jornal que comentou a Guerra Mundial como sendo em parte a iniciativa austríaca de desforra e em parte, com lealdade nibelunga, como atrocidade dos isolacionistas, então isso se torna verdade plena caso ele também queira dizer que o erro medonho que a fez surgir foi o erro daqueles que provocaram a distorção ao permitir que o espírito militar encontrasse seu precipitado na literatura militar, e esta, nas ações militares, e caso ele reconheça nisso a tragicidade de que não foi possível precipitar o fim desse precipitado. Sem se perturbar com a associação que o conceito dessa eterna natureza de Siegfried – conceito esgotador, fatigante e que sitia vampirescamente a Europa – fez há tempos com uma Posição Siegfried ocupada, tal mundo deseja um completamento com demônios como se já não houvesse suficientes sobre a Terra. Esse mundo ainda vive naquela ideia de cartilha de que muitos inimigos significam muita honra, como se ela pudesse ser transferida dos usos e costumes do brigão isolado para as relações econômicas dos povos. A humanidade se admira de um componente ao qual o isolamento é imprescindível, esplêndido apenas no sentido de que ele acontece à custa de todos. Todas as providências diplomáticas, também essas conferências antes cômicas que

19-20 Lealdade nibelunga: lealdade incondicional até a morte. Referência ao poema épico medieval *A canção dos nibelungos*, em que os feitos guerreiros ocupam o primeiro plano.

27 Siegfried: guerreiro, um dos protagonistas d’*A canção dos nibelungos*. Foi banhado em sangue de dragão quando criança e se tornou invulnerável, exceto por um pequeno ponto no ombro, onde foi atingido traiçoeiramente pelo falso amigo Hagen.

29 Posição Siegfried: uma das cinco seções da chamada Linha Hindenburg, um sistema de defesa composto por bunkers, metralhadoras, malhas de arame farpado, trincheiras, clareiras e postos de comando construído pelos alemães ao nordeste da França (de Lens a Verdun) durante a Primeira Guerra Mundial. Sua queda nas mãos dos Aliados foi um dos eventos que precipitou o fim do conflito.

30 Completamento com demônios: alusão a trecho de um hino de Lutero, “Um castelo forte é nosso Deus”: “E se o mundo cheio de demônios estivesse / E devorar nos quisesse / Nada teríamos a temer / No final deveremos vencer”.

32-33 Muitos inimigos significam muita honra: referência ao lema de Georg von Frundsberg (1473-1528), comandante do imperador alemão Maximiliano I (1459-1519): *Viel Feind, viel Ehr, viel Leute, viel Beute* (“Muitos inimigos, muita honra, muita gente, muito butim”).

36 Isolamento esplêndido: expressão cunhada pelo ministro inglês G.J. Goschen no final do século XIX para definir a independência política da Inglaterra em relação à Europa nesse período.

[91] fortwährenden Wechsel der Lokalität einen Fortschritt erhoffen, wie der Halm des Pygmäen gegen den stahlharten Wahn, der die Entwicklung eines politischen Körpers vom Quartär ableitet und auf Äonen bemißt. Was sollen die Normen der Menschheit? Es ist irrational!

Nun, das Problem der »Einrechnung der Hilfspolizei« verschwindet wohl vor der Frage, ob nicht mit jedem deutschen Zivilisten das Kontingent überschritten sei, und diese Frage ist keine Übertreibung, wenn man die »Zehn Gebote des Wehrkatechismus« liest, der auf dem Grundsatz aufgebaut ist:

Jeder deutsche Mann muß moralisch und physisch vorbereitet sein, um für die Verteidigung des Vaterlands zu den Waffen zu greifen.

Schon das erste Gebot geht aufs Ganze:

Du mußt imstande sein, dreißig Kilometer mit einem schweren Tornister am Rücken ununterbrochen zu marschieren.

Dies unbeschadet der Möglichkeit, daß die Schöpfung mit deinem Leben ganz andere Absichten verbunden hätte. Immerhin ist aber auch schon eine strategische Eventualität vorgesehen:

Du mußt dich in der Kunst des Laufens und des Schießens vervollkommen.

Die musischen Führer, die die schönen Künste vorläufig noch in dieser Reihenfolge fördern, wollen allerdings mehr:

Du mußt dich dauernd auf dem Laufenden halten

nämlich darüber, was in den Armeen der Nachbarländer vorgeht. Mit der Generalstabskarte in der Hand »sollst du unsere Grenzgebiete durchwandern«, du mußt Karten lesen können, und wenn du im Auslande bist,

den Manövern der betreffenden Staaten zu folgen trachten.

Es handelt sich also in der Tat um eine Vision, aber auch um eine Konzeption und Realisation, denn es wird einfach die Er-tüchtigung zur Spionage angestrebt. Die Hauptsache aber:

[91] esperam um progresso da constante mudança de localidade, atuam como a palha do pigmeu contra a loucura dura como aço que deriva o desenvolvimento de um corpo político do quaternário e o mede por éons. O que significam as normas da

5 humanidade? A coisa é irracional!

6 4.9 SEÇÃO 9: Contradições do discurso nazista: pacifismo *versus* militarismo (da página 91, linha 6, à página 97, linha 33).

Bem, o problema de “incluir a polícia auxiliar na conta” decerto desaparece frente à questão de saber se o contingente não foi excedido com cada civil alemão, e essa questão não é nenhum exagero quando se lê os *Dez mandamentos do*

10 *catecismo de defesa*, construído sobre o seguinte princípio:

Todo homem alemão precisa estar preparado moral e fisicamente a pegar em armas para defender a pátria.

15 O primeiro mandamento já vai direto ao ponto:

Tu precisas ser capaz de marchar ininterruptamente por trinta quilômetros com uma pesada mochila às costas.

20 E isso sem prejuízo da possibilidade de que a criação tenha intenções muito diferentes para tua vida. Mas em todo caso, também já está prevista uma eventualidade estratégica:

Tu precisas te aperfeiçoar na arte de correr e de

25 atirar.

Os líderes inspirados pelas musas, e que por enquanto ainda promovem as belas artes nessa sequência, querem, no entanto, mais:

30 Tu precisas estar constantemente ao corrente

a saber, do que acontece nos exércitos dos países vizinhos. Com o mapa do Estado-Maior na mão, “deves atravessar a pé nossas regiões fronteiriças”; tu precisas ser capaz de ler mapas, e

35 quando estiveres no exterior,

buscar seguir as manobras dos Estados em questão.

Trata-se portanto realmente de uma visão, mas também de uma

40 concepção e uma realização, pois se aspira simplesmente ao treino para a espionagem. Mas o principal é isto:

[92] Du mußt jährlich mindestens ein kriegswissenschaftliches Werk lesen und auf eine Wehrschrift abonniert sein.

Kurzum, zehn Gebote, die offenbar der Herausgeber einer solchen verfaßt hat und die mit dem einen: »Du sollst nicht töten« in einigem Widerspruch stehen. Wenn man aber dazu noch liest:

Die Behauptung, daß Deutschland für einen Krieg vorbereitet ist, ist grotesk

und daß die Verantwortung auf jene falle

die gegen ein Volk, das der Welt nichts zuleide tut, mit solchen Mitteln kämpfen

so möchte man glauben, daß eigentlich schon mit den Geboten auszukommen wäre: »Du sollst nicht lügen« und »Du sollst kein falsches Zeugnis geben wider deinen Nächsten«, aber auch nicht fälschlich behaupten, daß er es tue. Freilich wird ja die Unstimmigkeit gleich wieder durch die Beruhigung ausgeglichen, die einer jener Statthalter uns erteilt hat, die sich von ihrem früheren Beruf eine gewisse Aktivität bewahrt haben:

Unsere SA. sind mit dem Grenzschutz vertraut.

Und insbesondere durch die Rede jenes unvergleichlichen Papen, der ja schon während des Krieges auf seinem Washingtoner Posten die neuen Gebote befolgt hat (wenngleich nicht das mit dem Tornister), durch jene unvergeßliche Kundgebung, worin er der Welt auf »den schönsten Tod der Welt« Gusto und aus dem »altgermanischen Abscheu vor dem Strohtod« kein Hehl gemacht hat:

Als ob eine Friedensleiche ästhetischer wirken würde, als ob es nicht vielmehr darauf ankäme, in welchem Geist der Mensch stirbt, als wie seine Überreste aussehen.

Es mußte aber vollends beruhigend auf das Ausland wirken, wie er dem Führer den Ruhm vorbehielt, er werde

am Ende seines Lebens sagen dürfen: Ich habe deutsches Soldatentum in seinen unsterblichen Eigenschaften wieder in

[92] Tu precisas ler anualmente pelo menos uma obra de ciência militar e manter a assinatura de uma revista do Exército.

Em suma, dez mandamentos que pelo visto foram redigidos pelo editor de uma dessas revistas e que se encontram em certa contradição com este único: “Não matarás”. Mas se, além disso, ainda lemos:

A afirmação de que a Alemanha está preparada para uma guerra é grotesca

e que a responsabilidade recai sobre aqueles

que lutam com tais meios contra um povo que não faz mal algum ao mundo,

então gostaríamos de acreditar que na verdade já bastariam os mandamentos “Não mentirás” e “Não levantarás falso testemunho contra o teu próximo”, mas também não afirmarás falsamente que ele o faz. Contudo, a divergência é logo conciliada pela declaração tranquilizadora que nos foi dada por um daqueles lugares-tenente que conservaram uma certa atividade de seu ofício anterior:

Nossa SA está familiarizada com a proteção das fronteiras.

E em especial através do discurso daquele incomparável Papen, que afinal já durante a guerra obedeceu aos novos mandamentos (embora não aquele da mochila) em seu posto em Washington, através daquela inesquecível declaração em que ele mostrou ao mundo seu gosto pela “mais bela morte do mundo” e não ocultou a “antiga aversão germânica à morte na palha”:

Como se um cadáver de paz tivesse um efeito mais estético, como se o espírito em que o homem morre não fosse mais importante do que a aparência de seus restos mortais.

Mas deve ter tido um efeito totalmente tranquilizador sobre o exterior o modo como ele reserva ao Führer a glória de que este

poderá dizer ao final de sua vida: eu coloquei o militarismo alemão com suas qualidades imortais outra vez no

27 Franz von Papen (1879-1969): chanceler do Reich em 1932, vice-chanceler no período 1933-1934.

32-33 Morte na palha: *Strohtod*, redução de *Tod auf dem Strohlager*, “morte no colchão de palha”, ou seja, morte não violenta, morte inglória, por oposição a *Heldentod*, a morte heroica no campo de batalha.

[93] den Mittelpunkt des Denkens der deutschen Nation gestellt.

Und vor allem die präzise Feststellung, Deutschland habe

5

seit dem 31. Jänner 1933 den Begriff des Pazifismus aus seinem Wörterbuch ausgelöscht.

Das wäre zwar nicht so erstaunlich, da er ja ein Fremdwort ist,
10 aber tatsächlich findet sich in diesem Wörterbuch auch nicht die Friedensliebe, dort wo Frank, Frick, Freisler und sonst allerlei fröhlich und frei vorkommt. Freilich (um gleich anzuschließen) machte sich dann der interessante Widerspruch, der die Bewegung allenthalben begleitet und der nicht nur zwischen
15 Taten und Reden, sondern auch zwischen diesen zum Vorschein kommt, schon am nächsten Tag geltend, als der Führer jene eindrucksvolle Erklärung verlas, in der die feierliche Wiedereinsetzung des Pazifismus in das deutsche Wörterbuch vorgenommen wurde und der Mittelpunkt des Denkens ausschließlich fürs Zivil reserviert erschien. Dies bis zu dem Grade,
20 daß die SA. und die SS. auf den »Rang einer Feuerwehr oder Wach- und Schießgesellschaft« verwiesen wurden, wiewohl doch die Feuerwehr nachweislich noch niemals Rizinus ins Feuer gegossen hat und die Wach- und Schießgesellschaft
25 nicht so sehr den Grenzschutz als den der Gewölbe innerhalb des Landes besorgt. Gewiß würde auch keiner der beiden Mannschaften der Ruhm gebühren, den derselbe Mund kurz vorher (oder auch gleich darauf) der SA. in Kiel zugesprochen hat:

30

Ihr stellt die größte Organisation dar, die Deutschland je gekannt hat, und nicht nur eine Organisation des Willens, sondern einer der Kraft und der Gewalt.

35

Auch hat sich bestimmt noch kein Pastor gefunden, der die Feuerwehr und die Wach- und Schießgesellschaft als »Träger des Staates« angesprochen hätte, die »wieder spüren müßten, daß das Christentum ein heroischer Glaube sei«. Wir leben, wie man sieht, in einem ewigen Zirkulus und die Welt kennt sich
40 nicht aus, wiewohl sie leichter das Wehrhafte als das Wahrhafte

[93] centro do pensamento da nação alemã.

E, sobretudo, a constatação precisa de que a Alemanha

5

apagou o conceito de pacifismo de seu dicionário depois de 31 de janeiro de 1933.

Isso na verdade não seria tão espantoso, visto que afinal ele

10 é um estrangeirismo, mas o fato é que nesse dicionário

também não se encontra o amor à paz [*Friedensliebe*] lá onde Frank, Frick, Freisler e todo tipo de gente se encontra feliz e falante. Contudo (para seguir logo em frente), a interessante contradição que acompanha o movimento por

15 toda parte e que aparece não apenas entre ações e palavras,

mas também entre estas, já se fez valer no dia seguinte, quando o Führer leu aquela declaração impressionante em que se empreendeu a reintrodução solene do pacifismo no

dicionário alemão e o centro do pensamento se mostrou 20 reservado exclusivamente para assuntos civis. E isso até ao ponto de a SA e a SS terem sido relegadas à “categoria de

um corpo de bombeiros ou um serviço de vigilância”, embora o corpo de bombeiros comprovadamente nunca tenha

esguichado rícino no fogo e o serviço de vigilância não cuide 25 tanto da segurança das fronteiras quanto da dos estabelecimentos dentro do país. Certamente também não seria adequada a nenhuma das duas equipes a glória que a mesma boca atribuiu pouco antes (ou também pouco depois) à SA em Kiel:

30

Os senhores representam a maior organização que a Alemanha jamais conheceu, e não só uma organização da vontade, mas uma organização da energia e da força.

35 Com certeza também não se encontrou ainda um pastor que ti-

vesse se dirigido ao corpo de bombeiros e ao serviço de vigilância chamando-os de “sustentáculos do Estado” que “precisam voltar a sentir que o cristianismo é uma fé heroica”. Vivemos, como se vê, num eterno círculo, e o mundo não conhece bem as

40 coisas, embora reconheça mais facilmente o bélico que o

12 Frank, Frick, Freisler: Hans Frank (1900-1946): político nazista, ministro da justiça bávaro, mais tarde ministro do Reich e governador-geral na Polônia; Wilhelm Frick (1877-1946): político nazista, ministro do interior do Reich, posteriormente protetor do Reich para a Boêmia e a Morávia; Roland Freisler (1893-1945): político nazista, secretário de Estado, mais tarde presidente do Tribunal do Povo. Este era um tribunal especial instaurado para julgar sobretudo casos de traição; apenas entre 1943 e 1944, sob a presidência de Freisler, foram promulgadas 1600 sentenças de morte; entre elas, as dos membros do grupo Rosa Branca, movimento de resistência estudantil muniquense que distribuiu panfletos antinazistas entre 1942 e 1943.

[94] erkennt, vor allem in den Reden rein pazifistischen Inhalts, hinter denen sie den Gedanken vermutet: Si vis bellum, para pacem. Sie weiß es sich darum zu schätzen, wenn es schließlich wieder Papen gelingt, die divergierenden Standpunkte in der
5 glücklichen Formel zu versöhnen:

Man muß von einem völkertrennenden Nationalismus zu einer völkerverbindenden Sicherung der Volkstümer kommen.

10

»Das ist es«, wie weiland Kerr zu sagen pflegte, der auch ein tüchtiger Januspolitiker war. Leicht hat man's gewiß nicht, und dieser Papen, der nunmehr noch den Nationalismus aus dem deutschen Wörterbuch gestrichen hat, in das er doch wie in kein
15 anderes hineingehört, der Staatsmann, dem unleugbar der größte Treffer der Weltgeschichte geglückt ist, verdient sich seine Position im Schweiß seines Angesichts. Ein gewisses Wissen aber, hauptsächlich um die Geschichte der Bewegung seit dem Reichstagsbrand, ermöglicht es ihm, allen Unbilden zum Trotz durchzuhalten. Denn manche Äußerungen der Ver-
20 bundeten mögen ja ein bißchen rauh klingen, wie etwa jenes Einst wird kommen der Tag, »wo mit diesen Burschen aufgeräumt wird«, oder wenn ihm als Präsidenten des Gesellentages die Zusage, die Pfaffen umzubringen, gegeben und auch teilweise ausgeführt wird; und nie ist die Lage dessen beneidenswert, der einen Gefangenen gemacht hat und von ihm ins Konzentrationslager geschickt werden könnte. Wenn die Anteilnahme, die sich in der Formel »Weit gebracht« ausprägt, je-
25 mals menschlichem Schicksal mit Recht gebührt hat, so dem dieser Barone, vor allem auch dieses schwer robottenden Neurath, der kriminellen Angelegenheiten den Weltschliff zu besorgen hat. Und ganz und gar dem Pech eines »Stahlhelms«, unter dem heute, wie in allen Erscheinungen des Staatswesens, schon verkappte Kommunisten vermutet werden. Hier ist die jüdi-
30 sche Anekdote von dem Knaben, der um jeden Preis Soldat werden will und dem der besorgte Vater einen vorbeigehenden preußischen General zeigt: »Siehst du, das wird dein Soff sein!« – tragische Wahrheit geworden. (»Soff« bedeutet so viel wie

[94] verídico, sobretudo nos discursos de conteúdo puramente pacifista por trás dos quais supõe este pensamento: *Si vis bellum, para pacem*. Por isso, ele sabe dar valor quando Papen finalmente consegue conciliar mais uma vez os pontos de vista divergentes nesta fórmula feliz:

Precisamos sair de um nacionalismo que separa os povos e chegar a uma preservação das índoles nacionais que os una.

10

“Aí está a coisa”, como Kerr costumava dizer outrora, ele que também era um hábil político de Jano. As coisas certamente não são fáceis, e esse Papen, que agora também riscou o nacionalismo do dicionário alemão, mas ao qual ele pertence como a nenhum outro, o estadista a quem coube inegavelmente o maior sucesso da história mundial, ganha sua posição com o suor de seu rosto. Mas um certo conhecimento, sobretudo acerca da história do movimento desde o incêndio do Reichstag, lhe possibilita resistir apesar de todas as contrariedades. Pois algumas declarações dos coligados podem afinal soar um pouquinho rudes, como por exemplo esta: ainda chegará o dia “em que esses sujeitos serão liquidados”, ou quando, na condição de presidente do dia do camarada, lhe é dada e também parcialmente cumprida a promessa de matar os padrecos; e nunca é invejável a situação daquele que fez um prisioneiro e poderia ser mandado por ele ao campo de concentração. Se a simpatia que se manifesta na fórmula “Chegou longe!” alguma vez coube com justiça a um destino humano, então é o caso desses barões, sobretudo também o desse Neurath, que trabalha pesado providenciando um verniz de boas maneiras a assuntos criminais. E ela cabe completamente quando se trata da má sorte de um “capacete de aço”, sob o qual hoje, como em todos os fenômenos do Estado, já se suspeita comunistas disfarçados. A anedota judaica do menino que quer se tornar soldado a todo custo e a quem o pai preocupado mostra um general prussiano passando: “Estás vendo, essa será a tua bebedeira!” – tornou-se aqui trágica verdade. (“Bebedeira” significa o mesmo que fim.)

2-3 *Si vis bellum, para pacem*: se queres a guerra, prepara a paz. Inversão de um conhecido e antigo provérbio.

11 Kerr: ver notas [37], 6 e [52], 24.

12 Político de Jano: ou seja, um político com duas faces, tal como Jano, deus romano bifronte.

29 Barão Konstantin von Neurath (1873-1956): diplomata alemão, ministro do exterior a partir de 1932.

32 “Capacete de aço”: nome de uma associação de veteranos da Primeira Guerra Mundial fundada em dezembro de 1918 pelo oficial da reserva Franz Seldte. Foi quase inteiramente absorvida pela SA depois da tomada do poder pelos nazistas.

[95] letzten Endes.) Gewiß ward es den Gardekürassieren und Junkern nicht an der Wiege gesungen, daß sie einst, und gar nach einem Diktat österreichischer Herkunft, vor Landsknechten stramm stehen würden. Und gar dieses Oberhaupt: welche Abdikation des Marschallstabes vor dem Tornister! Aber ist es
5 nicht doch wieder schön, wenn Prinzen Sekretäre von Männern sein dürfen, die sich aus eigener Tüchtigkeit emporgearbeitet haben? Goebbels hat einen Schaumburg-Lippe, der ihm nicht nur Adjutant, »sondern auch feurigster Anhänger« ist; Göring,
10 Zar aller Preußen, lebt schon ganz in der Tradition dynastischer Verknüpfung, nämlich durch einen Hessen, dessen Bruder der Schwiegersohn des Königs von Italien ist.

Am Telephon meldet er sich nie anders als: »Hier Vorzimmer
15 des Herrn Ministers.« Nicht ein einzigesmal Name oder Rang. Die Söhne dieser historischen Geschlechter sind eben fanatisch stolz darauf, nichts anderes zu sein, als die Sekretäre im Vorzimmer eines nationalsozialistischen Ministers.

20 Nein, das Vorzimmer selbst! Doch Hugenberg, der von der ersten Walpurgisnacht kam, der harzburgischen, erlebte die Enttäuschung Mephistos an den Schwierigkeiten der klassischen:

Da muß ich mich durch steile Felsentreppen,
25 Durch alter Eichen starre Wurzeln schleppen!
Auf meinem Harz der harzige Dunst
Hat was vom Pech und das hat meine Gunst;
Zunächst der Schwefel....

30 Wiewohl's den auch hier gibt, aber:

Man denkt an das, was man verließ,
Was man gewohnt war, bleibt ein Paradies.

35 Ja, man irrt in der Wirrnis; so geht's auch mir, dem, noch ganz anders als im Weltkrieg, stets »Geröll entgegensteht«, und vielleicht ist, während ich mich durchtappe, schon alles nicht mehr da und selbst Papen, lange nach Befreiung von der Würde, nicht mehr im Amt, sondern irgendwo festgehalten am obern
40 Peneios. Vielleicht jedoch geht alles gut aus, indem die vom Herrenclub noch den Adel behalten dürfen mit Nachsicht der

[95] Certamente ninguém teria imaginado que couraceiros da guarda e fidalgos rurais, e além disso segundo uma imposição de origem austríaca, um dia estariam em posição de sentido diante de lansquenetes. E esse chefe, então: que abdicação do bastão de marechal diante da mochila! Mas, por outro lado, não é bonito que príncipes tenham permissão para ser secretários de homens que subiram na vida pela sua própria capacidade? Goebbels tem um Schaumburg-Lippe, que não é apenas seu ajudante, “mas também um de seus seguidores mais entusiasmados”; Göring, czar de todos os prussianos, já vive inteiramente na tradição dos enlances dinásticos, a saber, por meio de um Hessen, cujo irmão é o genro do rei da Itália.

Ao telefone ele sempre se identifica assim: “Aqui a antessala do senhor ministro”. Nem uma única vez ele disse seu nome ou título. É que os filhos dessas linhagens históricas estão fanaticamente orgulhosos por não ser outra coisa senão secretários na antessala de um ministro nacional-socialista.

20 Não, a própria antessala! Mas Hugenberg, que veio da primeira noite de Valpúrgis, a harzburguiana, experimentou a desilusão de Mefisto com as dificuldades da noite de Valpúrgis clássica:

Lá me arrasto por íngremes penhascais,
25 Pelas duras raízes de antigos carvalhais!
Em meu Harz o vapor de resina
Tem algo de pez, o que me anima;
Antes de tudo, o enxofre...

30 Embora esse também exista aqui, mas:

Pensamos naquilo que para trás deixamos,
É um paraíso aquilo com que nos acostumamos.

35 Sim, as pessoas andam perdidas em meio à confusão; isso também acontece comigo, a mim que, de maneira ainda muito diferente que na Guerra Mundial, constantemente “me defronto com pedras”, e talvez, enquanto sigo em frente às apalpadelas, tudo já tenha sumido, e mesmo Papen, muito tempo depois de libertado da dignidade, não esteja mais no cargo, mas detido em algum lugar no alto Peneu. Mas talvez tudo termine bem, na medida em que os membros do Herrenclub ainda possam conservar a nobreza, com tolerância quanto à

8 Príncipe Friedrich Christian zu Schaumburg-Lippe (1906-1983): comandante da SA, ajudante de Goebbels.

9 Hermann Göring (1893-1946): ministro do Reich, chefe da polícia secreta (Gestapo).

11 Príncipe Richard von Hessen (1901-1969): ajudante de Göring.

20 Alfred Hugenberg (1865-1951): político e industrial alemão. Diretor da firma Krupp entre 1909 e 1918, fundador do Grupo Hugenberg (imprensa, cinema, agências de notícias) e ministro do Reich (economia e abastecimento) em 1933. Membro do DNVP (*Deutschnationale Volkspartei*, Partido Popular Alemão-Nacional) a partir de 1920 – o mais importante partido de direita até 1930 – e seu presidente a partir de 1928. Idealizador da Frente Harzburguiana, uma reunião de membros do DNVP, do Partido Nacional-Socialista Alemão dos Trabalhadores, da associação Capacete de Aço e de uma série de grupos nacionalistas ocorrida em 11/10/1931 em Bad Harzburg (daí o trocadilho de Kraus com Harz, a região onde ficava o Blocksberg, montanha em que é celebrada a orgia diabólica da primeira noite de Valpúrgis no *Fausto* de Goethe). A intenção era demonstrar a disposição desses grupos a assumir o poder conjuntamente, mas divergências entre Hugenberg e Hitler impediram a escolha de um candidato comum, o que foi uma das razões para o fracasso de uma moção de desconfiança dirigida contra o chanceler do Reich Heinrich Brüning em 16/10/1931. Com uma grande marcha em 18/10/1931, o Partido Nazista salientou sua independência; ainda assim, Hugenberg fez parte do gabinete de Hitler, embora não por muito tempo, já que em 27/06/1933 foi forçado a pedir demissão.

24-28 Goethe, *Fausto II*, ato II, “Noite de Valpúrgis clássica”, v. 7951-7955 (Mefistófeles).

[96] Taxe, die sie jüdischen Damen verdanken. Schließlich bleiben sie, vielleicht vermöge dieser Verbindung, doch etwas, was auch nicht gerade ihre starke Seite war: Verbindungsoffiziere mit der »Welt«, die auf Formen welcher Art immer Wert legt, wenn es nur Formen sind; und so mag selbst die Sicherung der Volkstümer gelingen, die bisher nicht ihre größte Sorge gebildet hat. Sie leitet sachte über zum Weltbürgerlichen, hinter dem sich das Deutschstämmige, Deutschbewußte ungehindert ausleben kann. Der Kern ist rauh, aber die Schale ist gut. Die Revolution, die aus den Begleiterscheinungen besteht, mag sogar erheischen, daß »Intoleranz befohlen« wird; umso notwendiger, daß alles richtig dosiert sei und zum Mund der Feinde gesprochen, die wieder zu heucheln beginnen. Denn nun entrüsten sie sich gar darüber, daß im Dialog unseres Nationaldramatikers Stellen vorkommen wie diese:

»Die Sache, die die Brüder da aufgezogen haben, die Sache von Weltgemeinschaft und Humanität.. von Völkerfrieden und so weiter – diese Rechnung stimmt nicht.«

»Das Volk schreit nach Priestern, die den Mut haben, Blut, Blut, Blut zu vergießen, nach Priestern, die schlachten.«

»Wir müssen einen Keil zwischen die Verständigung treiben.. dann kann man den Franzosen Ameisen in die Hosen setzen.«

(Die gibt's auch schon in der klassischen Walpurgisnacht.)

»Recht oder Unrecht – das ist mir doch alles scheißegal! Ich bin Soldat und ich bleibe Soldat!«

»Nein, zehn Schritt vom Leib mit dem ganzen Weltanschauungssalat – hier wird scharf geschossen! Wenn ich Kultur höre – entsichere ich meinen Browning!«

Und das wagen sie mit dem von uns ausgesprochenen Friedenswillen zu kontrastieren! Und das nennen sie »ein erschreckendes Bild vom geistigen Zustand Deutschlands«! Sind es nicht Pharisäer? Aber man hat sie erkannt:

Völkerbundrat enthüllt sein wahres Gesicht!

Alle Staatenvertreter für die Juden!

[96] taxa que devem a senhoras judias. No fim das contas eles continuam sendo, talvez graças a essa ligação, algo que também não era exatamente seu ponto forte: oficiais de ligação com o “mundo”, que dá valor às formas, quaisquer que sejam, desde que sejam apenas formas; e assim, mesmo a preservação das índoles nacionais pode dar certo, o que até agora não foi sua maior preocupação. Ele conduz lentamente ao cosmopolitismo, por trás do qual o que é de origem alemã, o que tem consciência alemã, pode gozar sua vida sem ser perturbado. O núcleo é rude, mas a casca é boa. A revolução, que consiste nos efeitos colaterais, pode até exigir que “se ordene intolerância”; tão mais necessário é que tudo seja dosado corretamente e pronunciado dirigindo-se à boca dos inimigos, que começam a dissimular outra vez. Pois agora eles até ficam indignados com o fato de no diálogo de nosso dramaturgo nacional aparecerem trechos como estes:

“A coisa que os irmãos andaram organizando, essa coisa de comunidade mundial e humanitarismo [...] de paz entre os povos e assim por diante – essa conta não fecha.”

20 “O povo clama por sacerdotes que tenham coragem de derramar sangue, sangue, sangue, por sacerdotes que abatem.”

“Precisamos criar obstáculos para o entendimento [...], então poderemos colocar formigas nas calças dos franceses.”

25 (Elas também já aparecem na noite de Valpúrgis clássica.)

“Justiça ou injustiça – pra mim isso tudo não importa merda nenhuma! Sou soldado e vou continuar sendo soldado!”

30 “Não, pra longe de mim com todo esse rolo de visão de mundo – aqui se atira pra matar! Quando ouço a palavra cultura, engatilho minha Browning!”

E eles têm a ousadia de contrastar isso com a vontade de paz que manifestamos! E isso é o que eles chamam de “um retrato assustador da situação intelectual da Alemanha”! Não são uns fariseus? Mas eles foram desmascarados:

O Conselho da Sociedade das Nações mostra sua verdadeira cara!

40 Todos os representantes de Estado a favor dos judeus!

[95] 32-33 Goethe, *Fausto II*, ato II, “Noite de Valpúrgis clássica”, v. 7963-7964 (Mefistófeles).

[95] 37-38 *Ibid.*, v. 7804 (Mefistófeles).

[95] 41 Alto Peneu: ou seja, próximo a nascente do Peneu, rio grego que corre pela planície da Tessália, cenário da “Noite de Valpúrgis clássica” do *Fausto* de Goethe.

[95] 42 Herrenclub: conforme o tradutor Pierre Deshusses, clube aristocrático em que circulavam ideias conservadoras; Franz von Papen era seu membro.

17-21 Hanns Johst, *Schlageter*, ato I, cena 1. A peça, dedicada a Hitler e estreada em 20/04/1933 por ocasião de seu aniversário, aborda a vida e os feitos de Albert Leo Schlageter (1894-1923), o mártir nazista por excelência. Oficial e soldado do Corpo de Voluntários na Primeira Guerra Mundial, Schlageter foi fuzilado por sabotagem em 26/05/1923 pelas tropas francesas de ocupação da região do Ruhr.

22-24 *Ibid.*, ato I, cena 7.

28-32 *Ibid.*, ato I, cena 1.

[97] Ja, so sind sie, und finden es am Ende ungemäß, daß die Rede Papens, mit der er dem Nationalismus abschwor, im Teutoburger Wald gehalten wurde, von welchem sie geglaubt hatten, daß er gar nicht mehr bestehe, sondern längst zu Zeitungspapier verwandelt sei. Dem ist aber nicht so, denn im Gegenteil halten sich dort noch Buschräuber auf, die, sooft sich der Wanderer zur Wehr setzt, »fair play« verlangen. Wenn der sich dann vollends nicht auskennt, so greift der Kultusminister ein, jener Rust, der im Ausbruch der Begeisterung das Vaterland von der Wissenschaft befreit hat und der nun

sich mit aller Schärfe gegen den Pazifismus wandte und unter großem Beifall erklärte, daß die internationale Atmosphäre niemals sauberer sein könne, als wenn die einzelnen Völker mit Hochachtung vor den gegenseitigen Lebensrechten einander gegenübertreten.

Aus dieser glücklichen Verbindung der Kontraste zu einem Dilemma gelingt es dann wieder der ›Vossischen Zeitung‹ den Ausweg zu finden: Deutschland wünsche

selbst vaterländisch und nationalbewußt eingestellt, seine rechtverstandene Weltbürgerlichkeit zu erhalten, die friedliche Gemeinschaft der Völker höherstellt als alle Bestrebungen, die nur aus blindem Machthunger einer Nation entspringen.

Man muß es nur recht verstehen, und vor allem begreifen, daß das Aufziehn des Weltanschaulichen bei einer Staatsgründung keine so einfache Chose ist, besonders wenn die Kompetenzfrage wie überall so auch hier auf Schwierigkeiten stößt und die Zeitungen nicht wissen, wann und von wem sie sich ihren Fußtritt zu holen haben.

Während es aber die Entwicklung dem Journalismus noch erlaubt, von seiner angeborenen Fähigkeit, nicht Fisch und nicht Fleisch zu sein, jenen Gebrauch zu machen, der dem Erfordernis des Weltbürgerlichen entspricht, hat sich die sonstige Judenschaft bereits vielfach einem intransigenten Deutschtum hingegeben, das bei den Zuchtmeistern gar keinen Dank und nur geringen Anwert findet. Das Erstaunlichste an diesem Phä-

[97] Sim, assim são eles, e no fim acham impróprio que o discurso em que Papen abjurou do nacionalismo tenha sido pronunciado na floresta de Teutoburgo, que acreditavam absolutamente não existir mais, mas ter sido transformada em papel de jornal
5 há muito tempo. Mas não é assim, pois, ao contrário, lá ainda se encontram salteadores que, sempre que o caminhante se defende, exigem “fair play”. Se ele ainda por cima não conhece o lugar, então intervém o ministro da cultura, aquele Rust, que na irrupção do entusiasmo livrou a pátria da ciência
10 e que agora

se voltou com todo o rigor contra o pacifismo e declarou sob intenso aplauso que a atmosfera internacional nunca poderia estar mais limpa do que quando os diferentes povos, com alta estima
15 pelos direitos vitais recíprocos, se enfrentam uns aos outros.

Desta vez, é o jornal *Vossische Zeitung* que consegue achar a saída dessa feliz combinação de contrastes que resulta num
20 dilema: a Alemanha deseja,

mesmo orientada patrioticamente e dotada de consciência nacional, conservar seu cosmopolitismo corretamente entendido, cosmopolitismo que coloca a comunidade pacífica dos povos acima
25 de todas as aspirações que provêm apenas da cega fome de poder de uma nação.

Basta entender corretamente, e sobretudo compreender que organizar uma visão de mundo por ocasião da fundação de um
30 Estado não é uma coisa assim tão simples, em especial se, aqui como em toda parte, a questão da competência encontra dificuldades e os jornais não sabem quando e de quem irão tomar um pontapé.

Mas enquanto a evolução ainda permite ao jornalismo fazer
35 de sua capacidade inata de não ser carne nem peixe aquele uso que corresponde às exigências do cosmopolitismo, a comunidade judaica restante já se entregou de muitas maneiras a uma germanidade intransigente que não encontra nenhuma gratidão e uma apreciação apenas
40 insignificante junto aos carcereiros. O mais espantoso nesse

3 Floresta de Teutoburgo: lugar em que o príncipe querusco Hermann derrotou o general romano Varo em 9 d.C. Um símbolo nacionalista, portanto.

7 “Fair play” = jogo limpo.

9 Bernhard Rust (1883-1945): político nazista, ministro da cultura do Reich.

34 4.10 SEÇÃO 10: Os judeus adesistas (da página 97, linha 34, à página 102, linha 35).

- [98] nomen ist das völlige Außerachtlassen der Erwägung, daß man, wo Unterwerfung ohnedies nichts nützt, eigentlich auch schon Mut haben könnte; ein völliges und im Grunde artfremdes Unvermögen des Berechnens der Rentabilitätsgrenze der Feigheit.
- 5 Gewiß, jede Einzelaktion der Salvierung mag als erpreßt auch dort noch entschuldigt sein, wo Furcht der Drohung zuvorkam; und manches Zeugnis individueller oder allgemeiner Wohlfahrt wäre vielleicht, über den tragischen Beweis der Bedrängnis hinaus, sogar als Ausdruck altruistischer Sorge zu deuten.
- 10 Aber ist eine Solidarität der Erbärmlichkeit vorstellbar wie die von deutschnationalen Juden, also Trägern einer Mission, die doch schon in Friedenszeiten ein Oxymoron war, gleich jener Finsternis, da der Mond so helle schien und ein schneller Wagen langsam durch die Straßen fuhr? Sie nennen sich, um sowohl dem Deutschtum gerecht zu werden wie den eigenen
- 15 Belangen einer verkehrten Lesart: »nationaldeutsche« Juden, und sie haben gleich mehrsprachig ein ganzes Buch unter dem Titel
- 20 Die Greuelpropaganda ist eine Lügenpropaganda!
- erscheinen lassen, welches denn auch vom ›Großdeutschen Pressedienst‹ als »Erfüllung einer natürlichen Ehrenpflicht« anerkannt wird:
- 25 soweit man überhaupt von Ehre bei Juden reden kann.
- So objektiver Würdigung verstehen sie mit der Ausdauer zu begegnen, die ihnen vermöge ihrer Zugehörigkeit zum Deutschtum eignet und die das Angespucktwerden den Unbilden der Witterung zuzählt. Sie haben aber auch – und was wäre in einem Tollhaus nicht möglich, wo der Insasse den Pfleger überfallen kann, um bald darauf Ministerpräsident zu werden –, sie
- 30 haben den Ausspruch eines Ungetüms vernommen, daß »die jüdischen Ärzte die Inkarnation der Lüge und des Betruges« seien. Vor solcher Orgie moralischer Begriffsverkehrung und angesichts des Umstands, daß schon mancher jüdische Arzt manchem arischen Morphinisten das Leben gerettet hat – wel-

[98] fenômeno é a completa negligência pela ponderação de que lá onde a submissão não adianta nada mesmo, bem que já se poderia ter coragem; uma incapacidade completa, e no fundo estranha à raça, de calcular o limite de rentabilidade da covardia.

- 5 Certamente, toda ação isolada de salvação, enquanto obtida por chantagem, ainda pode ser desculpada lá onde o medo precedeu a ameaça; e talvez até coubesse interpretar alguns testemunhos de caridade individual ou geral, indo além da prova trágica da aflição, como expressão de uma preocupação altruísta.
- 10 Mas será imaginável uma solidariedade da miséria como a dos judeus alemão-nacionais, ou seja, portadores de uma missão que afinal já era um oxímoro em tempos de paz, como aquela escuridão em que a lua brilhava tão clara e um veículo rápido passava lentamente pelas ruas? Eles se denominam, para
- 15 fazer justiça tanto à germanidade quanto à própria demanda por uma interpretação invertida: judeus “nacional-alemães”, e publicaram, logo em edição multilíngue, um livro inteiro sob o título

- 20 A propaganda dos horrores é uma propaganda das mentiras!

uma obra que foi reconhecida pelo jornal *Großdeutscher Pressedienst* como “cumprimento de um dever natural de honra”:

25

na medida em que se pode falar de honra tratando-se de judeus.

- Eles conseguem receber uma apreciação tão objetiva com a
- 30 perseverança que lhes é própria graças a seu pertencimento à germanidade e que inclui o fato de tomar cusparadas entre as inclemências meteorológicas. Mas eles também ouviram – e o que não seria possível num hospício em que o internado pode atacar o enfermeiro e logo depois se tornar governador? –, eles
- 35 ouviram a declaração de um monstro que afirmou que “os médicos judeus são a encarnação da mentira e da trapaça”. Diante de tal orgia de inversão moral de conceitos e face à circunstância de que não poucos médicos judeus já salvaram a vida de não poucos morfinômanos arianos –

13-14 Referência a um poemeto de autor desconhecido inteiramente baseado em oximoros: “*Dunkel war’s, der Mond schien helle, / schneebedeckt die grüne Flur, / als ein Wagen blitzeschnelle, / langsam um die Ecke fuhr*” etc. (“Estava escuro e a lua brilhava clara, / coberta de neve a campina verde, / quando um veículo rápido como um raio / lentamente dobrou a esquina”).

[99] ches Verhalten empfiehlt da der »geschäftsführende Vorstand«
der Nationaldeutschen?

Wir dürfen uns dadurch, daß wir heute von unseren deutschen
5 Volksgenossen nichtjüdischen Stammes

(die wir als gleichberechtigt gelten lassen, denn wir sind nicht
so)

10 in einer Weise behandelt werden, die wir als schweres Unrecht empfin-
den müssen, nicht von dem geraden Weg abdrängen
lassen, und dieser Weg ist die Entwicklung ins Deutsch-
tum.

15 Mitten hinein! Doch mit Gewalt dürfte bei der SA. nichts zu
richten sein, und die Lage der reicheren Juden zeigt ja auch,
daß man solche Mittel gar nicht nötig hat. Der gerade Weg er-
schwert immer das Entgegenkommen, und Beharrlichkeit
dürfte dort wenig Eindruck machen, wo die Feststellung:

20 Die Erfindungen des Mikrophons, der Radioverstärkerröhre, die Stick-
stoffgewinnung aus der Luft, die Entdeckung des Lungenentzündungs-
erregers, des Gonokokkus, die Syphilisbekämpfung, die Gefäßunter-
bindung, die experimentelle Pathologie, die Kinderheilkunde, die
25 Entdeckung der Kathodenstrahlen, die Galvanoplastik, die individu-
elle Behandlung der Geisteskrankheiten usw. usw. sind Juden zu dan-
ken

scheißegal ist. Wo namentlich die Behandlung der Geisteser-
30 krankungen fruchtlos blieb, ja durch den Ausbau der Radio-
technik vielfach behindert wurde. Wo die Bekundung der
Ansicht, daß das jüdische Genie nicht anders als das deutsche
außer und über der Rasse geboren sei, beide verdächtig machen
könnte. Wo der Standpunkt lebensgefährlich ist, daß, wenn je-
35 mals in einem Lebensbelang die Weisheit zutraf, dem Reinen
sei alles rein, dies von der Rasse gelte, die es kaum physisch gibt
und deren Begriff im menschlichen Denken keinen Raum mehr
hat. Wo die Meinung letal verlief, daß jenen Gesichtern, die
sich heute in den illustrierten Blättern spiegeln, etwas Mi-
40 schung gar nicht schädlich wäre, weil dann vielleicht einmal
Besseres herauskommt. (Wiewohl sie den Kaschuben und

[99] que comportamento recomenda o “presidente executivo” dos nacional-alemães?

Não podemos permitir que o fato de hoje sermos tratados por nossos
5 compatriotas alemães de raça não judaica

(que admitimos terem os mesmos direitos, pois não somos desse jeito)

10 de uma maneira que precisamos sentir como uma grave injustiça nos afaste do reto caminho, e esse caminho é a evolução rumo à germanidade.

15 Exatamente ao meio dela! Mas com violência nada se conseguiria junto à SA, e a situação dos judeus mais ricos afinal também mostra que de forma alguma se precisa recorrer a tais meios. O reto caminho sempre dificulta a boa vontade, e a persistência causaria pouca impressão lá onde esta constatação:

20

As invenções do microfone, da válvula amplificadora para rádio, a obtenção de nitrogênio a partir da atmosfera, a descoberta do agente patogênico da pneumonia, do gonococo, o combate à sífilis, a ligadura vascular, a patologia experimental, a pediatria, a
25 descoberta dos raios catódicos, a galvanoplastia, o tratamento individual das doenças mentais etc. etc. se devem a judeus

não importa merda nenhuma. Lá onde sobretudo o tratamento
30 das doenças mentais permaneceu infrutífero e até foi muitas vezes impedido pelo aperfeiçoamento da radiotécnica. Onde expressar a opinião de que o gênio judeu, de maneira não diferente do alemão, nasceu fora e acima da raça, poderia tornar ambos suspeitos. Onde implica risco de morte o ponto de
35 vista de que se alguma vez a sabedoria de que ao puro tudo é puro foi verdadeira num interesse vital, então isso valeria para a raça, que mal existe fisicamente e cujo conceito não tem mais espaço no pensamento humano. Onde teria consequências letais a opinião de que um pouco de mistura de forma alguma seria
40 prejudicial a esses rostos que hoje se espelham nos jornais ilustrados, pois então talvez resultasse algo melhor. (Embora ela de

[100] Obotriten, den Polaben und Sorben, den Wenden und Wilzen und andern slawischen Stämmen keineswegs gut getan hat, da ihnen ja eben das preußische Geblüt entstammte, das heute so strenge Anforderungen an Rasse stellt. Doch man darf bekanntlich nicht generalisieren, und wem fiel es ein, die Rassentheorie aus dem Grunde zu bejahen, daß vielfach eine Verunreinigung jüdischen Blutes vorgekommen sei, wenn doch die Mischung nachweislich auch die geistigsten und schönsten Menschenexemplare ergeben hat.) Aber Juden, die den Drang haben, nationaldeutsch zu sein, stellen die Verbindung zweier Komplexe von Minderwertigkeit dar, die zu verdrängen wären. Sie machen im Berliner Tageblatt – dem Toleranz befohlen wurde (wenngleich nur ausnahmsweise) und das fürs weltbürgerliche Bedürfnis sogar die Leistungen jüdischer Gelehrter hervorhob – die Offerte,

durch Annäherung an den deutschen Volkscharakter Eigenschaften zu entwickeln, die ureigentlich nicht zum Erbschatz ihrer Rasse gehören

also etwas zu leisten, wozu sie eigentlich gar nicht verpflichtet wären. Aber es wird nicht verlangt, nicht begehrt, nicht gewürdigt, und darum sollte sogar noch die Eigenschaft der Zudringlichkeit abgelegt werden, welche ja eher den Verdacht erweckt, daß sie zum Erbschatz gehöre. Es ist ein starkes Stück, sich an einen Volkscharakter annähern zu wollen, dessen Vertreter entweder: »Juden raus!« rufen oder dem Versuch der Befolgung an der Landesgrenze entgegentreten, indem sie hässcherhaft, wie auf der Spur eines frisch entdeckten Verbrechens, mit dem Alarm ins Kupé stürzen: »Sind Sie Jude?« Wenn ja, so hat man dort zu bleiben, wo Aberkennung der Staatsbürgerschaft und etwa noch Entziehung von Lebensmitteln erfolgt. Die Erbötigkeit, da noch etwas zu »entwickeln« und anderes als Abscheu und Scham für eine entehrte Menschheit, macht den Petenten fast der Behandlung würdig. Die Einrichtung einer besondern Badezeit – abgesehen von der Gemeinsamkeit des Blutbads – hat aber den »Ehrenvorsitzenden« der Nationaldeutschen vielleicht in der Einsicht bestärkt, es handle sich um

[100] forma alguma tenha feito bem aos cassúbios e obotritas, aos polábios e sorábios, aos vênedos, veletos e outras tribos eslavas, visto que afinal foi precisamente delas que se originou o sangue prussiano que hoje faz exigências tão severas em questões de

5 raça. Mas, como se sabe, não se deve generalizar, e a quem ocorreria a ideia de aprovar a teoria racial pela razão de que muitas vezes aconteceu uma contaminação do sangue judeu, quando a mistura, no entanto, comprovadamente também produziu os mais belos e mais inteligentes exemplares humanos?)

10 Mas judeus que têm a necessidade de ser nacional-alemães representam a combinação de dois complexos de inferioridade que caberia recalcar. No jornal *Berliner Tageblatt* – ao qual se ordenou tolerância (embora apenas excepcionalmente) e que para a necessidade cosmopolita ressaltou inclusive os feitos de eruditos

15 judaicos – eles fazem a oferta de

desenvolver, por meio de aproximação ao caráter popular alemão, qualidades que originalmente não pertencem ao patrimônio hereditário de sua raça,

20

ou seja, de fazer algo a que na verdade não estariam de forma alguma obrigados. Mas isso não é exigido, não é desejado, não é reconhecido, e por isso também deveria ser posta de lado inclusive a qualidade da impertinência, que afinal desperta muito mais a suspeita de pertencer ao patrimônio hereditário. É um pouquinho demais querer se aproximar de um caráter popular cujos representantes ou gritam: “Fora, judeus!”, ou, na fronteira do país, impedem a tentativa de obediência invadindo como esbirros o compartimento do trem com este alarme, como se estivessem no rastro de

25 um crime recém-descoberto: “O senhor é judeu?” Em caso afirmativo, é preciso ficar ali onde se seguem a perda dos direitos de cidadania e talvez ainda a privação de gêneros alimentícios. A prontidão para ainda “desenvolver” algo aí, e algo diferente de repulsa e vergonha por uma humanidade desonrada, quase torna o peticionário digno do tratamento. Mas a instituição de um horário especial de banho – deixando de lado o que há em comum com o banho de sangue – talvez tenha fortalecido o “presidente honorário” dos nacional-alemães no entendimento de que se trata de

30

35

[101] Sonderaktionen irgendwelcher einzelnen Leute, wie sie sich in jedem Volke und in jeder Organisation finden, die die Gelegenheit benutzt haben, persönliche Rachegefühle gegen einzelne jüdische Personen, mit denen sie aus irgend einem Grunde
5 Differenzen hatten, in ihrer Weise zu erledigen... Jedenfalls haben wir deutschen Juden, und zwar ohne jeden Unterschied der besonderen Gefühlsrichtung, durchweg die Überzeugung, daß auf Seiten der Regierung und der Leitung der NSDAP. der ernste Wille besteht, Ruhe
10 und Ordnung aufrechtzuerhalten.

Er möchte noch »ausdrücklich hervorheben«, daß der Protest gegen die Greuelpropaganda

15 nicht etwa unter irgendeinem Zwang, sondern aus eigenem Antrieb

erfolgte

20 weil wir überzeugt waren, daß durch diese Hetze unserem Deutschland schwer geschadet wird und geschadet werden soll. Ferner, weil nebenher – ich hebe ausdrücklich hervor, daß dieser Gesichtspunkt für uns nur sekundärer Natur ist – auch uns in Deutschland lebenden Juden durch diese angeblich
25 in unserem Interesse verübte Hetze ein ganz außerordentlich schlechter Dienst erwiesen wird.

Ist es das Dokument einer Gesinnung, das Ergebnis der raffiniertesten Vergewaltigung, oder beides zugleich? Wenn es ein
30 jüdisches Dokument ist, so ist es doch auch ein deutsches Communiqué: die Kunstfertigkeit, Sachverhalte aufzuklären, bis das Gegenteil einleuchtet, Tatbestände im Wortschleim zu erstickern, Unrecht zurechtzumachen, den Elephanten zur Mücke, den Mord zur Meinungsverschiedenheit und den Einbruch bayrischer Nationalsozialisten zu einer Schießerei, die
35 nach Wolff

aus bisher nicht bekannter Ursache an der deutsch-österreichischen Grenze zwischen österreichischen Heimwehrangehörigen
40 und einer Gruppe bisher noch unbekannter Personen entstand.

[101] ações específicas de pessoas isoladas quaisquer que, tal como se encontram em qualquer povo e em qualquer organização, aproveitaram a oportunidade para, a seu modo, dar vazão a sentimentos pessoais de vingança contra indivíduos judeus isolados com os quais, por uma razão qualquer, tinham diferenças. [...] Em todo caso, nós, judeus alemães, e na verdade sem qualquer distinção entre orientações específicas de sentimento, temos todos a convicção de que da parte do governo e da direção do NSDAP existe a vontade séria de conservar a tranquilidade e a ordem.

Ele ainda gostaria de “salientar expressamente” que o protesto contra a propaganda dos horrores

15 não aconteceu por algum tipo de coação, mas por iniciativa própria,
porque

20 estávamos convencidos de que nossa Alemanha está sendo e será seriamente prejudicada por meio dessa propaganda subversiva. Além disso, seja dito de passagem – saliento expressamente que esse ponto de vista tem para nós apenas uma natureza secundária –, porque essa propaganda subversiva praticada
25 supostamente em nosso interesse também presta a nós, judeus que vivemos na Alemanha, um serviço extraordinariamente ruim.

Isso é o documento de uma mentalidade, o resultado da mais refinada violação ou as duas coisas ao mesmo tempo? Se for
30 um documento judeu, também é um comunicado alemão: a habilidade de esclarecer estados de coisas até que o contrário se torne evidente, de sufocar fatos num visgo de palavras, de endireitar a injustiça, de transformar o elefante em mosquito, o assassinato em divergência de opinião e a invasão de
35 nacional-socialistas bávaros num tiroteio que, segundo Wolff,

aconteceu por motivos até agora não conhecidos na fronteira austro-alemã entre membros austríacos da *Heimwehr* e um
40 grupo de pessoas até agora desconhecidas.

9 NSDAP: sigla de *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* ou Partido Nacional-Socialista Alemão dos Trabalhadores.

36 Wolff: ou seja, Agência Wolff. Ver nota [29], 12.

39 *Heimwehr*: literalmente, “defesa da casa”. As *Heimwehren* foram associações paramilitares fundadas por toda a Áustria a partir de 1918 e extintas em 1936. Seu esteio ideológico era o chamado austro-fascismo, movimento antidemocrático que defendia formas autoritárias de governo e de sociedade inspiradas no fascismo italiano. Financiadas sobretudo pelo Partido Social-Cristão e por industriais, as *Heimwehren* foram um instrumento de poder extraparlamentar dirigido contra o movimento organizado dos trabalhadores; seus principais inimigos foram a social-democracia e os sindicatos. A partir de 1928 passaram a contar com o apoio maciço de Mussolini, que as abasteceu com dinheiro e armas. Foi por pressão das *Heimwehren* e do ditador italiano que o chanceler austríaco Engelbert Dollfuss deu a seu governo um rumo autoritário a partir de 1932, culminando em 1933 com a supressão do Parlamento, ato que consumou a desmontagem gradativa da constituição democrática e dos direitos civis. As *Heimwehren* tiveram um papel importante na dissolução violenta da social-democracia em fevereiro de 1934, abrindo caminho para que Dollfuss proclamasse em 01/05/1934 a Constituição do “Estado corporativo” (por oposição ao Estado partidário). Depois disso, as *Heimwehren* foram gradativamente privadas de seu poder e finalmente dissolvidas em 1936.

[102] Kaum ermeßbar, was dieser Typus leistet, wenn er die Belagerung eines Landes als »interne Angelegenheit« vor der Welt zu vertreten hat. Es ist die Methode des Generalstabs wie die der Redaktion; so sprach der Berliner Anwalt über »Literatengezänk«, so spricht der Lügner vor dem Weltgericht über die Schießerei und der jüdische Ehrenvorsitzende über Differenzen. Er legt ausgerechnet noch eine Lanze für das »bodenständige Bayerntum« ein und versichert schließlich, er habe sich

10 stets dagegen gesträubt, wenn Herr Professor Einstein durchaus zum deutschen Gelehrten gestempelt werden sollte.

15 Immer schon habe er erklärt,
die deutschen führenden Juden würden es begrüßen, wenn er seinen Schreibtisch und seine Sternwarte nach Jerusalem oder irgendwo nach Amerika verlegen wollte, da die Wissenschaft durch diesen Ortswechsel nichts verlieren und das Deutschtum nur gewinnen könnte.

Naumann heißt er und hat es im Neuen Wiener Journal gesagt. Den Antisemitismus, den es nicht wahr haben will, rechtfertigt es zehnfach. Die Erkenntnis, daß die Greuelpropaganda eine Lügenpropaganda sei, bleibt unbedankt, mag sich in ihr die Assimilation an eine Moral, die die Wahrheit zur Lüge stempelt, an die Spielart des Doppellügners, auch als noch so gelungen zeigen. Aber der mesquine Typus, der zu eigener Sicherung das Leid des andern verleugnet, gehört dieser Region und dieser Zeit. Er läßt nur noch eine Hoffnung, die in einer letzten Entschuldigung beruht: daß die französischen Bischöfe das Zeugnis deutscher Juden nicht als Entkräftung werten, sondern als Bestätigung einer Not, die sich noch ihren Widerruf erpressen ließ, ja dessen eigenen Antrieb dazu.

35 Hierzulande, wo sie noch nicht mit solchem Zwange wirkt, lassen sie es sich nicht nehmen, über die momentane Schwierigkeit hinaus, den Kampf der liberalen Seele »um Großdeutschland« fortzusetzen. Man sieht, wie weit ich vom Quartär

[102] É difícil medir o que esse tipo consegue fazer quando lhe cabe a tarefa de defender diante do mundo que sitiar um país é um “assunto interno”. Esse é tanto o método do Estado-Maior quanto o da redação; foi dessa maneira que o advogado berlinense falou sobre “querelas de literatos”, é dessa maneira que o mentiroso fala diante do tribunal mundial sobre o tiroteio e o presidente de honra judaico sobre diferenças. Ele ainda quebra uma lança precisamente em favor do “bavarismo de raiz”, e por fim assegura

10 que sempre se opôs a que o senhor professor Einstein fosse qualificado irrestritamente como estudioso alemão.

Disse que já tem declarado desde sempre que

15 os judeus alemães em posição de liderança saudariam o fato se Einstein quisesse transferir sua escrivania e seu observatório astronômico para Jerusalém ou algum lugar nos Estados Unidos, visto que com essa mudança de lugar a ciência nada poderia perder e a germanidade só teria a ganhar.

Ele se chama Naumann e disse tal coisa no *Neues Wiener Journal*. Uma declaração que justifica dez vezes o antissemitismo que não quer admitir. O reconhecimento de que a propaganda dos horrores é uma propaganda das mentiras continua sem ter recebido agradecimentos, por mais bem-sucedida que nele se mostre a assimilação a uma moral que tacha a verdade de mentira, à variedade do duplo mentiroso. Mas o tipo mesquinho que nega o sofrimento do outro para sua própria segurança pertence a esta região e a este tempo. Ele deixa apenas uma esperança, que se baseia numa última desculpa: que os bispos franceses não avaliem o testemunho dos judeus alemães como invalidação, e sim como confirmação de uma miséria que ainda permitiu que lhe extorquissem seu desmentido e que até foi o próprio estímulo para tanto.

Em nosso país, onde ela ainda não exerce tal coerção, eles não se deixam privar, passando por cima da dificuldade momentânea, de continuar a luta da alma liberal “pela Grande Alemanha”. Vê-se o quanto me afastei do quaternário quando pergunto:

23 Max Naumann (1875-1937): advogado alemão, presidente da Associação dos Judeus Nacional-Alemães.

36 4.11 SEÇÃO 11: O adesismo dos jornais austríacos (da página 102, linha 36, à página 107, linha 23).

38 Grande Alemanha: nome do Estado que surgiria da fusão entre a Alemanha e a Áustria. A ideia de uma Grande Alemanha remontava ao século XIX, mas só se efetivaria com a anexação da Áustria, em 1938.

[103] abgeschweift bin, wenn ich frage: Was sagt man zur Neuen Freien Presse? Zu einem Unternehmen, dessen Aktien auf 25 Groschen gesunken waren und das plötzlich von irgendwoher Zuschuß an nationaler Lebenshoffnung bekam. Wir stehen ja
5 noch nicht vor der Übergabe, aber eine Verträglichkeit macht sich bemerkbar, als hätte ein unwiderstehlicher Schnurrbart den Vorzug vor der Nase der Kleopatra, die doch, wie man sich vom Weltkrieg her erinnert, eine ihrer größten Schönheiten war. An der natürlichen Verworfenheit des Neuen Wiener
10 Journals, an dem Hang, Tatbestände zu verleugnen, zu verschweigen, im Notfall zu verfälschen und schon im Titel umzulügen, muß man nicht Anstoß nehmen. Aber was sagen die Glaubensgenossen, für die sie die Bibel war, zu den Einzelaktionen der Neuen Freien Presse? Sie spielt Prävenire, indem sie
15 schon jetzt alle vier von sich streckt. Es soll sie nicht überraschen wie die Kolleginnen in Berlin. Sie ist noch eine von der alten Garde, die sich ergibt, aber nicht stirbt; und bevor noch gekämpft wird. Sie war es, die die Versicherung, daß im Dritten Reich »Ruhe und Ordnung herrscht« und »jeder deutsche
20 Staatsbürger jüdischen Glaubens seinen Geschäften nachgeht«, allemal und noch nach der offiziellen Erledigung der jüdischen Ärzte und Anwälte gedruckt hat; die am 31. März, am Vortag des Boykotts, die Feststellung einer Firma brachte, daß im Bereich ihrer Organisation,
25
die sich über das ganze Reich erstreckt, nicht ein einziger Fall von Verfolgungen oder Angriffen auf Andersdenkende oder Angehörige fremder Staaten, bestimmter Rassen oder Religionsgemeinschaften vorgekommen sei.
30
Ja, noch am 2. April verzeichnete sie »eine so große Anzahl von Telegrammen und Briefen«, daß sie nicht in der Lage war, sie zu veröffentlichen, aber doch der Erklärung Raum gab,
35
daß die Geschäftstätigkeit in Deutschland bis jetzt an keiner Stelle eine Unterbrechung oder Behinderung erfahren hat im Zusammenhang mit der politischen Umwälzung. Auch die jüdische Geschäftswelt konnte bisher unbehelligt ihren Geschäften nachgehen.

[103] O que se diz sobre o jornal *Neue Freie Presse*? Sobre um empreendimento cujas ações baixaram a 25 centavos e que repentinamente, de algum lugar, recebeu um subsídio de esperança nacional de viver. Ainda não nos encontramos diante

5 do traspasse, mas vai tornando-se perceptível uma tolerância, como se um bigode irresistível tivesse preferência frente ao nariz de Cleópatra, que, no entanto, como nos recordamos da Guerra Mundial, era uma de suas maiores belezas. Não precisamos nos escandalizar com a vileza natural do *Neues*

10 *Wiener Journal*, com sua tendência a desmentir os fatos, omiti-los e, em caso de necessidade, falsificá-los e transformá-los em mentira já no título. Mas o que dizem sobre as ações isoladas do *Neue Freie Presse* os correligionários para quem este jornal era a bíblia? Ele se antecipa, caindo morto no chão já agora. Ele não

15 quer ser apanhado de surpresa como os colegas de Berlim. Ele ainda é um jornal da velha guarda, que se rende mas não morre; e isso ainda antes da luta começar. Foi esse jornal que imprimiu a asseveração, todas as vezes e mesmo depois da liquidação oficial dos médicos e advogados judeus, de que no Terceiro

20 Reich “reinem a tranquilidade e a ordem” e que “todo cidadão alemão de confissão judaica está cuidando de seus negócios”; foi esse jornal que em 31 de março, na véspera do boicote, publicou a constatação de uma firma dizendo que no âmbito de sua organização,

25

que se estende por todo o Reich, não ocorreu um único caso de perseguição ou agressão a pessoas que pensam diferente ou sejam membros de Estados estrangeiros, raças ou comunidades religiosas específicas.

30

Sim, ainda em 2 de abril ele registrou “um número tão grande de telegramas e cartas” que não esteve em condições de publicá-las, mas deu espaço ao esclarecimento

35 de que a atividade comercial na Alemanha não sofreu até agora, em nenhum lugar, qualquer interrupção ou impedimento relacionados com a reviravolta política. O mundo comercial judaico também pôde, até agora, cuidar de seus negócios sem ser perturbado.

5 Traspasse: transferência do contrato de locação ou arrendamento, ou de estabelecimento comercial, a outrem.

7-8 O nariz de Cleópatra [...] era uma de suas maiores belezas: fala de um personagem de *Os últimos dias da humanidade* (ato IV, cena 26) que cita o início de um editorial disparatado do *Neue Freie Presse* publicado durante a Primeira Guerra Mundial.

[104] Dem Freimut der Bekenner, der nicht unterdrückt werden sollte, widerfuhr allerdings die witzige Einschränkung:

(Diese Mitteilungen stammen sämtlich aus der Zeit
5 vor der Verhängung des Boykotts.)

Ist jemals zu einem Nichtschaden satanischerer Spott gefügt worden als durch das Dazwischentreten dieses 1. April? Doch, durch die symbolische Klammer seiner Konstatierung! Es waren Telegramme vom 31. März: als der Boykott längst angesagt
10 war. Aber tatsächlich mußten solche Dokumente gerade nachher verfertigt werden, nur daß selbst die Neue Freie Presse nicht mehr die Schamlosigkeit hatte, den Hohn zu drucken. Immerhin hatte sie sie am Vortag aufgebracht zu der Verkündung, mit
15 der der Leitartikel schloß:

Die Greuelpropaganda wird von selbst in Nichts zerfallen durch die Kraft der Wahrheit.

20 Wie die Verkünderin diesen Begriff von Wahrheit taxiert, der so datumhaft begrenzt ist, zeigte der Beginn eines Leitartikels, den sie kurz zuvor hatte, das Unbezahlbarste, das sie jemals gedruckt hat:

25 Was wir gestern schrieben, erweist sich als völlige Wahrheit.

Sonst aber läßt sie noch den »Kulturbund« erklären, daß den ihm nahestehenden »geistigen Persönlichkeiten« nicht das geringste geschehen sei; den Touringklub, wie gut es den Juden
30 speziell in Chemnitz geht (wo alle schon im Braunen Haus waren); Greuel meldete sie als zivile Mordfälle ohne Andeutung des Milieus und so, daß die Mörder nicht »SA.-Männer« waren, sondern schlechthin »Männer«; Delinquenten in Österreich kommen mit dem Anfangsbuchstaben davon; die Zentrums-
35 mißhandlungen merzt sie aus, als wäre ich das Opfer; im Chaos blutiger Schufterei tadelt sie die Absetzung des Dresdner Dirigenten; eine Fälschung des Wolffbüros nennt sie ganz richtig eine »Abschwächung«; nach einer Hitlerrede betont sie
40 »Einmütige Zustimmung der deutschen Presse« und sogar des

[104] Contudo, à franqueza dos partidários, que não deveria ser reprimida, aconteceu esta engraçada restrição:

(Essas informações provêm todas do período anterior à
5 imposição do boicote.)

Alguma vez já se infligiu zombaria mais satânica a um não dano que por meio da intromissão desse 1º de abril? Sem dúvida, pelo parêntese simbólico de sua constatação! Eram telegramas de 31
10 de março: quando o boicote já fora anunciado há muito tempo. Mas, na realidade, tais documentos precisaram ser fabricados imediatamente depois, só que mesmo o *Neue Freie Presse* não tinha mais o descaramento de imprimir o escárnio. Em todo caso, ele os citou na véspera junto ao anúncio que rematou o
15 editorial:

A propaganda dos horrores vai se desfazer em nada por conta própria mediante a força da verdade.

20 Como o anunciador avalia esse conceito de verdade, tão limitado em termos de data, eis uma coisa que foi mostrada pelo início de um editorial que ele publicou pouco antes, o mais impagável que ele jamais imprimiu:

25 O que escrevemos ontem revela-se como a completa verdade.

Mas, de resto, ele ainda deixa a “Liga Cultural” declarar que não aconteceu absolutamente nada às “personalidades intelectuais” que lhe são próximas; e o Automóvel Clube, o
30 quanto as coisas estão indo bem aos judeus, especialmente em Chemnitz (onde todos já estiveram na Casa Marrom); noticia os horrores como sendo assassinatos civis, sem indicar o meio em que ocorreram e não dizendo que os assassinos eram “homens da SA”, mas simplesmente “homens”; na Áustria, delinquentes
35 se safam com as iniciais; ele extirpa os maus-tratos contra o Partido Centrista como se eu fosse a vítima; no caos de patifaria sangrenta, critica a destituição do maestro de Dresden; chama uma falsificação da Agência Wolff, de maneira totalmente correta, de “atenuação”; após um discurso de Hitler,
40 ressalta a “adesão unânime da imprensa alemã” e inclusive do

27 Liga Cultural: mais exatamente, Liga Cultural dos Judeus Alemães (*Kulturbund Deutscher Juden*). Organização fundada em Berlim em julho de 1933 com o propósito de oferecer alternativas aos artistas judeus e ao público judeu diante da progressiva expansão das produções culturais orientadas segundo a ideologia nacional-socialista. Promovia encenações teatrais, operísticas, concertos e exposições. Com exceção dos funcionários da polícia secreta nazista, que supervisionavam os espetáculos, o acesso era limitado apenas a judeus. Suas atividades foram suspensas após a chamada Noite dos Cristais, um *pogrom* organizado pelo Partido Nazista contra os judeus em 09-10/11/1938, retomando seus trabalhos por ordem de Goebbels em 20/11/1938. Em 11/09/1941 a Liga Cultural foi definitivamente dissolvida pela polícia secreta nazista.

36 Partido Centrista (*Zentrum*): partido católico alemão, forçado pelos nazistas a se autodissolver em 05/07/1933. “Como se eu fosse a vítima”: Kraus alude ao fato de ser sistematicamente silenciado pelo jornal em questão.

[105] ›Völkischen Beobachters‹; und kann sich nicht genug tun, jenem zu sagen, wie viel er doch schon erreicht habe und daß er doch jetzt schon ein wenig großmütig sein könnte. Goldene Worte jedoch, wenn sie schreibt:

5

Es gibt in dieser stürmischen Zeit nicht nur Äußerungen der Schwäche, der Servilität, der raschen Wandelbarkeit, über die man gern, wenngleich mit schmerzlichen Empfindungen, zur Tagesordnung übergehen möchte, 10 sondern auch Kundgebungen, die wahren Mannesmut verraten....

wiewohl sie nicht etwa die Fälle meint, wo sie die eigene Stimme, den Orkan übertönend, zu Protesten erhob wie solchen: 15

(Dieser Preußengeist hat keineswegs Duldsamkeit ausgeschlossen. Anm. d. Red.)

(Solche Angriffe sind auf das tiefste zu bedauern. Anm. d. Red.) 20

Aber die jüdische Red ist doch etwas kurz für den deutschen Wahn, und der Leitartikel, der nur im Sprachlichen eine gewisse Absage an das Deutschtum verrät, läßt die Gedankenflucht, auf der sich Benedikts Stimmungen immer befanden, als 25 Panik erscheinen. Diese äußert sich freilich nicht lärmend, jedoch betamt. Die Sprache geht sammetpfotig um den Brei, der nicht so heiß gegessen wird. Bombenattentate sind der nationalen Sache abträglich; die Rundfunkpropaganda stört das brüderliche Verhältnis, anstatt Sympathie und Zuneigung zu wecken; wird sie trotz Versprechungen fortgesetzt, so kommt es 30 darauf an, die Erwartung nicht gänzlich zu enttäuschen, daß neue Anlässe zu Streitigkeiten vermieden werden, denn die Empfindlichkeit ist angewachsen; Schmähschriften, aus Flugzeugen herabgeworfen, sind höchst unnütze Nadelstiche. Auf 35 solche Art, fürchtet sie, werden die Ziele der Nationalsozialisten in Österreich nicht gefördert, sondern nur jene unterstützt, die Deutschland Mißtrauen entgegenbringen und die Friedlichkeit seiner Politik in Zweifel ziehen. Zu solchen möchte sie um keinen Preis gehören; auf die Gefahr hin, daß sich die alte

[105] *Völkischer Beobachter*; e não consegue parar de dizer àquele o quanto, afinal, ele já alcançou e que agora já poderia ser um pouco generoso. Palavras de ouro, no entanto, quando escreve:

5

Nesta época tempestuosa não há apenas manifestações de fraqueza, de servilismo, de rápida mutabilidade, que, embora com sentimentos dolorosos, gostaríamos de ignorar e passar à ordem do dia, mas também
10 declarações que revelam verdadeira coragem viril...

embora ele possivelmente não se refira aos casos em que, sobrepondo-se ao ruído do furacão, levantou sua própria voz em
15 protestos como estes:

(Esse espírito prussiano de forma alguma excluiu a tolerância. N. da Red.)

(Cabe lamentar profundamente tais ataques. N. da Red.)

20

Mas a Red. judaica é um tanto curta para a loucura alemã, e o editorial, que apenas no âmbito da linguagem revela uma certa recusa da germanidade, faz a fuga de ideias, em que os humores de Benedikt sempre se encontraram, parecer pânico.

25 Este certamente não se manifesta com ruído, mas habilmente.

A linguagem anda com patas de veludo em volta do mingau, que não é comida tão quente. Atentados à bomba são prejudiciais à causa nacional; a propaganda radiofônica atrapalha a relação fraternal em vez de despertar simpatia e
30 afeição; se ela for continuada apesar das promessas, importa não frustrar inteiramente a expectativa de que novas ocasiões para desentendimentos sejam evitadas, pois a suscetibilidade aumentou; panfletos difamatórios, lançados de aviões, são alfinetadas extremamente desnecessárias. Dessa maneira, teme o

35 jornal, não se promovem as metas dos nacional-socialistas na Áustria, mas apenas se apoia aqueles que mostram desconfiança em relação à Alemanha e colocam em dúvida o caráter pacífico de sua política. Ele não quer estar entre estes a preço algum; com o risco de que se levante a velha

1 *Völkischer Beobachter*: a ironia involuntária da constatação do *Neue Freie Presse* está no fato de o *Völkischer Beobachter* ser praticamente o órgão oficial do governo após a tomada de poder nazista.

21 Mas a Red. judaica é um tanto curta para a loucura alemã: em alemão, “*Aber die jüdische Red ist doch etwas kurz für den deutschen Wahn*”, onde Red se refere tanto à abreviatura de *Redaktion* quando à Rede (discurso, fala), o que remete à expressão “*langer Rede kurzer Sinn*” (para resumir, resumindo), que é tomada de Schiller (*Piccolomini*, ato I, cena 2: “*Was ist der langen Rede kurzer Sinn?*” = “Qual é o sentido curto dessa fala longa?”), em que é uma incitação para que o interlocutor se exprima mais concisa e claramente. A complexidade da alusão se torna ainda maior pela troca de *Sinn* (sentido) por *Wahn* (delírio, loucura), substituição em que ecoa a palavra *Wahnsinn* (loucura, insanidade). O adjetivo “judaica” se explica pelo fato de o editor do *Neue Freie Presse* ser judeu.

24 Ernst Benedikt (1882-1973): jornalista e historiador, editor do jornal austríaco *Neue Freie Presse*, função em que substituiu seu pai, Moritz Benedikt, falecido em 1920.

26-27 A linguagem anda com patas de veludo em volta do mingau, que não é comida tão quente: mescla de duas locuções: “*um den Brei herumgehen*” (andar em volta do mingau = enrolar, falar por rodeios) e “*es wird nicht so heiss gegessen wie es gekocht wird*” ([o prato] não é comida tão quente quanto é preparado = as coisas não são tão graves quanto parecem).

[106] »Laienfrage« erhebt, ob hier nicht das Angenehme mit dem Nützlichen verbunden werde. Sie wagt ein Bedauern,

daß die populäre Agitation weit über die Stränge schieße.

5

Nie schlägt sie selbst übers Ziel; und bis heute hält sie an der Version fest, es werde vermutet, daß der Ermordung Lessings politische Motive zugrundeliegen. Die Absage Toscaninis gibt ihr: zu denken. Solches auch vielen Abonnenten, die stutzig
10 werden und sich fragen, warum sie nicht gleich die »Dötz« halten sollen, die ja auch nicht deutsch kann, aber doch weit mehr Greuelpropaganda treibt. Und dabei kommen sie ihr gar nicht auf die versteckten Gaunereien, die sie verübt, um länger als Lippowitz im Dritten Reich geduldet zu sein. Mit Recht ver-
15 wahrt sie sich gegen die »Falschmeldung«, daß sie »in einer speziellen Auflage für Deutschland Meldungen, die dort Anstoß erregen könnten, wegläßt und durch andere ersetzt«. Das besorgt sie schon in der Auflage für Österreich und nicht bloß dadurch, daß sie solche Meldungen wegläßt, sondern auch so, daß
20 sie sie in Falschmeldungen verwandelt. Was zum Beispiel macht sie aus dem Satz der »Times«:

In Großbritannien hat es niemals eine sehr starke öffentliche Meinung für die mögliche Verschmelzung des österreichischen und des deut-
25 schen Volkes gegeben....

Das Gegenteil in Sperrdruck macht sie daraus:

Es habe in England niemals eine starke Gegenbewe-
30 gung um die Frage einer möglichen Vereinigung Deutschlands mit Österreich bestanden.

Die Fortsetzung:

35 Die Gewalttaten und die Außerachtlassung der guten Umgangsformen auf deutscher Seite und der betonte Widerstand der österreichischen Regierung haben die britischen Sympathien auf Seite Dollfuß' vereinigt....

40 mäßigt sie für das Bedürfnis der Berliner »City«:

[106] “questão leiga” de saber se aqui não se une o útil ao agradável.
Ele ousa lamentar

que a agitação popular dispare acima de todos os limites.

5

Ele próprio nunca bate acima do limite; e até hoje se aferra à versão de que se supõe que o assassinato de Lessing tenha motivações políticas. A recusa de Toscanini lhe dá: o que pensar. E também a muitos de seus assinantes, que ficam

10 perplexos e se perguntam por que não adquirir o *Döztz* logo de uma vez, que afinal também não sabe alemão, mas faz muito mais propaganda dos horrores. E, apesar disso, eles não descobrem nenhuma das vigarices ocultas que ele comete a fim de ser tolerado no Terceiro Reich por mais
15 tempo que Lippowitz. Ele protesta com razão contra a “falsa notícia” de que “numa edição especial para a Alemanha ele omite e substitui por outras aquelas notícias que lá poderiam causar escândalo”. Ele já cuida disso na edição para a Áustria, e não só pelo fato de omitir tais notícias, mas também por
20 transformá-las em notícias falsas. O que ele faz, por exemplo, desta frase do *Times*?

Na Grã-Bretanha jamais houve uma opinião pública muito forte em favor da possível fusão entre os povos austríaco e
25 alemão...

Ele faz o contrário em espacejado:

Na Inglaterra jamais existiu um movimento contrário
30 forte em torno da questão de uma possível unificação entre a Alemanha e a Áustria.

Ele modera a continuação:

35 Os atos de violência e a negligência das boas maneiras do lado alemão e a acentuada resistência do governo austríaco uniram as simpatias britânicas do lado de Dollfuss...

40 para a necessidade da *city* berlinense:

7 Theodor Lessing (1872-1933): filósofo e escritor alemão. Assassinado por agentes nazistas em Marienbad, Tchecoslováquia, em 31/10/1933. Foi um dos muitos intelectuais judeus de oposição perseguidos e mortos pelo nazismo *fora* da Alemanha.

8 Arturo Toscanini (1867-1957): maestro italiano. Em 05/06/1933 recusou-se a participar dos Festivais de Bayreuth (promovidos para encenar as óperas de Richard Wagner) em protesto à perseguição de artistas judeus na Alemanha.

10 *Döztz*: jornal nazista austríaco (*Deutschösterreichische Tageszeitung* = *Diário austroalemão*).

15 Jacob Lippowitz (1865-1934): jornalista austríaco, editor do *Neues Wiener Journal*.

[107] Die Einstellung in Deutschland und die zu verstehende Opposition der österreichischen Regierung haben die englischen Sympathien auf Dollfuß' Seite gebracht.

5 Die Rede des früheren Unterstaatssekretärs Dalton auf der Pariser sozialistischen Konferenz fälscht sie so, daß sie aus der Stelle:

Die Verachtung, die die Hitler-Regierung in ganz England finde,
10 sei unvorstellbar groß. In dieser Frage gebe es in England trotz den sonstigen schweren Gegensätzen der Parteien und der Klassen nur eine Meinung, nur eine gemeinsame Stimme des Abscheus

den schlichten Satz formt:
15

Die Hitler-Regierung finde in ganz England Verurteilung.

Aber sie wird der richtigen Lesart so wenig entgehen wie die Hitler-Regierung. Bestimmt sie der Wunsch, gleich den deutschen Juden unbehelligt ihren Geschäften nachgehen zu können?
20 Ohne Zweifel; aber doch auch jene Gesinnung, mit deren Ausdruck meine Kommerzialräte den Weltkrieg begleitet haben: »Man hat scho genug von die Graiel«.

Es ist die Beschwörungsformel, die sich niemals gegen die Täter, eher gegen die Opfer, immer gegen die Boten der Tat wendet, und die dem vorwaltenden Gesellschaftsbedürfnis der Phantasiearmut gerecht wird. Hat man doch wieder den größeren Greuel mitmachen können, daß sie »es nicht glauben« und daß sie nur jenen glauben, die von einem zufälligen Standort
30 aus einen Komplex beurteilen, der, mag er auch noch so umfänglich sein, doch gewiß nicht, und vollends nicht gleichzeitig, den ganzen Raum einer Öffentlichkeit auszufüllen vermöchte. Unerschütterlich blieb der Kredit der Deutschland-Reisenden, die von dem Faktum, daß sie »nichts gesehen haben«, darauf
35 schließen, daß nichts geschehen sei und alles in Ordnung. So einer war ja wirklich bei mancher Unterlassung dabei, über welche er nun aus eigener Wahrnehmung glaubhaft auszusagen weiß, und daß er nichts gesehen hat, können wieder andere bestätigen, die in der gleichen Lage waren. In solchen Zeiten
40 verfängt nicht die primitivste logische Erwägung: ob das, was

[107] A atitude na Alemanha e a compreensível oposição do governo austríaco trouxeram as simpatias inglesas para o lado de Dollfuss.

5 Ele falsifica de tal modo o discurso do ex-subsecretário de Estado Dalton, pronunciado na conferência socialista parisiense, que deste trecho:

O desprezo que o governo de Hitler encontra em toda a Inglaterra é
10 inconcebivelmente grande. Nesta questão, apesar das severas oposições habituais entre os partidos e as classes, há na Inglaterra uma só opinião, uma só voz conjunta de repulsa

cunha esta frase singela:

15

O governo de Hitler encontra condenação em toda a Inglaterra.

Mas ele escapará tão pouco da versão correta quanto o governo de Hitler. Será ele determinado pelo desejo de, assim como os
20 judeus alemães, poder cuidar de seus negócios sem ser perturbado? Sem dúvida; mas também por aquela atitude com cuja expressão meus conselheiros comerciais acompanharam a Guerra Mundial: “A gente já tá cheio dos horror”.

Essa é a fórmula invocatória que jamais se volta contra os
25 perpetradores, antes contra as vítimas, sempre contra os mensageiros do crime e que corresponde à necessidade social predominante da pobreza da imaginação. Pois mais uma vez se pôde participar do horror maior de que eles “não acreditam” e só acreditam naqueles que, de um ponto aleatório, julgam um
30 complexo que, por mais amplo que seja, certamente não seria capaz de preencher todo o espaço de uma esfera pública e muito menos simultaneamente. Imperturbável permaneceu o crédito dos estrangeiros que viajaram pela Alemanha e que do fato de “nada terem visto” concluem que nada aconteceu e que tudo está
35 em ordem. Um ou outro desses viajantes estava realmente presente a algumas omissões, sobre as quais pode agora falar de maneira verossímil a partir de sua própria percepção, e o fato de não ter visto nada pode por sua vez ser confirmado por outros que estiveram na mesma situação. Em tempos assim, a mais
40 primitiva ponderação lógica não tem efeito: a de saber se o que

6 Hugh Dalton (1887-1962): político britânico (Partido Trabalhista).

23 “A gente já tá cheio dos horror”: Kraus, *Os últimos dias da humanidade*, ato V, cena 30.

24 4.12 SEÇÃO 12: Propaganda dos horrores (da página 107, linha 24, à página 111, linha 11).

[108] geschieht, überall und überhaupt sichtbar sein müßte; geschweige denn die sittliche: ob es nicht umgekehrt richtiger wäre, einen Fall geflissentlich zu verzehnfachen, wenn es nur so gelänge, die Aufmerksamkeit auf ihn zu lenken, das Gewissen auf die Möglichkeit, und wenn es doch mit der Überzeugung unternommen würde, daß faktisch zehnmal mehr geschehen ist. Genügt denn nicht zur Vergewisserung ihres Tuns, was sie reden und wie sie leugnen? Haben die Greuel Täter nicht die Greuel, die sie in Einem photographierten und dementierten, als »Folge der Propaganda« zugegeben? Wird nicht mindestens nachträglich wahr gemacht, was zuerst »gelogen« war? (Und nachträglich fast die Greuelpropaganda des Weltkriegs beglaubigt.) Als könnte überhaupt so viel gelogen werden, wie da wahr ist, und als wäre Lüge ein Vorwurf, den die Systematiker der Lüge gegen andere erheben dürften! Welche prinzipielle Unsauberkeit, das Dementi einer Ermordung, die bloß schwere Körperverletzung war, als Grundlage genereller Entkräftung zu offerieren! Und welche Erbärmlichkeit die Bereitschaft, es als Grundlage der Beruhigung hinzunehmen: weil es doch zeige, wie die gute Sache verleumdet wird, wenn man ihr Opfer als tot ausgibt, das entsetzten Augenzeugen »wie tot« dazuliegen schien! Als gäbe es ein Protokoll der Panik oder auch nur die Möglichkeit von »Information« bei einer Gewalt, die die Grabesstille, zu der sie Menschen verurteilt, noch von deren Müttern und Gattinnen erpreßt.

Am 16. d.M. ging mein lieber Mann still dahin.

Das Begräbnis wurde in aller Stille durchgeführt.

30 Durch ein Mißverständnis wurde mir mein Mann entris-
sen. Um stilles Beileid bittet – –

Unsagbarer Jammer! Kann »Übertreibung« einer Sphäre nahetreten, wo Aussage, Teilnahme und Nachforschung verwehrt ist und dem Terror nur die Furcht begegnet, Leiden zu vermehren und die Ansteckung dieser absurden Gefahr zu verbreiten? Könnte es denn, wo nur der leiseste Verdacht auf »Greuel« besteht, ein sittlicheres Tun geben als »Propaganda«, eine lügenhaftere, nichtswürdigere Fiktion als deren Vorwurf?

[108] acontece precisaria mesmo ser visível e sê-lo por toda parte; para não falar da ponderação moral: a de saber se, ao contrário, não seria mais correto multiplicar intencionalmente um caso por dez se apenas assim fosse possível dirigir a atenção para ele, dirigir a consciência moral à possibilidade, e se isso fosse empreendido com a convicção de que de fato aconteceu dez vezes mais. Pois, para assegurar-se de seu agir, não basta o que dizem e a forma como negam? Os perpetradores do horror não admitiram o horror, que fotografaram e desmentiram num só fôlego, como “consequência da propaganda”? O que de início era “mentido” não é transformado em verdade, pelo menos posteriormente? (E, posteriormente, a propaganda dos horrores da Guerra Mundial é quase atestada.) Como se fosse mesmo possível mentir tanto quanto há de verdade e como se mentira fosse uma repreensão que os sistematistas da mentira tivessem o direito de levantar contra outros! Que imundície fundamental oferecer o desmentido de um assassinato, que foi apenas lesão corporal grave, como base para a invalidação geral! E que coisa deplorável a prontidão de aceitá-lo como base para a tranquilização: porque mostraria como a boa causa é caluniada quando se faz passar por morta sua vítima, que, para testemunhas oculares horrorizadas, parecia jazer “como morta”! Como se houvesse um protocolo do pânico ou mesmo apenas a possibilidade de “informação” junto a um poder que ainda extorque das mães e esposas o silêncio sepulcral ao qual condena os homens.

No dia 16 deste mês meu querido marido partiu em silêncio.

O enterro realizou-se no silêncio do círculo familiar.

30 Meu marido me foi arrancado em razão de um mal-entendido.

No aguardo de condolências silenciosas, — —

Indizível desgraça! Poderá o “exagero” se aproximar de uma esfera em que declaração, participação e investigação são impedidas e apenas o medo de multiplicar sofrimentos e disseminar o contágio desse perigo absurdo se opõe ao terror? Poderia haver, lá onde existe apenas a mais ligeira suspeita de “horror”, uma ação mais moral que a “propaganda”, uma ficção mais mentirosa e mais infame que sua acusação?

[109] Natürlich ist es »nicht zu glauben« und alles klingt erfunden; sei der greuliche Inhalt nun simpel oder raffiniert. Doch mit Namen, Ort, Zeit und jeglichem Umstand wird beglaubigt, was zu einfach für die Erfindung wäre:

5

Ein Hochofenarbeiter sollte aus der Wohnung geholt werden. Die Frau bittet, ihn daheim zu lassen und hier auszufragen. Zwei Ohrfeigen strecken sie auf die Diele. Die Kinder, ein elfjähriger Knabe und ein neunjähriges Mädchen, kommen herzu, weinen, knien nieder und heben die Hände bittend für Vater und Mutter. Ein SA.-Mann nimmt den Gummiknüttl und schlägt auf die Kinder ein.

10

Wie unglaublich erst der Bericht, wenn der Vorgang der erfinderischen Phantasie von Menschenquälern entstammte:

15

Ein unscheinbarer Jude ernährt durch Lumpenhandel seine fünf Kinder. Zu ihm kommen SA-Leute und verlangen fünfhundert Mark. Er kann sie nicht geben, weil er sie nicht hat; er hat wohl niemals soviel Geld auf einmal gesehen. Sie schlagen ihn, daß er wimmernd auf dem Fußboden liegt. Endlich stöhnt er: »In der Kommode sind 30 Mark für die Mietrate.« Sie nehmen das Geld. Dann gießen sie ihm einen vollen Liter Rhizinusöl ein, stecken ihn in einen Leinensack, binden beim Hals zu und schleifen ihn in den Keller. Das Öl wirkt, der Mann kauert buchstäblich in Kot und Urin vier Tage. Sein Schreien hört man in der Straße. Ein Metzger befreit ihn. Als das Opfer aus der Badewanne steigt, ist sein Leib vom Schmutz angefressen, als wäre er stundenlang gefesselt in einem Ameisenhaufen gelegen.

20

25

Nur einer der Fälle, wo es noch gestattet ist, einen Wirtschaftsfaktor »in der Freiheit der Entschlüssen zu behindern«. Einer der tausend Fälle, wo kein Metzger, sondern die europäische Polizei einzuschreiten hätte. Einer der tausend Fälle, über die nicht nur der Saal, der es hörte, sondern die Menschheit aller Rassen und Religionen in gellende Pfuirufe ausbräche, und erst dann hätte der Vermerk Gewicht:

30

35

Viele Frauen weinen.

Aber die andern glauben es nicht, und die es für möglich halten, beruhigen sich bei der Aufklärung des Ehrenvorsitzenden, es handle sich um die Differenz einzelner mit dem einzelnen Lum-

40

[109] É claro que essas coisas são “inacreditáveis” e tudo soa inventado; seja o conteúdo horrendo simples ou refinado. Contudo, com nome, lugar, hora e cada circunstância se atesta o que seria simples demais para a invenção:

5

Queriam levar um operário de alto-forno de sua residência. A mulher pede para que o deixem em casa e o interroguem ali. Duas bofetadas a deixam estendida no assoalho. Os filhos, um menino de onze anos e uma menina de nove, aproximam-se, choram, ajoelham-se e levantam as mãos implorando em favor do pai e da mãe. Um homem da SA pega o cassete de borracha e espanca as crianças.

10

O relato é mesmo inacreditável quando o processo da imaginação inventiva provém de torturadores:

15

Um judeu insignificante alimenta seus cinco filhos negociando velharias. Homens da SA chegam a sua casa e exigem quinhentos marcos. Ele não pode dá-los, pois não os têm; provavelmente jamais viu tanto dinheiro de uma só vez. Eles o espancam de tal maneira que ele termina caído no chão, choramingando. Por fim, ele geme: “Na cômoda há trinta marcos para o aluguel”. Eles pegam o dinheiro. Depois lhe enfiam um litro inteiro de óleo de rícino goela abaixo, metem-no num saco de linho, que é amarrado na altura do pescoço, e o arrastam ao porão. O óleo faz efeito; o homem passa quatro dias literalmente agachado em fezes e urina. Seus gritos são ouvidos na rua. Um açougueiro o liberta. Quando a vítima sai da banheira, seu corpo está carcomido pela sujeira, como se tivesse passado horas a fio amarrado sobre um formigueiro.

20

25

Apenas um dos casos em que ainda é permitido “atrapalhar” um fator econômico “na sua liberdade de decisão”. Um dos milhares de casos em que não um açougueiro, e sim a polícia europeia deveria intervir. Um dos milhares de casos acerca dos quais não apenas a sala que ouviu o relato, mas a humanidade de todas as raças e religiões deveria irromper em vaias estridentes, e só então esta observação teria peso:

35

Muitas mulheres choram.

Mas os outros não acreditam, e aqueles que consideram isso possível se tranquilizam com a explicação do presidente honorário de que se trata de uma diferença entre indivíduos

40

[110] penhändler, die sie eben in ihrer Weise erledigt haben. Und es wäre auch ihm erspart geblieben, wenn er mit solchen Lumpen Handel getrieben hätte, denn dann hätte er mehr als dreißig Mark in der Kommode. »Ohne jeden Unterschied der besonderen Gefühlsrichtung« – als hätten sie Gefühl und Richtung –
5 bekennen sie, daß die Greuelpropaganda eine Lügenpropaganda ist, und vertrauen auf eine Ruhe und Ordnung, nachdem deren höchster preußischer Garant die Erklärung abgegeben hat:

10

Jeder Schuß eines SA.- oder SS.-Mannes ist ein Schuß von mir!

Doch ärger als Mord ist Mord mit Lüge, am ärgsten die Lüge
15 des Wissenden: Vorwand eines Unglaubens, der die Tat nicht glauben will, aber der Lüge; Willfähigkeit, sich so dumm zu stellen, wie die Gewalt ihn machen will; grausame Idiotie. Nein, Verlogeneres und Stupideres als diesen Begriff »Greuelpropaganda« kann es gar nicht geben, und sooft er auftaucht,
20 sei man sicher, daß kein Greuel so schlecht erfunden sein könnte wie diese Abwehr eines schlechten Gewissens, an Schmäählichkeit nur übertroffen von jenem Drang, nicht zu glauben, was man weiß, von dem Vorsatz, das Unvorstellbare auch für unwirklich zu halten und noch den Rest von Empfänglichkeit einem Mechanismus der Titelletern zu opfern, der
25 diese Aushöhlung verbrochen hat. Und solche Gemütsart, vom Klischee ans Ungeheure gewöhnt, befestigt wieder den Gebrauch seiner Disponenten, und so können sie für die Wahrheit eine Fassung finden, die sie vor ihr verlieren müßten:

30

Man kann ruhig sagen, daß Millionen von Menschen in Deutschland vor dem Hungertode stehen.

Wie sollte freilich jener Rest von Empfänglichkeit noch vorhanden sein zur Vergegenwärtigung eines männermordenden Wal-
35 tens, dessen Bericht von Verheißungen einer »Femina« durchquert wird? Wie wäre ihm die Vorstellung erlangbar einer Blutorgie johlender Landsknechte, auf deren Stichwort förmlich die Rehabilitierung eines Nachtlokals einsetzt, von dem –

[110] isolados e o negociante isolado de velharias, diferença que eles acabaram por resolver à maneira deles. Isso lhe teria sido poupado se tivesse negociado com tais velhacos, pois então teria mais do que trinta marcos na cômoda. “Sem qualquer distinção
5 entre orientações específicas de sentimento” – como se tivessem orientação e sentimento –, eles professam que a propaganda dos horrores é uma propaganda das mentiras e confiam em tranquilidade e ordem depois que seu máximo fiador prussiano fez esta declaração:

10

Cada tiro disparado por um homem da SA ou da SS é um tiro disparado por mim!

Porém pior que assassinato é assassinato com mentira, e pior
15 que tudo a mentira do sabedor: pretexto de uma incredulidade que não quer acreditar no crime mas na mentira; complacência daquele que se faz de bobo da maneira que a violência quer; cruel idiotice. Não, de forma alguma poderá existir algo mais mentiroso e mais estúpido que esse conceito de “propaganda dos
20 horrores”, e sempre que ele surgir, pode-se estar seguro de que nenhum horror poderia ser tão mal inventado quanto essa defesa de uma consciência pesada, apenas superada em ignomínia por aquele ímpeto de não acreditar naquilo que se sabe, pelo propósito de considerar o inimaginável como também irreal e ainda
25 sacrificar o resto de receptividade a um mecanismo de manchetes que cometeu esse esvaziamento. E tal índole, acostumada ao monstruoso pelo clichê, consolida por sua vez o costume de seus gerentes, e assim eles conseguem encontrar para a verdade uma redação que deveria fazê-los perder a compostura:

30

Pode-se dizer tranquilamente que milhões de pessoas na Alemanha estão prestes a morrer de fome.

No entanto, como ainda poderia existir aquele resto de receptividade que permitisse a alguém dar-se conta de um agir assassino
35 de homens cujo relato é atravessado pelas promessas de uma “Femina”? Como lhe seria acessível a ideia de uma orgia de sangue praticada por lansquenetes aos berros que dão a deixa para que de fato comece a reabilitação de um estabelecimento

28-29 E assim eles conseguem encontrar para a verdade uma redação que deveria fazê-los perder a compostura: em alemão, “*und so können sie für die Wahrheit eine Fassung finden, die sie vor ihr verlieren müßten*”, mais literalmente, “e assim eles conseguem encontrar para a verdade uma *Fassung* que deveriam perder diante dela”, onde *Fassung* tem primeiro o duplo sentido de “redação, versão” e depois o de “compostura, calma, controle, serenidade”.

37 Femina: Estabelecimento noturno vienense.

[111] und im Kontrast einer SA.-Kaserne mit Recht – gerühmt wird,
es sei »kein Sadistenkabarett«! Wie sollte die Hörschaft dieser
zügellosten Berichterstattung den Torturen eines alten Rabbi-
ners Mitleid zuwenden, wenn auf demselben Blatt die Wonnen
5 eines jüngeren Generaldirektors Ablenkung gewähren. Diesem
Zeitungs-begriff einer Humanität, die das Unglück zum Markt-
schrei prostituiert und die noch lügt, wenn sie die Wahrheit
sagt, entspricht vollauf der Habitus einer Leserschaft, die erst,
wenn sie ein Tausendstel zu spüren bekommt von dem, was sie
10 nicht glaubt, die Verbindung mit der Menschheit wieder auf-
nimmt. Hiebe im Zweifelsfall, damit sie an Gewalt glauben!

Und solcher Beschaffenheit durchaus angepaßt ist die der
Kulturfaktoren, die alles das, was sie nicht selbst betrifft, nicht
zu ihrer Sache machen, um diese nicht zu gefährden; und die
15 sich gegen das, was sie schon betroffen hat, in der Erwartung
wehrlos halten, es werde doch wieder gut ausgehen. Gegenüber
den leiblichen Maßnahmen einer erpresserischen Gewalt, die
den Wegwurf der Ehre erzwingt, schien ja in den Maßen dieser
politischen Welt kein Aufstand vorstellbar: weder von den no-
20 minellen Vertretern einer aufgelösten bürgerlichen Ordnung,
noch von einer Sozialdemokratie, die, in Ausübung einer
Macht hinfällig und verächtlich, heute Mann für Mann An-
spruch auf Erbarmen hat. (Gleichwohl gibt es eine Differenz
der Ausnahmen: zwischen Arbeitern, die einen Qualentod ster-
25 ben, bevor sie ein Lippenbekenntnis abgeben, und Führern, die
im Ausland »kämpfen«.) Gegen die Kasernierung der publi-
zistischen Prostitution war von deren Angehörigen kein Wider-
spruch zu erwarten; warum sollte sich etwas, das nicht vorhan-
den war: Gesinnung, nicht »gleichschalten« lassen? Gegen die
30 Unterwerfung eines beträchtlicheren Geisteslebens hat sich
mancher Protest erhoben, eindringlich genug, wenigstens das
Schweigen zu beschämen; gegen die Tobsucht, die die Univer-
sität als Schießstätte und Antiseminar reklamiert, sind Ge-
lehrte wie Franck und Stein, Planck und Koehler mutig aufge-
35 standen; gegen den Auftrag einer heroischen Orientierung der
Musen haben sich Künstler wie Liebermann und Ricarda
Huch gewehrt. Ein Beispiel bleibt auch Th. Th. Heine, der sich

[111] noturno elogiado – e, por contraste a uma caserna da SA, com razão – por “não ser um cabaré de sádicos”? Como os ouvintes dessa reportagem desenfreada poderiam manifestar compaixão pelas torturas de um velho rabino se os deleites de um jovem diretor geral oferecem distração na mesma página? Esse conceito jornalístico de um humanitarismo que prostitui a desgraça transformando-a em grito de feira, e que ainda mente quando diz a verdade, encontra sua completa correspondência na postura de leitores que somente restabelecem a ligação com a humanidade quando sentem um milésimo daquilo em que não acreditam. Para que acreditem na violência, pancadas em caso de dúvida!

E completamente adaptada a essa constituição é a dos fatores culturais, que não transformam em causa própria nada que não diga respeito a si mesmos para não ameaçá-la; e que, em relação àquilo que já os atingiu, mantêm-se indefesamente na expectativa de que as coisas acabem terminando bem mais uma vez. Frente às medidas físicas de uma violência extorsionária que força a jogar fora a honra, não parecia imaginável qualquer rebelião nas medidas desse mundo político: nem dos representantes nominais de uma ordem burguesa desintegrada, nem de uma socialdemocracia que, caduca e desprezível no exercício de um poder, tem hoje direito à misericórdia para cada um de seus membros. (Contudo, há uma diferença das exceções: entre trabalhadores que morrem uma morte de tormentos antes de darem uma confissão fraudulenta e líderes que “lutam” no exterior.) Contra o aquartelamento da prostituição jornalística não cabia esperar qualquer oposição de seus membros; por que algo que não existia: a mentalidade, não se deixaria “sincronizar”? Um certo protesto, impertinente o bastante para pelo menos envergonhar o silêncio, levantou-se contra a sujeição de uma vida intelectual mais ampla; estudiosos como Franck e Stein, Planck e Koehler levantaram-se corajosamente contra a fúria que reclama a universidade para o papel de campo de treinamento de tiro e antisseminário; artistas como Liebermann e Ricarda Huch defenderam-se da incumbência de dar uma orientação heroica às musas. Um exemplo também é T.T. Heine, que finalmente escapou

12 4.13 SEÇÃO 13: A indiferença dos “homens de cultura” (da página 111, linha 12, à página 122, linha 8).

25 Confissão fraudulenta: ou seja, confissão obtida por meios ilegais, como a tortura, a chantagem, a coação etc. Mais coloquialmente, talvez, “confissão da boca para fora”. Em alemão, *Lippenbekenntnis* (“confissão de lábios”), termo mais usual no contexto religioso e ideológico em geral, em que denota a adesão a uma causa apenas em palavras e não em ações.

31 James Franck (1882-1964): físico alemão, prêmio Nobel de 1925.

32 Ernst Stein (1891-1945): historiador alemão.

32 Max Planck (1858-1947): físico alemão, prêmio Nobel de 1918.

32 Wolfgang Koehler (1887-1967): psicólogo alemão, um dos fundadores da psicologia da Gestalt.

35 Max Liebermann (1847-1935): pintor alemão.

35 Ricarda Huch (1862-1943): escritora alemã.

37 Thomas Theodor Heine (1867-1948): desenhista alemão. Colaborador da revista satírica *Simplicissimus*.

[112] einer an allen Zeitwenden bewährten Verächtlichkeit des Milieus endlich entzog, nachdem diese gezeichnete Bande von Kunstkameraden die Macht gegen ihn herbeigewinkt hatte. (Dem Gulbransson hat es nicht gefrommt, »Alexas wurde treulos .. für diese Müh' hat Cäsar ihn gehängt. Canidius und die andern haben Kost und Löhnung, nicht ehrendes Vertraun.«) Herr Furtwängler, der seine Auslandsmöglichkeit sichern wollte, indem er mit dem Zwingherrn der Musen einen Gedankenaustausch pflog, zählt nicht und ist Staatsrat geworden.

10 Gerhart Hauptmann soll sich jenem ohne alle Strapaze anvertraut haben und nun gefaßt der Eventualität entgegensehen, daß der Maurer Mattern Oberpräsident von Schlesien wird. Aber die Literatenforderung, daß die Vertreter des geistigen Deutschland gegen die Mißhandlung der Berufsgenossen protestieren, entstammt einer Überschätzung der Literatur in deren ethischen Belangen und der Unterschätzung eines Unheils, dessen Eingriff in den Büchermarkt doch den geringsten seiner Effekte bedeutet. Nicht gegen das, was dem schreibenden Menschen, sondern gegen das, was dem Menschen widerfuhr, war zu schreiben oder zu handeln: mit dem Bekenntnis eine staatliche Würde abzulegen, die zu behalten der menschlichen entgegen ist. (Wie bedaure ich es heute, daß ich nicht in die deutsche Dichterakademie aufgenommen wurde!) Wenn »Hauptmann schweigt«, so ist es immer noch besser, als wenn Großmann spricht; aber ein Schritt von dem Wege, der ihn mit dem Bereich solcher Offizia verbindet, war von ihm zu erwarten, damit er nicht offiziös erscheine. Um des Geistes willen; mag auch dessen Ausrottung in nicht allzu vielen Berufsfällen wahrzunehmen sein. Denn sie wird durchaus betätigt, obschon in der

20 Literatur weniger durch Niederreißen als durch Aufbau. Der Geist hatte, jenseits der Gefährdung des Berufs, gegen ein Walten zu stehen, das mit grausamem Dilettantismus in die Region des Menschseins langt. Was soll das Journalistengeschrei über die Schwierigkeiten einer Kulturvertretung, die ja beweist, was sie wert war, da sie sich weder für ihre noch für die höhere Sache rührt, weder für die Interessen des Schrifttums noch für die Wohlfahrt der Menschen, die nicht bloß der Lektüre beraubt

[112] da baixeza do meio, comprovada em todas as viradas de época, depois que esse distinguido bando de camaradas da arte chamou o poder com um aceno para prejudicá-lo. (Isso não ajudou o Gulbransson, “Alexas foi infiel [...], César o enforcou por esse esforço. Canídio e os outros têm comida e soldo, mas não a confiança que honra”). O senhor Furtwängler, que queria assegurar suas possibilidades no exterior cultivando uma troca de ideias com o déspota das musas, não conta e se tornou conselheiro de Estado. Dizem que Gerhart Hauptmann confiou-se àquele sem qualquer fadiga e que agora, sereno, espera pela eventualidade de que o Maurer Mattern se torne presidente supremo da Silésia. Mas a exigência dos literatos de que os representantes da Alemanha intelectual protestem contra os maus tratos dos companheiros de profissão provém de uma supervalorização da literatura quanto à sua importância ética e da subvalorização de uma desgraça cuja intervenção no mercado livreiro significa o menor de seus efeitos. Não contra aquilo que aconteceu ao homem que escreve, e sim contra aquilo que aconteceu ao homem é que caberia escrever ou agir: ao definir uma posição, deixar de lado uma dignidade estatal cuja manutenção contraria a dignidade humana. (Como lamento hoje não ter sido aceito na Academia Alemã de Escritores!) Que “Hauptmann se cale” é ainda melhor que Grossmann fale; mas, para que ele não pareça oficioso seria de esperar dele um passo para fora do caminho que o liga ao âmbito de tais ofícios. Por amor ao espírito; por mais que sua erradicação não possa ser percebida no caso de um grande número de profissões. Pois ela é realmente praticada, embora na literatura menos por demolição que por construção. Indo além da ameaça à profissão, o espírito deveria ter se oposto a um agir que mete suas mãos com diletantismo cruel na região da existência humana. Para que serve a gritaria dos jornalistas sobre as dificuldades de representar a cultura, representação que afinal prova o quanto valia, visto que não se mexe em favor de sua causa nem pela causa mais elevada, não pelos interesses da literatura nem pelo bem-estar das pessoas que não foram privadas somente da

4 Olaf Gulbransson (1873-1958): desenhista norueguês, também colaborador da *Simplicissimus*.

4-6 Shakespeare, *Antônio e Cleópatra*, ato IV, cena 6.

7 Wilhelm Furtwängler (1886-1954): maestro alemão. Vice-presidente da Câmara de Música do Reich. Maestro da Filarmônica de Berlim de 1922 a 1945 e novamente a partir de 1947. Em 1931 tornou-se o responsável pelos Festivais de Bayreuth e em 1933 foi nomeado diretor da Ópera Estatal de Berlim. Foi um nome de peso na vida musical durante o período nazista, também pelo fato de a música ser a arte mais estimulada pelo regime. Neste, bem no espírito do romantismo, a música adquiriu a categoria de uma revelação divina que cabia ouvir com adoração e comoção, o que correspondia ao comportamento político que se esperava dos ouvintes e do povo em geral. Os concertos de Furtwängler desempenharam nisso importante papel ao colocar o repertório clássico-romântico a serviço dos fins da propaganda política.

10 Gerhart Hauptmann (1862-1946): escritor alemão, prêmio Nobel de 1912.

12 Maurer Mattern: padraсто que espanca a enteada, Hannele Mattern, protagonista da peça *A ascensão de Hannele*, de Gerhart Hauptmann, cuja cidade natal, Obersalzbrunn, fica no estado alemão da Silésia.

24 Stefan Grossmann (1875-1935): jornalista austríaco, editor do semanário *Das Tage-Buch*, colaborador do jornal vienense *Arbeiter-Zeitung* e de vários outros periódicos. Em 04/06/1933, publicou uma carta aberta a Gerhart Hauptmann intitulada “G.H.! Como pode o senhor se calar?”.

[113] wurden. Mancher hat nur so seinen Mann gestanden, daß er sich durch Blutleere des Worts von der Untat abhob. Es bedeutet ferner noch keine Höchstleistung von Bekennermut, wenn jetzt pünktlich jeder dieser Verbannten sich als Nachfolger Hei-
5 nes, der auch schon kein echter war, empfiehlt, obgleich es gewiß sympathisch berührt, daß auch Großmann, der eher ein Heimkehrer ist, die Sehnsucht nicht aus dem Innern treiben kann:

10 und ich murmele zuweilen die Verse des größten deutschen Emigranten vor mich hin:

Denk ich an Deutschland in der Nacht,

Bin ich um meinen Schlaf gebracht.

Zum Glück habe ich den Boden Österreichs nie ganz unter meinen Fü-
15 ßen verloren....

Auch der Boden weiß es sich zu schätzen, obschon nicht ohne Neid gegen den deutschen, welcher manchen Fußes entbehrt, der auf ihm nichts zu suchen hatte. Aber so war es nicht zu ma-
20 chen und nicht nach Reform von Höhlenbewohnern. Und wenn der Kulturverlust vor allem nicht mit Menschenleben erkaufte wäre! Das geringste, ja nur eine Menschenstunde, dem ärmsten Dasein entrissen, wiegt eine verbrannte Bibliothek auf. Der bürgerliche Geistbetrieb macht sich noch im Zusammenbruch
25 einen Schwindel vor, wenn er seinen spezifischen Einbußen mehr Zeitungsraum offen hält als dem Martyrium der Anonymen, als den Leiden einer Arbeiterschaft, deren Daseinswert sich unzerstörbar in Kampf und Hilfe beweist, neben einem Betrieb, der Solidarität durch Sensation ersetzt und der, so wahr
30 die Greuelpropaganda eine der Wahrheit ist, noch mit dieser zu lügen vermag. Der Journalismus, welcher den Raum der Lebenserscheinungen falsch dimensioniert, ahnt nicht, daß die Privatexistenz als Gewaltopfer dem Geist näher steht als alles

[113] leitura? Muitos apenas mostraram valentia destacando-se contra o pano de fundo da atrocidade por meio da exanguidade da palavra. Além disso, não é nenhum recorde de coragem na defesa das próprias convicções que agora cada um desses expatriados se
5 ofereça pontualmente como sucessor de Heine, que também já não era um expatriado autêntico, embora com certeza toque simpaticamente o fato de também Grossmann, que é antes um repatriado, não conseguir expulsar a saudade de seu íntimo:

10 e às vezes murmuro para mim mesmo os versos do maior emigrante alemão:

Quando penso na Alemanha, meu país,
Padeço de uma noite insone, infeliz.

Felizmente, meus pés nunca perderam totalmente o contato com o solo da
15 Áustria...

O solo também sabe apreciar isso, embora não sem inveja do solo alemão, que sente falta de certos pés que nada tinham a fazer sobre ele. Mas não era assim que cabia fazer as coisas, e não depois da re-
20 forma de trogloditas. E se o prejuízo cultural, sobretudo, não fosse comprado com vidas humanas! A coisa mais ínfima, mesmo que apenas uma hora humana arrancada a mais miserável das existências, compensa uma biblioteca queimada. Mesmo no colapso, a empresa intelectual burguesa se engana com um embuste quando deixa
25 mais espaço jornalístico aberto para sua perda específica do que para o martírio dos anônimos, para os sofrimentos de um operariado cujo valor de existência se mostra indestrutível na luta e no auxílio quando comparado a uma empresa que substitui solidariedade por sensacionalismo e que, tão verdadeiramente quanto a propaganda dos
30 horrores é uma propaganda da verdade, ainda consegue mentir com esta. O jornalismo, que dimensiona de maneira errônea o espaço dos fenômenos da vida, não suspeita que a existência privada como vítima da violência se encontra mais próxima do espírito que todo

2 Em alemão, *Blutleere*, literalmente “ausência de sangue”, traduzido por todos os dicionários como “anemia”. O adjetivo correspondente, *blutleer*, tem um equivalente perfeito em português, “exangue”. Como, estranhamente, não temos o substantivo derivado (Houaiss, Aurélio e Caldas Aulete pelo menos nada registram), pareceu oportuno criá-lo.

5 Heine é um alvo constante da sátira krausiana. Para Kraus, sua prosa jornalística teria sido a precursora de um jornalismo que não se limita a informar, mas adorna as notícias com floreios poéticos despropostos. Num texto de 1911 (“Heine e as consequências”, *F* 329-330, p. 30), por exemplo, Kraus afirma: “Ele precedeu seus sucessores com o mau exemplo. Ensinou-lhes o truque. E quanto mais o segredo se difundiu, mais precioso se tornou. É por isso que o respeito do jornalismo aos mortos exige que hoje se conserve em cada redação pelo menos um percevejo da cova dos colchões de Heine”. (Heine chamava de “cova dos colchões” o leito em que passou seus últimos anos, praticamente paralisado.)

12-13 Heine, *Novos poemas*, “Pensamentos noturnos”, v.1-2.

[114] ruinierte Geistgeschäft. Und vor allem diejenige Pleite, die bis zur Heroisierung von Theaterschiebern, ja bis zur psychologischen Tiefbohrung an Geldgebern nunmehr den Horizont unserer Kulturjournalistik einnimmt. Das 6 Uhr-Blatt ringt um
5 die Befreiung Österreichs, aber weiß man denn, was im Herbst unter Preminger sein wird? Vor dem Höllenrachen erhebt sich die Frage, ob das Pallenberg-Gastspiel perfekt wird, und zwischen Folterkammerspielen die Gestalt Robitscheks. Daß Reinhardt, der dauerhafte Fetisch der Aufklärung, stärker denn je
10 blendet und betäubt; daß um den Hokusfokus eines Nichts-sagers das Geraune von »Führergeniealität« immer brünstiger wird, mag auf den Drang zurückzuführen sein nach einem Ersatz für das, was der arische Glaube in der Hitlerregie gefunden hat. Aber daß von eben deren Wirkungen durch solchen Plun-
15 der abgelenkt werden kann, ist gleichwohl tragisch. Jetzt hat die Kulturschmockerei eine lohnende Nebenbeschäftigung bekommen, indem es ihr gelang, die Sphären zu verbinden und den Kulissenschmus unter den politischen Gesichtspunkt einzuordnen. Die Überwertung dieses Lebensgutes, die man schon
20 im Zenith aller Möglichkeiten angelangt glaubte, erfolgt noch

[114] negócio intelectual arruinado. E sobretudo aquela falência que, indo até a heroicização de empregados de teatro e inclusive à sondagem psicológica profunda de financiadores, agora ocupa o horizonte de nosso jornalismo cultural. O jornal das seis horas luta pela libertação da Áustria, mas será que se sabe o que Preminger vai encenar no outono? Diante da goela do Inferno levanta-se a questão de saber se a interpretação de Pallenberg como ator convidado será perfeita e, entre peças de câmara de tortura, levanta-se a figura de Robitschek. Que Reinhardt, o fetiche duradouro do iluminismo, ofusque e atordoe com mais força que nunca; que os murmúrios de “genialidade de Führer” se tornem cada vez mais ardentes em volta da charlatanice de alguém que não tem nada a dizer, isso pode ter origem na ânsia por um substituto para aquilo que a fé ariana encontrou sob a direção de Hitler. Não obstante, é trágico que tais cacarecos possam distrair a atenção precisamente quanto aos efeitos deste último. Agora o jornalequismo cultural obteve uma lucrativa ocupação secundária, pois conseguiu unir as esferas e ordenar o palavrório de bastidor sob o ponto de vista político. A superestimação desse bem vital, que já se acreditava ter chegado ao zênite de todas as possibilidades, ainda sucede

5 Otto Preminger (1906-1986): diretor de teatro austríaco.

7 Max Pallenberg (1877-1934): ator austríaco.

8 Peças de câmara de tortura: em alemão, *Folterkammerspielen*, palavra criada por Kraus pela fusão de *Folterkammer*, “câmara de torturas” e *Kammerspiel*, “peça (teatral) de câmara”.

9 Kurt Robitschek (1890-1950): cabareteiro austríaco.

9 Max Reinhardt (1873-1943): diretor teatral austríaco.

16 Jornalequismo cultural: em alemão, *Kulturschmockerei*, palavra em que *Schmockerei* é o substantivo abstrato derivado de *Schmock*, termo pejorativo para jornalista. Embora não seja um neologismo em alemão, a invenção de um termo em português parece oportuna.

[115] extra durch die Probe auf das Dritte Reich: wer dort einging, geht der Überschätzung seines Talents verlustig, und die verkehrten Rassenwarte sind auch nicht von Pappe. So läßt Herr Werner Krauß, Magus aus dem Norden, wohin er gehört, mittelstarker Dämon, von dessen Wiener Presseruhm hundert Mitterwurzer Größenwahn bekommen hätten, etwas zurück, was in der Sprache unserer Korybanten als knurrend ekstatische Enttäuschung zum Ausdruck kommt. Dieses Verfahren einer Journalistik, deren Eigenart mit nichts gleichzuschalten wäre, ist bis zur Eingeweihtheit in schmierigsten Konkurrenzbelangen und bis zur Anspinnung jener Geschäftskabalen entwickelt, die sonst erst hintendrein zu unsrer geistigen Diät bestimmt waren. Doch ganz abgesehen davon, daß es zum Kotzen ist, bliebe eine charakterologische Betrachtung der Umstände, in denen sich die Theaterwelt befindet und die oft auch andere sein können, selbst dann unergiebig, wenn der existentielle Druck in Berlin nicht den Grad der Erpressung erreicht hätte, zu welcher nunmehr noch die kritischen Repressalien in Wien dazukommen. Das Prominente, das dort unterkriecht, wo es Gage und Kritik findet, wechselt keine Gesinnung, sondern empfiehlt sich der, die seine direktorialen und journalistischen Vorgesetzten annehmen; und sicherlich hat der Umsturz der Theaterverhältnisse, neben der einst von der Presse, jetzt von der Rasse gestützten Mittelmäßigkeit, neben dem Pack, das sich jetzt schon bei Tag kostümiert, um Kollegen Rollen wegzuschnappen, auch solche angetroffen, die mehr Mut und Hilfsbereitschaft zeigten als manche Träger des Berufs, der von ihren Sorgen lebt. Der Journalismus wäre, selbst wenn ihm eine kühne Entschlußkraft nicht die Titelwirkung geraubt, sondern in zehnfacher Größe erlaubt hätte, keiner Katastrophe gewachsen, denn er ist jeder verwandt. Seine Reklamierung eines beschädigten Kulturbestands, die durchaus von der Hauptsache ablenkt, erfolgt aus dem Begriff einer Solidarität, in der die Menschlichkeit auf die Angehörigkeit reduziert ist. Er hält sich Instinkten verpflichtet, für die es keine Unterscheidung der Lebenswerte gibt und keine Ehrfurcht vor dem Unglück; und so kann er innerhalb des Grauens, das er der Vorstellung eröffnet,

[115] adicionalmente por meio da prova do Terceiro Reich: quem entrou nele perde a supervalorização de seu talento, e os guardiões invertidos da raça tampouco são de brincadeira. É assim que o senhor Werner Krauss, mago do Norte, que é seu lugar, demônio de força média cuja fama na imprensa vienense teria desencadeado a megalomania em cem Mitterwurzers, deixa algo para trás que se expressa na linguagem de nossos coribantes como desilusão extática rosnadora. Esse procedimento de um jornalismo cuja peculiaridade não se poderia sincronizar com nada, desenvolveu-se até chegar à condição de iniciado nos mais sórdidos interesses concorrenciais e à urdidura daquelas intrigas comerciais que de outro modo estavam destinadas à nossa dieta intelectual apenas posteriormente. Porém, deixando totalmente de lado que essas coisas são de vomitar, uma consideração caracterológica do estado em que se encontra o mundo do teatro, e que muitas vezes também pode ser um estado interessante, não apresentaria resultados mesmo se a pressão existencial em Berlim não tivesse alcançado o grau da chantagem, à qual ainda se acrescentam as represálias críticas em Viena. Os proeminentes que se escondem lá onde encontram cachês e críticas não mudam sua maneira de pensar, mas se confiam àquela que é adotada pelos seus superiores diretivos e jornalísticos; e, certamente, além da mediocridade antes apoiada pela imprensa e agora pela raça, além da corja que agora já se fantasia durante o dia para abocanhar papéis dos colegas, a reviravolta das condições do teatro também encontrou aqueles que mostraram mais coragem e solicitude que muitos titulares do ofício que vive das preocupações dos primeiros. Mesmo se uma ousada determinação não o tivesse privado do efeito dos títulos, mas permitido-o numa amplitude dez vezes maior, o jornalismo não estaria à altura de catástrofe alguma, pois é aparentado a todas elas. Sua reclamação acerca de um patrimônio cultural danificado, e que desvia totalmente da questão principal, é consequência de um conceito de solidariedade em que a condição humana é reduzida ao parentesco. Ele se julga comprometido com instintos para os quais não há qualquer distinção dos valores vitais e nenhum respeito pela desgraça; é assim que, dentro do horror que anuncia à imaginação, ele ainda consegue

4 Werner Krauss (1844-1959): ator alemão, vice-presidente da Câmara de Teatro do Reich.

6 Friedrich Mitterwurzer (1844-1897): ator alemão. A partir de 1871 atuou no Burgtheater, um dos mais importantes teatros de Viena.

7 Coribantes: sacerdotes de Cibele, que nas festas dessa deusa dançavam desvairadamente ao som de flautas, címbalos e tambores, soltando gritos estridentes e lamentações para representar a desolação de Cibele pela morte de Átis.

[116] immer noch Raum für »pikante Details« haben, wie etwa für den Umstand, daß ein unbegabter, aber tüchtiger, linksschaffener Literat »ohne Zahnbürstchen« davongekommen ist. An dem Maß des Unheils jedoch, das über die Teilnehmer problemfreierer Berufe hereinbrach, vor Not und Tod, vor der Aus-
5 tilgung so vieler sozialen und körperlichen Existenzen verschwindet der Kulturschaden, welcher erst wieder beträchtlich wird durch Methode und Aufschwung der Überwinder, durch die Greuel der Entschädigung in diesem Aufstand der Kompar-
10 sen und Dilettanten. Was bedeutet denn gegen die Nationalfeier des Boykott-Tags jener Mummenschanz der Bücherverbrennung, dem ja ein europäischer Lacherfolg sicher war, mochte er ihn mehr dem Mittel oder dem Mißlingen verdanken, mehr der Barbarei der Täter oder der Reklame für die Opfer!
15 Wohl war er geeignet, das Pathos der Berufsgenossen und gar der Betroffenen anzusprechen. Die Art jedoch, wie die rettete Literatur von der Panik profitierte; wie sie durch den Schaden der andern klug ward; wie sie alles daran setzte, um in Unehren zu bestehen – das könnte den Instinkt der Vandalen,
20 wäre er nicht so gottverlassen wie naturnah, auf den Verdacht bringen, daß er die falschen erwischt hat. Was die Geistigen gegen das Unheil, das weit mehr als sie selbst betraf, zu dokumentieren wagten, war nichts als die Furcht des gebrannten Kindes oder des noch nicht gebrannten. Die Persönlichkeiten, die von berufswegen öfter eine Gesinnung äußern als
25 haben, nahmen immer schon einen breitem öffentlichen Raum ein, als dem sozialen Bedarf entsprochen hat. Verdrießlicher wird es, wenn die Äußerung selbst dort, wo sie unerläßlich wäre, unterbleibt, wenn sich die Vermutung heimlicher Befangenheit und öffentlicher Feigheit vordrängt und hinterdrein
30 Aufklärungen notwendig werden, die das Zweideutige verwirren. Man errät, daß ich von den Penbrüdern spreche, welche der Führung ihres Salten nach Ragusa gefolgt waren, der kurz vorher für die deutsche Geistesfreiheit eine Tombola mit anschließendem Tänzchen gewagt hatte:
35

Mit großer Spannung wurde dem Walten Fortunas entgegengesehen. Mitglieder des Damenkomitees entnah-

[116] sempre encontrar espaço para “detalhes picantes”, como, por exemplo, para a circunstância de que um literato de esquerda, sem talento mas ativo, conseguiu escapar “sem sua escovinha de dentes”. Contudo, o dano cultural desaparece frente à medida da
 5 desgraça que se abateu sobre os participantes de ofícios mais isentos de problemas, diante da miséria e da morte, diante do extermínio de tantas existências sociais e físicas, dano que só volta a se tornar considerável devido ao método e à ascensão dos vencedores, devido ao horror da indenização nessa revolta dos
 10 figurantes e diletantes. Pois, em comparação com a festa nacional do dia do boicote, o que significa aquela mascarada da queima de livros, cujas risadas europeias estavam garantidas, quer as devesse mais ao meio ou ao malogro, mais à barbárie dos perpetradores ou à publicidade para as vítimas! Por certo
 15 ela foi apropriada para agradar ao *pathos* dos colegas de profissão e até dos atingidos. Porém, a maneira como a literatura salva lucrou com o pânico; como aprendeu à custa do sacrifício alheio; como empenhou tudo para se manter em desonra – isso poderia levar o instinto dos vândalos, não fosse
 20 ele tão abandonado por Deus quanto próximo à natureza, a suspeitar que apanhou os sujeitos errados. O que os homens de espírito ousaram documentar contra a desgraça, que atingiu a muito mais do que a eles próprios, não foi nada senão o medo do gato esquálido ou ainda não esquálido. As personalidades que
 25 por razões profissionais expressam uma maneira de pensar com mais frequência que a possuem, desde sempre ocuparam um espaço público mais amplo do que correspondeu à necessidade social. As coisas ficam piores quando a declaração, mesmo lá onde seria imprescindível, não é feita; quando vem ao primeiro
 30 plano a suspeita de parcialidade secreta e covardia pública e posteriormente se fazem necessárias explicações que emaranham a ambiguidade. Já se adivinha que falo dos irmãos do Pen-Club, que foram a Ragusa seguindo a liderança de seu Salten, que pouco antes ousou uma rifa seguida de reunião
 35 dançante em prol da liberdade de espírito alemã:

O império da deusa Fortuna foi aguardado com grande ansiedade. De uma roda da fortuna, membros do comitê de

33 Irmãos do Pen-Club: em alemão, *Penbrüder*, trocadilho com *Pennbrüder*, literalmente “irmãos dorminhocos”, forma jocosa para “preguiçosos”, “vagabundos”. O Pen-Club é uma associação internacional de escritores fundada em 1921 com o propósito de combater o ódio racial e a repressão da liberdade de opinião (“Pen” é a abreviatura de *poets, playwrights, essayists, editors, novelists*).

33 Ragusa: cidade costeira da Croácia, também chamada de Dubrovnik. De 25 a 28 de maio de 1933, foi sede do XI. Congresso Internacional do Pen-Club. O congresso foi caracterizado por disputas acirradas acerca da postura quanto à Alemanha de Hitler. O escritor alemão Ernst Toller, por exemplo, atacou as perseguições e a queima de livros na Alemanha. Assim que começou seu discurso, a delegação oficial alemã abandonou a sala de conferências, acompanhada por alguns escritores austríacos.

34 Felix Salten (1869-1947): escritor austríaco, autor de obras como *Bambi* (que mais tarde seria transformado em desenho animado por Walt Disney).

[117] men dem Glücksrad die Treffer und der Jubel der Glücklichen, die einen der schönen Treffer ihr Eigen nennen konnten, war groß. Aber auch diejenigen, die Nieten besaßen, ließen sich die Laune nicht verderben....

5

Mit einem Wort, das Milieu, aus dem sich der mannhafte Protest gegen die moralische und körperliche Mißhandlung von Berufsgenossen erheben sollte. »Schöpfer berühmter Tiergeschichten«, der sich der Kreatur erbarmt, wenn er nicht auf die

10 Pirsch geht, hatte sich der Ehrenpräsident »vor einigen seiner Jagdtrophäen« illustrieren lassen, ferner »am Schreibtisch« und mit einer Wage in der Hand, deren Zweck die Inschrift verdeutlicht:

15 »Jedes Wort eines Dichters soll auf eine Goldwage gelegt werden können«, sagt Felix Salten zu seiner Gattin.

Weshalb er es vorzog, in Ragusa keines zu sprechen, und allfälligen Wünschen mit dem Einspruch zu begegnen:

20

Ich bin Jude, und ich bin in Deutschland noch nie darnach gefragt worden!

Also etwa die Kehrseite der Medaille, die manch einer, der weniger Glück hatte, auf der Brust tragen mußte. Doch auch dieser Felix will sich offenbar nicht über die Nazis beschweren. Er mischt sich nicht in die innern Angelegenheiten Deutschlands, wie dieses bisher nicht in seine; er will sich in kein Gedränge einlassen, wo es selbst Arthur Schnitzler übel erging, den er
30 durchs Leben geleitet hat; er hat sich gegen Brandschaden asssekuriert. Aber man fragte besorgt, ob es auch eine Versicherung gibt, daß die Polizze anerkannt wird. Und ob es nicht wenigstens einen Index der Kultusgemeinde gibt und was denn die Genossenschaft eines Glaubens sagt, zu dem der Faiseur sämtlicher Bekenntnisse immer gehalten und der sich noch die dichterische Berufung eines Teppich-Rekommandeurs einbezogen hat. Sie war wohl beruhigt, daß er »schließlich für die schärfere Resolution stimmen mußte«. Wie das kam und was bis dahin
35 vorgegangen war, kurzum: »Die Wahrheit über den Pen-Klub-Kongreß«, war aus den hundert Klarstellungen zu dem Thema
40

[117] senhoras tomaram os números vencedores, e foi grande o júbilo dos felizardos que puderam chamar de seus um dos belos prêmios. Porém, mesmo aqueles que não foram sorteados não perderam o bom humor...

5

Numa palavra, eis o meio de onde deveria se elevar o protesto viril contra os maus-tratos morais e físicos de colegas de profissão. “Criador de famosas histórias de animais”, que se compadece dos bichos quando não sai para caçar, o presidente honorário se deixou retratar “diante de alguns de seus troféus de caça”, depois “à escrivãzinha” e com uma balança na mão, cuja finalidade é esclarecida pela legenda:

15 “Cada palavra de um escritor deve poder ser colocada numa balança de ouro”, diz Felix Salten à sua mulher.

Razão por que preferiu não pronunciar nenhuma em Ragusa e prevenir eventuais desejos quanto a isso com esta objeção:

20

Sou judeu e jamais se importaram com isso na Alemanha!

Ou seja, o reverso da medalha que não poucos, menos sortudos, tiveram de carregar sobre o peito. Mas mesmo esse Felix evidentemente não quer se queixar dos nazis. Ele não se intromete nos assuntos internos da Alemanha, como esta até agora não se intrometeu nos seus; ele não quer se meter em nenhuma confusão quando as coisas foram mal mesmo para Arthur Schnitzler, que ele guiou vida afora; ele fez um seguro contra incêndio. Porém, pergunta-se com preocupação se também existe uma garantia de que a apólice seja reconhecida. E se não há pelo menos um índice das comunidades religiosas e o que, afinal, tem a dizer a associação de uma fé que o autor de todas essas confissões sempre defendeu, alguém que ainda tomou para si a vocação poética de um recomendador de tapetes. Tal associação decerto ficou tranquila por ele “finalmente ter de votar a favor da resolução mais drástica”. Como isso aconteceu e o que se passou até então, em suma: “A verdade sobre o congresso do Pen-Club”, foi mais difícil de depreender dos cem esclarecimentos

29 Arthur Schnitzler (1862–1931): escritor austríaco, membro, como Felix Salten, do grupo “Jovem Viena”, satirizado por Kraus em seu primeiro livro, *A literatura demolida*. Ao lado de Kraus, contudo, foi um dos poucos intelectuais austríacos a não se entusiasmar com o início da Primeira Guerra Mundial. Suas inúmeras peças de teatro abordam em sua maioria temas psicológicos e de crítica social; um de seus romances, *Der Weg ins Freie* (*Rumo ao ar livre*), tematiza os problemas do judaísmo assimilado; seus contos apresentam destinos individuais do ponto de vista psicológico.

36 Recomendador de tapetes: Kraus alude ao fato de Salten ter escrito poemas para um catálogo de tapetes.

[118] schwerer zu entnehmen als der Kern einer Debatte, die die Fischweiber von Ragusa abführen und zu der sie vermutlich mehr Haltung, Logik und sprachliche Fertigkeit von ihrem Beruf mitbringen. Klar war nur, daß auch die »schärfere Resolution« das Gedenken jener Schriftsteller ausdrücklich vermied, die für ihre Überzeugung Torturen erdulden müssen, während andere für das Gegenteil nach Ragusa fahren können. Beide Gruppen in ihrer Art für den Rat empfänglich, den Herr Salten, kaum heimgekehrt, mit Goethe erteilt hat:

10

»Selig, wer sich vor der Welt ohne Haß verschließt ...« Sich vor der Welt, vor der jetzigen Welt verschließen, mindestens zeitweilig, zur Erholung, um ein besseres Besinnen, um ein wenig Atempause, um eine Spur von Mut zu gewinnen, immer wieder sich verschließen, das bleibt wichtigstes Gebot. Und: ohne Haß. Vor allem ohne Haß! Darauf zumeist und zunächst kommt es an.

Ich weiß schon, daß es sich auf mich bezieht, aber wichtiger ist, daß die gewonnene Spur von Mut zu dem Entschluß geführt hat, »sich an einer Debatte gegen Deutschland nicht zu beteiligen«, sondern vielmehr eine »Plattform« zu suchen wegen Schicksalsgemeinschaft, unauflöslicher Brüderlichkeit, Sprachverbundenheit und dergleichen, was es von Walther von der Vogelweide bis zur Urbanitzky gibt, der vielgenannten Mitstreiterin von Ragusa, die davongestürmt ist, um den Anschluß zu vollziehen. Salten fiel um und gewann Mut. Aber obwohl man jedes Dichterwort auf die Goldwage legen muß, so bleibt das Gestotter, mit dem dann versucht wurde, noch Ehre aufzuheben, ein Dokument der moralischen und stilistischen Verfassung des Schrifttums, dem der Goethemensch präsidiert. Erschütternd muß sein Ausruf gewesen sein:

35

Das ist der Tod des Pen-Klubs!

Haste Verlust! hätte Altenberg geantwortet (den er der Welt geschenkt haben will, mit dessen Andenken er aber nur als stiller Kompagnon Bekessys verknüpft bleibt). Denn man hat bis heute nicht erfahren, wem durch die Bankette des Pen-Klubs

[118] acerca do tema que o cerne de um debate conduzido pelas peixeiras de Ragusa e para o qual elas presumivelmente contribuem, dado seu ofício, com mais compostura, lógica e destreza linguística. A única coisa clara foi que também a “resolução
5 mais drástica” evitou expressamente a memória daqueles escritores que precisam sofrer torturas pela sua convicção, enquanto outros podem viajar a Ragusa pelo oposto. Ambos os grupos, a seu modo, receptivos ao conselho que o senhor Salten, mal tendo voltado para casa, deu junto com Goethe:

10

“Feliz aquele que se fecha para o mundo sem sentir ódio...” Fechar-se para o mundo, para o mundo atual, pelo menos temporariamente, para descansar, a fim de pensar melhor, fazer uma pausa para respirar, tomar um pouquinho de coragem, fechar-se
15 repetidas vezes, eis o mandamento mais importante. E: sem ódio. Sobretudo sem ódio! É isso que importa na maioria das vezes e em primeiro lugar.

Já sei que isso se refere a mim, porém mais importante
20 é que o pouquinho de coragem que se tomou conduziu à resolução de “não tomar parte num debate contra a Alemanha”, mas, pelo contrário, buscar uma “plataforma” devido à comunhão de destinos, à fraternidade indissolúvel, ao vínculo linguístico e que tais, coisas que existem de Walther von
25 der Vogelweide até Urbanitzky, a muito citada companheira de armas de Ragusa, que partiu à toda pressa para consumir a anexação. Salten mudou de opinião e tomou coragem. Mas ainda que se tenha de colocar cada palavra de um escritor na balança de ouro, os balbucios com que ainda se tentou conservar
30 a honra não deixam de ser um documento da constituição moral e estilística da literatura presidida pelo homem de Goethe. Sua exclamação deve ter sido abaladora:

Isso é a morte do Pen-Club!

35

“Perdeu, hein?”, teria respondido Altenberg (clube esse que ele afirmava ter presenteado ao mundo, mas a cuja memória ele apenas permanece ligado na condição de sócio silencioso de Bekessy). Pois até hoje não se soube quem está sendo

11 Goethe, *Poemas*, “Canção à Lua”, v. 29-30.

24 Walther von der Vogelweide (c. 1170-c.1230): poeta lírico alemão.

25 Grete von Urbanitzky (1893-1974): escritora austríaca.

36 Peter Altenberg (1859-1919): escritor austríaco.

[119] geholfen wird, wie sich seine Mitglieder von den Rotariern unterscheiden und diese wieder von den Schlaraffen, von welchen man jetzt wenigstens hört, daß sie der Gleichschaltung verfallen, so daß künftig nur ein Arier lu-lu sagen darf. Was den Pen-
5 Klub anbelangt, so liegt immerhin die Anerkennung der »Dötz« vor, daß

der Vorsitzende der Wiener Gruppe, Felix Salten, obwohl Jude, gegen die Behandlung Deutschlands auftrat....

10

Dafür scheint er die Sozialdemokratie, die den Schöpfer der volkstümlichen Mutzenbacher zum Bürger Wiens, und die Literatur, die ihn zu ihrem Wortführer erkor, enttäuscht zu haben, wie so mancher, dem jetzt mit Unrecht vorgeworfen wird,
15 daß er seine Gesinnung hingegeben habe. Vollkommener ist noch kein Beweis von Daseinsüberflüssigkeit einer Repräsentanz ausgefallen als bei Vereinsmeiern, die zum ersten und wohl letzten Mal vor der Aufgabe standen, die Güter, deren Vertretung sie sich anmaßten, zu verteidigen, und die im Gedränge und Geschiebe der Verlegenheit zwar zu einer »Resolution« kamen, aber heilfroh waren, eine Stellung nicht nehmen zu müssen, die ihnen von Natur nicht zukommt. Wie verloren wäre das Ansinnen, daß dergleichen nur gegen die Einkerkung der Männer des Rundfunks aufstehe, jener Flesch und
20 Braun, gegen die sich hinterdrein der Verdacht des Europäertums verdichtet hat und denen der sieghafte Dilettantismus das Bewußtsein kulturellen Kontrastes nachträgt. Welches Pendant von Bildern: die Plattformsucher von Ragusa und die sechs Gequälten, umstellt von Wölfen des Konzentrationslagers, Trophäe einer schmutzigen Gewalt, mit der jene paktierten. Wie wird das ganze Wort- und Kunstgelichter der Freiheit, das die Gestürzten umschmeichelt hatte, durch die Tat dieses Herrn Bredow beschämt, der mit einem Satz das Deutschtum rehabilitiert hat, indem er in Verbundenheit mit ihnen seine
30 Person der Barbarei darbot, die es entehrt. Daß sie nicht erschüttert, sondern belustigt war; daß Herr Goebbels einen Witz von sich gab, gehört wohl zu der schwarzen Messe, deren fassungslose Zeugen wir sind, macht es aber schwer, sich vor der

[119] ajudado pelos banquetes do Pen-Club, de que maneira seus membros se distinguem dos rotarianos e estes, por sua vez, dos patuscos de quem pelo menos agora se ouve que sucumbem à sincronização, de modo que futuramente apenas um ariano terá permissão para dizer “lu-lu”. Quanto ao Pen-Club, temos aí em todo caso o reconhecimento do *Dötz* de que

embora judeu, o presidente do grupo vienense, Felix Salten, se opôs ao tratamento dispensado à Alemanha...

10

Em compensação, ele parece ter decepcionado a socialdemocracia, que escolheu o criador da Mutzenbacher popular para ser cidadão de Viena, e a literatura, que o escolheu para ser seu porta-voz, situação comum a vários outros, a quem agora se censura injustamente dizendo que abandonaram suas maneiras de pensar. Ainda não há prova mais perfeita da superfluidade existencial de uma representação do que no caso desses maníacos por associações que pela primeira e provavelmente última vez se encontraram diante da tarefa de defender os bens cuja representação se arrogaram, e que no aperto e no empurra-empurra do embaraço chegaram, é verdade, a uma “resolução”, mas ficaram felizes da vida por não precisarem tomar uma posição que por natureza não lhes cabe. Quão inútil seria a exigência de que gente assim apenas se levante contra o encarceramento dos homens do rádio, aqueles Flesch e Braun, contra os quais se acumulou posteriormente a suspeita de europeísmo e de quem o diletantismo vitorioso guarda rancor devido à consciência do contraste cultural. Que par de imagens: os buscadores de plataformas de Ragusa e os seis homens maltratados, rodeados pelos lobos do campo de concentração, troféu de uma violência imunda com a qual aqueles pactuaram. Como toda a cambada verbosa e artística da liberdade, que tinha bajulado os derrubados, é ultrajada pela ação desse senhor Bredow, que reabilitou a germanidade numa frase, oferecendo, em aliança com ela, sua pessoa à barbárie que a desonra. Que sua pessoa não tenha se abalado, mas achado divertido; que o senhor Goebbels tenha contado uma piada, tais coisas decerto fazem parte da missa negra da qual somos testemunhas perplexas, mas tornam difícil

5 “Lu-lu”: conforme Pierre Deshusses, saudação usada entre os membros do clube berlinense Schlaraffia.

12 Mutzenbacher: referência ao romance pornográfico *O diário de Josephine Mutzenbacher*, de autoria de Felix Salten.

25 Hans Flesch (1896-1945): diretor de rádio alemão.

25 Alfred Braun (1890-1978): diretor, ator e locutor alemão.

33 Hans Bredow (1879-1959): pioneiro do rádio alemão. Foi Comissário do Reich para assuntos de radiodifusão até 1933. Ao chamá-lo de “senhor Bredow”, Kraus relaciona seu nome a um romance bastante popular de Willibald Alexis (1798-1871), *As calças do senhor Von Bredow* (1846).

[120] Welt ohne Haß zu verschließen. Sei dem wie immer, es gibt Leute, die ihr sprachverbunden bleiben; und der Teutoburger Wald, von dem ich in diesem weiträumigen Erlebnis abgeschweift bin, wird seltsame Jagdgäste beherbergen.

5 Was Benn betrifft, den ich in einer noch älteren Periode des Deutschtums zurückließ, wo es noch nicht einmal die Bärenhäute gab, auf welchen jetzt die Flüchtlinge herumliegen, und wo einem noch nichts von Philosophen aufgebunden wurde, so wird es ihm schließlich selbst zu dumm und er sagt:

10

Aber verlassen wir die Philosophie und gehen wir zur Politik über ...

Doch da kommt auch nichts Vernünftiges heraus, wiewohl er ausdrücklich entschlossen ist, sich von der Vision ab- und den
15 Tatsachen der Erfahrung zuzuwenden. Auch hier übertreibt er, indem er zwar eingesteht, daß die innere und äußere Lage des Staates schwer sei, jedoch meint

20 daß es Iliaden und Aeneiden bedürfte, um sein Schicksal zu erzählen.

20

Das mag sein, fraglich ist aber, ob sie entstehen werden. Und nun, angesichts aller Schwierigkeiten der Lage, gewinnt Benn einen Herzenston, indem er den Vaterlandslosen vorhält, daß sie dem in jene geratenen Staat

25

vor dem ganzen Ausland Krieg wünschen, um ihn zu vernichten, Zusammenbruch, Untergang.

30 Und doch:

30

Es ist die Nation, deren Staatsangehörigkeit Sie besitzen, deren Sprache Sie sprechen, deren Schulen Sie besuchten ... deren Industrie Ihre Bücher druckte, deren Theater Ihre Stücke spielte ... und die Ihnen auch jetzt nicht viel getan
35 hätte, wenn Sie hier geblieben wären.

Höchstens Verletzungen leichteren Grades, nicht der Rede wert, und auf die Sicherheit hin, die Benn nachträglich bietet, und in die die Staatsangehörigkeit sie leider nicht gewiegt hat,
40 wären sie ja vielleicht geblieben. Wenn sichs aber vom sichern Port, worin sich einer befindet, gemächlich raten läßt, so ist es

[120] fechar-se para o mundo sem sentir ódio. Seja lá como for, há pessoas que se mantêm ligadas a ele linguisticamente; e a floresta de Teutoburgo, da qual me afastei nessa longa vivência, ocultará estranhos caçadores convidados.

5 Quanto a Benn, que deixei num período ainda mais antigo da germanidade, quando não havia sequer as peles de urso sobre as quais os refugiados estão agora deitados por aí, e quando não se era enganado por filósofos, ele próprio finalmente perde a paciência e diz:

10

Mas deixemos a filosofia e passemos à política...

Só que disso também não sai nada sensato, embora ele esteja expressamente decidido a se afastar da visão e se voltar para os fatos da experiência. Ele exagera também nesse caso, confessando, é verdade, que a situação interior e exterior do Estado é difícil, porém opinando

20

que seriam necessárias ilíadas e eneidas para narrar seu destino.

Pode ser, mas é duvidoso que venham a surgir. E agora, face a todas as dificuldades da situação, Benn adquire um tom cordial ao repreender os apátridas dizendo-lhes que desejam a guerra ao Estado que entrou nessas dificuldades,

25

desejam-na diante de todos os países estrangeiros com o propósito de aniquilá-lo, colapso, socóbro.

E, no entanto:

30

É a nação cuja nacionalidade o senhor possui, cuja língua o senhor fala, cujas escolas o senhor frequentou [...] cuja indústria imprimiu seus livros, cujos teatros encenaram suas peças [...] e que mesmo agora não lhe teria feito muita coisa se o senhor tivesse ficado aqui.

35

No máximo ferimentos mais leves, de que nem vale a pena falar, e considerando a segurança que Benn oferece posteriormente, e na qual a nacionalidade infelizmente não os acalentou, eles talvez tivessem ficado. Porém, se alguém dá conselhos comodamente no porto seguro em que se encontra, então

6-8 Quando não havia sequer as peles de urso sobre as quais os refugiados estão agora deitados por aí, e quando não se era enganado por filósofos: em alemão, “*wo es noch nicht einmal die Bärenhäute gab, auf welchen jetzt die Flüchtlinge herumliegen, und wo einem noch nichts von Philosophen aufgebunden wurde*” (os negritos são meus). O trecho encerra alusões a duas expressões idiomáticas: 1) *auf der Bärenhaut liegen* = estar deitado numa pele de urso = mandriar, ser preguiçoso. A expressão remonta ao séc. XVI, quando foi criada pelos humanistas para descrever, de uma maneira um tanto livre (baseando-se num trecho de Tácito, *Germania*, cap. 15), os hábitos dos antigos germanos. 2) *jemandem einen Bären aufbinden* = amarrar um urso em alguém = enganar alguém. A expressão surgiu no século XVIII e se refere ao costume medieval de conduzir um urso enfeitado pelo povoado antes das batalhas: quando não havia urso à disposição, os guerreiros se limitavam a conduzir um homem envolto numa pele de urso; chamava-se isso de “amarrar um urso”.

[121] zweifellos noch feiger, ihn dem andern zu widerraten. Benn scheint der Anschauung zu sein, daß die Flüchtlinge aus purem Übermut dem Berliner Wohlleben den Hunger in Paris vorgezogen haben. Man muß nicht gerade die des Herrn Goebbels teilen, daß das Emigrantendasein »schimpflich« sei. Ehrenvoller als der Tanz nach seiner Pfeife, ist es gewiß nicht beglückend für solche, die im taktvollen Mitleid noch die Aversion gegen ihre Heimat zu spüren bekommen. Denn leider verhält es sich so, daß das Ausland sie nicht bloß als die Opfer einer politischen Unterdrückung, sondern vielfach auch als die Vertreter einer ethnischen Besonderheit ansieht, und man kann sich immerhin vorstellen, daß es manchen unter ihnen gelingen mag, das Vorurteil gegen diese zu befestigen, indem sie schon durch ihr Auftreten die Propaganda besorgen, die den Interessen Deutschlands zuwiderläuft und von ihm verpönt wird. Es dürfte ja glaubhaft sein, daß sich Berliner Literaten auch in Paris übernehmen und dem Edelmut der Gastgeber die Bezeichnung »*les greuel*« abnötigen. Man erfährt zum Beispiel von Vergleichen mit »unserer Wohnbaukultur«, bei denen die des Gastgebers »schlecht abschneidet«, und für die Wirkung auf die Außenwelt wäre es unter allen Umständen günstiger, niemals solche Lebensverhältnisse zu schaffen, die eine Auswanderung zur Folge haben, da es doch gerade genügt, daß sie durch die etwaige Einreise informiert wird. Mag sich aber die Folgen der Flucht das Inland selbst zuzuschreiben haben – daß sie individuell begründet war, steht außer Frage. Das Argument der Bücher, deren Herstellung die deutsche Industrie besorgt hat, ist insofern nicht ganz glücklich, als sie ja auf den Index kamen oder geradezu verbrannt wurden, worin die Urheber zwar einen gewissen Ansporn zur Dankbarkeit wegen der Reklame, aber doch keinen zum Patriotismus fühlen müssen. Die deutsche Industrie aber hätte sich nicht so sehr über den Undank der Emigranten zu beschweren als über ein Vorgehen der Patrioten, durch das ihre Erzeugnisse zerstört und ihre Verdienstmöglichkeiten beeinträchtigt wurden. Was die Identität der Sprache anlangt, so könnte Benn insofern Recht haben, als die Flüchtlinge nicht anders schreiben als die Zurückgebliebe-

[121] é sem dúvida ainda mais covarde desaconselhá-lo a outrem.

Benn parece ser da opinião de que os refugiados preferiram a fome em Paris à boa vida berlinense por pura petulância. Não é preciso exatamente partilhar a do senhor Goebbels de que a
5 existência de emigrante é “vergonhosa”. Mais honroso do que dançar conforme a sua música, isso certamente não deixa felizes aqueles que, na compaixão cheia de tato, ainda chegam a perceber a aversão por sua pátria. Pois, infelizmente, as coisas se passam de tal maneira que o exterior não os considera apenas
10 como vítimas de uma repressão política, mas muitas vezes também como representantes de uma particularidade étnica, e pode-se pelo menos imaginar que alguns dentre eles consigam consolidar o preconceito contra esta ao providenciar, pelo seu mero aparecimento, a propaganda que contraria os interesses
15 da Alemanha e por ela é execrada. Seria crível, afinal, que literatos berlinenses também se excedessem em Paris e extorquissem da generosidade dos anfitriões a designação “*les greuel*”. Fica-se sabendo, por exemplo, de comparações com “nossa cultura de construção residencial” em que a do anfitrião
20 “se sai mal”, e, para causar impressão sobre o mundo externo, seria de todo modo mais favorável jamais criar tais condições de vida que resultassem numa emigração, visto que basta perfeitamente que ele seja informado pela eventual entrada no país. Porém, se o próprio país tivesse se imputado as
25 consequências da fuga – está fora de questão que ela tenha sido individualmente justificada. O argumento dos livros cuja produção foi providenciada pela indústria alemã não é inteiramente feliz na medida em que eles, afinal, foram parar no índice ou realmente queimados, no que os autores, é verdade,
30 precisam sentir um certo estímulo à gratidão por causa da publicidade, mas nenhum ao patriotismo. A indústria alemã, porém, não teria tanto a se queixar da ingratidão dos emigrantes quanto de um procedimento dos patriotas mediante o qual seus produtos foram destruídos e suas possibilidades de
35 lucro, prejudicadas. Quanto à identidade da língua, Benn poderia ter razão na medida em que os refugiados não escrevem diferentemente do que falam os que ficaram para

17-18 “*Les greuel*”: *Greuel* é na verdade um termo alemão; significa “horror”.

[122] nen oder sagen wir Daheimgebliebenen sprechen, indem ja die deutsche Schriftsprache mit der deutschen Umgangssprache die geringe Beziehung zur Sprache gemeinsam hat. Ich glaube, daß ich viel besser in der Lage wäre, eben aus dieser Erscheinung das Wesen des deutschen Umsturzes zu erklären, als Benn mit geognostischen, ja geomystischen Schmonzes und mit dem Versuch, äußerst körperhaften Dingen metaphysisch beizukommen.

Vielleicht würde ein Literat, der sich der Sprache immerhin bis zum Ornament genähert hat, es sogar verstehen und schließlich glauben, daß in der journalistischen und rednerischen Bekundung des neuen Denkens bisher auch nicht ein deutsches Wortgebilde sichtbar oder hörbar geworden ist, nicht eines, das den deutschen Inhalt nicht Lügen strafte. Die Sprache verdankt freilich dem Umsturz, der wohl schon im Grundwort »Nazi« sich als Realisation des Weltgeistes andeutet, manche neuen Worte, und solche, die man eben vor dem Aufbruch des neuen Wesens unmöglich hätte bilden oder denken können. Damit sind nicht etwa aparte Formen gemeint, wie man sie auch in der Judenpresse antrifft, die prinzipiell jedes Wort falsch biegt und schwer beugt, das ihr nur unter die

[122] trás, ou, melhor dizendo, os que ficaram em casa, pois afinal a língua escrita alemã tem em comum com a língua coloquial alemã a escassa relação com a língua. Precisamente a partir desse fenômeno, acredito que eu estaria numa situação muito
5 melhor para esclarecer a essência da reviravolta alemã do que Benn com sua tagarelice geognóstica, até mesmo geomística, e com a tentativa de dar conta de maneira metafísica de coisas extremamente físicas.

Talvez um literato que tenha se aproximado da língua pelo
10 menos até o nível do ornamento chegue inclusive a compreender e por fim acreditar que na expressão jornalística e oratória do novo pensamento não se viu ou ouviu até agora uma criação vocabular alemã, nem uma só, que não desmentisse o conteúdo alemão. No entanto, a língua deve à reviravolta,
15 que no radical “nazi” decerto já se manifesta como realização do espírito do mundo, algumas palavras novas, e tais que antes da irrupção da nova essência teria sido impossível formar ou pensar. Com isso não se faz referência a formas originais, como aquelas que também
20 podem ser encontradas na imprensa judaica, que torce errada e declina gravemente por princípio cada palavra que apenas

9 4.14 SEÇÃO 14: Inovações linguísticas (da página 122, linha 9, à página 131, linha 18).

[123] Hände kommt; nicht der falsche Dativ, der durchweg als der einzige Kasus anerkannt ist, als jener belli, des Kriegsfußes, auf dem alle deutsche Publizistik mit der deutschen Sprache lebt; nicht die Unfähigkeit, den primitivsten gedanklichen Inhalt logisch zu stilisieren und die planste Konstruktion durchzuhalten; nicht anderseits die Konsequenz, mit der sich alles Großdeutsche die Einmischung des Auslandes »verbietet«. Nicht einmal der Umstand, daß die nationalsozialistische Presse Deutschlands die Mahnung erläßt:

10

Deutscher, lese nur arische Zeitungen!

oder die auf der nationalen Postkarte empfiehlt:

15

Vergeß nicht, daß du ein Deutscher bist!

Also die Erinnerung an ein Ideal, dem sie schulbeispielhaft und ohne Beispiel der Schule entgegenwirkt. Nicht das Scherflein, mit dem sich das österreichische Bruderblatt anschloß:

[123] lhe caia nas mãos; não ao dativo errado, reconhecido sem exceção como o único caso, como aquele *casus belli*, o do pé de guerra em que todo o jornalismo alemão vive com a língua alemã; não à incapacidade de estilizar logicamente o mais primitivo conteúdo de pensamento e levar a cabo a mais rasa construção; não, por outro lado, à coerência com que tudo o que é grão-alemão “se proíbe” a intervenção do exterior. Nem sequer à circunstância de que a imprensa nacional-socialista da Alemanha faz esta exortação:

10

Alemão, leia apenas jornais arianos!

ou que recomenda no cartão-postal nacional:

15 Não esquece que és um alemão!

Ou seja, a lembrança de um ideal que ela contraria num exemplo escolar e sem o exemplo da escola. Não ao óbolo com que o jornal-irmão austríaco se associou:

2 *Casus belli*: caso de guerra; incidente que pode desencadear uma guerra.

7 Grão-alemão: ou seja, que diz respeito à “Grande Alemanha”, um novo Estado que surgiria da fusão entre a Alemanha e a Áustria.

11 Nesta e nas três citações seguintes, Kraus destaca os trechos que apresentam formas coloquiais ou mesmo gramaticalmente incorretas.

18 Óbolo: ou seja, pequena contribuição.

[124] Liest euch die Weisungen genauer durch!

Oder das Bekenntnis, das vielleicht den Kern des politischen Pudels berührt:

5

Du weißt, wie weiberfeindlich ich war. Ich vermeidete sogar jedes Wort, das weiblichen Geschlechtes war.

10 Daß sich wegen solcher Zurückhaltung, die leider nicht weit genug geht, die deutschbewußte Journalistik von den prominentesten Analphabeten der andern verhöhnen lassen muß, ist gewiß beschämend, aber derlei wird als zum täglichen Hand- und Mundwerk gehörig nicht gut avoided werden können, wiewohl einer der Feuersprüche bei der Bücherverbrennung
15 doch gelautet hat:

Gegen Verhunzung der deutschen Sprache! Für Pflege des kostbarsten Gutes unseres Volkes!

20 Leicht gesagt, schwerer geschrieben. Ich habe den Verdacht,

[124] Leiam as instruções com mais cuidado!

Ou à confissão que talvez toque o cerne do cão político:

5

Sabes como eu era misógino. Evitei inclusive toda palavra de gênero feminino.

Certamente é vergonhoso que devido a tal reserva, que

10 infelizmente não vai longe o bastante, o jornalismo de consciência alemã tenha de tolerar o escárnio dos mais proeminentes analfabetos do outro lado, mas coisas assim, próprias do ganha-pão e da boca-rota cotidianos, não poderão ser realmente evitadas, embora um dos lemas de fogo da
15 queima de livros rezasse:

Contra o estropiamento da língua alemã! Pelo cultivo do mais precioso bem de nosso povo!

20 Falar é fácil, mais difícil é escrever. Tenho a suspeita de que

3 Cerne do cão: referência à cena de Goethe (*Fausto I*, “Gabinete de estudo”, v. 1323) em que Fausto pela primeira vez se vê frente a frente com Mefistófeles, até então escondido no cão preto que o acompanhou até seu gabinete. A expressão se tornou proverbial para designar o esclarecimento de uma situação até então obscura.

11 De consciência alemã = *deutschbewußt*. O adjetivo *deutschbewußt* alcançou grande difusão na linguagem nazista, designando o indivíduo ou a parcela do povo que estava consciente da peculiaridade e do valor de ser alemão, e, por conseguinte, do pouco valor das outras “raças”, especialmente dos judeus.

[125] daß eine Prüfung auf Sprachgefühl und grammatikalisches Wissen der Leute, die durch die Forderungen »Deutschland erwache!« und »Juda verrecke!« groß geworden sind, schon bei der Frage nach eben deren Konstruktion auf Schwierigkeiten

5 stößt (oder stoßt, wie sie grundsätzlich schreiben). Sie wissen bestimmt nicht, daß da ein Komma hineingehört, weil die jeweils genannte Nation, die doch angebrüllt werden soll, sonst nicht die zweite, sondern nur die dritte Person ist und die verlangte Tätigkeit, erwachen oder verrecken, nicht die Befehls-

10 form, sondern bloß die Wunschform annimmt, die ja namentlich im Fall Juda nicht angebracht wäre. Wenn zum Beispiel das sinnverwandte »Verderben, gehe deinen Gang!« (Schiller) ohne Komma dasteht, so könnte es besagen, daß nicht das Verderben angerufen wird, sondern etwa ein Führer, dessen Gang

15 es folgen möge. Das Rufzeichen sichert noch nicht den Befehl, sondern könnte eine Verstärkung des Wunsches sein. Freilich muß man im Zitat den Fehler übernehmen, der insofern nicht

[125] um exame para verificar o senso da língua e o conhecimento gramatical das pessoas que se tornaram grandes com as exigências “Desperta Alemanha!” e “Morra Judá!” topa (ou toca, como elas escrevem por princípio) com dificuldades já na questão justamente da construção de tais exigências. Elas certamente não sabem que aí está faltando uma vírgula, pois a nação respectivamente mencionada, e que se pretende tratar aos gritos, não costuma ser a segunda, mas apenas a terceira pessoa, e a ação exigida, despertar ou morrer, não assume o imperativo, mas meramente o optativo, que especialmente no caso de Judá não seria adequado. Se, por exemplo, a expressão de sentido afim “Ruína, siga teu curso!” (Schiller) fica sem vírgula, ela poderia significar que não se está invocando a ruína, mas talvez um líder cujo curso ela poderia seguir. O ponto de exclamação ainda não assegura a ordem, mas poderia ser um reforço do desejo. Contudo, na citação é preciso reproduzir o erro, que não está mal na

10 O optativo é um modo verbal característico de certas línguas indo-européias (como o grego e o sânscrito), pelo qual se indica o desejo ou a vontade de que se verifique a ação ou o processo designado pelo verbo. Seu equivalente em alemão é o subjuntivo; em português, a função optativa é preenchida pelo modo subjuntivo e, naqueles casos em que a vontade ou desejo tem ou pode tomar caráter de ordem, pelo modo imperativo.

12 Schiller, *A conspiração de Fiesco em Gênova*, ato V, cena 1.

[126] uneben ist, als so starke Forderungen durch Sorgfalt des Ausdrucks abgeschwächt würden. Schließlich standen die Cäsaren immer über der Grammatik, und besser autarkisch nicht deutsch können, als Fremdwörter zu gebrauchen, von denen
5 man nie wissen kann, was sie bedeuten. Gerade ihr Ersatz hat zu einer Bereicherung des deutschen Sprachschatzes geführt, um die uns die Nationen beneiden. Sie verdankt sich aber auch den erweiterten Bedürfnissen des Handelsverkehrs, und diese Entwicklung rechtfertigt – letzten Endes – die treuherzige
10 Übernahme jüdischer Bräuche, die Bewahrung einer Inflation der Schiebersprache, der das Schrifttum der Republiken Raum gewährt hat und die heute das erwachte Urseelentum in allen Varianten »hundertprozentig« beglaubigt, so daß es »in Ordnung geht«. Das Besondere ist aber die Fähigkeit, in eben die-
15 sem Geiste schöpferisch fortzusetzen und zu arteigener Neubil-

[126] medida em que exigências tão fortes seriam enfraquecidas pelo
cuidado da expressão. No fim das contas, os césaes sempre esti-
veram acima da gramática, e é melhor não saber alemão autar-
quicamente do que empregar estrangeirismos dos quais nunca se
5 pode saber o que significam. Precisamente a sua substituição
levou a um enriquecimento do vocabulário alemão que desperta
a inveja das nações. Porém, tal enriquecimento também se deve
às necessidades ampliadas das relações comerciais, e esse desen-
volvimento justifica – em última análise – a adoção fiel de cos-
10 tumes judaicos, a conservação de uma inflação da linguagem
dos traficantes, à qual a literatura das repúblicas deu espaço e
que hoje ratifica “cem por cento” o animismo primordial
despertado em todas as suas variantes, de maneira que as coisas
“andam em ordem”. Porém, o que há de especial é a capacidade
15 de continuar de maneira criativa exatamente nesse espírito e

[127] dung zu gelangen, welche die Sprache dem Bedürfnis einer tiefen Unehrlichkeit anpaßt und dem Hang zur Scheinheiligung, zur Verschleierung schmähhlicher Sachverhalte gerecht wird. Kaum eines dieser Kommuniqués, das nicht Zuwachs in
5 derlei Hinsicht brächte, wenn Gewalttätigkeit sich in Normen kleidet und etwa der Einbruch in eine Wohnstätte als »Überholung« bezeichnet wird. Oder wenn Mißlingen die Promptheit des Erfolgs darstellt und von einem Prokrustes der Dinge und der Worte ein Kampfbund »auseinandergegliedert« wird.
10 (Auch ich bin dazu genötigt, wenn täglich neue Greuel an Wort und Tat einzubetten sind, wie soeben die »Fachschaft«, der »Reichsfachschaftsleiter«, die »Reichskulturkammer«, der »Gaukulturwart« und der »Werberat«. Nun, ich sage mir:

15 Bist du beschränkt, daß neues Wort dich stört?
 Willst du nur hören, was du schon gehört?
 Dich störe nichts, wie es auch weiter klinge,
 Schon längst gewohnt der wunderbarsten Dinge.)

[127] chegar ao neologismo próprio da raça, que adapta a linguagem à necessidade de uma profunda desonestidade e está à altura da tendência para a hipocrisia, para o velamento de estados de coisas vergonhosos. Difícil é que um desses comunicados não traga incrementos nesse sentido, quando a violência se veste com normas e a invasão de uma residência, por exemplo, é chamada de “inspeção”. Ou quando o fracasso representa a prontidão do sucesso e uma Liga de Combate é “desarticulada” por um Procusto das coisas e das palavras. (Também sou obrigado a isso quando, diariamente, novos horrores em termos de palavras e atos requerem ser encaixados em seus leitos, como há pouco a “*Fachschaft*”, o “*Reichsfachschaftsleiter*”, a “*Reichskulturkammer*”, o “*Gaukulturwart*” e o “*Werberat*”. Bem, penso cá comigo:

15 És limitado, para que palavras novas te incomodem?
 Queres apenas ouvir o que já ouviste?
 Que nada te incomode, seja lá como soe,
 Há muito acostumado às coisas mais prodigiosas estás.)

8 Liga de combate: provável referência à Liga de Combate Socialista Internacional (*Internationale Sozialistische Kampfbund* – ISK), pequeno movimento de resistência ao nazismo formado sobretudo por trabalhadores.

11-13 Respectivamente: “associação profissional”, “diretor da associação profissional do Reich”, “Câmara de Cultura do Reich”, “guardião distrital de cultura” e “conselheiro publicitário”.

15-18 Goethe, *Fausto II*, ato I, “Galeria obscura”, v. 6267-6270 (Mefistófeles).

[128] Und gibt es nicht auch so vieles, das »getarnt« ist und wenn es nicht der Verbergung treudeutschen Wesens diene, von eben dessen Bekennern auf einen Tarnopoler Ursprung zurückzuführen wäre? Und haben wir nicht dieses überraschende, ja niederschmetternde »schlagartig«, womit sowohl das Einsetzen wie der Abbruch eines Boykotts bezeichnet werden kann, je nachdem? Und vor allem natürlich diese noch trostlosere »Gleichschaltung«, die nicht einmal die Aussicht bietet, daß uns das »Prominente« abhanden kommt. Wohl hat Goebbels, der gründliche Kenner journalistischer Mundart, in einem Erlaß verboten, über Regierungsfeste in Ausdrücken zu berichten, »die in einer vergangenen Zeit angebracht waren«, also etwa von den »Spitzen der Gesellschaft« zu sprechen, durch welche sich die soeben Emporgelangten getroffen fühlen könnten.

15 (Hauptsächlich Göring, der sie eben darum immer wieder gebraucht.) Doch die Gleichschaltung, die sich auf die Reportersprache erstreckt, wird für so etwas, das doch einst *deliciae*

[128] E também não há tanta coisa que está “camuflada” e que, se não servisse ao encobrimento da essência fielmente alemã, não deveria ser atribuída justamente pelos seus partidários a uma origem tarnopolesa? E não temos esse surpreendente, e até mesmo arrasador, “de um golpe”, com que se pode designar tanto o início quanto a interrupção de um boicote, conforme for? E sobretudo, naturalmente, essa ainda mais desoladora “sincronização”, que nem sequer oferece a perspectiva de perdermos o “proeminente”. É que Goebbels, o profundo conhecedor do dialeto jornalístico, proibiu por decreto noticiar as festas do governo usando expressões “que eram adequadas numa época passada”, ou seja, falar, por exemplo, dos “picos da sociedade”, o que poderia deixar picados aqueles que acabaram de chegar ao topo. (Sobretudo Göring, que justamente por isso as emprega vez após vez.) A sincronização, porém, que se estende até a linguagem dos repórteres, dificilmente poderá substituir algo que no passado era *deliciae*

4 Origem tarnopolesa: referência à cidade ucraniana de Tarnopol, que antes da Primeira Guerra fazia parte do Império Austro-Húngaro. Em 1915, foi palco de uma batalha entre soldados da Alemanha e do Império Austro-Húngaro contra soldados do Império Russo. O nome “Tarnopol” lembra o verbo alemão *tarnen*, “camuflar”, que alcançou grande difusão na linguagem política depois de 1933.

[129] generis humani war, kaum Ersatz gewähren. Sie bedeutet für
alle Belange des Daseins einen imponierenden Eingriff in die
Natur, die das Ungleiche sich gern gesellen läßt, eine schöpferi-
sche Vollmacht wie nur jene, die dem Weltkrieg das »Men-
5 schenmaterial« zugewiesen hat. Aber ihr Verfahren, das mit
diesem noch weit kürzern Prozeß macht, greift schon auf die
Syntax über und auf jegliche Stilistik der Gedanken, aus deren
Inhalt sich solches Gewaltwesen zusammensetzt. Vor allem na-
türlich auf die Nomenklatur, die dem Drang, Zeit zu sparen
10 und Raum zu gewinnen, angepaßt wird. Jene Bereicherung
durch Abkürzung, die uns ein Sprachgekröse wie Hapag und
Wipag, Afeb und Gesiba, Kadewe und Gekawe wie all die Zau-
berformeln beschert hat, ist des Ursprungs, nach dessen Gesetz
nun Osaf und Gausaf angetreten sind; man weiß schon nicht,
15 was ominöser ist: wenn die Gestapo oder die Ushla eingreift,
die NSBO aufbegehrt oder der DHV sich unterwirft; und das
Mene Thekel Upharsin, welches jenes letzte Ende verkündet,

[129] *generis humani*. Ela significa, para todos os interesses da existência, uma intervenção impressionante na natureza, que gosta de se associar ao desigual, uma plenitude de poderes criativa como só aquela que enviou o “material humano” à

5 Guerra Mundial. Mas o seu procedimento, que dá a esse material um despacho ainda muito mais rápido, já se estende à sintaxe e a qualquer estilística dos pensamentos de cujo conteúdo se compõe tal sistema da violência. Sobretudo, naturalmente, à nomenclatura, que é adaptada ao ímpeto de

10 poupar tempo e ganhar espaço. Tal enriquecimento por abreviação, que nos presenteou com miúdos linguísticos como Hapag e Wipag, Afeb e Gesiba, Kadewe, Gekawe e todas as fórmulas mágicas, é a origem de acordo com cuja lei Osaf e Gausaf assumiram agora seus cargos; já não se sabe o

15 que é mais ominoso: quando a Gestapo ou a Uchla intervém, a NSBO protesta ou o DHV se submete; e o *mene tequel ufarsin*, que anuncia aquele fim,

- 1 *Deliciae generis humani*: delícia do gênero humano.
- 12 Hapag = *Hamburg-Amerikanische Packetfahrt-Actien-Gesellschaft* (Linha de Paquetes Hamburgo-Americana S.A.). Companhia de navegação alemã fundada em 1847.
- 12 Wipag = *Wiener Plakatierungs- und Anzeigen Gesellschaft* (Companhia Vienense de Cartazes e Anúncios).
- 12 Afeb: significado não encontrado.
- 12 Gesiba: *Gemeinnützige Siedlungs- und Bauaktiengesellschaft* (Sociedade Anônima de Construção e Lotemente de Utilidade Pública).
- 12 Kadewe = *Kaufhaus des Westens* (Centro Comercial do Ocidente). Loja de departamentos berlinense.
- 12 Gekawe: (*Zentralverband der Gemeinschaftsküchen Wiens* ou (Associação Central das) Cozinhas Comunitárias de Viena).
- 14 Osaf = *Oberster SA-Führer* (Líder Supremo da SA).
- 14 Gausaf = *Gau-SA-Führer* (Líder Distrital da SA).
- 15 Gestapo = *Geheime Staatspolizei* (Polícia Secreta Estatal).
- 15 Uchla = *Untersuchungs- und Schlichtungsausschuß* (Comissão de Investigação e Arbitragem). Órgão do partido nazista fundado em 1925 para regular disputas internas. Em 1934 foi rebatizado de *Oberstes Parteigericht* (Supremo Tribunal Partidário), ou OPG, passando a arbitrar não apenas disputas internas, mas também tornando-se responsável por punir comportamentos danosos ao partido com perda de cargos, expulsão ou mesmo penas de prisão.
- 16 NSBO = *Nationalsozialistische Betriebszellenorganisation* (Organização Nacional-Socialista de Células Operárias). Instituição fundada em Berlim em 1928 por iniciativa da ala “esquerdista” do Partido Nazista. Apesar do número crescente de filiados, perdeu praticamente toda a sua relevância com a criação da *Deutsche Arbeitsfront* (DAF; Frente de Trabalho Alemã), organização estatal que incorporou todos os sindicatos.

[130] ist ein Film der Metufa. Seitdem es aber SA und SS gibt, bleibt wenigstens uns hier nichts übrig als ein SOS bis nach USA. Das sind Formen der Ausschaltung einer Sprache, die, solange sie sich nicht vollends auf Zeichendeutung reduziert, hinreichend

5 Spielraum für Gleichschaltung gewährt. Es ist zuweilen aber so, als ob deutscher Wille noch den Anspruch erhöhe, für den deutschen Sinn annexionistisch den Sprachraum zu erweitern, die Grenzen des Denkens zu verrücken. Man kann sich vorstellen, daß dieser Wortimperialismus Formen widerstrebt, die

10 ihm etwas von der Fügsamkeit und Umgänglichkeit der ihm verhaßten »âme latine« zu enthalten scheinen, welche ja seit dem Krieg durch eine rigorose »Eindeutschung« bestraft wurde. Der Monsieur als Titel ist eo ipso auf den Herrn herabgesetzt und in rauher Zeit wurden Gelegenheiten, die auch den

15 Kundgebungen einer âme latrine vorbehalten sind, für »Männer« und »Frauen« bestimmt. (Daß ich hier wie auch sonst die

[130] é um filme da Metufa. Porém, desde que existem SA e SS, nada resta, ao menos para nós aqui, senão enviar um SOS aos EUA. Essas são formas de liquidação de uma língua que, enquanto ela não se reduz completamente à arte da adivinhação, 5 dão margem suficiente à sincronização. Porém, às vezes é como se a vontade alemã ainda fizesse a reivindicação de ampliar anexionisticamente o espaço linguístico para o sentido alemão, de deslocar as fronteiras do pensamento. Pode-se imaginar que esse imperialismo das palavras resista a formas que 10 lhe pareçam conter algo da docilidade e da sociabilidade da “*âme latine*”, que ele detesta, e que já foi punida desde a guerra por uma rigorosa “germanização”. O *monsieur*, enquanto título, foi *eo ipso* rebaixado ao *Herr*, e numa época rude, lugares que também são reservados às manifestações 15 de uma *âme latrine* foram destinados a “*Männer*” e “*Frauen*”. (O fato de aqui, como de costume, eu rejeitar

[129] 16 DHV = *Deutschnationaler Handlungsgehilfen-Verband* (Associação Nacional-Alemã de Empregados no Comércio). Fundado em 1893, era o mais importante sindicato de funcionários da Alemanha em 1931. Em 1933, foi absorvido pela *Deutsche Arbeitsfront*.

[129] 17 *Mene tequel ufarsin*: expressão aramaica (*mēnē mēne tēqel ûfarsîn* = contado, pesado e dividido), escrita por uma mão na parede durante um banquete de Belsazar, rei da Babilônia, e interpretada pelo profeta Daniel como uma advertência sobre o futuro desastroso do reino.

1 Metufa = provável mescla de “*Mene tequel ufarsin*” e *Universum-Film-Aktiengesellschaft* (= Universo Filmes S.A.), empresa criada pelo governo alemão em 1917 para melhorar a qualidade e o prestígio do cinema alemão no exterior, mas também como meio de fortalecer o moral das tropas. A empresa continuou ativa depois da guerra: em 1930 produziu o primeiro filme sonoro alemão, *O anjo azul*, e depois de 1933 teve papel importante no aparato propagandístico de Goebbels.

3 Liquidação: em alemão, *Ausschaltung*, termo afim a *Gleichschaltung*, “sincronização”. No campo da eletrotécnica, significa “interrupção”, “desconexão”.

13 *Eo ipso*: por isso mesmo; *Herr*: senhor.

15-16 “*Männer*” e “*Frauen*”: “homens” e “mulheres” em alemão. Kraus alude à substituição dos habituais termos franceses por termos alemães na sinalização dos sanitários.

[131] Vorstellung von Nietzsches »Männlein und Weiblein«, die nicht minder deutsch ist, ablehne, ist meine persönliche Aversion.) Doch wo sie sich öffentlich versammeln, hat man immer entsprechend den »Mesdames et Messieurs« die Ansprache an
5 »Meine Damen und Herren« gepflogen. Diesem »mein« liegt das gelinde Gefühl einer Beziehung zugrunde, keineswegs die Absicht der Besitzergreifung. Sie hat sich erst im Deutschen Reichstag vollzogen, als wir schlagartig die nicht durchdenkbare Formel empfangen:

10

Meine Männer und Frauen!

Da insbesondere meine Frauen, wenigstens im Abendland, sich als Vielheit schwerlich der normaleren Besitzvorstellung anpassen, so kann nur die einer Gefolgschaft von Mannen und
15 Männinnen Platz greifen, wie sie dem Begriff des Führertums ja tatsächlich entspricht. Nennen wir es Expansionsdrang oder Gewalttätigkeit – sprachliches Neuland ist erobert.

[131] a ideia nietzschiana de “machos e fêmeas”, que não é menos alemã, constitui aversão pessoal minha.) No entanto, quando eles se reúnem publicamente sempre se usou, correspondendo a “*mesdames et messieurs*”, dirigir a palavra a “minhas senhoras e meus senhores”. Na base desses “minhas” e “meus” se encontra o sentimento brando de uma relação, de forma alguma a intenção da tomada de posse. Ela se consumou pela primeira vez no Reichstag alemão, quando de um golpe ouvimos esta fórmula impensável:

10

Meus homens e mulheres!

Visto que em especial minhas mulheres, pelo menos no Ocidente, dificilmente se adaptam, enquanto pluralidade, à ideia mais normal de posse, só pode tomar lugar a de um séquito de varões e varoas, como ela de fato corresponde ao conceito de liderança. Chamemos isso de ímpeto de expansão ou violência – novas terras linguísticas foram conquistadas.

8 Reichstag: isto é, Parlamento.

16 Varões e varoas: tradução de “*Mannen und Männinnen*”. Varoa/*Männin* são termos que ocorrem em Gênesis 2, 23, no trecho que trata da criação da mulher (“chamar-se-á varoa, porquanto do varão foi tomada”). Seu sentido mais usual é o de mulher forte, masculinizada.

17 Liderança: *Führertum*, termo derivado de *Führer*, “guia”, “líder”.

[132] Benn könnte aber der Meinung sein, daß man in Zeiten, wo man mit dem Feind wieder deutsch spricht, eben dies nicht müsse, indem man auch mit der Sprache nicht viel Federlesens machen soll, und er schließt sich vielleicht dem bedeutenden
5 Grundsatz an, den ein linker Geist neulich aufgestellt hat:

Der Glaube an die unwandelbare Heiligkeit des Wortes, an die Unantastbarkeit der Sprache

10 (wird nicht verkündet, sondern)

scheint mir ein Vorurteil, das – um den Dichter als Lebensgestalter auszuschalten – von der jeweilig herrschenden Ordnung begünstigt wird.

15

Ich denke zwar nicht, daß irgendeine der herrschenden Ordnungen mit meinem Begriff von Sprache etwas anzufangen wüßte, und denke im Gegenteil, daß eine Lebensgestaltung, die allen zuwiderläuft, sich dem Glauben an die Unantastbarkeit
20 der Sprache verdankte; aber ich gestehe zu, daß die Journalisten ihn für ein noch größeres Vorurteil halten müssen, als die Eigentumsverbrecher das Gesetz. Das Unglück ist nur, daß dort nicht wie hier dem Vorurteil ein Urteil folgt, weil die jeweils herrschende Ordnung bei weitem kein so großes Interesse
25 am geistigen Gut hat wie am materiellen. Wie wäre man als Gutsbesitzer anerkannt und geschützt, wenn der Staat es beherzigte:

30 Geist ist nichts Metaphysisches. Geist entspringt der Realität.

Ein Gedanke, der doch sein Geld wert ist. Ich vermute, daß Benn, wenn ich ihn auf eine Fehlkonstruktion aufmerksam machte, gleichfalls dem Vorurteil abwinken und bloß die Lebensgestaltung, wie er sie intendiert, betonen würde. Ich
35 könnte ihm aber sogar aus syntaktisch unbedenklichen Sätzen die Widerlegung seines Denkens durch seine Sprache angedeihen lassen. Es ist unecht bis zu den Schrecken der Apokalypse.

Darum läßt er sich auch den Kitsch landsmännischen Gemütstons nicht entgehen, indem er den an der Küste gelagerten
40 Flüchtlingen die folgende Perspektive eröffnet:

[132] Mas Benn poderia ser da opinião de que em tempos em que se fala novamente alemão com o inimigo não se teria de fazer precisamente isso, na medida em que também não se deve fazer muitas cerimônias com a linguagem, e talvez ele concorde com o significativo princípio que um espírito de esquerda estabeleceu recentemente:

A crença na sacralidade imutável da palavra, na intocabilidade da língua

10 (não é proclamada, e sim)

me parece um preconceito que – com o propósito de anular o poeta como configurador da vida – é favorecido pela ordem dominante em cada momento.

15

Na verdade, não penso que alguma ordem dominante soubesse o que fazer com o meu conceito de linguagem, e penso, pelo contrário, que uma configuração da vida que tudo contraria se deve à crença na intocabilidade da língua; mas admito que os jornalistas tenham de considerá-la como um preconceito ainda maior do que os violadores da propriedade consideram a lei. A desgraça é tão-somente que no primeiro caso, ao contrário do segundo, o preconceito não é seguido por uma sentença, pois a ordem dominante em cada momento nem de longe tem um interesse tão grande nos bens do espírito quanto nos materiais. Como seríamos reconhecidos e protegidos na condição de proprietários se o Estado levasse isto a peito:

30 O espírito não é algo metafísico. O espírito surge da realidade.

Um pensamento que realmente vale o seu dinheiro. Suponho que se eu chamasse sua atenção para uma construção errada, Benn igualmente recusaria o preconceito e ressaltaria apenas a configuração da vida conforme ele a almeja. No entanto, mesmo a partir de frases sintaticamente insuspeitas eu poderia lhe oferecer a refutação de seu pensamento por meio de sua linguagem. Ele é falso até os pavores do apocalipse.

Por isso, ele também não deixa de aproveitar o *kitsch* do tom de ânimo compatriota ao descortinar a seguinte perspectiva aos refugiados acampados na costa:

1 4.15 SEÇÃO 15: As razões de Benn *versus* a realidade cotidiana (da página 132, linha 1, à página 137, linha 26).

23 O preconceito não é seguido por uma sentença: em alemão, “preconceito” é *Vorurteil* (muito literalmente, “pré-juízo”, “pré-sentença”) e “sentença” é *Urteil*.

[133] Da werfen Sie nun also einen Blick auf das nach Afrika sich hinziehende Meer, vielleicht tummelt sich gerade ein Schlachtschiff darauf mit Negertruppen aus jenen sechshunderttausend Kolonialsoldaten der gegen Deutschland einzusetzenden berüchtigten Forces d'outremer, vielleicht auch auf den Arc de triomphe oder den Hradschin, und schwören diesem Land, das politisch nichts will als seine Zukunft sichern .. Rache.

Er meint natürlich – und hat's mit dem »vielleicht« nur falsch angeschlossen –, daß wieder andere Flüchtlinge auf den Arc de triomphe blicken und andere wieder auf den Hradschin, was man ja bloß bei Shakespeare bequem vom Meer aus tun kann. Wie dem immer sei, so läßt sich, vielleicht, selbst für den kriegerischen Umgang mit jenen Negertruppen mehr Sicherheit garantieren, als Bann sie hinterdrein den Flüchtlingen bietet, welche Bedenken wegen Dachau hatten. Was aber die aktive Behandlung von Negern anlangt, so mag man mit einer gewissen Zuversicht in die Berliner Kolonialschau blicken, die soeben unter der Devise eröffnet wurde:

»Deutsches Land in fremder Hand!« Stets daran denken – stets dafür wirken, was wir verloren haben.

Erinnerungen sind da aufgestellt an eine heldenhafte Schutztruppe und »ihre braven schwarzen Askaris«, die jetzt in fremder Hand verwildern. Es gilt:

unsere Jugend im kolonialen Gedanken zu erziehen. Zum würdigen Nachwuchs unserer alten Pionier- und Farmergarde, deren Arbeit und Schaffen

(mit Hintansetzung des Gedenkens an das berühmte Schlagwort »Putkamerun«)

fleckenrein und vorbildlich in der Kolonialgeschichte der Völker dasteht.

Denn die Selbstgerechtigkeit funktioniert trotz einer Justizreform; und die Kolonialschau ist

ein Denkmal, das den Besuchern zuruft: Wir vergessen euch nie – wir müssen euch wiederhaben!

[133] Lance agora, portanto, um olhar ao mar que se estende rumo à África; talvez, nesse exato momento, se agite nele um navio de guerra com tropas de negros que fazem parte daqueles 600 mil soldados coloniais das famigeradas *Forces d'outremer*, a serem mobilizadas contra a Alemanha, talvez também ao Arco do Triunfo ou ao Hradschin, e juram [...] vingança a este país, que não quer outra coisa politicamente senão garantir seu futuro.

Naturalmente, ele quer dizer – e apenas fez um encadeamento equivocado com o “talvez” – que outros refugiados olham para o Arco do Triunfo e outros ainda para o Hradschin, algo que, afinal, só em Shakespeare se pode fazer comodamente a partir do mar. Seja lá como for, talvez seja possível garantir mais segurança mesmo para o trato guerreiro com aquelas tropas de negros do que aquela que Benn oferece posteriormente aos refugiados que tinham escrúpulos por causa de Dachau. Porém, no que respeita ao tratamento ativo de negros, pode-se, com certa confiança, dar uma olhada na Exposição Colonial Berlinense, aberta recentemente sob esta divisa:

“Terra alemã em mão estrangeira!” Pensar sempre nisso – agir sempre em favor do que perdemos.

Apresentaram-se aí lembranças de uma heroica tropa colonial e “seus valentes ascaris negros”, que agora degeneraram em mão estrangeira. Cabe:

educar nossa juventude no pensamento colonial. Para o digno renovo de nossa antiga guarda de colonos e agricultores, cujo trabalho e criação

(desprezando a lembrança da famosa palavra de ordem “Putkamerun”)

se encontram imaculados e exemplares na história colonial dos povos.

Pois a justiça para consigo mesmo funciona apesar de uma reforma judiciária; e a Exposição Colonial é

um monumento que clama aos visitantes: nós jamais os esquecemos – precisamos tê-los de volta!

5 Hradschin: castelo em Praga e sede do governo.

25 Ascaris: soldados dos países do Norte da África que serviam nos exércitos coloniais.

33 *Putkamerun*: conforme o tradutor francês Pierre Deshusses, a República dos Camarões (*Kamerun* em alemão) foi colônia alemã até 1916, quando foi partilhada entre a França e a Inglaterra. De 1895 a 1907 foi administrada por Jesco von Puttkammer, cujo governo brutal e corrompido engendrou o neologismo *Puttkamerun* (ou *Putkamerun*).

38 Justiça para consigo mesmo: tradução literal de *Selbstgerechtigkeit*, termo usualmente vertido por “presunção”.

[134] Woraus freilich nicht klar hervorgeht, ob nur die Deutschen die Kolonien oder die Kolonien auch die Deutschen wiederhaben wollen. Um demnach auf die Sprache zurückzukommen, glaube ich, daß sie, wenn schon nicht in den französischen Kolonien, so doch im Stammland und desgleichen auch unter dem Hradschin besser kultiviert wird als von deutschen Zeitungen und ihren Lesern, gleichviel welchem politischen Ideal sie anhängen; die Sprache dieser Nationen, aber zuweilen selbst die deutsche. Daß das Land, wo diese behandelt wird als wäre sie in Schutzhaft, nichts will als seine Zukunft sichern – was den Flüchtlingen ihrerseits unmöglich schien –, es klingt freilich bescheidener, als daß eine der großartigsten Realisationen des Weltgeists überhaupt geplant sei.

Doch Benn ist sogleich wieder in prähistorischer Ferne, denn die Argumente der Gegner klingen ihm »wie aus einem anderen Erdzeitalter«, womit sie ihm aber eigentlich näher gerückt wären. Was nun die soziale Gegenwart anlangt, zu der er zurückfindet, so hat er sich sagen lassen, und kann

es darum bestätigen: daß es dem deutschen Arbeiter heute besser geht als zuvor.

Benn kann es nicht oft genug wiederholen und wiewohl er nicht ausdrücklich von der Ernährung spricht, versichert er, die Arbeiter hätten jetzt

ein sich bewegendes Lebensgefühl.

Das ist zwar ein Feuilletonbegriff, durch den das Fett nicht billiger wird, aber er bittet die Gegner, fest überzeugt zu sein, daß die Eroberung weiterschreitet, denn die deutsche Volksgemeinschaft sei etwas, was ich zu allerletzt vermutet hätte, nämlich

kein leerer Wahn.

Ja, er versteigt sich zu der Beteuerung, dieses Jahr 1933 habe einen Teil der Menschenrechte neu proklamiert

was insofern glaubhaft ist, als ja dieser Teil die Vernichtung des andern Teils erlaubte. Er führt noch die Gegner in dem Punkte

[134] Donde no entanto não fica claro se apenas os alemães querem as colônias de volta ou se as colônias também querem de volta os alemães. Voltando assim à língua, acredito que ela, se já não é o caso nas colônias francesas, pelo menos seja mais bem
5 cultivada no país de origem, e igualmente sob o Hradschin, do que por jornais alemães e seus leitores, seja qual for o ideal político que sigam; a língua dessas nações, mas às vezes até a alemã. Que o país onde esta é tratada como se estivesse em prisão preventiva nada quer senão garantir seu
10 futuro – o que pareceu impossível da parte dos refugiados –, tal coisa soa na verdade mais modesta do que o planejamento de uma das mais grandiosas realizações do espírito universal em geral.

Mas Benn está logo outra vez em distâncias pré-históricas,
15 pois os argumentos dos adversários soam-lhe “como se viessem de outra era geológica”, algo que na verdade os aproximaria dele. Bem, quanto ao presente social, cujo caminho reencontra, ele deu ouvidos aos conselhos que lhe deram e pode,

20 por isso, confirmar: que hoje as coisas vão melhor do que antes para o trabalhador alemão.

Benn não cansa de repetir isso e, embora não fale expressamente da alimentação, assegura que agora os trabalhadores teriam
25 um sentimento móvel da vida.

Na verdade, isso é um conceito folhetinesco que não torna a gordura mais barata, mas ele pede aos adversários para que
30 estejam firmemente convencidos de que a conquista segue avançando, pois a comunidade alemã do povo, segundo ele, é a última de todas as coisas que eu teria imaginado, a saber,

de forma alguma um delírio vazio.
35

Sim, ele se atreve a afirmar que este ano de 1933

reproclamou uma parte dos direitos do homem

40 o que é crível na medida em que essa parte permitiu a aniquilação da outra. Ele ainda derrota os adversários no ponto

[135] ab, wo sie an sein »radikales Sprachgefühl« appelliert haben,
was ich noch wirksamer mit dem Hinweis auf den Satz besorgen
könnte, mit dem er es tut. Dann wendet er ein von Herrschaften
abgelegtes Pathos, das aber heute selbst der alte Attinghausen
5 verschmähen würde, an sein Volk, das sich hier seinen Weg
bahne:

Wer wäre ich, mich auszuschließen, weiß ich denn etwas Besseres –
nein!
10

Ich kann das nicht nachempfinden, so vertraut ich mit der
Sprache seines Volkes bin. Er jedoch »dankt« sie seinem Volk,
aus dem die Ahnen stammen, zu dem die Kinder zurückkehren;
er wolle es nach Maßgabe seiner Kräfte leiten und wenn's ihm
15 nicht gelänge, es bliebe sein Volk:

Volk ist viel!

Denn es gebe Augenblicke, wo dies ganze gequälte Leben ver-
sinkt, und nichts da ist als:
20

Volk.

Ganz schön, nur der Ergänzung entbehrend, daß es auch noch
25 andere Völker gibt und daß wenn sie sich alle für auserwählt
halten wollten, die Apokalypse ein Kinderspiel wäre gegen das
dicke Ende, das als das letzte nachkommt. Aber was macht sich
Benn schon aus Europa! Einen Hohn:

30 Dies Europa! Das hat wohl Werte, – wo es nicht bestechen und
schießen kann, da steht es wohl recht kläglich da!

Darum eben muß jeder Deutsche schießen lernen. Benn ver-
gleicht noch Hitler mit Napoleon und zieht jenen vor, da man
ihn von seiner Bewegung nicht unterscheiden könne, während
35 dieser bloß ein individuelles Genie war. Er läßt sich in eine Cha-
rakterologie der großen Männer ein, welche »die abnorme
Leichtigkeit in allem, namentlich auch den organischen Funk-
tionen« gemeinsam haben. Dann beruft er sich darauf, daß die
40 »Grundlagen seiner Darstellung« dieselben seien wie bei
Fichte, Burckhardt und Nietzsche, nicht ohne auch an Hegel

[135] em que eles apelaram ao seu “radical senso da língua”, o que eu poderia providenciar de maneira ainda mais efetiva indicando a frase com que ele o faz. Depois ele dirige a seu povo, que abre aqui seu caminho, um *pathos* demonstrado por governantes, mas que mesmo o velho Attinghausen hoje desdenharia:

Quem sou eu para me excluir; será que tenho ideia melhor? – Não!

10

Não consigo ter os mesmos sentimentos quanto a isso, por mais familiarizado que esteja com a língua de seu povo. Contudo, ele a “deve” a seu povo, do qual provêm os antepassados, ao qual retornam os filhos; ele afirma querer guiá-lo na medida de suas forças e, caso não o consiga, ele continuará sendo seu povo:

15

O povo é muito!

Pois há momentos em que toda essa vida atormentada vai a pique, e não há nada senão:

20

o povo.

Muito bonito, apenas faltando complementar que também há outros povos e que se todos quisessem se considerar escolhidos, o apocalipse seria uma brincadeira de criança comparado ao *gran finale*, o último, que então se seguiria. Mas o que importa a Europa para Benn! Ela é um escárnio:

25

30 Essa Europa! Ela decerto tem valores – quando não pode corromper nem atirar, sua situação é realmente bem lastimável!

É justamente por isso que todo alemão precisa aprender a atirar. Benn ainda compara Hitler a Napoleão e prefere aquele, visto que não se poderia distingui-lo de seu movimento, enquanto este era apenas um gênio individual. Ele se mete numa caracterologia dos grandes homens, que têm em comum “a leveza anormal em tudo, particularmente também das funções orgânicas”. Depois ele recorre ao fato de que os “fundamentos de sua exposição” seriam os mesmos de Fichte, Burckhardt e Nietzsche, não sem também referir-se a Hegel,

35

40

5 Barão de Attinghausen: personagem de *Guilherme Tell*, peça de Schiller.

40 Johann Gottlieb Fichte (1762-1814): filósofo alemão.

41 Jakob Burckhardt (1818-1897): historiador suíço da arte e da cultura. Exerceu grande influência sobre Nietzsche.

[136] anzuknüpfen, vor allem aber an die eigene »fanatische Reinheit« zu erinnern, an die auch die Flüchtlinge appelliert haben. Wie lange er mit ihr, wie insbesondere mit der intellektuellen Zurüstung, als Kämpfer für die Sache durchhalten wird, weckt
5 Spannung. Doch nicht ohne Interesse läßt sich auch das Blatt, in dem er auf den Plan tritt, wenden, und da gesellt sich der irrationalen Zuversicht und dem Einblick ins Quartär die redaktionelle Mahnung:

10 Man soll in der Politik auch die Dinge des täglichen Lebens, die das Volk unmittelbar berühren, nicht unterschätzen.

Gewiß soll man nicht, aber wir haben doch gehört, daß sich das
15 Lebensgefühl des deutschen Arbeiters bewegt und daß es ihm heute besser geht als zuvor? Haben wir, jedenfalls:

Während der letzten Wochen ist im Zusammenhang mit der Margarineverordnung eine starke Preissteigerung für alle Fette zu verzeichnen
20 gewesen. Der Butterpreis stieg von einem Tiefstand von 84 Mark auf 120 Mark für den Zentner.

Beispiele der »Auswirkung« für den Konsumenten folgen.

25 An einzelnen Plätzen, namentlich in Süddeutschland sind die Preise noch stärker gestiegen; in München haben etwa 200 Händler den Weg nach Dachau in das Konzentrationslager antreten müssen, und zwar, weil man ihnen Preiswucher zum Vorwurf machte.

30 Dieses »und zwar« steht lapidar da wie jenes in Kants »Zum ewigen Frieden«; aber die Methode erinnert mehr an den Herrscher bei Shakespeare, dem der Zorn hochschwillt und sein Narr die Abhilfe empfiehlt:

35 Ruf ihm zu, Gevatter, wie die alberne Köchin den Aalen, als sie sie lebendig in die Pastete tat; sie schlug ihnen mit einem Stecken auf die Köpfe und rief: Hinunter, ihr Gesindel, hinunter! Ihr Bruder war's, der aus lauter Güte für sein Pferd ihm das Heu mit Butter bestrich.

40 Die könnte er aber jetzt nicht erschwingen, auch wenn schon sämtliche Händler in Dachau mit dem Stecken behandelt wären. Denn der Abbau der Butter- und Milchpreise wird sich

[136] mas sobretudo também recordar sua própria “pureza fanática”, à qual os refugiados também apelaram. Desperta curiosidade saber por quanto tempo ele resistirá com ela, como em especial com o equipamento intelectual, na condição de combatente em favor da causa. Porém, não é sem interesse que também se pode virar a página em que ele entra em cena, e eis que à confiança irracional e à olhadela no quaternário se associa esta exortação redacional:

10 Na política também não se deve subestimar as coisas da vida cotidiana, que tocam o povo de maneira imediata.

É claro que não se deve, mas será que não ficamos sabendo que o sentimento da vida do trabalhador alemão se move e que para ele as coisas vão melhor do que antes? Ficamos, todavia:

Durante as últimas semanas, registrou-se, em conexão com o decreto da margarina, um grande aumento dos preços de todas as gorduras.

20 O preço da manteiga subiu de 84 marcos, seu nível mais baixo, para 120 marcos o quintal.

Seguem-se exemplos da “consequência” para os consumidores.

25 Em alguns lugares, sobretudo no sul da Alemanha, os preços subiram ainda mais; em Munique, cerca de duzentos comerciantes tiveram de tomar o caminho para Dachau rumo ao campo de concentração, e isso porque foram acusados de praticar preços extorsivos.

30 Esse “e isso” aí se encontra de maneira lapidar como aquele em *Sobre a paz eterna*, de Kant; mas o método lembra mais o soberano shakespeariano que é tomado pela cólera e a quem seu bobo recomenda este remédio:

35 Grita-lhe, padrinho, como a tola cozinheira gritava para as enguias quando as colocava ainda vivas nos pastéis; ela batia-lhes com um porrete na cabeça e gritava: para baixo, sua corja, para baixo! Era seu irmão que passava manteiga no feno por pura bondade para com seu cavalo.

40 Mas agora ele já não poderia pagá-la, mesmo que todos os comerciantes já tivessem sido tratados com o porrete em Dachau. Pois a redução dos preços da manteiga e do leite dificilmente

30-31 Esse “e isso” [...] de Kant: Kraus se refere ao seguinte trecho de *Sobre a paz eterna*, citado como epígrafe de um poema homônimo seu publicado em *F* 474-483, maio de 1918, p. 159-160, trecho este que é um “exemplo lapidar” de resignação (o destaque é de Kraus): “Diante da triste visão não só dos males que oprimem o gênero humano devido a causas naturais, quanto antes daqueles que os homens praticam a si mesmos uns contra os outros, o ânimo não obstante se alegra graças à perspectiva de que futuramente as coisas possam melhorar; e isso com benevolência desinteressada, quando há muito estaremos no túmulo e não colheremos os frutos que em parte nós próprios semeamos”.

35-38 Shakespeare, *Rei Lear*, ato II, cena 4.

[137] kaum mit dem Erfolg erzielen lassen, mit dem bisher der Abbau der Konsumenten angebahnt wurde, ja sogar eine gewisse Verminderung der Arbeitslosigkeit, von der es offiziell heißt:

- 5 Die Lösung des Arbeitslosenproblems, auf die heute alle Kräfte konzentriert werden müssen, ist für das Gelingen der deutschen Revolution letzten Endes ausschlaggebend.

Auch sollen bereits nordische Fischer (die die salzgebeizten Arbeitshände ineinanderlegten, um ihrem Gott zu danken, der dem Reich in seiner Not einen Herzog sandte) über einen Tagesverdienst von 20 Pfennig klagen. Die ›Deutsche Allgemeine Zeitung‹ aber führt noch sonst ungemäße Erscheinungen der Volkswirtschaft an, die sie – schon am 25. Mai – zu der Einsicht bestimmen, es sei notwendig,

10
15

daß die Maßregeln, die getroffen werden, nach der fachlichen und psychologischen Seite hin durchschlagen.

- 20 Und nicht bloß nach derjenigen, die die starke Seite der Bewegung ist. Benns Grundlagen sind wieder mehr philosophischer und geologischer Natur. Mir aber würde seine Darstellung, die ja wie kein zweites Dokument Aufschluß gibt, vollauf genügt haben, wenn das Erlebnis nicht die wechselvolle Fülle von Formen und Fratzen in sich begriffe, deren Andeutung den notwendigen Versuch zum Unmöglichen vorstellt.
- 25

Am liebsten bezöge ich sie von einer Vision, die dank jenem schon eröffnet, zwar nicht die Geburt des Menschen betrifft, jedoch den Untergang der Sprache, als des wahren Seins, welches Macht hat, diejenige zu entlarven, die das Volk heute spricht und die man einst dem Volk verdanken wird. Von welcher Welt

30

[137] será atingida com o sucesso com que até agora se começou a redução de consumidores, e inclusive uma certa diminuição do desemprego, sobre o qual consta oficialmente:

5 A solução do problema dos desempregados, na qual é preciso concentrar todas as forças hoje, é, no final das contas, decisiva para o sucesso da revolução alemã.

Dizem que pescadores do norte (que juntaram as mãos laboriosas carcomidas pelo sal para agradecer a seu Deus, que enviou um duque ao Reich em sua miséria) também já começam a reclamar de uma renda diária de vinte fênigues. Porém, o jornal *Deutsche Allgemeine Zeitung* ainda cita outros fenômenos desmedidos da economia nacional, que o levam a formular a
15 opinião – já em 25 de maio – de que seria necessário

que as medidas a serem tomadas sejam agressivamente eficazes pelos lados profissional e psicológico.

20 E não apenas por aquele que é o lado forte do movimento. Os princípios de Benn são novamente mais de natureza filosófica e geológica. Mas sua exposição, que afinal dá explicação como nenhum outro documento, teria bastado plenamente para mim se a vivência não abrangesse a variada abundância de formas e
25 fuças cujo delineamento representa a tentativa necessária do impossível.

Preferiria obter tal exposição de uma visão que, graças àquela já revelada, na verdade não diz respeito ao nascimento do homem, mas ao soçobro da língua como o do verdadeiro ser,
30 que tem poder de desmascarar aquela que o povo fala hoje e que um dia se deverá ao povo. De que espírito mundo,

24-25 Variada abundância de formas e fuças: em alemão, *wechselvolle Fülle von Formen und Fratzen*. Para conservar pelo menos uma parte da aliteração, verti *Fratzen* (que seria “caretas” ou “carantinhas”) por “fuças”.

27 4.16 SEÇÃO 16: O fim das metáforas (da página 137, linha 27, à página 143, linha 5).

[138] Geist sie statt vom Weltgeist abstammt, es ließe sich leichter feststellen, als durchs Rassenamt: »ob noch jüdisches Blut vorhanden ist«. Bis in alle Bastardierung durch den Kommerz und bis in den Betrug der alten Metapher durch eine neue Wirklichkeit. Und welche Enthüllung für den, der der Sprache nahe-
5 kam, wäre überraschender? Welcher Anblick schlagartiger als der der Worthülse, die sich wieder mit dem Blute füllt, das einst ihr Inhalt war? Beglückend, wenn dies Blut nur metaphorisch ist: das Blut des Gedankens, der die Echtbürtigkeit des Wortes
10 beglaubigt. Gorgonisch, wenn es der Aufbruch physischen Blutes ist, das aus der Sprachkruste zu fließen beginnt. Seht hin, wie die Erneuerung deutschen Lebens der alten Redensart zu ihrem unseligen Ursprung half – bis sie ihrer Verwendbarkeit im übertragenen Wirkungskreis verlustig wurde! Denn dem
15 wahren philosophischen Sinn des Ereignisses: daß sich hier zum erstenmal, seit es Politik gibt, der Floskel deren Leben entband, und daß nun etwas wie blutiger Tau an der Redeblume

[138] em vez de espírito do mundo, ela provém, eis algo mais fácil de constatar que por meio do Departamento Racial: “saber se ainda há sangue judaico”. Indo até todo o abastardamento por meio do comércio e até o ludibrio da metáfora antiga por meio de uma
5 nova realidade. E, para aquele que se aproxima da língua, que revelação seria mais surpreendente? Que visão seria um golpe mais súbito que a da casca verbal que volta a se encher com o sangue que outrora fôra seu conteúdo? Bem-aventurante, quando esse sangue é apenas metafórico: o sangue do pensamento,
10 que atesta a autenticidade da palavra. Gorgônea, quando é a irrupção de sangue físico que começa a correr da crosta linguística. Vede como a renovação da vida alemã ajudou a locução antiga a retornar à sua infausta origem – até que ela perdesse sua aplicabilidade no campo de ação figurado! Pois ao verdadeiro
15 sentido filosófico do acontecimento: de que aqui, pela primeira vez desde que existe política, o floreio dá sua vida à luz e que agora algo como orvalho sangrento adere à flor de retórica

2 Departamento Racial: ou *Rassenamt*, subdepartamento da SS encarregado, entre outras atividades, de emitir autorizações de casamento para os homens da SS com base em investigações sobre a “pureza racial” dos noivos e sua aptidão para a geração de filhos saudáveis.

[139] haftet – solchem Sinn gehorcht auch die Metapher, welche man in ihre Wirklichkeit zurückgenommen sieht. Wenn diese Politiker der Gewalt noch davon sprechen, daß dem Gegner »die Faust zu zeigen«, »das Messer an die Kehle zu setzen« und
5 »der Mund zu stopfen« sei, oder wenn sie überall »mit harter Faust durchgreifen« wollen und mit »Aktionen auf eigene Faust« drohen, so bleibt nur erstaunlich, daß sie noch Redensarten gebrauchen, die sie nicht mehr machen. Die Regierung, die »mit aller Brutalität jeden niederschlagen will, der sich ihr
10 entgegenstellt«, tut es wirklich; »Ausstoßen aus der Deutschen Arbeitsfront« läßt das Brachium erkennen, mit dem ihr Machthaber an einer Kehlkopfverletzung beteiligt war; und vollends erfolgt die Absage an das Bildliche in dem Versprechen eines Staatspräsidenten:

15

Wir sagen nicht: Auge um Auge, Zahn um Zahn, nein, wer uns ein Auge ausschlägt, dem werden wir den Kopf abschlagen, und wer uns einen Zahn ausschlägt, dem werden wir den Kiefer einschlagen.

[139] – a tal sentido também obedece a metáfora, que vemos revogada em sua realidade. Quando esses políticos da violência ainda falam em “mostrar o punho” ao inimigo, “colocar a faca na sua garganta” e “tapar sua boca”,
5 ou se por toda parte querem “impor-se com punho firme” e ameaçam com “ações de próprio punho”, a única coisa espantosa é que ainda empreguem locuções que não praticam mais. O governo que “quer abater com toda a brutalidade todos aqueles que se opuserem a ele”, faz isso realmente;
10 “ser expulso da Frente de Trabalho Alemã” é algo que revela a violência com que o seu dirigente tomou parte numa lesão da laringe; e a recusa ao figurado ocorre completamente na promessa de um presidente de Estado:

15

Não dizemos: olho por olho, dente por dente; não; vamos arrancar a cabeça de quem nos arrancar um olho e quebrar o maxilar de quem nos quebrar um dente.

[140] Es geschieht auch ohne diese Vorbedingung. Und diese Revindikation des Phraseninhalts geht durch alle Wendungen, in denen ein ursprünglich blutiger oder brachialer Inhalt sich längst zum Sinn einer geistigen Offensive abgeklärt hat. Keine noch
5 so raffinierte Spielart könnte sich dem Prozeß entziehen, selbst nicht das entsetzliche »Salz in offene Wunden streuen«. Einmal muß es geschehen sein, aber man hatte es vergessen bis zum Verzicht auf jede Vorstellung einer Tatsächlichkeit, bis zur völligen Unmöglichkeit des Bewußtwerdens. Man wandte es an,
10 um die brüske Erinnerung an einen Verlust, die unzarte Berührung eines Seelenleids zu meinen: das gibt's immer; die Handlung, von der's bezogen war, blieb ungedacht. Hier ist sie:

Als sich der alte Genosse beim Kartoffelschälen einen tiefen Schnitt
15 in die Hand zufügte, zwang ihn eine hohnlachende Gesellschaft von Nazi, die stark blutende Hand in einen Sack mit Salz hineinzuhalten. Das Jammergeschrei des alten Mannes machte ihnen großen Spaß. Wir ändern aber mußten dann das blutige Salz für das Gefangenenessen verwenden.

[140] Isso também acontece sem essa precondição. E essa reivindicação do conteúdo da frase feita atravessa todas as expressões em que um conteúdo originalmente sangrento ou violento se clarificou há muito tempo adquirindo o sentido de uma ofensiva intelectual. Nenhuma forma, por mais refinada que fosse, conseguiu escapar ao processo, nem mesmo a medonha “deitar sal em feridas abertas”. Isso deve ter acontecido uma vez, mas foi esquecido até o ponto da renúncia a qualquer ideia de uma factualidade, até a completa impossibilidade de tornar-se consciente. Empregava-se tal expressão para referir-se à lembrança brusca de uma perda, à menção indelicada de um sofrimento da alma: isso sempre acontece; a ação, da qual ela se derivou, mantinha-se impensada. Ei-la:

7 “Deitar sal em feridas abertas”: a tradução foi literal. O sentido da expressão alemã é o mesmo da nossa “pôr o dedo na ferida”.

15 Quando o velho camarada se infligiu um corte profundo na mão ao descascar batatas, um grupo de nazis, rindo às gargalhadas, obrigou-o a colocar a mão, que sangrava abundantemente, num saco de sal. Os gritos lamentosos do velho homem lhes produziram grande diversão. Mas então tivemos de usar o sal sangrento na comida dos prisioneiros.

[141] Aber auch dies ist unvorstellbar, und da es geschah, das Wort nicht mehr brauchbar. Oder »mit einem blauen Auge davonkommen«. Nicht allen ist es jetzt im uneigentlichen Sinne gelungen; manchen im eigentlichen. Es war bisher eine Metapher. Und es ist wieder eine nur dann, wenn das andere Auge verloren ging; oder auch dann nicht. Und etwas, was wie die Faust darauf paßt, was also das Maß der Menschenwelt gern ablehnt, kann nicht mehr vorkommen, denn die Faust hat so oft aufs Auge gepaßt, daß es nichts Ungemäßen fortan bedeutet.

5

10 Die Floskel belebt sich und stirbt drum ab. In allen Gebieten sozialer und kultureller Erneuerung gewahren wir diesen Aufbruch der Phrase zur Tat. Sie hat im Widerstreit mit dem technischen Fortschritt einen Weltkrieg durchgehalten, zu dem man das Schwert zog, um mit Gas bis aufs Messer zu kämpfen;

15 die Verluste einer Revolution wird sie nicht überstehen.

Darum gibt es nur eines: Kampf bis aufs Messer. Wir können noch weitere Nadelstiche vertragen.

[141] Mas isso também é inimaginável e, visto que aconteceu, a locução não é mais utilizável. Ou “escapar com um olho roxo”. Nem todos o conseguiram agora no sentido impróprio; muitos, no próprio. Até agora, era uma metáfora. E volta a
 5 sê-lo apenas quando o outro olho se perdeu; ou não, mesmo então. E algo que combina com ele como o punho, algo, portanto, que a medida do mundo humano prefere rejeitar, nem pode mais existir, pois o punho combinou tantas vezes com o olho que daqui por diante isso não significa mais nada de
 10 desmedido. O floreio se vivifica e por isso morre. Em todos os âmbitos da renovação social e cultural percebemos essa irrupção da frase feita que se transforma em ato. No conflito com o progresso técnico, ela resistiu a uma Guerra Mundial em que se puxou da espada para brigar de foice usando gás; ela não
 15 sobreviverá às perdas de uma revolução.

Por isso só existe uma coisa: briga de foices. Ainda podemos suportar outras alfinetadas.

2-3 “Escapar com um olho roxo”: em português diríamos mais usualmente “escapar por um triz”. A tradução literal foi necessária devido à recorrência do referente “olho”.

6 Referência à expressão “*passen wie die Faust aufs Auge*” = “combinar como o punho combina com o olho”, ou seja, não combinar de forma alguma, já que o punho que agride contrasta radicalmente com a delicadeza do olho. A expressão mais usual em português para designar esse estado de coisas é “misturar alhos com bugalhos”.

[142] Jener sollte den deutschnationalen Verbündeten gelten und ist als solcher längst keine Metapher mehr. Diese sind noch eine, denn die Prozedur, die wohl auch vorkommen könnte, bleibt dem Peiniger erspart. Die Spießruten jedoch wie insbesondere
5 den Pranger, der seit dem Mittelalter vollends zum Blatt Papier zusammengeschrumpft war, haben sie allerorten in ihre Realität eingesetzt. Sie schreiten über Leichen. Alles ist da, nur was wie ein Bissen Brot fehlt, ist ein Bissen Brot. Sonst kann man sie getrost beim Wort nehmen; sie halten es. Die Lesart freilich,
10 daß »keinem Juden ein Haar gekrümmt wurde«, konnte sich behaupten, weil es nachweislich die einzige Form von Behandlung ist, die nicht geübt ward, während bei manchem die Kopfhaut mitging und mancher geschoren wurde, zwecks Einbrennung des Zeichens, in dem die Idee gesiegt hat. Auch jene
15 staatsmännliche Phantasie, die in dem reichen Vorrat von Greueln, die sie ersonnen hat, ausgerechnet die Möglichkeit negierte, es sei einem

ein Fingernagel abgehackt oder ein Ohrläppchen abgezwickelt worden

[142] Aquela diria respeito aos coligados alemão-nacionais e, como tal, há muito tempo não é mais uma metáfora. Estas ainda o são, pois o procedimento, que decerto também poderia ocorrer, é poupado ao torturador. Contudo, introduziram por toda parte como realidades as chibatas e especialmente o pelourinho, que desde a Idade Média havia encolhido completamente à medida da folha de papel. Eles caminham sobre cadáveres. Tudo está aí, só o que falta como um bocado de pão é um bocado de pão. Nos outros casos, pode-se tomar tranquilamente suas palavras ao pé da letra; eles as cumprem. A variante de que “não se tocará num fio de cabelo de um judeu” pôde se impor porque comprovadamente foi a única forma de tratamento que não foi praticada, enquanto no caso de muitos o couro cabeludo foi arrancado junto e muitos tiveram a cabeça raspada com vistas à marcação a ferro quente do signo no qual a ideia triunfou. Mesmo aquela imaginação de estadista que, no abundante estoque de horrores que inventou, negou justamente a possibilidade de que se tenha

cortado uma unha ou decepado um lóbulo de orelha a alguém

7 Eles caminham sobre cadáveres: a expressão, traduzida aqui literalmente, tem o sentido de “não ter escrúpulos”.

8 Falta como um bocado de pão: referência à expressão “precisar (de alguma coisa) como de um bocado de pão” (*brauchen wie ein Bissen Brot*), ou seja, ter grande necessidade de algo.

[143] dürfte kaum mit der Wirklichkeit in Widerspruch geraten. Für den Nachweis der Fälle, wo es geschah, konnte getrost »ein Preis ausgesetzt« werden. Er dürfte so wenig zu gewinnen sein, wie der der Olympiade für das Gedicht auf Freiheit, Liebe,
5 Schönheit und Gott.

Gleichwohl, der Boden ist vorbereitet, die Scholle gelockert, der Asphalt entfernt. Und nicht zu verkennen, daß die Richtlinien einer Säuberung, die entschieden angestrebt wird, von einer fachwissenschaftlichen Kompetenz bestimmt sind, in der
10 sich das Mißvergnügen verrät, das der Bartels an der Epoche hat und das auf Gegenseitigkeit beruht. Das Ereignishafte in allen Wirtschaftsphären der Bewegung: daß die Faust aus dem Sack hervorgeholt wird und mit oder ohne Schlag nach der freigewordenen Gelegenheit greift, tritt als tragische Drolerie in ihren kunstpolitischen Maßnahmen hervor. In den Laubenkolonien, Schrebergärten und Siedlungen spielt sich täglich das Schicksal von Philemon und Baucis ab, und die Enteignung des Gütechens im Zeichen der drei Gewaltigen vollzieht sich im legalen Wege des Rechtsbruchs oder kurzer Hand. Doch auch
15 sonst gestattet die Regel der Anordnung die Ausnahme, daß das Metaphorische mit dem Eigentlichen übereingeht, indem der Dilettant sich die Lorbeern, die ihn nicht schlafen ließen, mit Hilfe einer SA-Kolonie holt. Auch in der Literatur waren Fälle von Schmutzkonkurrenz mit blutigem Ausgang zu verzeichnen. Was da mit zwei tüchtigen Ellbogen, manchmal physisch, dem Übelstand, daß der Jude schneller und mehr Geld verdient, entgegenzuwirken trachtet, nennt sich nicht ohne Berechtigung »Kampfbund«, und ganz walpurgisgerecht vollzieht sich diese Neuordnung:

[143] dificilmente poderia contradizer a realidade. Pôde-se tranquilamente “criar um prêmio” pela prova de casos em que isso aconteceu. Deveria ser tão pouco possível ganhá-lo quanto o da olimpíada pelo poema sobre a liberdade, o amor, a beleza e Deus.

Não obstante, o solo está preparado, o torrão afofado, o asfalto removido. E não se pode ignorar que as linhas diretrizes de uma limpeza resolutamente almejada são determinadas por uma competência especializada na qual se revela o descontentamento do Bartels com a época e que repousa em reciprocidade. O caráter de acontecimento em todas as esferas econômicas do movimento: que o punho seja tirado do saco e, com ou sem golpe, se estenda para agarrar a ocasião libertada, destaca-se como gracejo trágico em suas medidas de política da arte. Nas vilas-jardim, nos jardins de Schreber e nos loteamentos se desenrola diariamente o destino de Filemon e Baucis, e a desapropriação da pequena propriedade sob o signo dos três valentões se consuma pela via legal da violação da lei ou sem cerimônias. No entanto, também em outros casos a regra da ordenação permite a exceção de que o metafórico concorde com o literal quando o diletante vai buscar os louros, que não o deixavam dormir, com ajuda de um batalhão da SA. Também na literatura haveria casos de concorrência desleal com desfecho sangrento a registrar. O que aí busca se opor com dois hábeis cotovelos, muitas vezes fisicamente, à calamidade de que o judeu fatura maisemaisrápido, denomina-se, não sem legitimidade, “Liga de Combate”, e essa nova ordem se consuma totalmente à altura de Valpúrgis:

6 4.17 SEÇÃO 17: Poetas alemães contra a tirania (da página 143, linha 6, à página 153, linha 39).

10 Adolf Bartels (1862-1945): escritor alemão, porta-voz da crítica literária antissemita.

12-13 Tirar o punho do saco: alusão à expressão *die Faust im Sack machen*, “fechar o punho dentro do saco”, ou seja, ameaçar alguém veladamente, ocultar sua raiva.

16 Jardim de Schreber: pequeno jardim ou horta para trabalhadores que fazia parte de uma colônia de jardins nos subúrbios. Tais colônias foram idealizadas pelo médico e pedagogo Daniel Gottlob Moritz Schreber (1808-1861).

17 Filemon e Baucis: casal de idosos que insiste em permanecer na sua pequena propriedade, atrapalhando o projeto colonizatório de Fausto (*Fausto II*, ato V). Este por fim se irrita com eles e ordena a Mefistófeles sua eliminação, levada a cabo pelos “três valentões”.

27 O judeu fatura maisemaisrápido: ver p. [25]-[26].

28 Liga de Combate: provável referência a uma organização nazista chamada Liga de Combate pela Cultura Alemã (*Kampfbund für die deutsche Kultur*), presidida pelo ideólogo nacional-socialista Alfred Rosenberg e formada por extremistas de direita à margem da vida cultural da República de Weimar (1919-1933).

[144] Als, angesichts der höchsten Ahnen,
Der Nacht, des Chaos ich mich stark betrug,
Und, in Gesellschaft von Titanen,
Mit Pelion und Ossa als mit Ballen schlug:
5 Wir tollten fort in jugendlicher Hitze,
Bis überdrüssig, noch zuletzt
Wir dem Parnaß, als eine Doppelmütze,
Die beiden Berge frevelnd aufgesetzt.

10 Blutige Dilettanten: auch sie haben die Phrase effektiert. Die
»Schwarze Liste« verfolgt den Zweck, den Büchermarkt endlich für jene frei zu machen, die aus dem Umstand, daß sie ihn
bisher nicht gewinnen konnten, ihre Berechtigung und Berufung herleiten, was freilich ein noch verhängnisvollerer Trugschluß
15 ist als der der anderen, die sie aus der Zulassung zu erschließen gewohnt waren. Der Vorsatz, dieser Illusion zu begegnen und jener zu genügen, erschuf eben die Schwarze Liste, den Index der von der Schwelle des Dritten Reichs gewiesenen
Literatur, welchen man sich aber nicht etwa als einen Leviathan vorstellen darf, der sämtliche Juden verschlungen hat. Es
20 handelt sich vielmehr um eine Zusammenstellung von Glückspilzen, unter denen wieder diejenigen mit einem Stern bezeichnet sind, die verbrannt wurden und darum als Sehenswürdigkeiten erhalten bleiben. Doch auch verirrte Arier haben in der
25 Liste, in der ich bloß 131 Autoren und zwei Anthologien zähle, Unterschlupf gefunden, und von manchen sind wieder bestimmte Werke ausgenommen, die mithin der Vergessenheit anheimfallen sollen. Selbstverständlich beunruhigt es mich,
warum von Bonsels, der sich mit dem Anschluß übereilt hat,
30 »Alles außer« der Biene (nebst zwei anderen Schöpfungen) verschont wird, und warum von Werfel ausgerechnet die Barbara zugelassen ist, was wieder die Undset mißverstanden zu haben scheint, die ihr Wohlgefallen an der Aktion ausgesprochen hat.
Daß von Lernet-Holenia die »Gedichte« erhalten bleiben, sei
35 nicht ohne Schadenfreude vermerkt. Ehrliche Befriedigung gewährt dagegen der Umstand, daß Ewers (HH!) trotz seinem Horst Wessel die Alraune nicht hinüberbringen konnte, nachdem schon die französische Presse triumphiert hatte:

[144] Quando, face aos supremos ancestrais,
 A noite, o caos, enganei-me imensamente,
 E, na companhia de titãs,
 Joguei com Pelion e Ossa como se bolas fossem:

5 Continuamos brincando com ardor juvenil
 Até que, fartos, por fim ainda
 Colocamos sobre o Parnaso, maliciosamente,
 Como um duplo gorro, os dois montes.

10 Dilettantes sangrentos: eles também efetuaram a frase feita. A
 “Lista Negra” persegue o fim de finalmente liberar o
 mercado livreiro para aqueles que derivam sua legitimidade
 e sua vocação da circunstância de até agora não terem
 conseguido conquistá-lo, o que no entanto é uma falácia

15 ainda mais funesta que a dos outros, acostumados a
 deduzi-las da admissão. O propósito de combater esta ilusão
 e satisfazer aquela criou justamente a Lista Negra, o
 índice da literatura que foi expulsa do umbral do Terceiro Reich,
 índice que no entanto não deve ser imaginado, por exemplo,

20 como um leviatã que devorou todos os judeus. Trata-se,
 antes, de uma reunião de felizardos, entre os quais, por sua vez,
 aqueles que foram queimados estão assinalados com uma estrela
 e por isso se mantêm como coisas dignas de se ver. No entanto,
 arianos extraviados também encontraram refúgio na lista, em

25 que conto apenas 131 autores e duas antologias, e de alguns, por
 sua vez, excetuaram-se determinadas obras, que por isso devem
 cair no esquecimento. Evidentemente, inquieta-me a questão de
 saber por que dentre as obras de Bonsels, que se apressou com a
 anexação, poupou-se “Tudo exceto” a abelha (além de duas

30 outras criações), e por que justamente a Bárbara de Werfel foi
 admitida, o que a Undset, por sua vez, parece ter entendido mal,
 ela que expressou seu contentamento com a ação. Observe-se,
 não sem alegria pela desgraça alheia, que os *Poemas* de Lernet-
 Holenia foram preservados. Em compensação, proporciona

35 satisfação sincera a circunstância de que Ewers (H.H.!), apesar
 de seu Horst Wessel, não tenha conseguido levar a mandrágora
 para o outro lado depois que a imprensa francesa já tinha
 triunfado:

1-8 Goethe, *Fausto II*, ato II, “Noite de Valpúrgis clássica”, v. 7558-7565 (Sismo).

28 Waldemar Bonsels (1880-1952): escritor alemão, antissemita e simpatizante do nazismo. Kraus alude ao livro *A abelha Maia e suas aventuras* (1912), enorme sucesso comercial traduzido em dezenas de idiomas.

30 Franz Werfel (1890-1945): escritor austríaco. *Bárbara ou A devoção* foi um de seus romances.

31 Sigrid Undset (1882-1949): escritora norueguesa.

34 Alexander Lernet-Holenia (1897-1976): escritor austríaco.

35 Hanns Heinz Ewers (1871-1943): escritor alemão. Escreveu poemas nacionalistas durante a Primeira Guerra, literatura erótica antes e depois dela (caso do romance *A mandrágora*), uma biografia do ídolo nazista Horst Wessel, e, antes disso, traduziu do iídiche um poema condenando os *pogroms* contra os judeus na Rússia. Dada a pronúncia da letra *h* em alemão, “ha”, a abreviatura de seus dois primeiros nomes soa como uma interjeição que denota surpresa.

[145] Un auteur pornographique dictateur littéraire du troisième Reich!

Er bleibt mit seinem Besten und insbesondere mit dem, was ihn
mit Magnus Hirschfeld verknüpft, auf den österreichischen Bü-
chermarkt angewiesen. Ich könnte, die Gelegenheit ergreifend,
wo Denunzieren Nutzen bringt, ihm noch durch die Enthüllung
schaden, daß er einst das Judentum und insbesondere Heinrich
Heine verherrlicht hat, dem soeben eine Straßentafel in Chem-
nitz aberkannt wurde mit der ausdrücklichen Begründung:

.. Es dürfte angebracht sein, die Öffentlichkeit darauf hinzuweisen,
daß Heinrich (Harry) Heine (1798–1856), nach dem diese Straße bis-
her benannt war, ein deutschfeindlich eingestellter jüdischer Dichter
gewesen ist. Heine war der Begriff »Ehrfurcht vor allem Hohen und
Heiligen«.. stets unbekannt .. Auch das Deutschtum an sich zog er
in den Schmutz!

während Ewers behauptet, daß das Herz dieses Dichters nichts
anderes war als

Eine singende Laute! – War ein Gralsjuwel,
Das auch heute noch und in ferne Zeiten
Leuchtend singt von der Welt und all ihren Herrlichkeiten.

Und nicht genug an dem, ich könnte auch noch verraten, daß
er aus dem Jiddischen einen förmlichen Fluch gegen Judenver-
folgungen nachgedichtet hat:

Wohin nur des Juden Schritte sich lenken,
Stets wird er, o Rußland, der Blutschuld gedenken,
Wir beten, daß Gott dir nichts möge schenken!
Drum weh jedem Volk, das dir tritt zur Seite,
Und Schmach jedem Manne, der für dich streite!

Wie man aber sieht, zeige ich's bloß wegen des schlechten Kon-
junktivs an, der da für eine gute Sache verwendet wird. Und au-
ßerdem bezieht sich's doch auf Rußland:

Ein Fluch aus Schmerzen und Stöhnen und Klagen –
Der Fluch soll dich treffen – und er wird dich erschlagen!

[145] *Un auteur pornographique dictateur littéraire du troisième Reich!*

No que tem de melhor e, em especial, naquilo que o liga a Magnus Hirschfeld, ele fica dependendo do mercado livreiro austríaco. Aproveitando a oportunidade de que denunciar traz vantagens, eu ainda poderia prejudicá-lo por meio da revelação de que no passado ele glorificou o judaísmo e em especial Heinrich Heine, privado recentemente de uma placa de rua em Chemnitz com a seguinte justificativa expressa:

10

[...] Poderia ser oportuno chamar a atenção da esfera pública para o fato de Heinrich (Harry) Heine (1798–1856), que até agora dava seu nome a esta rua, ter sido um poeta judeu de orientação antialemã. Para Heine, o conceito de “veneração por tudo aquilo que é elevado e sagrado”

15 [...] sempre foi desconhecido [...]. Ele também difamou a germanidade em si!

enquanto Ewers afirma que o coração desse poeta não era outra coisa senão

20

Um alaúde cantante! – Era uma jóia do graal,
Que ainda hoje e em tempos remotos canta
Luminosamente acerca do mundo e de todas as suas magnificências.

25 Não bastando isso, eu ainda poderia revelar que ele recriou a partir do iídiche uma verdadeira maldição contra as perseguições de judeus:

Para onde quer que os passos do judeu se dirijam,
30 Ele sempre se lembrará, ó Rússia, da culpa de sangue;
Rezamos para que Deus nada te conceda!
Por isso, ai de todo povo que a ti se aliar,
E que se cubra de vergonha todo homem que por ti lute!

35 Mas, como se vê, só denuncio isso por causa do péssimo subjuntivo, que aí é empregado por uma boa causa. E além disso, afinal, é uma referência à Rússia:

Uma maldição feita de dores e gemidos e queixas –
40 Que a maldição te atinja – e ela te matará!

4 Magnus Hirschfeld (1868-1935):
neurologista e sexólogo alemão.

[146] Doch könnte freilich er sich wieder auf Platen berufen, der
ja ein noch besserer Dichter und Deutscher war und nicht bloß
nachgedichtet, sondern gedichtet hat, was zwar nicht den Ju-
den gilt, aber sich gleichfalls auf Rußland bezieht:

5

Mag zu Staub uns auch zerschmettern

Jener Sklaven Legion,

Unter morscher Särge Brettern

Keimt die neue Blume schon!

10

Wenn das letzte Schwert zerbrochen,

Laßt zu Grab uns freudig gehn,

Aber einst aus unsern Knochen

Wird ein Rächer auferstehn!

15

Wie gut hier das »exoriare ex ossibus ultor« zum deutschen
Reim wurde! Doch mehr als das:

O, kommt im Verein,

Ihr Männer, o kommt!

20

Vernehmt, was allein

Den Geächteten frommt!

Zieht aus von dem Land

Der Geburt, zieht aus

25

Und schleudert den Brand

In das eigene Haus!

Also ganz die Gesinnung, die Benn so tadelnswert findet. Und
so sprechen die Flüchtlinge:

30

Aus den Hütten, die der Schnee bestiebt,

Sammelt euch um dieses Feu'r, Geliebte,

Laßt in freien Worten Trost uns suchen,

Unsern Würger im Gesang verfluchen.

35

Kranz des Ruhms, von Vätern einst erworben,

Bist du wirklich völlig abgestorben?

Baum der Freiheit, den wir einst begossen,

Wirst du nie mehr aus der Erde sprossen?

40

Waren nicht auch wir ein Volk, wie eines,

Sind wir würdig schon des Leichensteines?

[146] Contudo, ele poderia recorrer novamente a Platen, que afinal era um poeta e um alemão ainda melhor e que não apenas recriou, mas criou, o que na verdade não diz respeito aos judeus, mas se refere igualmente à Rússia:

5 Por mais que até virarmos pó nos esmague
Aquele legião de escravos,
Sob as podres tábuas dos caixões
Brota já a nova flor!
10 Quando a última espada quebrada estiver,
Deixai-nos alegres à cova descer;
Mas um dia de nossos ossos
Ressuscitará um vingador!

15 Quão bem o “*exoriare ex ossibus ultor*” foi transformado aqui em rima alemã! Mas mais que isso:

Ó, vinde todos juntos,
Vós, homens, ó vinde!
20 Ouvi o que somente
Os proscritos favorece!

Saí da terra
Do nascimento, saí
25 E lançai o incêndio
Na própria casa!

Ou seja, exatamente a mentalidade que Benn acha tão reprovável. E assim falam os refugiados:

30 Saí das cabanas açoitadas pela neve
E reuni-vos em volta deste fogo, amados,
Deixai vir o consolo em palavras livres,
Amaldiçoar em canções nossos carrascos.
35 -----
Coroa da glória, pelos pais outrora conquistada,
Estás mesmo inteiramente morta?
Árvore da liberdade, que outrora regamos,
Nunca mais da terra brotarás?
40 Não éramos também nós um povo,
Seremos já dignos da pedra tumular?

6-13 August von Platen (1769-1835),
Poemas – Canções polonesas,
“Cantiga dos poloneses”, v. 73-80.

15 *Exoriare ex ossibus ultor* = surja dos ossos, vingador. Redução de *Exoriare aliquis nostris ex ossibus ultor!* (Surja de nossos ossos, vingador, quem quer que sejas!), verso de Virgílio (*Eneida*, 4, 625) que faz as vezes de epígrafe do poema de Platen. É proferido por Dido contra Enéias, que a abandonara para seguir seu destino, e alude ao futuro general Aníbal, cartaginês como ela, que colocará os romanos, descendentes de Enéias, em sérias dificuldades.

18-26 Platen, *Poemas – Canções polonesas*, “*Eamus omnis execrata Civitas*”, v. 1-8.

31-34 *Ibid.*, “Lamentação dos exilados poloneses na Sibéria”, v. 1-4.

[147] Darf der Unhold uns zu Grabe senden,
Unsre Habe wie ein Dieb entwenden?

Schuldbewußt verdammt der Überwinder
5 Selbst die junge Wißbegier der Kinder;
Daß sie nicht im Ehedem sich spiegeln,
Läßt er selbst der Bücher Schatz versiegeln.

10 Doch zum Himmel steigen unsre Klagen,
Fern hinab durch alle Zeit sie tragen
Werden Dichter einst, durch alle Lande:
Ewig währt, o Wütrich, deine Schande.

15 Trüge nicht des Menschen Seele Waffen,
Hätte Gott die Welt umsonst geschaffen,
Und der Erdball, über den wir schleichen,
War' ein Spiel für dich und deines Gleichen!

20 Doch es wird's der Sohn, der Enkel büßen,
Was wir ächzen unter deinen Füßen:
Kommen wird ein Leu mit goldner Mähne,
Der zerbricht dem Krokodil die Zähne!

25 Und dies:
Wie Mancher wähnt den Feind zersplittert,
Indes die Nemesis unwittert
Des Siegers Zelt.
Triumphe sind wie Niederlagen:
30 Wenn ihre Frucht besteht in Klagen,
Im grenzenlosen Haß der Welt.

Und dies:

35 Bricht dir nicht entzwei die Schulter,
Nicht entzwei die mürbe Schulter?
Ganz Europa's Haß belastet
Deine Schulter, Autokrator!

40 Und das:

Den Gott zu spielen,
War Der im Stand,

[147] Poderá o monstro nos mandar ao túmulo,
 Nossos bens como um ladrão roubar?

 Consciente de sua culpa, o vencedor abomina
 5 Mesmo o jovem desejo de saber das crianças;
 Para que não se espelhem no passado,
 Ele manda lacrar mesmo o tesouro dos livros.

 Mas ao céu sobem nossas queixas,
 10 Nas lonjuras abaixo, por todas as épocas, serão levadas
 Pelos poetas, um dia, por todas as terras:
 Eternamente perdura, ó tirano, a tua desonra.

 Não tivesse armas a alma do homem,
 15 Deus teria criado o mundo em vão,
 E o globo terrestre, sobre o qual nos arrastamos,
 Seria um jogo para ti e teus iguais!

 Porém o filho e o neto irão pagar
 20 O que gememos sob teus pés:
 Virá um leão de juba dourada
 E quebrará os dentes do crocodilo!

 E isto:
 25 Como muitos, julgam o inimigo destruído
 Enquanto a nêmesis fareja em torno
 Da tenda do vencedor.
 Triunfos são como derrotas:
 30 Se o seu fruto consiste em lamentos,
 No ódio sem limites do mundo.

 E isto:
 35 Não se partem em dois teus ombros,
 Em dois os teus cansados ombros?
 O ódio de toda a Europa
 Sobrecarrega teus ombros, autocrata!

 40 E isso:

 De bancar o Deus
 Foi capaz aquele

[146], 36 – [147], 2 Platen, *Poemas – Canções polonesas*, “Lamentação dos exilados poloneses na Sibéria”, v. 21-28.
 4-7 *Ibid.*, v. 33-36.
 9-12 *Ibid.*, v. 41-44.
 14-17 *Ibid.*, v. 53-56.
 19-22 *Ibid.*, v. 65-68.
 26-31 Platen, *Poemas – Canções polonesas*, “A um príncipe alemão”, v. 37-42.
 35-38 *Ibid.*, “O monarca legítimo (monólogo)”, v. 1-4.

[148] Der, vor so Vielen
 Geehrt und prächtig,
 So viel vermochte;
 Doch unterjochte
5 Er jedes Recht:
 Er war allmächtig
 Und war so schlecht!

 Er baute Tempel
10 Dem Teufel selbst:
 Nun soll den Stempel
 Er auch empfangen,
 Der große Quäler:
 Es sei'n die Maler
15 Ihm aufgebrannt;
 Er hat's begangen,
 Er ist erkannt.

 Von Schmach und Gräuel
20 Entwirrt sich ihm
 Ein langer Knäuel.
 Doch kein Verbrecher
 Ist ihm vergleichbar,
 Dem unerweichbar
25 Der Busen schwoll.
 Geuß ihm den Becher,
 Megära, voll!

30 Daß es deutsche Sprache ist, die solche Empfindungen tragen
 kann, wird selbst Benn nicht leugnen, wiewohl hier die Sache
 Polens gegen Rußland geführt wird. Aber an Kraft verwandt
 ist ihr der Text, den ein französisches Blatt als die Widmung
 wiedergab, mit der ein amerikanischer Offizier Lilien auf ein
 von Fremden vielbesuchtes Grab in London gelegt hatte:

35 Si le soldat inconnu anglais pouvait parler au poilu américain, il lui di-
 rait qu'il préfère cette simple fleur à la couronne d'un dictateur assassin
 qui souille ce mémorial.

40 Der deutsche Dichter jedoch fühlte zu Zeiten, daß Schweigen
 die noch stärkere Antwort ist, wenn es den Eigenen galt:

[148] Que, diante de tantos,
Honrado e magnífico,
Tanta coisa podia;
Mas ele subjugou
5 Todo o direito:
Era onipotente
E tão mau!

Ele construiu templos
10 Ao próprio Diabo:
Pois agora também
Receba o estigma,
O grande atormentador:
Que seja marcado
15 Com ferro em brasa;
Crimes cometeu
E foi julgado.

De ultraje e horror
20 Desenrola-se
Um longo novelo.
Porém criminoso algum
A ele se compara,
A quem o peito,
25 Sem se amolecer, encheu-se.
Encha-lhe o cálice,
Megera, até a borda!

Nem mesmo Benn negará que a língua alemã possa ser a
30 portadora de tais sentimentos, ainda que aqui se defenda a causa
da Polônia contra a Rússia. Porém, aparentado a ela em força é o
texto que um jornal francês reproduziu como sendo a dedicatória
com que um oficial americano depositou lírios sobre um túmulo
muito visitado por estrangeiros em Londres:

35 *Si le soldat inconnu anglais pouvait parler au poilu américain, il lui di-
rait qu'il préfère cette simple fleur à la couronne d'un dictateur assassin
qui souille ce mémorial.*

40 Contudo, o poeta alemão sentiu em certos momentos que o si-
lêncio é a resposta ainda mais enérgica quando se trata dos seus:

[147], 42 – [148], 17 Platen, *Poemas – Canções polonesas*, “Coro subterrâneo”, v. 28-45.

19-27 *Ibid.*, v. 73-81.

27 Megera: uma das três Fúrias (as outras duas se chamavam Alecto e Tisífone). As Fúrias eram divindades pagãs encarregadas de atormentar os criminosos no Averno.

36-38 “Se o soldado desconhecido inglês pudesse falar com o soldado americano, dir-lhe-ia que prefere essa simples flor à coroa de um ditador assassino que emporcalha esse memorial.”

[149] Zusammen pack' ich meine Habe,
Und was im Busen mir gedieh;
Denn länger nicht mehr frommt die Gabe,
Die mir ein milder Gott verlieh.

5 -----

Im Dunkel muß der Geist sich bergen
Damit's die Blöden nicht verstehn,
Dann mag er mitten durch die Schergen
Wie ein erhabnes Wesen gehn.

10 Der mörderische Censor lümmelt
Mit meinem Buch auf seinen Knien,
Und meine Lieder sind verstümmelt,
Zerrissen meine Harmonien.

15 So muß ich denn gezwungen schweigen.
Und so verläßt mich jener Wahn:
Mich fürder einem Volk zu zeigen,
Das wandelt eine solche Bahn.

20 Doch gib, o Dichter, dich zufrieden,
Es büßt die Welt nur wenig ein,
Du weißt es längst, man kann hienieden
Nichts Schlechtes, als ein Deutscher, sein.

25 Sein Vaterland hat ihm trotz der Rasse jenen Heine vorgezo-
gen, der ihn mit der Schmach belud, daß er ihm eine heute
normhafte Arteigenheit nachsagte, aus der sich vielleicht das
schwüle Ineinander von Mystik und Manneszucht erklärt. Pla-
30 ten bescheidet sich in einem seiner edlen Sonette, daß »man
Bessere bekröne« (unter die er freilich jenen nicht gezählt hat),
ihn aber ziehen lassen möge:

35 Ja, daß man mir mein Vaterland verpöne!

Und er fragt:

Was habt ihr denn an eurem Rhein und Ister,
Um neben dem Hellenenvolk zu thronen?
40 Journale, Zeitungsblätter, Recensionen,
Tabak und Bier und Polizeiminister?

[149] Embrulho meus haveres
 E o que no meu peito cresceu;
 Pois não traz mais benefícios o dom
 Que um benévolo Deus me deu.
 5 -----
 O espírito precisa se ocultar na escuridão
 Para que os tolos não o compreendam;
 Então poderá em meio aos esbirros
 Andar como um ser sublime.
 10
 O censor assassino se escarrapacha
 Com meu livro sobre os joelhos,
 E minhas canções são mutiladas,
 Minhas harmonias rasgadas.
 15
 Assim, sou forçado a me calar
 E assim me abandona aquela loucura:
 Mostrar-me a um povo doravante
 Leva tal rota a mudar.
 20
 Contudo, ó poeta, contenta-te com isso,
 O mundo perde apenas um pouco;
 Sabes há tempos que aqui embaixo
 Não se pode ser nada pior que um alemão.
 25
 Apesar da raça, sua pátria preferiu aquele Heine, que o
 sobrecarregou com a vergonha de lhe atribuir uma peculiaridade
 da raça que hoje é normal e a partir da qual talvez se explique a
 sufocante mescla de misticismo e disciplina viril. Num de seus
 30 nobres sonetos, Platen se contenta em pedir que “se coroe
 homens melhores” (entre os quais, contudo, não contou aquele),
 mas que o deixem partir:

 Sim, que me proibam minha pátria!
 35
 E pergunta:

 O que é que tendes junto aos vossos Reno e Íster
 Para reinardes ao lado do povo dos helenos?
 40 Jornais, gazetas, resenhas,
 Tabaco e cerveja e chefe de polícia?

1-4 Platen, *Poemas – Seleção suplementar*, “Epílogo”, v. 1-4.

6-9 *Ibid.*, v. 9-12.

11-24 *Ibid.*, v. 17-28.

26-29 Platen ridicularizou Heine na comédia *O Édipo romântico*; Heine deu o troco nos *Quadros de viagem: terceira parte* (seção II, “Os banhos de Lucca”), em que atacou Platen em razão de sua homossexualidade.

30-31 Platen, *Sonetos*, 47, v. 5.

34 *Ibid.*, v. 8.

[150] Die nie ihr kanntet jene zwei Geschwister,
Freiheit und Kunst, die dort in schönern Zonen
Aufs Haupt sich setzten der Vollendung Kronen,
Ihr haltet euch für Griechen, ihr Philister?

5

Kulturstand derer, die »gestümpert nach vielen Seiten haben«:

In einem Ozean von Albernheiten
Erscheinen ein'ge geniale Schwimmer.

10

Er weiß wie Goethe um die Entfernung, die die deutsche Sprache von der Sprache der Deutschen trennt, das Volk der Dichter von eben diesen. Er kann es mit der Sprache sagen, als deren Patriot, der nicht Kompatriot ist:

15

Wo mir zerrissen sind die letzten Bande,
Wo Haß und Undank edle Liebe lohnen,
Wie bin ich satt von meinem Vaterlande!

20

Er kennt die Gegend, wie Hölderlin mit seinem Fluch: »Barbaren von altersher, durch Fleiß und Wissenschaft und selbst durch Religion barbarischer geworden«:

25 Dies Land der Mühe, dieses Land des herben
Entsagens werd' ich ohne Seufzer missen,
Wo man bedrängt von tausend Hindernissen
Sich müde quält und dennoch muß verderben.

30 Doch wer aus voller Seele haßt das Schlechte,
Auch aus der Heimat wird es ihn verjagen,
Wenn dort verehrt es wird vom Volk der Knechte.

35 Weit klüger ist's, dem Vaterland entsagen,
Als unter einem kindischen Geschlechte
Das Joch des blinden Pöbelhasses tragen.

Hundert Jahre später bilden deutsche Professoren Spalier,
wenn der Bücher Schatz versiegelt wird, und folgen dem Kommando zum Fest des Volks der Knechte:

[150] Vós que jamais conhecestes aquelas duas irmãs,
 A liberdade e a arte, que lá, em regiões mais belas,
 Qual coroas, encimavam a cabeça da perfeição,
 Vos tomais por gregos, vós, filisteus?

5
 Nível cultural dos que “fizeram obras mal-feitas por todo lado”:

Num oceano de tolices
 Aparecem alguns nadadores geniais.

10
 Como Goethe, ele sabe da distância que separa a língua alemã
 da língua dos alemães, o povo dos poetas justamente destes. Ele
 pode dizê-lo com a língua na condição de seu patriota que não é
 compatriota:

15
 Onde para mim os últimos laços se romperam,
 Onde ódio e ingratidão pagam o amor nobre,
 Como estou farto de minha pátria!

20 Ele conhece a região, como Hölderlin com sua maldição:
 “Bárbaros de remotas eras, que por meio de zelo e ciência e
 mesmo religião mais bárbaros se tornaram”:

Prescindirei sem gemidos desta terra

25 Do esforço, da áspera renúncia,
 Onde oprimidos por mil obstáculos
 Nos matamos de cansaço e mesmo assim perecemos.

Mas quem de toda sua alma odiar o mal,

30 Será por ele expulso mesmo de sua pátria
 Se lá esse mal for venerado pelo povo dos criados.

Muito mais astuto é renunciar à pátria
 Do que entre uma estirpe pueril

35 Carregar o jugo do ódio cego do populacho.

Cem anos mais tarde, professores alemães formam fileiras
 quando o tesouro dos livros é lacrado e obedecem ao comando
 que ordena tomar parte da festa do povo dos criados:

[149], 38-[150], 4 Platen, *Sonetos*, 76,
 v. 1-8.
 6 *Ibid.*, v. 9.
 8-9 *Ibid.*, v. 13-14.
 16-18 Platen, *Sonetos*, 77, v. 12-14.
 21-22 Friedrich Hölderlin (1770-
 1843), *Hipérion*, vol. 2, livro 2.
 24-27 Platen, *Sonetos*, 78, v. 1-4.
 29-35 Platen, *Sonetos*, 81, v. 9-14.

[151] Universität

Johann Wolfgang Goethe,
Frankfurt.

Frankfurt, den Mai 1933

5

Das Studentenfreikorps lädt die Gesamtheit des Professorenkollegiums zu der Verbrennung der marxistischen und korruptionistischen Schriften ein, die Mittwoch abend, den 10. Mai auf dem Römerberg stattfinden wird.

10

Die Studenten würden es im Hinblick auf die große symbolische Bedeutung dieser Zeremonie begrüßen, die Gesamtheit der Professorenschaft dort zusehen.

15

Ich lade daher die Kollegen ein, zahlreich daran teilzunehmen.

Abmarsch: von der Universität auf den Römerberg Mittwoch abend um 20 Uhr, mit Musik. Die Korporationen werden in Uniformen daran teilnehmen, ebenso die SA-Bataillone.

Der Rektor: Kriek.

20

Wie sagt doch Nietzsche? »Ein Zeitalter der Barbarei beginnt, die Wissenschaften werden ihm dienen!« Und »die Wendung zum Undeutschen« sei »immer das Kennzeichen der Tüchtigen unseres Volkes gewesen«. Schon Platen war dahin entschlossen; und er sprach wie Hölderlin »für alle, die in diesem Lande sind und leiden, wie ich dort gelitten«. Sein Abmarsch vollzog sich so:

25

30

Ihr, denen Bosheit angefrischt den Kleister,
Um Unverstand mit Ungeschmack zu kitten,
Bei denen bloß der Pöbel wohlgelitten,
Der täglich toller wird und täglich dreister:

35

wenn »einst der Unfug dieser Lügengeister jedwedes Maß phantastisch überschritten«, zu spät würden sie ihn, dessen Seele sich abgewendet, zurückbitten:

40

»Nie wird er mehr die Alpen übersteigen,
Und sein Geschäft ist unter uns vollendet!«
Ja, meine ganze Rache sei das Schweigen!

Man kann aber nicht annehmen, daß er heute schweigend in der Akademie ausgeharrt hätte!

[151] Universidade

Johann Wolfgang Goethe,
Frankfurt.

Frankfurt, maio de 1933

5

O corpo estudantil de voluntários convida todo o
colegiado de professores para a queima de escritos
marxistas e corruptores que ocorrerá quarta-feira ao anoitecer, dia
10 de maio, no monte Römerberg.

10 Em vista da grande importância simbólica dessa
cerimônia, os estudantes gostariam de ver todos os
professores presentes.

Por isso, convido os colegas a tomarem parte em
grande número.

15 Início da marcha: na universidade, rumo ao monte Römerberg,
quarta-feira, às 20h, com música. As corporações tomarão parte de
uniforme, assim como os batalhões da SA.

O reitor: Kriek.

20

Como é mesmo que Nietzsche diz? “Começa uma época de
barbárie, as ciências irão servi-la!” E “a virada para o não
alemão” foi “sempre a marca dos homens capazes de nosso
povo”. Platen já estava decidido nesse sentido; e ele falou, como

25 Hölderlin, “para todos que estão neste país e sofrem como lá
sofri”. Sua marcha iniciou assim:

Vós, cuja maldade renovou a argamassa

Para unir a incompreensão e o mau gosto,

30 Entre os quais só é bem-tolerado o populacho,

Que a cada dia se torna mais louco e atrevido:

quando, “um dia, os disparates desses espíritos mentirosos
tiverem ultrapassado fantasticamente qualquer medida”, será

35 tarde demais para que lhe implorem para voltar, ele cuja alma se
afastou:

“Nunca mais ele transporá os Alpes,

E seus assuntos estão acabados entre nós!”

40 Sim, que o silêncio seja toda a minha vingança!

No entanto, não se pode supor que hoje ele tivesse permanecido
em silêncio na academia!

21-22 Nietzsche, fragmento póstumo 8
[61], do inverno de 1880-1881
(*Obras completas*, v. 9, p. 395).

22-24 Nietzsche, *Humano, demasiado
humano II*, Primeira parte: “Opiniões e sentenças variadas”, 323.

25-26 Hölderlin, *Hipérion*, vol. 2,
livro 2.

28-31 Platen, *Sonetos*, 86, v. 1-4.

33-34 *Ibid.*, v. 5-6.

38-40 *Ibid.*, v. 12-14.

[152] Von Ewers jedoch, der gleich ihm der Empörung gegen Tyrannei Ausdruck lieh, wenngleich er anders zu Heine steht, heißt es in dem Vorwort zu jenem Kriegsbüchlein, das seine Bekenntnisse enthält:

5

Er, der alte Haudegen, der schon als Korpsstudent eine gefürchtete Klinge schlug, ist von Natur aus der vorbildliche, begeisterungsfähige, kräftige, hochgewachsene, blonde, blauäugige, stets hilfs bereite, gütige, fast weise

10

(die Puste geht aus!)

Germane, der sich im Augenblick, in dem das Recht mit dem Unrecht, wo Wahrheit mit Lüge und Heuchelei in Kampf gerät, wie ein Hüne aufreckt und mit Überzeugung, Leidenschaft und Begeisterung voll Todesverachtung zum Schwerte greift.

15

Wegen dieser Eignung, einer von Hitlers langen Kerls zu sein, bedurfte es damals – er weilte in Amerika –

20

flehentlicher Bitten seiner Mutter und Freunde

– das Deutsch der Sprache ist nicht so vorbildlich wie das der Gesinnung –

25

ihn von einem tollkühnen, aussichtslosen Versuche, die Meerfahrt anzutreten, um die Heimat zu erreichen, abzuhalten.

30 Denn nicht nur diese drei Infinitive, sondern auch

die Säbelhiebe aus seinen Studentenjahren hätten den wachsamen Briten nur zu leicht die wahre Nationalität des Pseudoamerikaners verraten.

35

Und doch hätte er skrupellos die Fahrt gewagt, wenn er nicht die tatkräftige Propaganda, in Wort und Schrift, an Ort und Stelle vorgezogen hätte. Gegen die Greuelpropaganda, die sich schon damals bemerkbar machte. Er trat ihr entgegen, indem er sang:

40

Im Blut müssen wir stehn,
Im Blut müssen wir gehn,
Bis über, bis über die Schuh!

[152] Contudo, sobre Ewers, que, assim como ele, expressou sua indignação com a tirania, embora tivesse outra posição quanto a Heine, consta o seguinte no prefácio àquele livrinho de guerra que contém suas confissões:

5

Ele, o velho guerreiro, que já como membro de corporação estudantil brandia uma lâmina temida, é o germano exemplar, entusiasmável, enérgico, espigado, loiro, de olhos azuis, sempre solícito, bondoso e quase sábio

10

(o fôlego acaba!)

por natureza, que, no momento em que a justiça entra em luta com a injustiça e a verdade com a mentira e a hipocrisia, ergue-se como um huno e pega da espada com convicção, paixão e entusiasmo cheio de desprezo pela morte.

15

Devido a essa aptidão a ser um dos sujeitos compridos de Hitler, foram necessários na ocasião – ele estava nos EUA –

20

pedidos suplicantes de seus mãe e amigos

– o alemão da linguagem não é tão exemplar quanto o da mentalidade –

25

para o impedir de empreender uma tentativa, temerária e sem perspectivas, de chegar à pátria por meio de uma viagem marítima.

30 Pois não apenas esses três infinitivos, mas também

os golpes de sabre de seus anos de estudante teriam denunciado facilmente aos bretões vigilantes a verdadeira nacionalidade do pseudoamericano.

35

E, no entanto, ele teria ousado a viagem inescrupulosamente se não tivesse preferido a propaganda enérgica, em palavra e texto, naquela hora e naquele lugar. Contra a propaganda dos horrores, que já então se fazia notar. Ele se opôs a ela ao cantar:

40

No sangue temos de ficar,
No sangue temos de andar,
Até por cima, por cima dos sapatos!

[153] Speziell:

Nun zittre, Brite!

5 Also der vor ihm und nicht umgekehrt.

Nun duld ich die Lügen und dulde den Trug
Nimmer und nimmermehr!

10 Wie eben der Deutsche zur Welt zu sprechen hat; aber auch in
New-Yorker Versammlungen »ist es sicher«, nämlich daß, so-
oft ein Amerikaner, Engländer, Belgier oder Franzose einen
deutschfeindlichen Vortrag hält,

15 ein hochgewachsener, blonder Herr in tadellos sitzendem Frack
(nicht jeder Deutsche weiß, daß in Amerika darin mehr
als eine Äußerlichkeit liegt)

sich erhebt, der schon manche Redner »abgestochen« hat. Wie
20 wenn er also doch im Feld wäre, aber zugleich als die Erschei-
nung, die auch im Hinterland der Heimat in effigie vertreten
war, indem man ja noch zu Kriegsbeginn unter der Frage

Warum pflegen Leute mit Kultur ihr Haar mit Javal?
25

Bild und Bescheid eines Dichters lesen konnte:

»Javal« bereitet mir viel Behagen.
Ich brauch es schon seit vielen Tagen
30 Zu stärken meinen blonden Schopf
Zu erfrischen meinen Dichterkopf
Und überhaupt, weil es sehr gut
Dem Haar, der Haut, dem Kopfe tut.

35 Jawohl, das ist der Dichter, der, mit Nachsicht der Alraune, die
geistige Pforte zum Dritten Reich bewacht. Er ist aber auch
Aufsichtsrat der Berliner Wäschefabriks-A.G. geworden, und
nicht jeder Deutsche weiß, daß darin mehr als eine Äußerlich-
keit liegt.

[153] Especialmente:

Agora trememos, bretão!

5 Ou seja, este diante dele e não o contrário.

Agora não tolero as mentiras nem o engano

Nunca, nunca mais!

10 Como cabe justamente ao alemão falar ao mundo; mas também em reuniões nova-iorquinas “é certo”, a saber, que, toda vez que um americano, inglês, belga ou francês profere uma conferência antialemã, levanta-se

15 um senhor alto, loiro, vestindo um fraque que assenta impecavelmente (nem todo alemão sabe que nos Estados Unidos isso é mais do que uma formalidade)

senhor que já “liquidou” vários oradores. Ou seja, como se estivesse mesmo no campo de batalha, mas, ao mesmo tempo, como a aparição que era representada *in effigie* também na hinterlândia da pátria quando, ainda no início da guerra, face à pergunta

25 Por que pessoas com cultura cuidam de seu cabelo com Javal?
podia-se ler o retrato e a resposta de um poeta:

“Javal” me dá um grande bem-estar.

Já o utilizo há muitos dias sem cessar

30 Para fortalecer meu topete loiro e farto,

Para refrescar minha cabeça de bardo

E, sobretudo, porque faz muito bem

Ao cabelo, à pele e à cabeça também.

35 *Jawohl*, esse é o poeta que, com complacência quanto à mandrágora, vigia os portões do espírito que dão acesso ao Terceiro Reich. Mas ele também se tornou conselheiro fiscal da Fábrica Berlinense de Roupas S.A., e nem todo alemão sabe que isso é mais do que uma formalidade.

35 *Jawohl* = pois bem. Expressão conservada em alemão na tradução devido ao trocadilho com a marca do produto capilar antes mencionado (Javal).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que se pudesse alcançar uma compreensão mais completa da reação de Kraus ao nacional-socialismo e mesmo das possibilidades do gênero satírico frente aos extremismos ideológicos, seria preciso não apenas ler/traduzir e comentar *Dritte Walpurgisnacht* integralmente, mas também comparar essa obra com *Warum die Fackel nicht erscheint* (F 890-905, julho de 1934, p. 1-169), um texto que não só dá conta da não publicação de *DW*, mas que acabou sendo a única expressão longa e detalhada do autor sobre o tema publicada ainda durante sua vida.

Mas não só isso: seria preciso, também, analisar a relação dessas obras com os últimos números de *Die Fackel*, verificando, por exemplo, quais os temas tratados e qual sua relação com a reviravolta política alemã; além disso, seria igualmente importante conhecer (inclusive via tradução) o tratamento pré-1933 dispensado por Kraus ao nazismo em textos como *Grubenhund und Hakenkreuz* (F 852-856, maio de 1931, p. 29-43). Por outro lado, também seria frutífero fazer um estudo comparado de *DW* com obras de gênero distinto surgidas no mesmo período, tal como os *Diários* de Victor Klemperer, e, indo mais longe, com obras afins e ainda não traduzidas como *Teoria da loucura de massas* (*Massenwahntheorie*), de Hermann Broch, e outras já traduzidas, como *Massa e poder*, de Elias Canetti.

É um vasto, vasto campo. Esta dissertação pretendeu percorrê-lo em apenas uma única e limitada direção, a da tradução comentada da primeira metade de *DW*. Esse empreendimento compreensivo foi bem-sucedido na medida em que permitiu elucidar um bom número de obscuridades do texto pelo comentário de alusões, localização de fontes de citações, esclarecimento de fatos históricos e de peculiaridades da linguagem nacional-socialista. Isso não significa que esse comentário tenha esclarecido devidamente *todas* as dificuldades do texto; longe disso. Imagino que haja muitíssimas outras referências ocultas que só um conhecimento mais profundo de *Die Fackel* e da peça *Die letzten Tage der Menschheit* poderia proporcionar.

Apesar dessas limitações consideráveis, esta pesquisa permitiu concretizar o que entendo por “tradução ideal”, ou seja, aquela que apresenta ao leitor não só o texto de chegada e seu comentário, mas também o texto de partida. Essa forma de apresentação buscou ilustrar a um só tempo o “fechamento do círculo em que se move a aproximação do estrangeiro e do nativo, do conhecido e do desconhecido” (Goethe), a criação de um duplo que colocasse no texto traduzido tudo o que foi retirado, via compreensão, do texto de partida (George Steiner)

e o resguardo do duplo vínculo idealmente existente entre texto de partida e de chegada (Werner Koller). Uma meta tríplice que, no fundo, corresponde a três ângulos distintos de abordar a mesma questão.

Na medida em que essa tradução ideal foi concretizada, concretizou-se também o que entendo por “leitura ideal”, isto é, aquela em que o leitor se dá o tempo necessário para chegar à compreensão do texto, consulta devidamente dicionários, enciclopédias e outros textos relacionados ao seu objeto principal, para, hesita, reflete, continua refletindo e não deixa de refletir mesmo muito tempo depois de finalizada a leitura. E isso apesar do fato de pausas, hesitações e reflexão serem geralmente consideradas como um anacronismo, como algo malvisto, contraproducente, indesejado e completamente avesso ao modo de vida contemporâneo. Um sinal, talvez, de que pelo menos na vida acadêmica ainda existe um certo espaço para o pensamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 Obras de Karl Kraus

- KRAUS, Karl. **Aphorismen**. Org. Christian Wagenknecht. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1986. 532 p. (Schriften, 8)
- _____. **Die dritte Walpurgisnacht**. Herausgegeben von Heinrich Fischer. Mit einem Essay von Wilhelm Alff. München: Kösel, 1967. 367 p. (Bücher der Neunzehn, 152)
- _____. **Die Fackel**. Disponível em <<http://corpus1.aac.ac.at/fackel/>>. Acessos entre 2011 e 2014.
- _____. **Die letzten Tage der Menschheit**: Tragödie in fünf Akten mit Vorspiel und Epilog. Org. Christian Wagenknecht. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1986b. 847 p. (Schriften, 10)
- _____. **Dritte Walpurgisnacht**. Org. Christian Wagenknecht. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1989. 390 p. (Schriften, 12)
- _____. **Schriften**. Org. Christian Wagenknecht. Berlin: Directmedia, 2007. 1 CD-ROM. (Digitale Bibliothek, 156)
- _____. **Troisième nuit de Walpurgis**. Trad. Pierre Deshusses. Préface de Jacques Bouveresse. Marseille: Agone, 2005. 564 p. (Banc d'essais)
- _____. Warum die Fackel nicht erscheint. In: _____. **Hüben und Drüben**: Aufsätze 1929-1936. Org. Christian Wagenknecht. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1993. p. 201-352. (Schriften, 18)

2 Obras sobre Karl Kraus

- ADORNO, Theodor W. Juvenals Irrtum. In: _____. **Minima moralia**: Reflexionen aus dem beschädigten Leben. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 2003. p. 239-241.
- BENJAMIN, Walter. Karl Kraus. In: _____. **Gesammelte Schriften**. Org. Rolf Tiedemann und Hermann Schweppenhäuser. 2. Aufl. Frankfurt a.M.: Suhrkamp: 1999. v. 2, t. 2, p. 624-625. (Suhrkamp Taschenbuch Wissenschaft, 932)
- BOUVERESSE, Jacques. **Schmock ou le triomphe du journalisme**: la grande bataille de Karl Kraus. Paris: Seuil, 2001. 229 p. (Collection Liber)
- BUITINGA, Erik. Die Fackel eines Einzelgängers: Karl Kraus, das a-politische Engagement. **Avant Garde Critical Studies**, Amsterdam, n. 9, p. 11-31, 1994.
- CANETTI, Elias. Der Neue Karl Kraus. In: _____. **Das Gewissen der Worte**. München: Hanser, 1995. p. 335-359. (Werke, 6)
- FISCHER, Ernst. Karl Kraus. In: _____. **Von Grillparzer zu Kafka, von Canetti zu Fried**: Essays zur österreichischen Literatur. Frankfurt a.M.: Vervuert, 1991. p. 219-239.
- FISCHER, Jens Malte. **Karl Kraus**. Stuttgart: Metzler, 1974. 82 p. (Sammlung Metzler, 131)
- STREMMEL, Jochen. **“Dritte Walpurgisnacht”**: Über einen Text von Karl Kraus. Bonn: Bouvier, 1982. 243 p. (Literatur und Wirklichkeit, 23)
- TIMMS, Edward. **Karl Kraus, Apocalyptic Satirist**: Culture and Catastrophe in Habsburg Vienna. New Haven/London: Yale University Press, 1986. 443 p.
- _____. **Karl Kraus, Apocalyptic Satirist**: The Post-War Crisis and the Rise of the Swastika. New Haven/London: Yale University Press, 2005. 639 p.
- WAGENKNECHT, Christian. Anhang. In: KRAUS, Karl. **Dritte Walpurgisnacht**. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1989. p. 329-389.

3 Obras de teoria da tradução e relacionadas

- BENJAMIN, Walter. Die Aufgabe des Übersetzers. In: _____. **Gesammelte Schriften**. Org. Rolf Tiedemann und Hermann Schweppenhäuser. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1991. v. 4, t. 1, p. 9-21. (Suhrkamp Taschenbuch Wissenschaft, 934)
- CĂPĂȚÂNĂ, Nora. Das Wortspiel und seine Übersetzung. **Germanistische Beiträge**, Sibiu, v. 19, p. 40-85, 2005. Disponível em <<http://reviste.ulbsibiu.ro/gb/GB19/Capatana.pdf>>. Acesso em 23/09/2013.
- DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith (Orgs.). **Os tradutores na história**. Trad. Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 2003. 359 p.
- DILTHEY, Wilhelm (Hrsg.). **Aus Schleiermacher's Leben: In Briefen**. Berlin: Reimer, 1858. v. 2
- GADAMER, Hans-Georg. Lesen ist wie Übersetzen. In: _____. **Ästhetik und Poetik I: Kunst als Aussage**. Tübingen: Mohr, 1993. p. 279-285. (Gesammelte Werke, 8)
- GOETHE, J.W. von. West-östlicher Divan: Übersetzungen. In: _____. **Johann Wolfgang von Goethe: Berliner Ausgabe**. Herausgegeben von Siegfried Seidel. Berlin: Aufbau, 1960 ff. v. 3, p. 307-309.
- KOLLER, Werner. **Einführung in die Übersetzungswissenschaft**. 7. Aufl. Wiebelsheim: Quelle & Meyer, 2004. 343 p.
- MESCHONNIC, Henri. **Poética do traduzir**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010. 279 p. (Coleção Estudos, 257)
- RÖSSLER, Martin. Einleitung des Bandherausgebers. In: SCHLEIERMACHER, Friedrich. **Kritische Gesamtausgabe**. Berlin: Walter de Gruyter, 2002. v. 11, p. xi-lxxxii.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich. Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens. In: _____. **Kritische Gesamtausgabe**. Berlin: Walter de Gruyter, 2002. v. 11, p. 67-93.
- STEINER, George. **After Babel: Aspects of Language and Translation**. 3rd. ed. Oxford: Oxford University Press, 1998. 538 p.

WILSS, Wolfram. **Übersetzen und Dolmetschen im 20. Jahrhundert**. [S.l.]: BDÜ, 2005. 299 p.

4 Obras consultadas para a redação dos comentários

A BÍBLIA Sagrada. Trad. João Ferreira de Almeida. Brasília: SBB, 1969. 1239 p.

BENN, Gottfried. Antwort an die literarischen Emigranten. In: _____. **Gesammelte Werke in vier Bänden**. Herausgegeben von Dieter Wellershoff. 3. Aufl. Wiesbaden: Limes, 1959-1965. vol. 4, p. 239-248.

_____. Kunst und Drittes Reich. In: _____. **Gesammelte Werke in acht Bänden**. Herausgegeben von Dieter Wellershoff. Wiesbaden: Limes, 1960-1968. vol. 3, p. 861-884.

BIEDERMANN, Woldemar Freiherr von (Ed.). **Goethes Gespräche**. Leipzig: [S.e.], 1889-1896. v. 3.

ENDRES, Marie *et al.* (Orgs.). **Deutsche Literatur von Luther bis Tucholsky**. 2. Aufl. Berlin: Directmedia, 2005. 1 CD-ROM. (Digitale Bibliothek, 125)

GOETHE, J. W. von. **Faust**. Kommentare von Albrecht Schöne. 4. Aufl. Frankfurt a.M.: Deutscher Klassiker Verlag, 1999. 1138 p. (Sämtliche Werke, 7/2)

_____. **Fausto**. Trad. Agostinho d'Ornellas. Reimpressão ao cuidado de Paulo Quintela. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1958. 613 p.

_____. **Fausto**: uma tragédia. Trad. Jenny Klabin Segall. Apres., comentários e notas de Marcus Vinicius Mazzari. Ilustrações de Eugène Delacroix. São Paulo: 34, 2004. v. 1

_____. **Fausto**: uma tragédia. Trad. Jenny Klabin Segall. Apres., comentários e notas de Marcus Vinicius Mazzari. Ilustrações de Max Beckmann. São Paulo: 34, 2007. v. 2

_____. **Werke**. Seleção de Mathias Bertram. Berlin: Directmedia: 2004. 1 CD-ROM. (Digitale Bibliothek, 4)

GÓGOL, Nikolai. O inspetor geral. In: **Teatro completo**. Trad. Arlete Cavaliere. São Paulo: 34, 2009. p. 43-175. (Leste)

HAUPTMANN, Gerhart. **Hanneles Himmelfahrt**: Traumdichtung in zwei Teilen. 14. Aufl. Berlin: Fischer, 1905. 95 p.

HEIDEGGER, Martin. **Einführung in die Metaphysik**. Ed. Petra Jaeger. Frankfurt a.M.: Vittorio Klostermann, 1983. 234 p. (Gesamtausgabe, Band 40).

HEINE, Heinrich. Buch der Lieder. In: _____. **Werke und Briefe in zehn Bänden**. Herausgegeben von Hans Kaufmann. 2. Aufl. Berlin und Weimar: Aufbau, 1972. v. 1

_____. Neue Gedichte. In: _____. **Werke und Briefe in zehn Bänden**. Herausgegeben von Hans Kaufmann. 2. Aufl. Berlin und Weimar: Aufbau, 1972. v. 1

_____. Reisebilder. Dritter Teil. In: _____. **Werke und Briefe in zehn Bänden**. Herausgegeben von Hans Kaufmann. 2. Aufl. Berlin und Weimar: Aufbau, 1972. v. 3

HÖLDERLIN, Friedrich. Hyperion oder Der Eremit in Griecheland. In: _____. **Sämtliche Werke**: Kleine Stuttgarter Ausgabe. Herausgegeben von Friedrich Beissner. Stuttgart: Cotta, 1946-1962. v. 3, p. 3-166.

JUVENALIS, Decimus Junius. **Die Satiren**. Übersetzt und erläutert von Wilhelm Ernst Weber. Halle: Verlag der Buchhandlung des Waisenhauses, 1838. 616 p.

_____. **Saturae**. Erklärt von Andreas Weidner. Leipzig: B.G. Teubner, 1873. 342 p.

KANT, Immanuel. **Kritik der praktischen Vernunft / Grundlegung zur Metaphysik der Sitten**. Ed. W. Weischedel. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1974. 302 p. (Werkausgabe, Band VII).

KLEMPERER, Victor. 1933. In: _____. **Ich will Zeugnis ablegen bis zum letzten**: Tagebücher 1933-1941. Ed. Walter Nowojski. 11. Aufl. Berlin: Aufbau, 1999. p. 5-76.

_____. **LTI**: a linguagem do Terceiro Reich. Trad. Miriam Oelsner. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009. 424 p.

NESTROY, Johann. Der böse Geist Lumpazivagabundus. In: _____. **Werke**. Ausgewählt und mit einem Nachwort versehen von Oskar M. Fontana. München: Winkler, 1962. p. 6-66.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sämtliche Werke**: Kritische Studienausgabe. Ed. Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin: Walter de Gruyter/DTV, 1999. 15 v.

PLATEN, August von. **Gesammelte Werke**. Stuttgart/Tübingen: Cotta, 1839. 442 p.

SHAKESPEARE, William. **The Complete Works of William Shakespeare**. Ware, Hertfordshire: Wordsworth, 2007. 1263 p.

SPENGLER, Oswald. **Der Mensch und die Technik**: Beitrag zu einer Philosophie des Lebens. München: C.H. Beck, 1931. 89 p.

_____. **Jahre der Entscheidung**: Deutschland und die weltgeschichtliche Entwicklung. München: DTV, 1961. 215 p.

UHLAND, Ludwig. Gegen Österreichs Ausschluss aus dem deutschen Staatsverbände. In: _____. **Uhlands Werke**. Ed. Ludwig Fränkel. Leipzig/Wien: Bibliographisches Institut, [s.d.]. v. 2, p. 326-331.

WAGNER, Richard. Über Staat und Religion. In: _____. **Sämtliche Schriften und Dichtungen**. 6. Aufl. Leipzig: Breitkopf und Härtel/C.F.W. Siegel/K. Linnemann, [s.d.]. v. 8, p. 3-29.

_____. Was ist deutsch? In: _____. **Sämtliche Schriften und Dichtungen**. 6. Aufl. Leipzig: Breitkopf und Härtel/C.F.W. Siegel/K. Linnemann, [s.d.]. v. 10, p. 36-53.

5 Dicionários e obras de referência

AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. **Dicionário analógico da língua portuguesa**: ideias afins / thesaurus. 2. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010. 763 p.

BENZ, Wolfgang *et al.* (Orgs.). **Enzyklopädie des Nationalsozialismus**. Berlin: Directmedia, 1999. 1 CD-ROM. (Digitale Bibliothek, 25)

DICIONÁRIO de alemão-português. Porto: Porto, 2006. 959 p.

DUDEN: das große Wörterbuch der deutschen Sprache. Mannheim: Dudenverlag, 2000. 1 CD-ROM.

EBNER, Jakob. **Wie sagt man in Österreich?** Wörterbuch des österreichischen Deutsch. Mannheim: Dudenverlag, 2009. 477 p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio.** 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009. 1 CD-ROM.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **Deutsches Wörterbuch.** 5. Aufl. Frankfurt a.M.: Zweitausendeins, 2006. 2 CD-ROMS.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa.** São Paulo: Objetiva, 2006. 1 CD-ROM.

HUNDERTMARK-SANTOS MARTINS, Maria Teresa. **Die “falschen Freunde”:** portugiesisch-deutsch, deutsch-portugiesisch. Tübingen: Niemeyer, 1995. 371 p.

KÜPPER, Heinz. **Wörterbuch der deutschen Umgangssprache.** Berlin: Directmedia, 2006. 1 CD-ROM. (Digitale Bibliothek, 36)

MICHAELIS, Henriette. **Novo dicionário da língua portuguesa e alemã:** parte segunda: alemão-portuguez. 6. ed. Leipzig: Brockhaus, 1902. 573 p.

OVERESCH, Manfred *et al.* (Orgs.) **Das dritte Reich:** Daten – Bilder – Dokumente. Berlin: Directmedia, 2001. 1 CD-ROM. (Digitale Bibliothek, 49)

SCHMITZ-BERNING, Cornelia. **Vokabular des Nationalsozialismus.** 2. Aufl. Berlin: Walter de Gruyter, 2007. 717 p.

TOCHTROP, Leonardo. **Dicionário alemão-português.** 10. ed. São Paulo: Globo, 2001. 686 p.

TOSI, Renzo. **Dicionário de sentenças latinas e gregas.** Trad. Ivone Castilho Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 904 p.

WAHRIG, Gerhard. **Wahrig Digital**: deutsches Wörterbuch. Gütersloh/München: Bertelsmann/Wissen Media, 2003. 1 CD-ROM.

WANDER, Karl Friedrich Wilhelm. **Deutsches Sprichwörter-Lexikon**. Berlin: Directmedia, 2006. 1 CD-ROM. (Digitale Bibliothek, 62)

WILPERT, Gero von. **Sachwörterbuch der Literatur**. 5. Aufl. Stuttgart: Kröner, 1969. 865 p. (Kröners Taschenausgabe, 231)

6 Demais obras

BERNHARD, Thomas. **Alte Meister**. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1985. 311 p.

FREUD, Sigmund. Der Witz und seine Beziehung zum Unbewußten. In: _____. **Studienausgabe**. Frankfurt a.M.: Fischer, 1982. v. 4, p. 9-219.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Teoria do medalhão: diálogo. In: _____. **50 contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 82-90.